



DIVERSIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM MATO GROSSO

NEUSA INÊS PHILIPPSSEN
JOSÉ LEONILDO LIMA
(ORGANIZADORES)

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso

Unemat Editora

Editora Unemat

Editor: Maria do Socorro de Sousa Araújo

Diagramação: Rangel Gomes Sacramento

Revisora: Terezinha Della Justina

Editora Unemat 2018

Conselho Editorial:

Ariel Lopes Torres

Guilherme Angerames Rodrigues

Gustavo Laet Rodrigues

José Ricardo M. T. de Oliveira Carvalho

Luiz Carlos Chieregatto

Maria do Socorro de Sousa Araújo (Presidente)

Mayra Aparecida Cortes

Neuza Benedita da Silva Zattar

Roberto Vasconcelos Pinheiro

Sandra Mara Alves Silva Neves

Severino de Paiva Sobrinho

Tales Nereu Bogoni

DIVERSIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM MATO GROSSO

Organizadores: Neusa Inês Philippsen e José Leonildo Lima.

D6182

DIVERSIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM MATO GROSSO/

ORGANIZADORES: NEUSA INÊS PHILIPPSEN; JOSÉ LEONILDO LIMA.

- CÁCERES: EDITORA UNEMAT, 2018.

228P.

INCLUI BIBLIOGRAFIA

ISBN: 978-85-7911-176-1

1. LINGUÍSTICA. 2. LETRAS. 3. MATO GROSSO. I.

Editora Unemat

Avenida Tancredo Neves nº 1095 - Cavalhada

Fone/fax: (065) 3221-0077

Cáceres - MT - 78200-000 - Brasil

E-mail: editora@unemat.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO	04
<i>Leandra Ines Seganfredo Santos</i>	
APRESENTAÇÃO	07
<i>Neusa Inês Philippsen</i> <i>José Leonildo Lima</i>	
Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso (DIVALIMT): apresentação do projeto	14
<i>Neusa Inês Philippsen</i>	
A alternância entre as fricativas e africadas, a alternância de [ãw] e [õ] final e o gênero gramatical: marcas do português arcaico no falar cuiabano?	25
<i>José Leonildo Lima</i>	
Uso de empréstimos linguísticos da língua inglesa na linguagem do “make-up”: características fonéticas e transglossia	43
<i>Olandina Della Justina</i> <i>Juliana Freitag Schweikart</i>	
Toponímia e (i)migração no Norte de Mato Grosso: os antropônimos em nomes de fazenda em Sorriso – MT	71
<i>Fernando Hélio Tavares de Barros</i> <i>Lucas Löff Machado</i> <i>Neusa Inês Philippsen</i>	
Marcadores discursivos na fala de migrantes pioneiros em Sinop – MT	101
<i>Grasiela Veloso dos Santos Heidmann</i>	
Prévias do Atlas semântico-lexical do Nortão de Mato Grosso	117
<i>Antônio Tadeu Gomes de Azevedo</i> <i>Valéria Faria Cardoso</i>	
Os róticos em contexto Norte mato-grossense: variação em posição de ataque silábico	133
<i>Terezinha Della Justina</i>	
O ensino de língua materna na perspectiva Sociolinguística	150
<i>Daniella Correa Alvarenga</i>	
O <i>Talian</i>: os processos de transmissão e manutenção linguística da comunidade ítalo-gaúcha-norte-mato-grossense	170
<i>Jéssica Martins Maraccini</i>	
A variável concordância verbal na primeira e terceira pessoas do plural em dois bairros de Sinop- MT	190
<i>Andressa Batista Farias</i>	

O preconceito linguístico no âmbito escolar: análise de situações preconceituosas com alunos em duas escolas públicas na cidade de Sinop - MT.....207
Josilene Pereira dos Santos

SOBRE OS AUTORES.....224

PREFÁCIO

INTERFACES TEÓRICO-PRÁTICAS EM CONTEXTOS MATO-GROSSENSES: UM OLHAR ACERCA DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

O processo de colonização de qualquer espaço não é tarefa fácil. Encontram-se imbricadas questões de várias ordens, quer sejam elas econômicas, históricas, identitárias, sociais, linguísticas, dentre outras. O fenômeno da colonização do espaço mato-grossense, de igual modo, sofreu, e continua sofrendo, mudanças significativas que têm caracterizado um povo único, marcado, entretanto, pela diversidade, já que tem recebido pessoas dos mais diversos estados e países, somando-se com os povos nativos.

Não descartando todas essas questões, importa-nos, para o texto em tela, direcionarmos um olhar mais específico às questões linguísticas. Como migrante do Sul do país, cheguei em Mato Grosso na década de 1980, no auge da colonização da região norte, sobretudo nos arredores do que se convencionou chamar de Gleba Celeste, compreendendo as atuais cidades de Vera, Santa Carmem, Cláudia e Sinop. Lembro-me como se fosse hoje, no início de minha adolescência, que, ao chegar em Cláudia, cidade escolhida pelos meus pais para fixarem residência em “busca de melhores condições de vida”, logo percebi que meus novos colegas de escola mostravam em seu falar características linguísticas diferentes daquelas que eu e meus familiares usávamos. Provenientes de uma região de forte influência italiana, carregamos conosco traços linguísticos e culturais que, se por um lado, faziam-nos identificar com um grande grupo de também migrantes de outras cidades do Sul do Brasil, diferenciavam-nos sobremaneira de outros migrantes provenientes do Sudeste, Norte e Nordeste do país que, da mesma maneira, deixavam suas raízes para tentarem nova vida em terras mato-grossenses.

Em uma tentativa de “adequação”, passei, por exemplo, a fazer hipocorreção em palavras grafadas com um ou dois erres. Confundia-me, frequentemente, ao pronunciar *lexias* como *carro*, *buraco* e outras com o erre em distintas posições na palavra, mas principalmente nas posições intervocálica em contexto de vibrante múltipla e intervocálica em contexto de tepe. Conforme Spessato (2001), tais realizações seriam tentativas e esforços para incorporar o traço do sistema fonológico do português reproduzido neste espaço geográfico em minha fala. De igual modo, estranhava quando os colegas convidavam-me para “pular tauba”, brincadeira típica na época, composta por um cilindro e uma tábua, em que, em cada extremidade, um indivíduo pulava para elevar o que estava do lado oposto. Não sabia que se tratavam de fenômenos sociolinguísticos resultantes do contato de pessoas com diferentes falares.

Talvez influenciada, ainda que inconscientemente, por tais fenômenos, não demorou muito tempo para interessar-me pelo estudo sistemático da linguagem,

primeiramente, no Curso de Magistério do Ensino Médio, depois no Curso Superior de Pedagogia e na formação em Língua Inglesa em Curso de Idioma, em minha atuação como professora na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, principalmente, na área de metodologias de ensino de línguas. Posteriormente, já trabalhando no Ensino Superior, continuei minha qualificação na área dos Estudos Linguísticos, sempre preocupada com os fenômenos locais, em intersecção com os globais (RAJAGOPALAN, 2003).

Justifico a presença deste pequeno excuro sobre minha trajetória pessoal, educacional e profissional neste texto, para exemplificar como os motes abordados nesta obra apresentam-se diretamente relacionados à vida cotidiana, não só dos povos do contexto em destaque, bem como de qualquer outro.

Como professora há quase duas décadas na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), no Câmpus de Sinop, tenho participado ativamente das ações de formação de recursos humanos da área de Letras e Linguística. Nos cursos de formação da Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), a saber, nas graduações em Pedagogia e Letras, e nos Mestrados Profissional em Letras (PROFLETRAS) e Acadêmico em Letras (PPGLetras), docentes e discentes têm se dedicado ao ensino, discussão, disseminação e reflexão sobre os fenômenos locais que envolvem assuntos relacionados à linguística.

Temos acompanhado o avanço na área e sua consolidação, precipuamente a partir de pesquisas que buscam registrar a diversidade linguística típica da região. O Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Aplicada (GEPLIA/UNEMAT/CNPq), por exemplo, agrega pesquisadores de distintas Instituições de Ensino Superior do Brasil da área da Linguística, sobretudo da Linguística Aplicada e Sociolinguística. O Grupo se propõe a ser um fórum de discussão permanente pautado no estudo e desenvolvimento de pesquisa sobre formação docente, ensino-aprendizagem de línguas e estudos da linguagem no Mato Grosso e, conseqüentemente, para a região Centro-Oeste e Brasil. Os objetivos se estendem a ações que envolvem a orientação de trabalhos de graduação, especializações em *lato sensu* e *stricto sensu*, organização de eventos para discussões a respeito de pesquisas, apresentações conjuntas em eventos e atualização permanente em relação às produções científicas nacional e internacional publicadas.

Dentre as ações propostas pelo GEPLIA, está a promoção e o desenvolvimento de projetos interinstitucionais e interdepartamentais acerca das temáticas atuais circulantes, bem como, em uma perspectiva interdisciplinar, oportunizar a troca de informações com interessados nos estudos da área a respeito de temáticas que podem ser suscitadas a partir das pesquisas desenvolvidas pelo grupo.

É neste escopo que esta obra se caracteriza como importante ação do Grupo, já que vários de seus partícipes são também proponentes do Projeto *Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso* (DIVALIMT). No propósito de pesquisa almejado pelos pesquisadores que o compõe, sobressai-se o de viés geo-sociolinguístico, com enfoque à

reflexão sobre fenômenos socioculturais que margeiam as diversas línguas e variedades encontradas no imenso estado de Mato Grosso.

Destarte, os resultados de estudos apresentados nesta coletânea ensejam em seu bojo a responsabilidade da Universidade e dos próprios indivíduos, agora “mato-grossenses ferrenhos” (há de se destacar que a maioria dos participantes do Projeto é de migrantes), em descrever e sistematizar os fenômenos linguísticos, possibilitando, desta forma, a historicização e visibilidade dos “achados”.

Os textos aqui apresentados mostram, também, a competência de docentes e discentes das chamadas regiões periféricas (MOITA LOPES, 2006) em realizar importantes pesquisas, dando vez e voz, nas palavras de Nóvoa (2009), àqueles que, com muita ousadia, têm desbravado o imenso interior brasileiro, e anseiam ocupar lugares onde seus estudos possam ser compartilhados.

Para aqueles que se interessam pelos processos históricos, sociais, culturais e, principalmente, linguísticos, recomendo a leitura cuidadosa desta obra e parabeno os integrantes do DIVALIMT por nos presentear com tão cuidadosos textos, que, verdadeiramente representam o contexto em que estão inseridos.

*Leandra Ines Seganfredo Santos
Sinop - MT, dezembro de 2017.*

APRESENTAÇÃO

Todas as línguas, faladas em distintos contextos territoriais, evoluem com o tempo, transformam-se e vão adquirindo peculiaridades próprias em função da sua praxe por comunidades específicas. Dessa forma, as variedades decorrentes dos usos feitos por cada comunidade linguística, do ponto de vista gramático-normativo, são perfeitas e completas em si.

No contexto, mais específico, do estado de Mato Grosso, em relação à história da ocupação populacional, destaca-se em sua constituição o grande contingente de habitantes indígenas e, a partir do século XVI, a chegada de imigrantes europeus. Desde então grandes levas de (i)migrantes são responsáveis pela formação de uma sociedade diversificada cultural e linguisticamente devido às origens dos grupos e a estratificação social resultante da rápida concentração da renda e do relativo isolamento da região em relação ao restante do país. Desse modo, compreende-se que este espaço geográfico constitui, principalmente nos campos lexical, semântico, morfológico e fonológico, um vasto repertório para as pesquisas sociolinguísticas, dialetológicas, linguísticas, etnolinguísticas e outras ainda incipientes nesta riquíssima região.

Nesta obra pretende-se, exatamente, mostrar um pequeno desdobramento dos usos linguísticos da língua portuguesa em diferentes espaços mato-grossenses, nos quais se mantém distintos contatos linguísticos, de acordo com o histórico de (i)migração das comunidades em que cada uso se propaga. Os resultados aqui apresentados fazem parte do projeto *Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso* (DIVALIMT), coordenado pela Profa. Dra. Neusa Inês Philippsen e desenvolvido na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop.

As principais propostas de pesquisa deste projeto objetivam refletir sobre a língua portuguesa e as línguas minoritárias faladas em Mato Grosso em áreas geográficas distintas, assim como em temáticas também distintas. Para tanto, valem-se dos princípios da Geolinguística contemporânea e da Sociolinguística Variacionista, sem, no entanto, deixar de contemplar áreas interdisciplinares quando necessárias para se atingir os objetivos de conhecer e registrar, com maior valor científico, as diferentes formas socioculturais e de falar das comunidades linguísticas em análise. Com relação aos recursos teórico-metodológicos e estruturais que foram explorados, destacam-se vieses fonético/fonológicos, morfossintáticos, pragmáticos e semântico-lexicais, com o intuito de identificar o estado de variação linguística nas comunidades que foram lócus da pesquisa, as quais se apresentam ‘plurilinguísticas’ e multidialetais.

Socializamos, neste material, onze produções que são resultantes do trabalho desenvolvido pelos pesquisadores integrantes do projeto, dentre eles encontram-se, também, mestrandos vinculados ao DIVALIMT e bolsistas de Iniciação Científica. Os

textos que compõem esta obra são de cunho científico-analítico e foram concebidos individualmente, em duplas ou trios e pretendem apresentar amostras de realidades socioculturais e de fala de diferentes comunidades linguísticas situadas no estado de Mato Grosso, para posterior cotejamento destes resultados com novas pesquisas nos mesmos ou em distintos contextos.

Inicialmente, antes da apresentação do rico material coletado, traz-se o texto de exposição do projeto, intitulado *Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso* (DIVALIMT), de autoria de sua coordenadora Neusa Inês Philippsen. Projeto que tem o propósito de mostrar, como supracitado, resultados de pesquisas geo-sociolinguísticas e de disciplinas afins em áreas geográficas mato-grossenses distintas, assim como em temáticas também diversas. A proposta fundamenta-se nos princípios da Geolinguística contemporânea (COSERIU, 1979/1982, NASCENTES, 1953/1958/1961, SANTOS, 2006/2012), com ênfase tanto às variações linguísticas geográficas (diatópicas) quanto às implicações de natureza social (diastáticas). Para complementar os recortes teórico-metodológicos mobilizados nos estudos, por operar com variáveis socioculturais dos dados coletados, recorre, também, à interface com a Sociolinguística, mais especificamente ao modelo de análise linguística proposta pela Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1966/1972/2008, TARALLO, 2007). Dentre os resultados já alcançados, destaca-se um banco de dados *on-line*, que traz a compilação de pesquisas realizadas no estado de Mato Grosso, dentre elas os resultados de estudos dos pesquisadores integrantes do projeto, que se encontram disponíveis para a comunidade científica e para a população desta região brasileira, propiciando a ampliação do conhecimento acerca da identidade linguística e sociocultural deste espaço geográfico.

A proposta *A alternância entre as fricativas e africadas, a alternância de [ãw] e [õ] final e o gênero gramatical: marcas do português arcaico no falar cuiabano?* é assinada por José Leonildo Lima. Nela o autor propõe a reflexão sobre três traços linguísticos marcantes do falar cuiabano: a alternância entre as africadas e fricativas, a alternância de [ãw] e [õ] final e a não aplicação categórica da regra de concordância de gênero na locução nominal. Para o autor, das hipóteses que circulam no meio acadêmico, sobre a formação do falar cuiabano, uma o apresenta como sendo de origem bororo. Outra aponta para uma formação de origem espanhola. E, por fim, uma terceira que demonstra que o falar cuiabano tem sua origem no português arcaico ou galego-português. Por sua vez, com o fluxo contínuo da entrada de migrantes em Cuiabá, esse falar está passando por um processo de mudança. Portanto, é de suma importância que os mais variados estudos do ponto de vista linguístico sejam feitos, a fim de se poder acompanhar o processo de difusão e focalização desse falar.

No texto *Uso de empréstimos linguísticos da língua inglesa na linguagem do "make-up": características fonéticas e transglossia* as autoras Olandina Della Justina e Juliana Freitag Schweikart discutem os resultados de uma pesquisa em que investigaram sobre o uso de

empréstimos linguísticos da língua inglesa por profissionais brasileiros que atuam com as áreas de estética e de cosmética. Foi um estudo motivado pela constatação de que tais termos se fazem presentes de forma recorrente nas áreas em questão nas quais neologismos oriundos da língua inglesa são comumente apresentados. Nesse percurso, buscaram verificar a existência de processos transglóssicos, com ênfase à observação das características fonéticas que constituem tais expressões. O estudo dialoga como autores como Pennycook (1994), Cox e Assis-Peterson (2007), Ortiz (2003), Assis-Peterson (2008), Rajagopalan (2003, 2005), Carvalho (2009), Justina (2006, 2008) e Crystal (2010). Como metodologia da pesquisa, recorreram à pesquisa qualitativa de base etnográfica e à entrevista qualitativa como instrumento de coleta de dados. Para analisar os dados, os empréstimos linguísticos do inglês mencionados pelas participantes foram selecionados e tecidas comparações entre as características fonéticas da língua inglesa e as mudanças que aconteceram ao serem falados por esses brasileiros. Com base nos dados analisados, observaram que os termos em uso são marcados por processos transglóssicos em que as características fonéticas do português do Brasil se “misturam” com os traços dos termos originais provenientes da língua inglesa.

A proposta seguinte foi elaborada pelos autores Fernando Hélio Tavares de Barros, Lucas Löff Machado e Neusa Inês Philippsen e intitula-se *Toponímia e (i)migração no Norte de Mato Grosso: os antropônimos em nomes de fazenda, Sorriso – MT*. Esta proposta tem como propósito visualizar minorias alóctones em áreas de ocupação no Sul da Amazônia, como o caso do norte de Mato Grosso, por meio dos Nomes de Família (antropônimos) em nomes de lugares (topônimos). Nesse contexto, a atenção se centrou na presença de *cognomes familiares* em nomes de fazendas em Sorriso – MT. Para tanto, se utilizou nesta reflexão os preceitos teóricos da Onomástica, disciplina filiada à Dialetoлогия e à Lexicologia, que busca estudar os nomes e sua relação com a história, o social e o espaço geográfico. Como base para as análises etimológicas dos sobrenomes familiares, os autores utilizaram os dicionários de De Felice (1980; 1992), Cortelazzo (2007), Zingarelli (1993), Francipane (2005), Machado (1952; 1984), Nascentes (1955), Caffarelli e Marcato (2008), Rohlf (1985, 1982), Faure et al. (2001), Brechenmacher (1957), Heintze-Cascorbi (1933), entre outros. Os Nomes de Família italianos representam nessa zona geográfica a maioria dos nomes de fazendas, seguidos dos antropônimos de origens lusa, alemã (germânica) e eslava. A configuração denominativa dessas porções de terra espelha a história de ocupação de Sorriso advinda, expressivamente, da migração de camponeses de áreas coloniais de imigração europeia no Sul e Sudeste do Brasil.

Marcadores discursivos na fala de migrantes pioneiros em Sinop - MT é o texto assinado por Grasiela Veloso dos Santos Heidmann, em que pretende mostrar alguns usos e funcionamentos de marcadores discursivos característicos na fala dos moradores de Sinop. A autora concentra-se nos marcadores ditos interacionais: *né, sabe, olha, ah*, recorrentes em dados de fala retirados do banco de dados da pesquisa de doutorado realizada por

Philippson (2013), em entrevistas feitas com moradores pioneiros da cidade de Sinop. Para esta categoria, considera como um vasto grupo de “elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem” (RISSO, SILVA; URBANO, 2006, p. 403). A coleta pretendeu seguir a metodologia da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), nesse aspecto, segue-se a metodologia já publicada em Philippson (2013), na qual a autora releva alguns fatores, como, por exemplo, a faixa etária acima de 50 anos e a escolaridade. Já para as reflexões analíticas, Heidmann evidencia a perspectiva teórica de base funcionalista norte-americana, à qual o sistema da língua é motivado e explicado pela situação comunicativa, é estruturante de aspectos comunicativos da linguagem (a estrutura é vista como maleável e dependente da função), abrangendo, além da fonologia, morfossintaxe e semântica, também aspectos pragmáticos inferenciais (TRAUGOTT, 1995; GIVÓN, 1995). Assim como o da Gramaticalização (MARTELOTTA et al., 1996), como importante paradigma no estudo do processo de mudança linguística.

Prévias do Atlas Semântico-lexical do Nortão de Mato Grosso é o texto de autoria de Antônio Tadeu Gomes de Azevedo e Valéria Faria Cardoso que apresenta alguns resultados prévios de um atlas linguístico em construção. A pesquisa teve como espaço social, linguístico, geográfico e histórico a região norte do estado de Mato Grosso, inserida no centro do “território incaracterístico” descrito por Antenor Nascentes (1953) em sua proposta de divisão dialetal do Brasil. Porém, as transformações geradas por processos migratórios nesta região provocam uma nova representação em termos culturais, linguísticos e econômicos. O *Atlas Semântico-Lexical do Nortão de Mato Grosso* (ASLNMT) resulta de uma pesquisa que objetiva a descrição do contexto linguístico de contato de muitos falares do Português Brasileiro, tendo em vista as recentes ocupações dadas por um processo migratório interno, que tem ocorrido desde meados do século XX. Os autores fundamentaram-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional e Contatual (RADTKE; THUN, 1996, 2005) para a elaboração dos cartogramas com dados topostáticos e topodinâmicos e contemplaram as dimensões: diatópica, diagenérica, diageracional e diafásica. A rede de pontos de inquéritos foi formada por 05 localidades: Alta Floresta, Colíder, Guarantã do Norte, Peixoto de Azevedo e Sinop. Em cada uma delas foram realizadas 04 entrevistas, para cada grupo de migrante que constitui a população daquela localidade, totalizando 72 entrevistas, com pluralidade simultânea de informantes. Os dados foram coletados a partir da aplicação do Questionário Semântico-Lexical (QSL), parte do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em entrevistas gravadas, transcritas e armazenadas em banco de dados. O programa *Excel* foi utilizado para gerar base para o tratamento das informações no formato de quadros, gráficos, tabelas e cartogramas. Para cada questão, gerou-se um cartograma linguístico

que, além de revelar a norma semântico-lexical no nortão mato-grossense, mostrou-se um conjunto de fotografias geolinguísticas da distribuição diatópica e da influência topodinâmica neste espaço- território.

Terezinha Della Justina, por sua vez, assina o texto *Os róticos em contexto norte mato-grossense: variação em posição de ataque silábico*, estudo que se centra na demonstração das variações fonéticas do *r* forte em ataque silábico presentes na fala de 22 sujeitos: 11 deles com faixas etárias entre 50 e 60 anos e 11 acima de 60. Faz referência também à variação presente na fala de mais 20 sujeitos com idades entre 18 e 39 anos, filhos ou netos dos outros 22 sujeitos da pesquisa com idades maiores. São residentes nas cidades de Cláudia, Santa Carmem, Sinop e Vera, interior de Mato Grosso. As populações dessas cidades, de início, constituíam-se por pessoas procedentes principalmente da região Sul do país, porém hoje, mesmo que ainda se sobressaem aqueles que advieram de lá, estão compostas também de pessoas provindas das mais diversas localidades do país; caracterizado, destarte, cenário atrativo para se perscrutar como o mesclado linguístico se evidencia nesses espaços. Para o fonema /R/ em ataque silábico, este contexto revela quatro variantes fonéticas: tepe alveolar vozeado, fricativa velar desvozeada, vibrante múltipla alveolar vozeada e vibrante espirantizada. O estudo delas, arrimado em bases teórico-metodológicas da Fonética e da Fonologia, da Dialectologia e da Sociolinguística Variacionista, versa sobre as variações levando em consideração quatro fatores sociais: descendência, escolaridade, gênero e idade, e um fator linguístico: a posição da sílaba, que contém *r*, na palavra.

Daniella Correa Alvarenga redigiu o texto *O ensino de língua materna na perspectiva Sociolinguística* que tem por objetivo divulgar os processos de produção, observações, reflexões e resultados obtidos na pesquisa realizada com educadores indígenas da rede estadual e os docentes em processo de formação superior indígena na Universidade do Estado de Mato Grosso, no município de Barra do Bugres. Os resultados mostram algumas considerações e discussões feitas durante o período de observação e interação com os discentes e professores do curso, as quais visaram verificar como ocorre o ensino indígena e como este pode contribuir ou não para a manutenção da língua materna e à valorização da cultura indígena.

No texto *O Talian: os processos de transmissão e manutenção linguística da comunidade ítalo-gaúcha-norte-mato-grossense* Jéssica Martins Maraccini tece considerações analíticas sobre os processos de transmissão e manutenção linguísticas da coiné vêneta, o *talian*, na cidade de Sinop- MT. Tal estudo orienta-se nos pressupostos teóricos de duas áreas do saber, a Sociolinguística Variacionista e a Geolinguística. As abordagens de pesquisa que a autora propõe neste estudo são importantes não só para a apresentação deste espaço diatópico, mas, fundamentalmente, para se fazer conhecer sua constituição linguística, no intuito, ainda, de possibilitar, posteriormente, a promoção de novos estudos científicos na região em questão.

A variável concordância verbal na primeira e terceira pessoas do plural em dois bairros de Sinop- MT é o artigo produzido por Andressa Batista Farias. Nele a autora faz um recorte das atividades desenvolvidas no Projeto *Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso* (DIVALIMT). O texto objetiva compartilhar resultados de um estudo de campo, que se fundamenta nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, sendo que investiga o fenômeno da variável concordância verbal a fim de verificar fatores linguísticos e extralinguísticos que promovem a presença ou ausência da marca de plural. Farias tomou, como *corpus* de análise para a pesquisa, a realidade linguística de moradores de duas comunidades/bairros da cidade de Sinop- MT, o bairro Boa Esperança e o Centro Urbano. Por meio de um estudo qualitativo e quantitativo, analisou a variação da concordância verbal de 1ª e 3ª pessoas do plural nas formas padrão (presença formal da marca verbal) e não padrão (ausência formal da marca verbal), na fala de 8 (oito) sujeitos destas duas comunidades/bairros. Com o resultado da pesquisa, pôde constatar que os usos da concordância verbal não padrão predominam os dados gerais, contudo, a comunidade de maior prestígio social, o Centro Urbano, apresenta mais os usos da forma padrão do que o bairro de menor prestígio, o Boa Esperança.

Por fim, a proposta *O preconceito linguístico no âmbito escolar: análise de situações preconceituosas com alunos em duas escolas públicas na cidade de Sinop- MT*, de Josilene Pereira dos Santos, busca analisar o preconceito linguístico em duas escolas públicas na cidade de Sinop- MT pelo viés teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista. Os dados que constituem o *corpus* da pesquisa foram coletados através de questionários aplicados ao 8º ano do Ensino Fundamental nas duas instituições. As escolas selecionadas para a pesquisa se localizam em regiões distintas da cidade, uma destas se encontra próxima ao centro da cidade (Escola Municipal de Educação Básica Jardim Paraíso) e a outra próxima à zona rural (Escola Estadual Nossa Senhora da Glória). Esta análise visa apresentar conceitos sobre o preconceito linguístico e sugestões sobre o comportamento de alunos e professores frente às atitudes preconceituosas. A autora conclui que os alunos não conheciam a terminologia do preconceito linguístico; há uma quantidade grande dos alunos que já sofreram este preconceito nas duas escolas, os dados se aproximaram bastante nestes dois ambientes; a maioria dos alunos não apresenta reação quando se depara com uma ação de preconceito, uma vez que o preconceito linguístico muitas vezes é velado; os professores costumam corrigir abundantemente a fala e a escrita dos alunos; o preconceito está entrelaçado com o ambiente escolar.

Esperamos que as informações, discussões, análises e resultados aqui compartilhados constituam-se reflexões profícuas para posteriores pesquisas e estudos nestes ou em outros contextos geográficos e/ou sociais.

O presente projeto, assim, pretende apresentar, para a comunidade científica e para a população da região brasileira em análise, um pouco mais da riqueza linguística em terras do Centro-Oeste, mais especificamente, no estado de Mato Grosso, propiciando a

ampliação do conhecimento acerca das identidades linguística e sociocultural deste espaço geográfico.

Sinop, dezembro de 2017.
Neusa Inês Philippsen
José Leonildo Lima

DIVERSIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM MATO GROSSO (DIVALIMT): APRESENTAÇÃO DO PROJETO

Neusa Inês Philippsen

APONTAMENTOS INICIAIS

A Fundação Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT - é uma entidade autônoma de direito público, vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, criada a partir do Instituto de Ensino Superior de Cáceres - IESC - pela Lei nº 703 em 1978 e estadualizada pela Lei nº 4960, de 19 de dezembro de 1985. A UNEMAT passou à condição de Universidade, de acordo com a Lei complementar nº 30, de 15 de dezembro de 1993, e obteve no ano de 1999 o reconhecimento enquanto Universidade pelo Conselho Estadual de Mato Grosso - CEE- MT, homologado em 30 de abril de 1999, pela Portaria 196/99 da Secretaria do Estado de Educação - SEDUC- MT¹.

A Universidade do Estado de Mato Grosso tem sua sede na cidade de Cáceres, interior do estado, mas se faz presente em dez regiões geoeeducacionais de múltipla diversidade geográfica, econômica e cultural, e tem como eixo central de suas atividades as áreas de educação e meio ambiente. Seu programa de expansão foi iniciado na cidade de Sinop², em 1990, tendo em vista o fato de a cidade ser considerada município polo regional e pela carência de profissionais especializados na região. Atualmente a UNEMAT conta com um total de onze Câmpus Universitários e com a perspectiva de abertura de novos cursos que lhe assegurem reconhecimento e a credibilidade na sociedade mato-grossense e entre as instituições brasileiras e internacionais.

Para atingir tal credibilidade, a universidade prima por preparar profissionais para a atuação consciente na busca de melhorias sociais e do desenvolvimento da sociedade onde se encontra inserida, bem como formá-los para que possam atuar de maneira integrada com os recursos naturais de modo sustentável e eficiente. Dessa forma, compreende-se estarem aptos a assumirem que seu papel no desenvolvimento passa pelo exercício de uma formação oriunda da realidade, mais especificamente, da realidade mato-grossense, seja em seus aspectos econômicos, sociais e humanos.

Assim, o DIVALIMT nasce em consonância com os objetivos e propósitos da instituição em relação aos aspectos acima descritos, com ênfase especialmente no viés sociolinguístico, visto que tem o propósito maior de refletir sobre fenômenos socioculturais e sobre as línguas faladas em Mato Grosso.

¹ Informações retiradas de

<http://www.novportal.unemat.br/index.php?pg=campus&idc=3>. Acessadas em 07 de jan. de 2015.

² Sinop (Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná) dista 503 km de Cuiabá, a capital do estado.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Ao se falar em língua, seja ela a portuguesa, a inglesa, a francesa ou qualquer outra, pode-se observar que ela muda constantemente. Isso não significa, entretanto, que a língua se torne outra língua, ou que ela se constitua em um sistema linguístico melhor ou pior. A variação linguística, portanto, é um fenômeno que ocorre em todas as línguas naturais. Do mesmo modo, a diferenciação geográfica e social entre segmentos de uma mesma comunidade linguística pode resultar em um correspondente processo de diferenciação linguística, que se manifesta com maior evidência nos níveis fonológico, léxico e gramatical.

Para Ferreira e Cardoso:

[...] falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características linguísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam de uma mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação. Tudo isso deixa evidente a complexidade de um sistema linguístico e toda a variação nele contida. (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 12).

A preocupação com a diversidade de usos linguísticos no Brasil, embora registrada desde o início da colonização, tal como podemos verificar com a publicação da primeira gramática, já no século XVI, a *Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil*, de José de Anchieta, se acentua, contudo, somente no final do século XVIII e início do século XIX. De acordo com Cardoso (1999), a primeira manifestação caracterizada como de natureza dialetológica sobre o português do Brasil surge em 1826, com o informe intitulado *Les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, comparé à la langue de Portugal*, publicado por Domingos Borges de Barros, o visconde de Pedra Branca.

Todavia, são as *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, obra publicada por Antenor Nascentes em dois volumes (1958 e 1961, respectivamente), que abrem caminho para o desenvolvimento de estudos nessa área. Posteriormente, pesquisadores de outras regiões brasileiras iniciam o mapeamento de aspectos mais específicos de cada área/região. Atualmente, além de atlas regionais, muitos atlas/mapeamentos locais estão sendo feitos em teses de doutorado ou dissertações de mestrado. Há que se destacar, também, o trabalho que vem sendo feito pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), desde a última década do século XX.

[...] esse projeto representa um divisor de águas na pesquisa geolingüística e dialetológica no Brasil, uma vez que a concretização de um projeto nacional - que se propõe a descrever a variante brasileira da Língua Portuguesa e mapeá-la em um Atlas nacional e que, pela sua abrangência e pela dimensão espacial dos que o dirigem, agrega pesquisadores fixados nas diferentes regiões brasileiras - veio

trazer novo e significativo impulso para pesquisas na área. (ISQUERDO, 2004, p. 391).

Dentre os objetivos deste Projeto nacional, que priorizam tanto as variações geográficas (diatópicas) quanto às implicações de natureza social (diastráticas), destaca-se: descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolinguística³.

Ao se observar o objetivo acima e os muitos caminhos ainda a serem percorridos pela Geografia Linguística no Brasil, não se pode deixar de corroborar com a seguinte assertiva de Oliveira (2005, p. 385): “indubitavelmente, não se discute a importância de fazer o trabalho dialetológico, tendo em vista a característica continental do país, as variações linguísticas nele presentes e a heterogeneidade cultural”.

Para complementar os pressupostos teórico-metodológicos, por se operar com variáveis socioculturais dos dados coletados, faz-se necessário recorrer à interface com a Sociolinguística, mais especificamente ao modelo de análise linguística proposta pela Sociolinguística Variacionista.

Segundo Sá (2011, p. 246), “o progresso metodológico que a sociolinguística estabeleceu com sua rigorosa e solidificada consideração de fatores sociológicos, antes somente tratados superficialmente pela dialetologia, hoje tem sido amplamente utilizado na análise descritiva da língua”. Com metodologia bem delimitada, “a Sociolinguística Variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação no dia-a-dia, procurando demonstrar como uma variante se implementa na língua ou desaparece” (SALOMÃO, 2011, p. 190).

A necessidade de se aliar ambas as teorias nesse projeto de pesquisa se fez presente desde a sua constituição, ou seja, a partir da edificação das questões norteadoras e dos objetivos, os quais enfatizam, fundamentalmente, o propósito de um olhar analítico sobre o falar mato-grossense nas dimensões diatópica e diastrática.

É importante também observar que, de acordo com Cardoso,

Apesar de “consideradas até certo ponto sinônimas”, dialetologia e sociolinguística, ao se ocuparem da diversidade de usos da língua, atribuem um caráter particular e individualizante no tratamento do seu objeto de estudo. O enfoque diatópico e sociolinguístico se faz presente em ambas. Distinguem-se, no entanto, na forma de tratar os fenômenos e na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos. A dialetologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento dos dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação

³ Conforme pode ser visualizado em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AlibObjetivos>.

entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas. (CARDOSO, 2010, p. 26).

Salienta-se, também que, conforme Pontes (2000, p. 5), mais enfaticamente a partir dos anos 1990, “vários procedimentos metodológicos da geolinguística tradicional foram repensados à luz de métodos e técnicas modernos da geolinguística e da sociolinguística, os quais melhor retratam a realidade linguística brasileira atual”.

Vale ressaltar, ainda, que a mobilização dos pressupostos teóricos da Geolinguística e da Sociolinguística constituiu a fundamentação alicerce deste projeto concebido como piloto, o que, contudo, não excluiu a possibilidade da realização de estudos interdisciplinares, conforme foram surgindo propostas de pesquisa pelos integrantes da equipe, as quais, eventualmente, mobilizaram outras áreas do saber para atingirem os objetivos de conhecer e registrar, com maior valor científico, as diferentes formas socioculturais e de falar da comunidade linguística em análise.

METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS DE AÇÃO

O presente projeto pertence à Faculdade de Educação e Linguagem do Câmpus de Sinop da UNEMAT e é integrante das linhas de pesquisa *Estudo das relações entre linguagem, instituição e sociedade* e *Linguagem, cultura e ensino*. Com relação às propostas de trabalho, o projeto piloto comporta, fundamentalmente, duas ações básicas, explicitadas a seguir:

1. Criação, organização e alimentação do banco de dados *on-line*

Site hospedado pelo servidor da UNEMAT. A manutenção e a constante alimentação do *site* são efetuadas por bolsistas ligados à Faculdade de Educação e Linguagem do Câmpus de Sinop e pelo suporte técnico.

2. Pesquisas com temáticas distintas feitas pelos integrantes da equipe

A importância da elaboração e da aplicação deste projeto residiu, mais especificamente, na necessidade de se identificar e de se registrar variedades/diversidades linguísticas e comportamentos sócio-linguístico-culturais de falantes em distintas comunidades de Mato Grosso, pois trabalhos geo-sociolinguísticos são incipientes ainda neste estado. Assim, decidiu-se que os pesquisadores trabalhariam com distintos fenômenos linguísticos para que se pudesse registrar e analisar, de forma mais abrangente, a fala e seus usos socioculturais, com o intuito de socializar os resultados e a pesquisa linguística desenvolvida no âmbito da variação linguística mato-grossense.

Breve histórico do projeto

Como supracitado, trabalhos geo-sociolinguísticos são incipientes ainda no estado de Mato Grosso, o que faz com que este estado fique, geralmente, à margem de pesquisas nacionais. Há, no entanto, que se considerar que existe uma gama de pesquisas já feitas na área por estudiosos e pesquisadores mato-grossenses, contudo, como até então não existisse um banco de textos orais e escritos disponíveis em um só suporte ou espaço, estas pesquisas (a maioria em formato de dissertação, tese ou artigo científico) têm pouca visibilidade nacional, visto terem acesso reduzido por estudiosos e mesmo por pessoas interessadas em conhecer trabalhos efetuados nesta região do País.

Assim, justifica-se a necessidade de se compor um banco de dados *on-line*, que possa disponibilizar pesquisas já concluídas em território mato-grossense de cunhos geolinguístico e sociolinguístico, bem como mostrar, para a comunidade científica nacional e internacional, trabalhos que estão sendo desenvolvidos em instituições de ensino e pesquisa deste ou sobre este estado.

Compreende-se, ainda, que deixar de registrar os falares de comunidades linguísticas, mesmo as de recente colonização, como é o caso da maioria das cidades do norte de Mato Grosso, que datam do início da década de 1970, pode levar ao apagamento das realizações linguísticas e ao silenciamento dos fenômenos linguísticos regionais em uso por aqueles que significam o falar nesses espaços, assim como de suas atividades socioculturais.

A implementação do projeto piloto DIVALIMT, em consonância com a necessidade destas iniciativas, pretendeu e pretende refletir sobre a língua e a sociedade, sobre a pluralidade sociocultural, bem como sobre a diversidade linguística mato-grossense. As primeiras iniciativas desta implementação ocorreram em agosto de 2013, sendo, contudo, oficializado o projeto apenas em maio de 2014, por meio da Portaria Nº 963/2014.

O objetivo geral deste projeto é: Identificar, descrever, documentar, caracterizar e analisar variedades/diversidades linguísticas e comportamentos sócio-linguístico-culturais de falantes em um amplo repertório mato-grossense, que compreende áreas temáticas e geográficas distintas. Dentre os objetivos específicos, destacam-se:

- Coletar fontes escritas e orais para identificar e registrar variedades/diversidades linguísticas.
- Discutir as influências sócio-linguístico-culturais trazidas pelos migrantes provenientes de diferentes espaços geográficos nacionais, que resultaram no falar local, e suas contribuições na formação e expansão do português no norte de Mato Grosso.

- Identificar como se apresentam as características linguísticas, relacionadas a aspectos semântico-lexicais, entre os migrantes e os nascidos na região norte mato-grossense.
- Identificar e analisar as crenças e atitudes linguísticas, investigando como os migrantes julgam o seu falar e o falar dialetal dos demais moradores da região.
- Verificar aspectos fônicos, tais como o “r” forte de início de sílaba e o “r” de final de sílabas se realizam foneticamente em contexto norte mato-grossense.
- Coletar dados de usos e funcionamento de marcadores discursivos, característicos na fala dos moradores de Sinop, levando em conta aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos dos MDs focalizados.
- Identificar como ocorre o uso dos anglicismos na comunidade sinopense e suas diferentes manifestações em nosso ambiente sociocultural.
- Elaborar e organizar um glossário de termos de origem africana e/ou termos próprios da fala dos moradores das comunidades quilombolas do estado de Mato Grosso.
- Identificar e coletar dados acerca da presença de minorias linguísticas. Trata-se de línguas minoritárias tanto alóctones, ou seja, de (i)migração, em específico àquelas presentes em amplas áreas de bilinguismo societal da região Sul do Brasil, assim como atesta o *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul* (ALERS), como também línguas autóctones, sendo estas as línguas indígenas presentes na região norte de Mato Grosso.
- Apresentar os resultados interpretativos dos fenômenos linguísticos e socioculturais regionais.

A equipe executora está sob a coordenação da Profa. Dra. Neusa Inês Philippsen (UNEMAT/Sinop), e conta com os seguintes integrantes: Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (USP), Dr. José Leonildo Lima (UNEMAT/Nova Mutum), Dra. Leandra Ines Seganfredo Santos, Dra. Olandina Della Justina (UNEMAT/Sinop), Dra. Juliana Freitag Schweikart (UNEMAT/Sinop), Ms. Terezinha Della Justina (UNEMAT/Sinop), Ms. Grasiela Veloso dos Santos (UNEMAT/Sinop), Ms. Fernando Hélio Tavares de Barros (UFRGS) e Ms. Antônio Tadeu Gomes de Azevedo (UNEMAT/Sinop). Equipe esta que, por sua vez, pretende cooptar novos colaboradores de instituições distintas e comunidade externa, interessados em promover pesquisa em Mato Grosso.

RESULTADOS PRELIMINARES: O BANCO DE DADOS *ON-LINE*

Desde as primeiras reuniões realizadas pelos integrantes do projeto para discussão dos trabalhos a serem desenvolvidos, esse ponto surgiu como imprescindível; vale lembrar que os primeiros encontros começaram a acontecer no mês de agosto de 2013. Dessa forma, como atividade inicial, realizaram-se levantamentos bibliográficos sobre as pesquisas científicas feitas por pesquisadores mato-grossenses na área de geolinguística e de sociolinguística. Parte deste material já se encontra coletado e disponibilizado no *site*.

Para a consulta deste banco de dados, que se pretende em permanente construção, basta acessar o endereço <http://sinop.unemat.br/projetos/divalimt/index.php>. Abaixo, destacam-se a apresentação do *site* e as páginas em que se acomodam as teses, dissertações, obras e artigos:

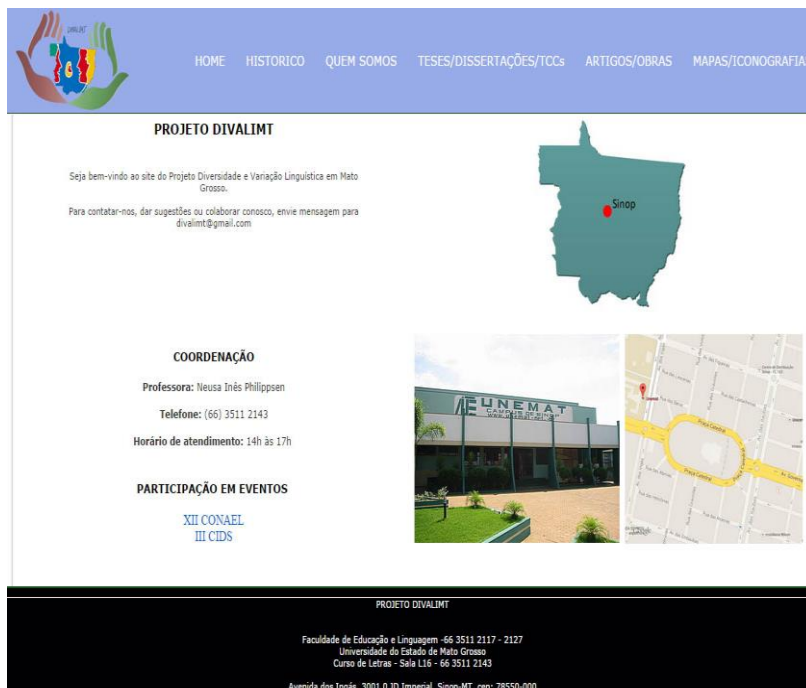


Fig. 01: Apresentação do *Site* - Página Inicial




HOME HISTORICO QUEM SOMOS TESES/DISSERTAÇÕES/TCCs ARTIGOS/OBRAS MAPAS/ICONOGRAFIAS

TESES E DISSERTAÇÕES

DATA	AUTOR(ES)	TÍTULO
2014	GRASIELA VELOSO DOS SANTOS	MANUSCRITOS MATO-GROSSENSES: DA FILOLOGIA À GRAMATICALIZAÇÃO
2014	CARLA REGINA DE SOUZA FIGUEIREDO	TOPOONÍMICA DA VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS GAUCHO EM ÁREAS DE CONTATO INTERVARIETAL NO MATO GROSSO
2014	FERNANDO HÉLIO TAVARES DE BARROS	MIGRAÇÃO E TERRITORIALIZAÇÃO DO ALEMÃO E DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUAS DE EMBRANÇAMENTO EM PORTO DOS GAÚCHOS - MT: CONFIGURAÇÕES DO MULTILINGÜISMO EM PROXIMIDADE DA AMAZÔNIA
2014	JÉSSICA MARTINS MARACCINI	O ITALIANO: OS PROCESSOS DE TRANSMISSÃO E MANUTENÇÃO LINGÜÍSTICA DA COMUNIDADE ITALO-GAÚCHA-NORTE-MATO-GROSSENSE
2013	NEUSA INÊS PHILIPPSEN	A CONSTITUIÇÃO DO LÉXICO NORTE-MATO-GROSSENSE NA PERSPECTIVA GEOLINGÜÍSTICA: ABORÍGENAS SOCIO-SEMÂNTICO-LÉXICAS
2012	SANDRA REGINA FRANCISCATTO BERTOLDO	INVESTIGAÇÃO DIALETOLÓGICA NO DISTRITO DE NOSSA SENHORA DA GUAÍ: ANÁLISE SEMÂNTICO-LÉXICA DE BANHURRO, TACURU E BATERIA
2012	FERNANDO HÉLIO TAVARES DE BARROS	TALIANI, DO SUL PARA AMAZÔNIA: A COMUNIDADE ITALO-GAÚCHA-NORTE-MATO-GROSSENSE E SEUS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO COM A LÍNGUA DE ORIGEM: O VENEZO SUL-RIO-GRANDENSE
2012	JOCINEIDE MACEDO KARIM	A COMUNIDADE SÃO LOURENÇO EM CÁCERES-MT: ASPECTOS LINGÜÍSTICOS E CULTURAIS

Fig. 02: Teses e Dissertações



HOME HISTORICO QUEM SOMOS TESES/DISSERTAÇÕES/TCCs ARTIGOS/OBRAS MAPAS/ICONOGRAFIAS

OBRAS

DATA	AUTOR(ES)	TÍTULO
1909	EDUARDO DE NORONHA	O GUAÍ DE MATO GROSSO

ARTIGOS

DATA	AUTOR(ES)	TÍTULO
2013	FERNANDO HÉLIO TAVARES DE BARROS NEUSA INÊS PHILIPPSEN	O HUNSRLÜCKISCHENTRE O HOCHDEUTSCH E O PORTUGUÊS BRASILEIRO: O CASO DO RÁDIO NA COMUNIDADE TEUTO-GAÚCHA NORTE-MATO-GROSSENSE
2012	ELIZANGELA PATRÍCIA MOREIRA DA COSTA VANESSA FÁBOLA SILVA DE FÁBIA	ATTITUDES LINGÜÍSTICAS DE MIGRANTES SUIZAS EM MATO GROSSO: UM ESTUDO EM SINOP
2010	JOSÉ LEONILDO LIMA CÁSSIA REGINA TAMANIN VALÉRIA FÁBIA CARDOSO	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO ALIMAT: O DOCUMENTADOR, O INFORMANTE E A ENTREVISTA
2009	MÁRIA INÊS PAGLIARINI COX	ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NO/DO MATO GROSSO - O FALAR CUIABANO EM EVIDÊNCIA
2004	CÁSSIA REGINA TAMANIN	PRINCIPAIS TRAÇOS GRAMATICAIS DA FALA DE ALTO ARAQUAIA/MT

Fig. 03: Obras e artigos

Além da publicação de teses, monografias e artigos advindos de atividades científicas ligadas à área em estudo, o *site* deixa espaço para os dados sobre diversidade linguística e de comportamentos socioculturais que estão sendo coletados em distintas comunidades de Mato Grosso, resultantes das pesquisas individuais dos integrantes da equipe. Vale ressaltar que a coleta de dados dessas pesquisas tem se pautado, fundamentalmente, em *corpus* provindo de estudos científicos já realizados, ou ainda de materialidades impressas e orais apreendidas em programas da mídia: rádio, televisão, jornal, revista e *on-line*.

Caso haja necessidade, estes dados serão acrescidos por entrevistas com idas a campo, as quais, por razões éticas, conforme a legislação vigente sobre a ética em pesquisa científica, terão a identidade dos sujeitos entrevistados preservada. Os dados já coletados de fala, por sua vez, foram e estão sendo transcritos e adaptados de acordo com as normas de transcrição elaboradas para o projeto VALCO (Projeto de Variação Linguística no Centro-Oeste), no intuito de padronizar as entrevistas e facilitar a consulta por outros interessados.

Com relação às metas destas ações, pode-se destacar:

- Levantar a história das comunidades linguísticas pesquisadas por meio de pesquisa em fontes escritas e orais;
- Identificar, documentar e caracterizar variedades linguísticas em Mato Grosso;
- Identificar a permanência de línguas minoritárias no espaço de pesquisa, em especial a africana, a alemã e a italiana, assim como as atividades socioculturais por elas desenvolvidas;
- Disponibilizar um glossário de termos de origem africana e/ou termos próprios da fala dos moradores das comunidades quilombolas do estado de Mato Grosso;
- Documentar e salvaguardar distintos fenômenos linguísticos em uso por cidadãos mato-grossenses;
- Contribuir para um levantamento nacional sobre a diversidade do português falado no Brasil;
- Socializar os resultados das pesquisas geo-sociolinguísticas apreendidos em Mato Grosso com os demais pesquisadores nacionais e internacionais da área, assim como divulgar a toda comunidade externa os trabalhos desenvolvidos na universidade, com o intuito de promover a articulação entre a universidade e demais profissionais, especialmente docentes de escolas públicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por compreender-se que as ações humanas estão vinculadas à língua e, mais especificamente, às formas particulares de sua realização, que representam o comportamento linguístico e sociocultural dos falantes, esse projeto de pesquisa visa conhecer e registrar as diferentes formas de falar de distintas comunidades mato-grossenses.

Espera-se, também, contribuir qualitativamente com a incipiente pesquisa geolinguística realizada em Mato Grosso, em especial aos projetos de pesquisa

desenvolvidos pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, com o propósito de (re)constituir as variedades/diversidades linguísticas e histórico-culturais do estado, assim como oferecer aos estudiosos da língua portuguesa e de línguas minoritárias, aos professores, aos lexicógrafos, aos gramáticos e aos interessados em pesquisas linguísticas um estudo interpretativo e reflexivo do caráter multidialetal existente na região.

A divulgação dos resultados alcançados pelos distintos recortes temáticos propostos está sendo realizada, além de sua inclusão no banco de dados *on-line*, em eventos locais, regionais, nacionais e internacionais, bem como por publicações em obras e/ou periódicos da área ao longo das etapas de elaboração processuais, pois se compreende que informações científicas devem ser divulgadas e socializadas como possibilidade de novas fontes de pesquisa a partir das reflexões e olhares analíticos verificados desde as fases iniciais de constituição do trabalho até os gestos finalizadores.

O intuito maior dessa pesquisa, portanto, é socializar materiais geosociolinguísticos coletados, descritos e analisados, para que possam ser cotejados com a diversidade do português falado no Brasil, ou, ainda, comparados com dados colhidos futuramente nos mesmos espaços mato-grossenses.

REFERÊNCIAS

CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP.
[HTTP://WWW.NOVOPORTAL.UNEMAT.BR/INDEX.PHP?PG=CAMPUS&IDC=3.](http://www.novoportal.unemat.br/index.php?pg=campus&idc=3)
ACESSADO EM 07 DE JAN. DE 2015.

CARDOSO, S. A. M. A Dialectologia no Brasil: Perspectivas. **D.E.L.T.A**, Vol. 15, Nº Especial, 1999 (233-255).

_____. **Geolinguística: tradição e modernidade.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística.** Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário ferreira. São Paulo: Presença, 1979.

_____. A geografia lingüística. In: _____. **O homem e sua linguagem.** Trad. de Carlos Alberto de Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença/São Paulo, Universidade de São Paulo, 1982.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. **A dialetologia no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994.

ISQUERDO, A. N. De Nascentes ao ALiB: a propósito da definição da rede de pontos em pesquisas geolinguísticas no Brasil. In: Anais do **II Encontro Nacional do GELCO: integração lingüística, ética e social.** Goiânia/GO, 2004, p.390-398.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Trad. Marcos Bagno, Maria M. P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Sociolinguistics Patterns.** Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **The stratification of English in New York city**. Washington, D. C., Center for Applied Linguistics, 1966.

NASCENTES, A. **Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil**. I e II. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, 1958-1961.

_____. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

OLIVEIRA, D. P. de. O Estudo Dialetológico no Brasil: a volta ou a sedimentação de uma metodologia de trabalho? In: AGUILERA, V. de A. (org) **A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005.

PONTES, I. Atlas Lingüístico do Brasil (Alib): perspectivas teórico-metodológicas. **Acta Scientiarum** 22(1):1-6, 2000.

PROJETO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL. **Objetivos**. Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AlibObjetivos>. Acesso em 16 de nov. de 2014.

PROJETO DIVALIMT. **Página Inicial. Teses e Dissertações. Artigos e obras**. Disponível em <http://sinop.unemat.br/projetos/divalimt/index.php>. Acesso em 02 de abr. de 2015.

SÁ, E. J. de. O léxico na região Nordeste: questões diatópicas. **ReVEL**, v. 9, n. 17, 2011.

SANTOS, I. P. Proposta de análise do aspecto semântico-lexical em atlas lingüísticos regionais brasileiros. In: CUNHA, C. de S. (org.). **Estudos geo-sociolingüísticos**. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas. 2006. p. 83-97.

_____. Sociogeolingüística e interação face a face: diálogo possível. In: SANTOS, I. P. (Org.); CRISTIANINI, A. C. (Org.). **Sociogeolingüística em questão: reflexões e análises**. São Paulo: Paulistana, 2012.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

A ALTERNÂNCIA ENTRE AS FRICATIVAS E AFRICADAS, A ALTERNÂNCIA DE [ĀW] E [Ō] FINAL E O GÊNERO GRAMATICAL: MARCAS DO PORTUGUÊS ARCAICO NO FALAR CUIABANO?

José Leonildo Lima

INTRODUÇÃO

Dentre os vários núcleos urbanos surgidos no século XVIII, fruto das incursões feitas pelos monçoeiros e bandeirantes, podemos destacar a cidade de Cuiabá, fundada pelo bandeirante Pascoal Moreira Cabral, em 08 de abril de 1719, às margens do Rio Coxipó. Seus primeiros povoadores foram os paulistas e os portugueses. A descoberta de ouro pelos bandeirantes paulistas deu origem ao novo povoado no Centro-Oeste. O seu rápido crescimento em decorrência de levadas de bandeirantes à procura de ouro, fez com que o povoado fosse elevado à categoria de vila, em 1727, sob a denominação de Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, passando à categoria de cidade em 17 de setembro de 1818. Em 28 de agosto de 1835, através da Lei Provincial nº 19, tornou-se a capital da província. Antes dessa mudança, após a criação do estado de Mato Grosso, em 09 de maio de 1748, a primeira capital do estado foi Vila Bela da Santíssima Trindade, no período compreendido entre 1752 e 1835.

Com a decadência da exploração do ouro, por volta de mais ou menos 1800, Cuiabá viveu, por muitas décadas, um período denominado “isolamento geográfico”. Com a divisão do estado de Mato Grosso em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, em 11 de outubro de 1977, a cidade retomou seu crescimento. Além desse fator, os projetos de colonização do Governo Federal, a partir da década de 1970, também teve uma parcela de contribuição no seu processo de desenvolvimento.

Esses projetos produziram em Cuiabá um grande incremento populacional. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE dão-nos uma idéia da evolução da população¹ de Cuiabá. Isso mostra que os aspectos culturais, sociais e linguísticos, de certa forma, possuem os elementos necessários para algumas alterações/mudanças. Essa possibilidade deve-se ao fato de que os signos circulam, conforme diz Tassinari (1998): “Os signos circulam, tudo circula. A luta para repousar numa diferença em meio a uma equalização geral é enorme. Não é algo alegre. Nem triste. Entusiasma”.

No tocante aos aspectos linguísticos, vale ressaltar que o falar cuiabano pode ser identificado por três traços linguísticos marcantes: a alternância entre as africadas e fricativas, a alternância de [āw] e [ō] final e a não aplicação categórica da regra de

¹ A população nos anos de 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2005 e 2010 era de, respectivamente, 56.828 habitantes (IBGE-1960), 100.860 habitantes (IBGE-1970), 212.981 habitantes (IBGE-1980), 402.813 habitantes (IBGE-1991), 476.178 habitantes (IBGE-2000), 533.800 habitantes (IBGE 2005) e 580.489 (IBGE 2010).

concordância de gênero na locução nominal. Sobre a alternância entre as africadas [tʃ] / [dʒ] e fricativas [ʃ] / [ʒ] podemos destacar exemplos como *chuva* [tʃu'va] / [ʃu'va], *gente* [dʒẽ'ti] / [ʒẽ'ti], conforme Santiago-Almeida (2000, p. 172). De acordo com Silva (1998, p. 107), “essa pronúncia é usada ainda, pelos caipiras de São Paulo e foi transplantada para o nosso estado pelos bandeirantes que conservavam ainda os modos de pronúncia arcaicos dos primitivos colonos portugueses”. Desse modo, se os colonos portugueses pronunciavam, por exemplo, *tchuva*, *catchorro*, poderiam pronunciar também *dgente*, *djeito*. Sobre essa pronúncia, Serafim da Silva Neto acrescenta, ao referir-se aos paulistas, que foram estes que “substituíram eles por ts o ch português, dizendo, por exemplo, **matso** por **macho** e **atso** por **acho** etc.” (Idem, s/d, p. 34). Além dessa hipótese centrada na fala dos bandeirantes, discute-se, também na comunidade, que algumas características linguísticas têm fundamento no espanhol, bem como na língua falada pelos índios bororo que habitavam a região.

Sobre a alternância de [ãw]~[õ] final podemos destacar os seguintes exemplos: em *mão* e *pão*, por exemplo, pode ocorrer a variação entre [mõu] e [põu] e [ãw], [õ] e [õu]. Outro aspecto diz respeito à não aplicação categórica da regra de concordância de gênero na locução nominal ou a variação entre o gênero categórico e não-categórico como em **depois do bomba d'água, carne seco carne ensopado, esse igreja, djente morto, porta fechado, a perna tava bom, casa do mamãe** etc.

Com o fluxo contínuo da entrada de migrantes em Cuiabá, esse falar está passando por um processo de mudança. Portanto, é de suma importância que os mais variados estudos do ponto de vista linguístico sejam feitos, a fim de podermos acompanhar o processo de difusão e focalização desse falar.

ORIGEM DO FALAR CUIABANO: HIPÓTESES

Quando debruçamo-nos sobre a questão da formação do falar cuiabano, os questionamentos são os mais diversos. Das hipóteses que circulam no meio acadêmico, uma apresenta o falar cuiabano como sendo de origem bororo. Outra aponta para uma formação de origem espanhola. E por fim, uma terceira que demonstra que o falar cuiabano tem sua origem no português arcaico ou galego-português.

Sobre a língua galega, cabe lembrarmos que ela é uma língua derivada do latim, falada no antigo território da *Gallaecia* romana. Foi uma língua que ocupou o norte de Portugal, disseminando-se ao sul somente muito tempo depois. Desse modo, podemos depreender que de certa forma o norte de Portugal é o espaço geográfico de difusão da língua galega. Por isso, na formação da língua portuguesa não se pode negar a contribuição do galego. Nesse sentido é que a adjetivação galego-português tem sua justa pertinência.

Em relação à língua, é interessante mencionar o que diz Paredes (1984, p.60): “é extremamente fascinante constatar que, ligado a centros mais adiantados de fala

espanhola, cujas culturas eram bem caracterizadas, o povo cuiabano tenha mantido o uso da língua e o exercício das tradições coloniais portuguesas”. Ao consultarmos correspondências e outros tipos de textos dos séculos XVIII e XIX, vamos encontrá-los recheados de expressões de origem portuguesa e não castelhana como as usadas por Luiz D’Alincourt: “seguindo para a cidade, e a curta distância deste **sítio**; 120 **tavernas**; esta população ocupa 725 **fogos**” etc.

Muitos textos que já circularam no estado apontam o falar cuiabano como sendo de origem castelhana. Segundo a maioria dos historiadores, a presença/passagem dos castelhanos por terras mato-grossenses durou mais ou menos 50 anos. Para a historiadora Elizabeth Madureira Siqueira, os espanhóis chegaram primeiro em terras mato-grossenses, mas não povoaram-nas. Para ela “os colonizadores hispânicos, certamente, haviam transitado por terras que hoje constituem Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, mas nelas não se fixaram ou, se o fizeram, suas vilas não progrediram e foram, mais tarde, abandonadas” (Idem, 2002, p. 27). A maioria das expedições feitas pelos espanhóis tinha como destino as minas do Peru. Para a historiadora, “entretidos nesse itinerário, os espanhóis deixaram de conquistar as terras situadas a Leste, ocupadas, então, pelos portugueses” (Ibidem, p.29).

Costa e Silva (2005), em seu **Dicionário biográfico mato-grossense**, apresenta um rol de nomes de pessoas que exerceram/ocuparam as mais diferentes funções/cargos na formação do estado de Mato Grosso, no período compreendido entre 1700 e 1822. As pessoas que se fixaram em Mato Grosso, nesse período, eram comerciantes, políticos, sertanistas, militares, entre outros. A maioria teve como destino a cidade de Cuiabá em função das descobertas das minas de ouro.

Pelos dados biográficos apresentados por Costa e Silva (2005), no período compreendido entre 1524 e 1822, pudemos deduzir que a grande maioria da população que ocupou as terras de Mato Grosso, entre 1719 e 1822, era composta de paulistas e de portugueses. De um total de 2087 nomes elencados no dicionário, 1819 são de paulistas (na sua maioria) e portugueses e apenas 268 são de espanhóis, estes com passagem apenas entre os anos de 1535 e 1600. A conquista de nosso país foi eminentemente portuguesa, por que não dizer galego-portuguesa.

Não podemos deixar de fazer referência também ao dialeto caipira. Ao estudarmos o texto **O dialeto caipira** (1995), de Amadeu Amaral, deparamo-nos com uma série de palavras encontradas no dia a dia do povo cuiabano. Além desse trabalho, citamos também o de Ada Natal Rodrigues, **O dialeto caipira na região de Piracicaba** (1974).

Na sequência, apresentaremos algumas ocorrências relativas à alternância entre as fricativas/africadas, enfatizando as africadas, a alternância de [ãw]~[õ] final e a não aplicação categórica da regra de concordância de gênero na locução nominal, com o objetivo de verificarmos uma explicação plausível para tais ocorrências. De fato, tais ocorrências têm fundamento no português arcaico/galego-português?

CONTEXTUALIZAÇÃO DO FALAR CUIABANO

Para compreender uma língua não podemos relegar a história de um povo. Qualquer sociedade sempre passou e passará por mudanças políticas, sociais, econômicas, religiosas e porque não linguísticas. À medida que o tempo decorre, essas alterações vão se tornando cada vez mais céleres, em decorrência do processo de evolução por que passa o mundo. Em se tratando do campo linguístico, a migração tem trazido significativas e rápidas mudanças no falar de muitos povos no mundo inteiro. Em Cuiabá, por exemplo, o contato, direto ou indireto, com pessoas de outras localidades do país, bem como em decorrência do processo migratório verificado nos últimos quarenta anos, vem provocando variações linguísticas no falar local.

A alternância entre as fricativas e africadas

Uma das características linguísticas da comunidade cuiabana é a alternância entre as consoantes fricativas alveolares e as fricativas alveopalatais. As consoantes fricativas pré-palatais surdas /ʃ/ e sonoras /ʒ/, no falar cuiabano, de maneira geral, são pronunciadas, respectivamente, como africadas surdas /tʃ/ e sonoras /dʒ/: chuva [ˈtʃuva], chave [ˈtʃavi], peixe [ˈpetʃi], ajuda [aˈdʒuda], caju [kaˈdʒu], jipe [ˈdʒipe], joli [dʒoˈli], João [ˈdʒão] etc. Segundo Karl von Den Steinen (1894) e Roquete Pinto (1935), essa variação era restrita somente às zonas caipiras de Mato Grosso. Mas de acordo com Silva Neto, essa variação não se restringia apenas às zonas rurais, mas também às citadinas e a pessoas cultas.

Silva Neto (1959), no seu texto **Um traço de pronúncia caipira**, lembra-nos o que disse Júlio Ribeiro, em sua **Gramática Portuguesa**, publicada em 1884, sobre a pronúncia dos caipiras de São Paulo:

Os caipiras de São Paulo pronunciam **djente**, **djogo**. Os mesmos e também os Minhotos e os Transmontanos dizem **tchapeo**, **tchave**. A existência de ambas estas formas no falar do interior do Brasil prova que estavam elas em uso entre os colonos portugueses do século XVI. (SILVA NETO, 1957, p. 11).

Amadeu Amaral (1920, p. 22), no seu livro **Dialeto caipira**, apresentou também suas considerações acerca do falar caipira. Para ele, o “**ch** e **j** palatais são **explosivos**, como ainda se conservam entre o povo em certas regiões de Portugal, no inglês (*chief, majesty*) e no italiano (*cielo, genere*)”.

Cabe lembrar que as africadas /tʃ/ e /dʒ/ no lugar das fricativas /ʃ/ e /ʒ/ não devem ser consideradas como exclusivas de Cuiabá, porque há estudos dessas ocorrências em terras paulistas, como mostram Amaral (1976) e Castro (2006). Para Amaral, (1920, p. 22), o “**ch** e **j** palatais são explosivos, como ainda se conservam entre o povo em certas

regiões de Portugal, no inglês (chief, majesty) e no italiano (cielo, genere)". E para Castro (2006), além de São Paulo essa ocorrência é verificada em outros estados do país quando afirma que "[...] algumas características têm sido consideradas específicas do dialeto caipira (apontando-se, em geral, como áreas de uso da variedade, São Paulo, Minas Gerais (sul, sudoeste), Paraná, Mato Grosso e Goiás, sem definição precisa de limites)" (CASTRO, 2006, p. 30). Cita como exemplo a realização da africada [tʃave] e da africada [dʒête].

Comungando com a ideia de Amaral, Maria da Conceição Vilhena (2000) diz que a pronúncia da africada [tʃ] parece ter sido geral na pronúncia portuguesa até o século XVII. A autora justifica sua postura, apresentando o que disse Leite de Vasconcelos sobre o testemunho do francês Claudio Debruillard, registro feito em **Arte das línguas francesa e portuguesa** (Lisboa, 1700): "ch antes de hũa vogal se pronuncia como se houvera tsch, v.g. chamo = tschamo. [...] x se pronuncia ch. Donde se infere que em fins do século XVII ainda existia a diferença ch e x gráficos" (VILHENA, 2000, p. 123).

De acordo Silva Neto, podemos cogitar duas explicações sobre a africada [tʃ]:

- 1 - nos séculos XVI e XVII usava-se tʃ em todo território de Portugal. Neste caso os colonizadores usavam a africada que, depois de existir no português brasileiro nele se perdeu, à exceção de uma zona do Sul;
- 2 - nos séculos XVI e XVII Portugal dividia-se, como hoje, em duas áreas: uma, ao Norte, em que se usava tʃ; outra em que a africada já se reduzira a ç. Neste caso, ambas as pronúncias teriam vindo para o Brasil, onde se generalizaria a segunda, que corresponde à pronúncia do Sul, enquanto a primeira se teria confinado a uma zona do Brasil. (SILVA NETO, 1979, p. 590; 1986, p. 110).

João de Moraes Madureyra Feyjó, no seu trabalho **Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a Língua Portuguesa**, estabelece a distinção entre /ʃ/ e /tʃ/, isto é, entre a fricativa palatal surda e africada palatal surda, respectivamente. Corroborando a sua discussão, Leite de Vasconcelos a endossa também, afirmando a sobrevivência da africada /tʃ/ distinta de /ʃ/ em algumas regiões de Portugal. Para ele, dados sincrônicos "[...] revelam que ainda hoje persiste aquele taco conservador no português europeu, se bem que a nível estritamente dialetal" (FEYJÓ, 1739, p. 81).

Ainda segundo Madureyra Feyjó,

o início do fenômeno de nivelamento de /tʃ/ e /ʃ/, parte de Lisboa, daí se alastrando a outras regiões. Como quer que seja, das palavras do autor poderemos talvez concluir que a confusão entre os valores de /X/ e de /CH/ já deveria estar muito generalizado, dando por isso azo a formas de ultracorreção. No seu texto assim lemos: E a alguns ouvi, que lhe era tão difficultosa a pronunçiação de Ch, que achando o escripto, o pronunçião com X; e pelo contrario, aonde achão X, o pronunçião como Ch. (FEYJÓ, 1739, p. 43).

Para Borges, o “ch” nos primórdios da língua portuguesa, foi gutural (som articulado na garganta), aliás, como ainda hoje acontece na Galiza. Assim, em muitos casos, nas regiões raianas do nordeste de Portugal, pronuncia-se como “tch”: bicho (**bitcho**), chave (**tchave**), chuva (**tchuva**), chapéu (**tchapéu**), cacho (**catcho**), ganchas (**gantchas**) (BORGES, 2000, p. 18).

Levando em conta a literatura oral de Soajo, povoado localizado ao norte de Portugal, apresentamos, a seguir, alguns trechos da literatura oral, coletados junto a pessoas do lugar. A característica linguística mais saliente nos textos diz respeito ao emprego das africadas. Vejamos alguns exemplos, conforme Pereira (1970, p. 223-245):

“**Tchigau-s’** ò dia d’ starim intimados a irim ò tribunale fazê lo casamento”; “Ieu num **tchoro**, sinhoi pai; se **tchorasse**, razões tinha”; “Pois, mande-o cá **tchamai**, mieu pai, da sua parte e da minha”; “Bau mandar buscar a **tchave**, pr’ abrir os meus corredores”; “Aonde biu um **tchapéu** no seu cabide dependurado”; “Ûa **tchamada** Justina, por siê la mais ingraçada”.

Eis mais alguns exemplos citados por Pereira (1970): “auriço-catcheiro, bitcha, bitcha-do-milho, borrhatcho, borrhatcheira, catchaceira, catchaço, catcho, catchorrada, catchuorro, fitchadura, matchado, matcho, tchicote, tchulo”.

Vilhena (2000) fez um estudo sobre duas cidades espanholas: Herrera e Cedillo, cidades próximas a Portalegre e Castelo Branco, em Portugal. Seu estudo mostrou que a africada surda [tʃ] apresenta-se nestes falares com grande vitalidade, como comprovam os exemplos: Herrera: [tʃ'ɛpɛu] “chapéu”, [kɛ'tʃɔpu] “cachopo”, [tʃu] “acho”; Cedillo: [pokɛ'tʃiɲu] “poucochinho”, [tʃi'βatu] “chiabato” (Vilhena, 2000, p. 122).

Dentre vários estudos feitos sobre a africada, elencaremos algumas localidades de Portugal onde essa ocorrência é muito recorrente. Na Freguesia de Matela, localizada no Concelho de Vimioso, perto de Miranda do Douro, “a africada tʃ subsiste, embora esporadicamente, em dialetos meridionais” (PEREIRA, 1970, p. 69).

Segundo Buescu (1961), na região de Monsanto é muito recorrente o fenômeno da africada tch: **tchegar, tchegas, tchegou, intcher, tchamava, atchou, fetchou, tchova, tchôço, tchanêlo, motchilo** etc. No conjunto das narrativas de tradição oral que compõe o livro por ela analisado, se verifica a ocorrência em praticamente todos os textos em que aparece a fricativa ch [ʃ] [ʃuva].

Outra região em que a africada é encontrada é em Quadrazais. Para Braga (1971), é comum sua ocorrência, como mostrado nos exemplos a seguir: “agatchar-se, bitcho da madeira, bitcho da seda, bitcho-matcho, catchaço, catchorrinho, catchorro, intcharcado, intcher, intchido, martchador, matcho, tchamar o pessoal, tchaminé, tchamuscar, tchão, tchapa, tchapéu, tchegar, tcheio por tcheio, tchico, tchoca, tchocar, tchorar, tchotcho”.

Feitas essas incursões pelos caminhos diacrônicos, cabe destacar que além dos exemplos citados e outros tantos que coletei em Portugal, as africadas apontam fortemente

para as marcas da conservação de um português arcaico. As africadas, segundo Vilhena (2000, p. 123), “representam a conservação de um traço do português arcaico que hoje se registra especialmente nos falares setentrionais. Costuma ser considerada como traço distintivo daqueles falares e que permite opô-los aos do Sul”. Esta afirmação mostra-nos que tal traço linguístico que ocorre no norte de Portugal não tem a mesma vitalidade no sul.

Mesma ideia se verifica em Bacelar (1966) ao afirmar que a africada “representa a conservação dum traço do português arcaico, que parece ter-se mantido na pronúncia padrão até ao século XVII. A africada surda aparece nos falares setentrionais, embora seja um fenômeno que esteja numa fase progressiva de desaparecimento.” Prossegue afirmando que

Em Cambados a sua vitalidade é protegida pela presença do castelhano, em cujo consonantismo se encontra uma africada idêntica. Aparece em posição inicial: tchouriço (chouriço), tchorar (chorar), tchamar (chamar), tchupar (chupar); e em posição medial: fetchado (fechado), boratcho (borracho), matchado (machado). (BACELAR, 1966, p. 54).

Esta afirmação é corroborada por Teyssier ao dizer que a história da Língua Portuguesa também registra essas africadas em território português, especialmente “em grande parte das províncias do Norte” (TEYSSIER, 1997, p. 53).

Por fim, cabe lembrarmos o que destaca Vilhena:

esse fonema encontra-se hoje numa fase progressiva de desaparecimento adentro das fronteiras políticas portuguesas, por ser considerado como marca de plebeísmo. Em Cediillo e Herrera, bem como nos falares da região de Xalma, a sua vitalidade é protegida pela presença do castelhano, em cujo sistema consonântico se encontra a mesma africada. (VILHENA, 2000, p. 124).

Quanto à realização da africada /dʒ/, que é verificada no falar caipira como em falares crioulos, cabe rememorar aqui que ela teve sua vitalidade em Portugal, embora restrita a certas regiões. Neste sentido é que para Révah pode configurar-se como “un archaïsme remarquable”.

A alternância de [ãw] e [õ] final

Outro fenômeno que é recorrente no falar cuiabano é a alternância de [ãw] ~ [õ] em final de vocábulo. Essas duas formas variantes coexistem no sistema linguístico dessa comunidade, com tendência maior à realização da variante [õ], estigmatizada pela maioria dos falantes, com o gatilho do desaparecimento disparado. Como os fenômenos das africadas e do gênero a hipótese do surgimento também é levantada. Duas hipóteses

circulam na comunidade: a ocorrência de um caso de monotongação do ditongo [ãw] ou que a variante [õ] seja uma herança da colonização portuguesa.

Amadeu Amaral (1976) já fez referência a esse tipo de ocorrência ao dizer que em palavras como “bom, tom e som” muda-se em ão: **bão, tão, são**. No falar cuiabano, essas ocorrências ainda são visíveis.

Segundo Santiago-Almeida, o ditongo [ãw] se realiza no falar cuiabano de seis maneiras diferentes: [ãw], [õw], [õ], [ã], [ũ], [u]. O modo de realização elencado para o estudo em questão é o ditongo /ãw/, mas realizado /õw/ como em fogão [fo'gõw], valentão [valẽ'tõw] etc.

Fazendo um passeio linguístico por Portugal, ater-nos-emos a alguns exemplos muito profícuos. Segundo Lino Netto (1949, p. 69), “a nasal, quando tônico e em posição final, torna-se sempre ão: amenhão (amanhã), mação (maçã).”

Para Argote (1725), “as letras -ão pronunciam -om. Ao não dizem nom, ao pão, pom.”

No livro **Gramática do português antigo**, de Joseph Huber (1933), temos o seguinte exemplo: “[...] e d’aqui en deante vos direi / en quaes cousas, segundo **razon**: / O mar dá muit’, e creede que **non** / Se pod’ o mundo sem el governar, / E pode muit’, e á tal **coraçõ** / Que o **non** pode nen apoderar.”

Nunes (1971) apresenta uma série de ocorrências como as a seguir: “deleitaçom, responderõ, converssaçom, oraçom, poussarom, maldiçom, affliçom” (NUNES, 1971, p. 59-63).

Além desses exemplos, muitos textos antigos apresentam também essas ocorrências como, por exemplo, Cancioneiro da Ajuda, edição Carolina Michaëlis de Vasconcelos: perdon (I, 109), Cancioneiro da Biblioteca Nacional, cod. 10991: nõ (40, p. 38), perdon (102, p. 62), razõ (120, p. 70), coraçõ (789, p. 368) e Textos arcaicos, de José Leite de Vasconcelos: payxom, deuaçom, entom (XVII: 69).

Pelo discorrido, podemos inferir que, como afirma Cunha (2986), sendo os portugueses no norte muito conservadores, talvez por isso se justifique o fato de terem conservado e implantados essa variante por vários lugares por onde passaram. Essa é uma variante que existiu em Portugal, de modo especial no norte. Sobre a origem da variante não padrão [õ], podemos inferir que há indícios nos levam a acreditar que se trata de uma variante arcaizante, com realização fonética mais produtiva verificada mais no norte de Portugal.

O gênero no falar cuiabano

Gênero: algumas considerações teóricas

No meio acadêmico circulam vários conceitos acerca de gênero gramatical. Nosso percurso sobre o conceito de gênero tem início em Nebrija (1492), passando por Fernão de

Oliveira, Jeronymo Soares Barboza, entre outros, até os teóricos contemporâneos como Evanildo Bechara e Celso Cunha. De acordo com Nebrija (1492, p. 176), o gênero de um nome é aquilo que distingue o macho da fêmea, ou seja, os gêneros são classificados em “masculino, feminino, neutro, comum de dois, comum de três, duvidoso e mesclado”. Fernão de Oliveira (1536), ao discorrer acerca do gênero gramatical, afirma “[...] que os nomes acabados em hũa letra qualquer sejam mais d’hum genero que doutro [...]” (OLIVEIRA, 1536, p. 143).

Said Ali (1861-1953) dedicou um capítulo interessantíssimo em sua **Gramática Histórica da Língua Portuguesa** acerca da atribuição de gêneros pelos finais das palavras. Apresenta-nos uma relação de nomes que oscilaram entre masculino e feminino no período pré-camonianiano bem como no período seiscentista. Alguns exemplos merecem nosso registro aqui. *Ou que planeta é aquela*. (Gil Vicente); *Appareceo no ceo da parte do oriente hua cometa* (Castanheda, 1,98); *Ajuntou de todos os tribus que poude* (Vieira, Sermão 8,265); *Um famoso catastrophe*. (Sermão 7,200); *Aquele catastrophe* (Vieira, Sermão 9,415); *Nun Alvarez recebeu bem ho trombeta* (Fernão Lopes, 257) etc.

Bechara, por sua vez, ao discutir a questão gênero, levanta a seguinte questão: gênero é um processo de flexão ou de derivação? Alguns substantivos aparentemente se mostram marcados pela flexão como, por exemplo, *menino/menina, gato/gata*. Acontece que ser de um gênero ou de outro depende da classe léxica dos substantivos.

Para Vilalva (2004), o gênero é uma categoria morfossintática dotada de dois valores: masculino e feminino. Para ela, “quando associado a um nome animado, o masculino refere **geralmente** (grifo nosso) a uma entidade de sexo masculino, e o feminino refere a uma entidade de sexo feminino” (VILALVA, 2004, p. 929) Quando ela diz “geralmente” é porque há exceções, pois algumas formas masculinas muitas vezes se referem a entidades do sexo feminino, como é o caso de **mulherão**.

Para Luiz Carlos de Assis Rocha, não se pode dizer que o substantivo se caracteriza por receber flexão de gênero. Contesta também a postura dos gramáticos que afirmam que o substantivo se flexiona em gênero. Assim, para Rocha (1998, p. 196), “dado um substantivo como, inércia, parafuso, idealização ou Brasil, não é possível prever qualquer modificação, ou seja, qualquer flexão nesses substantivos com relação ao gênero”. E ainda, para ele, a maioria dos substantivos refere-se a seres não sexuais. Neste sentido afirma que “[...] 95,5% dos substantivos referem-se a seres não sexuais e 4,5% a seres sexuais” (ROCHA, 1998, p. 196).

Sobre o gênero no português brasileiro, nos ativemos ao posicionamento teórico dos gramáticos Celso Cunha e Lindley Cintra e do linguista brasileiro Mattoso Câmara. Para Cunha e Cintra (2001), há dois gêneros em português: “o masculino e o feminino” e que “o masculino é o termo não marcado e o feminino o termo marcado” (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 188). Prosseguem a discussão acerca do gênero afirmando que “pertencem ao gênero masculino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo o e

que pertencem ao gênero feminino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo *a*” (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 188-189). A partir dessa definição, nomes como aluno, povo, morfema, jabuti e casa, seriema, mala pertencem, respectivamente, ao gênero masculino e feminino.

Mattoso Câmara (1972), ao discorrer sobre o gênero nas línguas românicas, mostra-nos a fragilidade da discussão acerca da relação gênero e sexo. Afirma que o critério semântico do sexo só é aplicável aos substantivos referentes aos itens do reino animal. “Aí, há, com efeito, certa correspondência entre sexo e gênero, mas muito longe de ser cabal e coerente” (CÂMARA JR., 1972, p. 119). Isso posto, a gramática tradicional teve que admitir a distinção terminológica entre gênero *natural* e gênero *gramatical* para poder resolver as discrepâncias adotadas do ponto de vista semântico na questão da conceituação de gênero.

Para Mattoso Câmara, o feminino é caracterizado como uma particularização mórfico-semântica do masculino. Discutindo essa postura, ele cita Trubetzkoy que afirma que essa particularização é uma “[...] oposição privativa, onde uma forma marcada pela desinência de feminino se afirma em face de uma forma não marcada, ou de desinência \emptyset (zero) para o masculino” (CÂMARA JR., 1972, p. 119). Assim, as nossas gramáticas pressupõem uma oposição *equipolente* na flexão de gênero. A questão do aspecto flexional tem suas limitações que, enquanto a regra funciona para *lobo / loba*, deixa de fora flexões como de *mestre / mestra*, *autor / autora*.

Postura teórica semelhante à Mattoso Câmara e de Cunha & Cintra é tem Rocha Lima (1998). Para ele, o mecanismo básico de indicação do gênero é o artigo e não a flexão. Ele defende a ideia de que o gênero do substantivo é indicado através de um *expediente sintático*. Neste sentido, “substantivos como, livro, caneta, dente, clã, aluvião, pijama, tribo etc. são masculinos ou femininos, pelo fato de se lhes anexarmos determinantes flexionados em um dos dois gêneros [...]” (ROCHA, 1998, p. 195) Essa sua postura mostra-nos que o determinante é o marcador, por excelência, do gênero nos nomes em português.

Um trabalho que merece destacarmos é o feito por Petter (1999). Dos traços morfossintáticos por ela analisados, encontramos o da indicação do gênero gramatical que é feita somente pelo artigo. Outro aspecto também observado por ela diz respeito ao adjetivo. Para ela o adjetivo é a categoria gramatical mais sensível à variação em gênero. Neste sentido, afirma que “quando anteposto ao nome, o adjetivo favorece a concordância; quando posposto favorece a não-concordância” (PETTER, 1999, p. 113) como, por exemplo, *lenha moiado e coisa sério*.

A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano

De acordo com Celso Cunha, a língua portuguesa no Brasil se desenvolveu em condições socioculturais as mais férteis possíveis para a conservação do que para a renovação de suas formas. E justifica essa postura ao afirmar que

tendo vivido mais de trezentos anos sem contato com outros povos, sem imprensa, sem núcleos culturais de importância, com um número exíguo de escolas, a América Lusitana foi alcançando nesse largo período algumas das etapas que levam os povos aos estados linguísticos paralisantes. (CUNHA, 1986, p. 202-203).

E esse panorama de conservadorismo começou a esboçar um contorno diferente a partir do século XVIII.

Na formação do falar cuiabano, bem como da língua portuguesa, outra hipótese que podemos colocar em epígrafe é que houve uma convergência de forças centrípetas e centrífugas, dando uma direção para sua configuração e estabilização. Quanto à força centrípeta essa sempre foi a responsável pela unidade da língua, pela conservação. Em sua oposição, a força centrífuga, esta sempre primando pela diversidade, pela inovação. Assim, o movimento unidade-diversidade-unidade, faz com que ocorra o abono de certas formas linguísticas e o desabono de outras, como uma forma de fazer uma língua caminhar numa direção. A língua é variável em decorrência de sua pluralidade. Se fosse singular, seria invariável. Desse modo, podemos dizer que o falar, bem como os costumes e hábitos, deixam sempre suas marcas, numa dada região, do povo que aí se estabeleceu.

Grande número de ocorrências sobre a marcação do gênero gramatical na variedade linguística de Cuiabá está em dissonância com a marcação de gênero feita pela maioria dos falantes brasileiros. Enquanto a maioria dos brasileiros faz uma concordância canônica entre os determinantes e adjetivos com o substantivo como, por exemplo, *a porta está fechada, criança bonita*, em Cuiabá encontramos várias ocorrências sobre a variação na concordância do gênero gramatical como em *a porta está fechado, criança bonito*.

No caso do SN *bomba de água* se empregássemos:

- **um adjetivo**, teríamos a concordância: *bomba de água nova / nova bomba de água*;
- **um artigo**, teríamos a concordância: *a bomba de água*;
- **um numeral**, teríamos a concordância: *uma bomba de água*;
- **um pronome demonstrativo**, por exemplo, teríamos: *aquela bomba de água*;
- **um pronome possessivo**, por exemplo, teríamos: *bomba de água minha / minha*

bomba de água.

Em oposição a esses exemplos, encontramos seguinte concordância em Cuiabá:

- com um **adjetivo**, temos a concordância: *bomba de água novo / bonito a bomba de*
- com um **artigo**, temos a concordância: *o bomba de água*;
- com um **numeral**, temos a concordância: *um bomba de água*;
- com um **pronome demonstrativo**, por exemplo, temos: *aquele bomba de água*.
- com um **pronome possessivo**, por exemplo, temos: *bomba de água meu. / meu*

bomba de água.

Dessas classes de palavras, quais as que são mais recorrentes no tocante à falta de aplicação da regra de concordância de gênero?

Vejam primeiramente os casos em que os determinantes (artigos, pronomes, numerais) e os adjetivos, que pospostos aos nomes, não realizam a regra canônica de concordância de gênero. Os exemplos mais recorrentes são: **A caçula meu** (AMS,F,123,A), **A dança típica nosso** mesmo aqui [...] (FNC,M,65,EFI), **A vida é esse mesmo** (MFID,15,1978), Igualzinho essa **maria meu** (MMSA,95,2000), Mãe desse **nora meu** que [...] (MMSA,97,2000), **A criança miúdo** (AMS,F,123,A), **A perna bom** (AMS,F,123,A), **Gente morto** (AMS,F,123,A), **Estrada pequeno** (ALS,F,44,EFI), **Carne frito** [...] (MFID,16,1978), Comprar **carne** seca, cortar **ela** bem **miúdo** (MS,F,69,EFI) etc. Na concordância canônica da língua portuguesa, quando temos essas estruturas, as concordâncias esperadas são, por exemplo, *nora minha, perna boa, estrada pequena, carne frita* etc., diferente do que verificamos nos exemplos acima.

Passemos agora aos casos em que os determinantes e os adjetivos estão antepostos aos nomes, e que não apresentam a regra de concordância de gênero. Dos exemplos coletados em Cuiabá, encontramos as ocorrências nos pronomes demonstrativos, nos artigos, nos numerais e nos adjetivos. Essas ocorrências são as que mais chamam a atenção em decorrência da excentricidade da ocorrência na língua portuguesa. Encontramos casos como **Det. + Pron. + N. - Djá aconteceu muita coisa boa no mia vida** (RVD,11,2003); **Det. + Num. + N. - [...] que eu fui tomar o primeiro injeção na minha vida [...]** (RVD,170,2003) e tendo como o mais recorrente o do **Det. + N. - Me dê um água.** (AMS,F,123,A).

A falta de concordância verificada na estrutura **Det. + N.** é muito produtiva na comunidade em estudo. O que se destaca nessa ocorrência é que palavras femininas estão antecidas de um determinante masculino como em *água, coisa, espinha, sede, Lurdinha* etc. Os exemplos abaixo mostram que o arcabouço teórico construído por Mattoso Câmara, por Cunha & Cintra e por Rocha de que o gênero de um substantivo está na flexão do artigo, mais uma vez não se confirma. Os exemplos mostram o emprego do determinante masculino de forma indistinta para os nomes femininos como em: Me dê **um água** (AMS,F,123,A), Fez **o porcaria** (AMS,F,123,A), Eu cheguei **no mamãe** [...] (RVD,11,2003), **Desse irmã** de caridade (AMS,F,123,A), **Esse casa** (AMS,F,123,A), Eu vou fazer **esse semana** (MMSA,68,2000), Não tinha **aquele igreja** (AMS,F,123,A), **Esse** que é a **vontade** que eu tinha (AMS,F,123,A), Ficava **bonito a vasilha** (AMS,F,123,A) etc.

A partir dos exemplos acima arrolados, o que observamos é o que foi teorizado por Mattoso Câmara, por Cunha & Cintra e por Rocha no tocante ao emprego do artigo como marcador de gênero, não se confirmou nos casos analisados. Além disso, outro aspecto que sobressaiu foi que a falta de aplicação da regra de concordância foi mais visível nos nomes sem a propriedade de flexão que são recorrentes tanto na posição pós-nominal como pré-nominal. Só a título de exemplo, listaremos aqui uma série de palavras retiradas das falas dos informantes para reforçar essa hipótese. Assim temos: *água, aranha,*

argola, banana, barragem, caçula, cara, carne, casa, casinha, cidade, cobra, coisa, comida, Corumbá, criação, criança, Cuiabá, comida, dança, espinha, estrada, fala, família, fazenda, feira, gente, hora, idade, igreja, injeção, janela, Lurdinha, mamãe, mandioca, mão, Maria, massa, mesa, nora, onça, perna, pessoa, pinga, porcaria, porta, rapaziada, região, roupa, sede, semana, situação, vaga, vasilha, vida. Aqui estão algumas das palavras que são encontradas em praticamente todos os diálogos no cotidiano dos informantes entrevistados. Nesse rol, cabe destacarmos que os substantivos próprios (de pessoas e de cidades), os comuns-de-dois e os epicenos integram uma categoria muito produtiva quanto à falta de aplicação da regra de concordância.

As ocorrências verificadas acima também são recorrentes no dialeto caipira. Os textos usados para análise foram **O dialeto caipira**, de Amadeu Amaral e **O dialeto caipira na região de Piracicaba**, de Ada Natal Rodrigues. Encontramos exemplos como *É um coiso esquisito* (ANR,202,1974), *Essa lata cheio d'água na cabeça [...]* (ANR,203,1974), *As criança távum quêto* (AA,1920), *Essas coisarada bunito* (AA,1920), *Um coisa de ferro assim [...]* (ANR,202,1974) etc.

Quanto aos dados coletados em Portugal, os exemplos são de períodos muito variados. Constam do *corpus* exemplos desde o século XVII até o século XX. Em Portugal a ocorrência mais produtiva quanto à falta de aplicação da regra de concordância de gênero foi verificada no emprego do artigo. Assim, temos exemplos como *huma premio decuádo* (Antonio C. Vianna, 288,1783), *o oração seguinte* (Maria M. G. de Oliveira, 182,1967), *o arroba de feijão a 15/8^{as}* (Antonio Á. L. Peixoto, 1727), *o raiz* (Clarinda de A. Maia, 1975), *um certo ponte* (Maria Rosa L. D. Costa, 301,1961) etc. A segunda maior ocorrência diz respeito ao emprego dos pronomes demonstrativos. Assim, registramos exemplos como os que seguem: *aquele bruaca* (Boléo,1942), *esse madre escrivaninha* (Antonio C. Vianna, 280,1783), *aquele masseirinha* (Boléo,1942) etc. Quanto ao emprego do adjetivo, encontramos *bonito essa flora* (Boléo, 1942), *fermosa conselho* (Garcia de Resende,48,1516), *a moda talhado* e os *função será completo* (Barbosa, 1800)

Segundo Maia (1975), são muitas as palavras que nos falares algarvios apresentam gênero diferente do que têm na língua nacional. O mais frequente é aparecerem como masculinos substantivos que são femininos:

o acidez, o despenso (a dispensa), *o fome* (tinha um fome!), *o pecareto* (a picareta), *o corrente* (corrente de água, corrente de ar), *o oliveiro* (oliveira brava que nasce do caroço da azeitona), *o raiz*. Aparece também alguns casos de palavras que, sendo normalmente masculinas, passaram nos falares algarvios a substantivos femininos. (MAIA, (1975, p. 53).

De acordo com Matias (1974), discorrendo sobre a questão do gênero numa região luso-espanhola, é comum encontrarmos substantivos que apresentam, em falantes da classe popular, um gênero diferente do da ocorrência normal no português culto. Nesses

exemplos reforça-se a hipótese da influência espanhola. Dá como exemplo as seguintes manifestações linguísticas:

Alguns substantivos apresentam, em falantes da classe popular, um gênero diferente do que têm no português padrão: **o nascente** (a nascente), **o arvo** (a árvore), **o language** (a linguagem), **o viage** (a viagem), **o ponte** (a ponte), **o marmelado** (a marmelada), **o sino** (a sina), **a pus** (o pus), **a terraça** (o terraço), **a risa** (o riso), **a risca** (o risco), **a asca** (o asco), **a dote** (o dote), **a escândala** (o escândalo), **a fantasma** (o fantasma), **a sistema** (o sistema). Nalguns casos é bastante visível a influência espanhola: *el naciente, el árbol, el language, el viage, la puente, el sino, la risa, la dote, la fantasma*. (MATIAS, 1974, p. 174-175).

Por fim, apresentamos alguns exemplos de concordância não canônica extraídos dos inquéritos do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza, coordenado por João Saramago. Os exemplos são fruto de anotações que fiz de audições de vários pontos de inquérito de Portugal. Eis os exemplos: **O nascente**, salta rosca é parecida com uma lagartixa, mas é **pardo, um suíço, a cabeça** do dedo fica muito **grosso**, a minha **cozinha** que está **dividido** [...], é muito **bonito essa flor**, para a **água** ser **fechado**, **Lisboa é lindo!**, d’**outro terra, pro febre**, essas **folhinhas são apanhados** para o Natal, a **lenha** pode ficar assim um **bocado grosso** [...], era assim **do rocha** [...], **lua cheio** é quando a lua aparece muito grande, **aquele masseirinha**, É como fazer **aqueles broas** de centeio, a **massa bem amassadinho**, eu tiro **esse trempe** pra li [...], é uma **coisa pouco**.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse texto buscamos apresentar as três ocorrências linguísticas mais salientes no falar cuiabano. É claro que há uma série de ocorrências linguísticas que merecem ser estudadas, mas para esse trabalho ativemo-nos a essas em decorrência da maior visibilidade que elas têm e pelas mais variadas hipóteses que a alternância entre as fricativas e africadas, a alternância de [ãw] e [õ] final e a não aplicação categórica da regra de concordância de gênero na locução nominal despertam na comunidade de um modo geral.

Para entendermos essas ocorrências no falar cuiabano, é necessário reportarmos à história. A história de Cuiabá remonta ao século XVIII, período em que tiveram início as monções. Monçoeiros e bandeirantes paulistas foram os protagonistas da ocupação do vale do Cuiabá. Primeiramente, exploraram as aldeias indígenas (minas de escravos) e, depois, as minas auríferas dessa região. Dessas expedições mercantis fizeram parte, além de um grande contingente de paulistas, “caipiras, crioulos, caboclos, sertanejos e sulinos” (RIBEIRO, 1995, p. 269-444). Isso fez com que muitos vilarejos fossem surgindo ao longo da rota por eles percorrida. Com o fim do ciclo da mineração e da abolição da escravatura, muitos grupos ficaram “isolados”, conservando assim costumes,

manifestações culturais e religiosas e provavelmente a variante linguística ou alguns traços linguísticos da época.

Quando do ponto de vista linguístico fazemos um percurso diacrônico, e reportamo-nos à Galiza, deparamo-nos com a africada surda /tʃ/ como em chegar [ˈtʃegar], chamar [ˈtʃamar] e cheirar [ˈtʃeiar]. Como os registros históricos mostram, o norte de Portugal fora ocupado pelos galegos. De acordo com Rocha (1997), “[...] por uma questão de respeito à história, deve ser desvelado, com todas as letras, que, na realidade, os portugueses levaram consigo não um idioma próprio, mas a língua galega [...]”. Podemos assim inferir que o idioma português tem muito da língua galega, consideradas as suas modificações. As africadas [t] e [dʒ], ainda muito recorrentes em Cuiabá, configuram-se como conservação do norte, conforme aponta Ilari (1992).

Quanto à alternância de [ãw] e [õ] final, podemos inferir que, como afirma Cunha (1986), sendo os portugueses no Norte muito conservadores, talvez por isso se justifique o fato de terem conservado e implantado essa variante por vários lugares por onde passaram. Essa é uma variante que existiu em Portugal, de modo especial no Norte. Sobre a origem da variante não padrão [õ], podemos inferir que há indícios nos levam a acreditar que se trata de uma variante arcaizante, com realização fonética mais produtiva verificada mais no norte de Portugal.

Sobre a não aplicação categórica da regra de concordância de gênero na locução nominal, tanto pelos exemplos do Brasil como pelos de Portugal, percebemos que não é o gatilho de uma inovação na língua portuguesa. Olhando somente os exemplos no Brasil, poderíamos afirmar que a variação na concordância do gênero gramatical poderia ser vista como a implementação de uma regra. Quando voltamos nosso olhar para Portugal, percebemos que as estruturas sintáticas em que ocorrem a falta de concordância em Cuiabá são as mesmas vistas em Portugal.

Um aspecto teórico que levantamos sobre o falar cuiabano é que ele pode estar circunscrito ao que chamamos *deriva da língua*. Um fato que não podemos negar é que a língua é variável. Sendo essa uma característica inerente, uma língua não se espalha num dado espaço da mesma maneira. Estará sempre vinculada às mais diferentes variações, em decorrência dos mais diversos fatores: sociais, políticos, econômicos etc. Isso se explica porque a linguagem segue pelo tempo afora num trajeto que lhe é próprio. A essa autonomia é que Sapir (1971) denominou de *deriva*.

Ainda falando sobre a deriva, cabe lembrarmos que, de acordo com Silva Neto, na constituição do português brasileiro há, desde o século XVI, duas derivas: a) “uma deriva bastante conservadora, que se desenvolve muito lentamente” e b) “uma deriva a que condições sociais próprias imprimem velocidade inesperada” (SILVA NETO, 1963, p. 129-130). Ainda falando sobre a deriva, cabe lembrarmos que, de acordo com Silva Neto, na constituição do português brasileiro há, desde o século XVI, duas derivas: a) “uma deriva bastante conservadora, que se desenvolve muito lentamente” e b) “uma deriva a que

condições sociais próprias imprimem velocidade inesperada” (SILVA NETO, 1963, p. 129-130). Isso fez com que o falar que não recebia influências das línguas aqui existentes, lograsse o caráter conservador.

Pelos casos observados no falar cuiabano e em Portugal, diante da postura de Sapir bem como a de Silva Neto, o que podemos dizer é que temos indícios de que no falar cuiabano operou uma deriva, uma *deriva conservadora*. Assim, as três ocorrências analisadas mostram que a língua portuguesa carrega ainda o DNA do galego-português.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Editora UEL, 1998.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhembi, 1995.

ARGOTE, Jerônimo Contador de. **Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina**. Lisboa: Oficina da Música, 1725.

BACELAR, Marília Luz Muñoz. **Cambados, palavras e coisas**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Lisboa, 1966.

BARBOSA, Domingos Caldas. **A vingança da sigana**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1738-1800.

BARBOZA, Jeronymo Soares. 2. ed. **Grammatica philosophica da lingua portuguesa**. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1830.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BOLÉO, Manuel de Paiva. **O estudo dos dialectos e falares portugueses: um inquérito linguístico**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1942.

BORGES, Júlio António. **Linguagem popular do Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo**. Póvoa do Varzim: Tipografia Camões, 2000.

BRAGA, Franklim Costa. **Quadrazais: etnografia e linguagem**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Lisboa, 1971.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. **Monsanto: etnografia e linguagem**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1961.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dispersos**. 14. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

CARDEIRA, Esperança Maria da Cruz Marreiros. **A língua portuguesa na primeira metade do século XV: elementos para uma caracterização do Português Médio**. 1999. Dissertação (Doutoramento em Linguística Portuguesa) – Universidade de Lisboa, Lisboa.

CARVALHO, J. G. Herculano de. **Teoria da linguagem**. Coimbra: Coimbra Editora, 1983.

CASTRO, Vandersí Sant'Ana. **A resistência de traços do dialeto caipira**: estudo com base em Atlas Linguísticos Regionais Brasileiros. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

COELHO, Adolfo. Origens do português do sul. **Os Serões**, Lisboa, n. 46, abr. 1909, p. 317-324.

COSTA, Maria Rosa Lilá Dias. **Murteira**: uma povoação do Concelho de Loures. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, 1961.

CRUZ, Maria Luisa Segura da. **O falar de Odeleite**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1991.

CUIABÁ – 266 anos – 8 de abril de 1985. Cuiabá: NDIHR, UFMT.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luis F. Lindley. **Novíssima gramática do português contemporâneo**. 2 ed. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Celso. **Conservação e inovação no português do Brasil**. In: O Eixo e a Roda, v. 5, Belo Horizonte, 1986, p.199-230.

DELGADO, Maria Carolina Saramaga. **O falar de Baleizão**. 1970. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Faculdade de Letras, Lisboa.

DETONI, Rachel do Valle. **A concordância de gênero na anáfora pronominal**: variação e mudança linguística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso. 2003. 256p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG.

DRUMMOND, Maria Francelina Ibrahim. **Do falar cuiabano**. Cuiabá: Grupo Gazeta, 1995.

GONÇALVES, Maria Filomena. **Madureira Feijó, ortografista do século XVIII**: para uma história da ortografia portuguesa. Lisboa: Ministério da Educação, 1992.

HUBER, Joseph. **Gramática do português antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933. Imprensa Nacional, 1985.

LINO NETTO, Maria Teresa de M. **A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde**. Separata da Revista Portuguesa de Filologia, vols. 1 e 2, Coimbra, 1949.

MAIA, Clarinda de Azevedo. **Os falares do Algarve**. Coimbra: Separata de: Revista Portuguesa de Filologia, v. 17, tomos I e II, 1975.

MATIAS, Maria de Fátima de Rezende Fernandes. **Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola**. Dissertação (Mestrado) – Coimbra, 1974.

NUNES, José Joaquim. **Crestomatia arcaica**: excertos de literatura portuguesa desde o que mais antigo se conhece até ao século XVI. 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1971.

PALMA, Maria Luíza Canavarros. **Varição fonológica na fala de Mato Grosso**: um estudo sociolinguístico. Cuiabá: UFMT, 1984.

PEREIRA, Maria Fernanda Afonso Alves. **O falar de Soajo**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras, Universidade e Lisboa, Lisboa, 1970.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. **A contribuição das comunidades negras para a caracterização do português brasileiro**. XVI Anais de Seminários do GEL - 1995 - p. 543-549.

RESENDE, Garcia de. **Cancioneiro Geral**. Lisboa: 1516 - Reprinted with the permission of The Hispanic Society of America Kraus Reprint Corporation; Nova Iorque, 1967.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Ada Natal. **O dialeto caipira na região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. **Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana**: traços de língua antiga preservados no Brasil. 2000. 319 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SILVA NETO, Serafim. **Um traço de pronúncia caipira**. Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Lisboa, v. 1, p. 292-300, 1959.

SILVA, Mariza Pereira da. **A dinâmica de um processo de mudança**: variação entre [ãw] e [õ] em Mato Grosso. 2005. 187 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. **Dicionário biográfico mato-grossense**: período colonial - 1524/1822. Cuiabá: Carlini e Caniato Editorial, 2005.

STEINEN, Karl von den. **Entre os povos nativos do Brasil Central**. Berlim: s/ed., 1894.

TASSINARI, Alberto. **Revista Bravo**. São Paulo: junho, 1998.

VASCONCELOS, José Leite de. **Opúsculos**. vol. VI, parte II (Dialectologia). Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.

VILHENA, Maria da Conceição. **Falares de Herrera e Cedillo**. Lisboa: Mérida, 2000.

USO DE EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS DA LÍNGUA INGLESA NA LINGUAGEM DO “MAKEUP”: CARACTERÍSTICAS FONÉTICAS E TRANSGLOSSIA¹

Olandina Della Justina
Juliana Freitag Schweikart

INTRODUÇÃO

A tessitura deste artigo tem o propósito de dar visibilidade e compreendermos acerca da ocorrência de empréstimos linguísticos de LI e como se caracterizam no uso por brasileiros.

Nessa direção, centralizamos a discussão no uso de tais termos por profissionais da estética e cosmética e vendedores que comercializam os produtos. A atenção maior é dada às características fonéticas que assumem os signos ao serem proferidos pelos participantes da pesquisa.

O uso dos termos oriundos da LI não é exclusividade dessas áreas, porém, a recorrência de uso em expressões comumente usadas, nomes de franquias, linhas e marcas de produtos saltam aos olhos do observador preocupado em compreender os fenômenos da linguagem que transitam no meio sociolinguístico.

Para apresentarmos os diálogos teóricos, perfil metodológico de como foi conduzida a pesquisa e os resultados, dividimos o artigo em três partes, além desta Introdução e das Considerações Finais.

No que se refere ao apoio teórico, discutimos sobre o inglês no mundo, os empréstimos linguísticos e seu uso no PB, as mudanças linguísticas e sua relação com os empréstimos e, finalmente, informações acerca da estética e cosmética.

Posteriormente, detalhamos a abordagem e as características do estudo: insere-se na pesquisa qualitativa de base etnográfica e usa como instrumento a entrevista qualitativa realizada com quatro pessoas, sendo duas vendedoras de produtos estéticos e cosméticos e duas maquiadoras.

O terceiro item constitui-se da descrição e análise dos dados, a qual se encontra dividida em duas partes: primeiramente, fazemos uma análise mais detalhada de alguns termos e, na segunda parte, aglomeramos palavras marcadas por casos de acréscimos de fonemas ao serem usados pelas participantes.

Para finalizar, nas *Considerações Finais*, retomamos as perguntas de pesquisa e tecemos nossas reflexões com base nas informações provenientes desses profissionais.

¹ Nossos sinceros agradecimentos à Profa. Ma. Terezinha Della Justina (UNEMAT-Sinop) pelas preciosas contribuições no texto do artigo. Os erros remanescentes são responsabilidade das autoras. Registramos nossos agradecimentos aos bolsistas de iniciação científica (Curso de Letras – UNEMAT-Sinop) Elivaldo da Silveira Rosa e Tatiane Almeida Avansi pela participação no estudo e transcrição das entrevistas.

APOIO TEÓRICO

O inglês no mundo e no Brasil

A história conta que ao longo de séculos da formação da LI (percorrendo períodos como o Inglês Antigo, Medieval e o Moderno) as línguas trazidas pelos romanos, celtas, germânicos ocidentais, escandinavos, dinamarqueses, franceses, normandos, entre outros fizeram parte do surgimento da LI como é usada na contemporaneidade. Sendo assim, podemos dizer que a LI é originalmente mestiça.

Atualmente, é a terceira língua mais falada no mundo em número de pessoas e está presente nos seis continentes, sendo consideravelmente usada na condição de segunda língua ou língua estrangeira.

De acordo com Crystal (2010), houve um acréscimo considerável de falantes de LI desde 1950. Há 400 milhões de falantes com língua materna, mais 600 milhões que a usam com segunda língua e outros 600 milhões que usam como língua estrangeira.

Rajagopalan (2005) menciona que dois terços dos falantes de LI são não-nativos de países falantes. Portanto, a grande maioria de usuários da língua não é oriunda de países em que o inglês é a primeira língua.

O inglês tornou-se a língua mundial mais usada por pessoas falantes de outras línguas e está em processo contínuo de expansão devido à globalização. Conforme Pennycook (1994), a Grã-Bretanha investiu na expansão da língua camuflando seus reais interesses – políticos e comerciais – como “propaganda cultural” por meio do Conselho Britânico, órgão do governo criado com o objetivo de expandir a língua e a cultura inglesa. Para o autor (1994), apesar do ensino da língua e sua expansão serem vistos como benéficos, neutros e naturais por algumas pessoas visando ao conhecimento linguístico e não ao domínio político, não é o que se verifica em materiais distribuídos pelo Conselho Britânico e USIS (*United States Information Service*), os quais deixam explícito que os países do Primeiro Mundo são dotados de inteligência, riqueza e competência constituindo-se em “exemplos a serem seguidos” pelo terceiro mundo.

Nesse sentido, há ideologias que transitam por meio de propagandas culturais que imprimem status à língua e aos países ricos que a têm como primeira língua.

Em 1984, Moura defendia que a difusão da LI após a Segunda Guerra não foi aleatória. Para o autor, a sua expansão obedeceu a um planejamento cuidadoso de penetração ideológica e conquista de mercado pelos Estados Unidos que pretendiam se estabelecer como potência mundial. O país teve um sucesso sem precedentes na exportação e uso de padrões de comportamento, gostos artísticos e hábitos de consumo.

O status atribuído às características de tais hábitos se fazem presentes até a atualidade e fazem parte do comportamento e aceitação de valores de pessoas consideradas como formadoras de opinião, como também de pessoas comuns².

Como exemplo, referenciamos o estudo realizado por Justina (2006, 2008) em que as pessoas comuns (compreendidas como aquelas que desconhecem os estudos da linguagem) pesquisadas apresentavam crenças de que o uso da LI representava a maxi-valorização e de busca de identificação com países falantes, especialmente os Estados Unidos e, como constituinte dessa crença, está a subcrença de que “a LI é símbolo de status, beleza e qualidade.”

De acordo com a autora (2006), os participantes da pesquisa imprimem ao uso dos anglicismos valores com beleza, status de língua chique, elegante, diferente, representa materiais e locais de boa qualidade, os quais são recomendáveis para aquisição e uso. Há a concepção de que tais países têm competência tecnológica e primam pela qualidade dos produtos que oferecem, independentemente do custo.

Ao observarmos tais argumentações, com base nos estudos desenvolvidos, é possível identificar que ideologias percorrem o uso de empréstimos da LI no cenário brasileiro.

Todavia, de acordo com Justina (2006, 2008), no dia a dia, o uso de tais expressões, pelas pessoas comuns, percorre três vertentes ou princípios teóricos (as quais têm como suporte ORTIZ, 2003; RAJAGOPALAN, 2005, 2003; e ASSIS-PETERSON, 2006): a vertente do “apelo esnobe” e adesão ou rejeição à cultura norte-americana, a da crítica ao imperialismo norte-americano e a instrumental ou pragmática. Na primeira vertente, entende-se que há uma força simbólica positiva acerca da influência dos termos em inglês por força do prestígio que imprime aos objetos de desejo ou acesso aos bens culturais e econômicos. O prestígio está ligado a modelos hegemônicos desses países. Na segunda vertente, se evidencia o sentido ufanista em contraposição ao sentido de adesão à cultura norte-americana. O uso da língua do outro é tido como uma ameaça à preservação e valorização de língua portuguesa e, portanto, deveria ser evitado e minimizado. Já a terceira vertente, traduz o uso dos empréstimos da LI de uma forma pragmática e motivado pela necessidade de desempenhar atividades profissionais e sociais. A maneira de usar a língua está baseada nas experiências concretas, nas improvisações, nos comportamentos linguísticos assumidos para desempenhar as tarefas em que o uso da língua em que o uso da LI pode servir aos interesses das pessoas comuns estudadas, não o contrário.

Diante dos estudos citados, os beneficiários dessa expansão e uso da LI não podem ser tomados de maneira unilateral, ou seja, não acontece de forma que apenas os Estados Unidos ou a Grã-Bretanha ditem como deve acontecer o uso e apenas em prol de

² Em consonância com Assis-Peterson (2004), as pessoas comuns são os não linguistas, os leigos, as que fazem parte da sociedade e que desconhecem os estudos linguísticos.

interesses próprios, ou até mesmo que consigam manter as características originais. Para Justina (2015, p. 84), os empréstimos linguísticos da LI,

Comumente mudam suas características originais, assimilam modificações fonéticas, morfológicas, semânticas, sintáticas impressas em cada contexto no qual é usada dentro de um processo sincrético de uma língua que se mundializa e eis que surge uma nova língua: o *World English* ou *World Englishes*. Sobrepoem-se ao inglês nativo e tomam proporções gigantescas no universo das línguas.

Consoantes à argumentação da autora, buscamos evidências de que os processos transglóssicos no campo fonético pudessem constituir o uso dos empréstimos da LI por parte desses profissionais, aos quais podemos chamar de pessoas comuns em vista do que discutiu a autora sobre o conceito.

Empréstimos linguísticos e uso na LP e no PB

O uso de empréstimos linguísticos no PB confunde-se com a história da formação do nosso povo e da língua. Os italianismos, germanismos, galicismos, arabismos, anglicismos, entre outros constituem o PB que usamos diariamente.

O uso de empréstimos linguísticos da LI não é exclusividade do PB, tampouco das elites intelectuais. Tomamos como exemplo uma canção, vinculada à linguagem em foco nesse estudo acessível e do contexto de pessoas comuns, especialmente de Portugal, foi lançada pelo cantor, compositor e produtor português Agir³ em Portugal no ano de 2016. A canção intitulada *Makeup* se popularizou com a publicação e divulgação na internet⁴ em que mulheres famosas (modelos, atrizes) aparecem inicialmente maquiadas e depois retiram a maquiagem. Tem o intuito de ilustrar duas faces da beleza: com maquiagem e natural, enfatizando o valor da última. A seguir, são apresentados trechos da canção:

Ela é linda sem *makeup*
Ela é perfeita e quando se deita não precisa de *makeup*
Ela é linda é, ela é linda, linda sem *makeup*

Ah, A. G. I. R. *yeah, got it, got it*
Yeaah yeaah

Sem rímel, sem, sem batom, ela foi abençoada, *yeah*
Com o olhar, com o dom de parar o trânsito na estrada

Ela é linda sem *makeup*
Ela é perfeita e quando se deita não precisa de *makeup*
Linda por dentro como é por fora

³ Nome artístico do português Bernardo Correia Ribeiro de Carvalho, nascido em 18/03/1988.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ETDM007THmk>

E se ela não notar então vou dizer-lhe
 que mesmo quando acorda
 Ela é linda sem *make up*
 Ela é linda é, ela é linda, linda sem *make up* [...]

Ah, quando ela vai sair ela quer mudar
 Por isso pinta os olhos e põe pestanas para melhorar
 Mas melhorar o quê ela já é perfeita
 Eu gosto dela de qualquer maneira
 Muitas vezes ela acha-se feia
 Pode ser que um dia ela veja que ela [...]⁵

O compositor procura valorizar a beleza natural feminina e reforçar uma beleza que está além da maquiagem repetidamente substituída pelo empréstimo linguístico *make up*. Contudo, o uso da maquiagem é aceito ao destacar que “Eu gosto dela de qualquer maneira”, ou seja, inclusive de *make up*.

Além da beleza aparente, com e sem maquiagem, o compositor sublinha as características psicoemocionais quando menciona que é “Linda por dentro como é por fora.”

Em resumo, a letra da canção portuguesa compreende a figura feminina como a representação da beleza, característica que vai além do simples culto à aparência subordinada ao uso de fatores externos, como a maquiagem, por exemplo. As dimensões da beleza atribuídas à mulher estão nas atitudes psicoemocionais e na autenticidade da figura feminina (com ou sem maquiagem). O termo *make up* poderá implicar a imagem de uma mulher moderna.

No Brasil, o uso de empréstimos linguísticos da LI é marcado pela ubiquidade e está presente na linguagem usada em interações profissionais e sociais. Os termos estrangeiros fazem parte da renovação lexical do PB e exercem esse papel envolvidos em processos transglóssicos e transculturais que transitam entre LI e a portuguesa em contato.

Quanto ao conceito de *transglossia*, Cox e Assis-Peterson (2002) afirmam que se as línguas se misturam entre si indistintamente, vazando uma na outra num processo de mestiçagem linguístico-cultural e a *transculturalidade* se aproxima da *mestiçagem* (GRUZINSKI, 2001) e *transculturalização* (ORTIZ, 1983) que podemos definir com as transmutações, trocas e reciprocidade entre culturas que se tornam misturadas, mestiças e convivem na modernidade.

As palavras da LI, ao serem usadas em nossas interações, passam por processos de adaptação e comumente são revisitadas com o timbre e características do PB, e se estabelecem como signos pautados em mudanças fonológicas, morfológicas, semânticas e, de maneira mais restrita, sintáticas.

⁵ Agir, 2016. Disponível em <https://www.vagalume.com.br/agir/makeup.html>

No caso de nosso estudo, a atenção está voltada para a transglossia nas características fonéticas dos empréstimos linguísticos de LI as quais optamos por serem manifestações de maior recorrência.

Desta forma, é importante destacar os conceitos apresentados por Coutinho (1976), Crystal (2010) e Cristófaros-Silva (2015) quanto aos tipos de mudanças de sons que auxiliaram na análise de como acontecem esses processos com base na linguagem usada pelos participantes da pesquisa. Esses autores elencam uma série de casos de mudança de sons, entre os quais destacamos e definimos aqueles que foram recorrentes nos dados que se constituem, especialmente por acréscimo de fonemas (letras de a até d), a saber: 1) *Prótese* - Introdução de um som inicial extra; 2) *Epêntese* - Introdução de um som médio;⁶ 3) *Epítese ou paragoge* - é o acréscimo de um fonema no final de uma palavra; 4) *Nasalização* - É a transformação de um fonema de vogal oral em nasal; *Africação* - Transformação de uma consoante oclusiva em africada.

Mudança linguística e uso dos empréstimos de LI

Os termos provenientes da LI quando adentram no acervo linguístico do brasileiro passam por transformações. A observância desses aspectos converge para dizer que mudanças linguísticas são operadas nesses signos. A frequência com que as línguas mudam contribui para adjectivá-la como viva, mutável e dinâmica.

Weinrich, Labov e Herzog (2006, p. 125) afirmam que “Nem toda variabilidade e heterogeneidade implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.”

Para esses autores, a mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo e fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança.

Por conseguinte, o uso de empréstimos linguísticos da LI pelos profissionais da estética e da cosmética, paralelamente oportuniza a ampliação do acervo linguístico da linguagem especializada e define mudanças em tais signos que por vezes não aderem totalmente às características sonoras do PB, mas se envolvem em um jogo de “toma lá, dá cá” e lançam seus traços linguísticos sem excluir totalmente os sons da LI.

Essas mudanças ou mestiçagens serão discutidas frente aos dados obtidos.

Estética e cosmética: linguagem e um pouco de história

A busca pela beleza por meio de cuidados estéticos e com utilização de produtos cosméticos tem feito parte da história do ser humano.

⁶ A tradução dos conceitos de prótese e epêntese apresentados por David Crystal (2010, p. 340) foram traduzidos do original pelas autoras.

Os conceitos de beleza, ou seja, de se considerar algo ou alguém belo perpassa por questões culturais manifestadas pelas sociedades, as quais podem ter acepções distintas entre elas e passarem por mudanças no decurso da história. Se os padrões estéticos de beleza podem variar de uma sociedade para outra, também a escolha de produtos cosméticos e cuidados estéticos podem ser flexíveis.

Ao longo das últimas quatro décadas, o crescimento da oferta de produtos cosméticos tem se modificado e crescido significativamente em termos de número e tornado a indústria da beleza consagra-se como um grande e bem-sucedido negócio. A busca da beleza, cirurgias e tratamentos estéticos que delineiam novas faces e novos corpos, a valorização da aparência física, frequência aos salões de beleza e clínicas de estética caracterizam comportamentos e deflagram o crescimento empresarial, comercial, ofertas de serviços e procura de qualificação e profissionalização (criação de cursos superiores de Estética e Cosmética, por exemplo).

Quando tratamos especificamente dos padrões de maquiagem, técnicas de aplicação de produtos cosméticos e tratamentos estéticos, defrontamo-nos com o diálogo entre o novo (traços de maquiagem com manuseio de materiais criados com toda a tecnologia disponível) até os mais tradicionais e antigos (criados com o auxílio de produtos mais rudimentares e naturais).

Por exemplo, de acordo com Leeds⁷, na Inglaterra, os cosméticos usados pelas mulheres na Era Elisabetana (1558-1603) são consideravelmente diferentes dos atuais. As diferenças estavam nas matérias primas: pó preto, (geralmente sulfeto de antimônio ou sulfeto de chumbo) pigmento branco, (constituído de carbonato de chumbo) e um pigmento vermelho brilhante feito de sulfureto de mercúrio. À época, o ideal de beleza que queriam alcançar e quem tinha acesso difere da situação atual. O rosto era alvo, com lábios vermelhos, destinadas apenas às mulheres mais abastadas.

Já a maior parte dos cosméticos da atualidade é produzida observando normas técnicas, com matérias-primas permitidas, de forma a não incidir em danos para a saúde.

Os padrões elisabetanos de rosto alvo, lábios vermelhos e limitação de ofertas às mulheres mais abastadas se desfazem na atualidade e percorrem outras dimensões nas quais a indústria da beleza diversifica a oferta de produtos específicos para as mulheres (e homens) brancas, negras, pardas, para todos os tons e tipos de pele, pertinentes a todas as camadas socioeconômicas e todas as faixas etárias.

As mudanças que fazem parte da história da beleza, ao longo de séculos, e da evolução da estética e cosmética permitem dizer que a linguagem que constitui essas áreas é uma instigante fonte de pesquisa e os empréstimos linguísticos da LI que são usados de maneira recorrente nas interações podem conter informações importantes destinadas à

⁷ Disponível em <http://www.elizabethancostume.net/makeup.html>. Acessado em 12/01/2016

compreensão das características fonéticas que assumem tais expressões no cenário brasileiro.

Assim, ancoradas nas discussões que constituíram este item, apresentamos o percurso e as características do estudo a seguir.

PERCURSO E CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

O estudo foi desenvolvido sob os moldes da pesquisa qualitativa de base etnográfica. Esse tipo de pesquisa busca retratar o que se passa no dia a dia do ambiente estudado, como se estruturam as ações dos envolvidos e a inter-relação entre as dimensões culturais (ANDRÉ, 1997) em busca da compreensão da realidade.

A postura do pesquisador, que tem como base a etnografia, deve ser aberta e flexível durante a coleta e análise de dados para que, segundo André (1997), possa detectar ângulos novos do problema estudado, o que possibilita ajustes durante o processo pela identificação de elementos que pode não ter sido previstos no planejamento inicial da pesquisa, mas que se fazem importantes para a análise e para a compreensão das práticas sociais. Entretanto, não pretendemos esgotar esse assunto de uso dos empréstimos linguísticos da LI relacionados ao âmbito do *make up* neste artigo. Percebemos durante esse processo que há limitações em relação ao número e contexto dos participantes bem como aos diferentes profissionais que estão nesse universo linguístico.

Nesse caso, procuramos compreender e abstrair os aspectos linguísticos acerca de características fonéticas pertinentes ao uso de empréstimos linguísticos da LI por parte de profissionais que lidam com estética e cosmética, especialmente na atividade de maquiagem e venda de produtos cosméticos.

Para direcionar os dados, elegemos as seguintes perguntas de pesquisa para nortear o estudo: 1) Quais aspectos linguísticos caracterizam o uso de empréstimos linguísticos da LI por parte dos profissionais que lidam com as áreas da estética e cosmética? 2) Os empréstimos linguísticos em uso se caracterizam por processos transglóssicos no campo da fonética?

Fases da pesquisa

Com vistas à busca de respostas para essas perguntas, estabelecermos as seguintes fases para a realização da pesquisa e apresentação dos resultados:

3. *Aprofundamento no estudo da literatura relacionada ao tema proposto* – os principais pressupostos teóricos considerados para o estudo foram discutidos no item anterior (Apoio Teórico);
4. *Elaboração de roteiro tomando por base as entrevistas qualitativas* – essa modalidade de entrevista pode ser compreendida, de forma ampla, como uma conversa direcionada para um objetivo e, de maneira flexível, descobrir as características e os fatos do que se pesquisa.

Para Rubin e Rubin (1995) citados por Justina (2006), a entrevista qualitativa tem por princípio descobrir o que os outros pensam e sabem, evitando impor aos entrevistados o mundo e os conceitos do pesquisador, isto é, os entrevistadores qualitativos estão mais interessados na compreensão e conhecimentos dos entrevistados do que em categorizar pessoas ou acontecimentos. Há flexibilidade quanto ao fluxo e escolha de tópicos para condizer com aquilo que o participante sabe e sente.

A entrevista, portanto, é vista como uma situação social, de interação dialógica, estabelecida para em determinado momento falar especificamente de um assunto. Nessa situação, tratamos sobre o uso de empréstimos linguísticos da LI e qual o perfil que tais termos assumem ao serem usados por profissionais da estética e vendedores de cosméticos.

3) *Realização de entrevistas qualitativas nos locais de trabalho dos participantes e gravação em áudio*– as entrevistas aconteceram em sessão única e levaram de 30 minutos a uma hora, variando de um participante para outro. Optamos por entrevistarmos no local de trabalho, pois é onde a linguagem circula de forma mais natural e objetiva, servindo ao entrevistador como um laboratório de uso da linguagem. Nesse sentido, dialoga com os princípios da pesquisa qualitativa de base etnográfica.

As gravações em áudio atenderam ao nosso propósito em relação ao registro dos dados e serviram-nos para cuidarmos melhor de cada detalhe apresentado ao usar a linguagem. A “conversa com propósito” foi gravada em áudio com pessoas que trabalham na área da estética e cosmética, mais especificamente com produtos de maquiagem, como vendedores cosméticos e profissionais de salão de beleza. A metodologia de gravar os diálogos se dá de forma mais precisa, como indica Silverman (2000), anotações e observações deixam escapar detalhes não perceptíveis no decorrer de uma conversa.

Por conseguinte, a opção de obter registros por meio de gravações nos permite o acesso a dados mais acurados e detalhados, os quais foram transcritos posteriormente para serem selecionados, organizados e analisados por meio da abordagem interpretativa e, especialmente, às características fonéticas apresentadas ao proferirem os termos provenientes da LI.

Contexto da pesquisa

A coleta de dados aconteceu em uma cidade de tamanho médio, localizada no norte do estado de Mato Grosso. A população é formada por pessoas provenientes de vários estados do Brasil, especialmente da Região Sul bem como pessoas nascidas no município e descendentes de migrantes dos locais mencionados.

Participantes e contexto em que exercem as atividades

Entendemos como necessário para a análise dos dados o reconhecimento do contexto profissional no qual os participantes estão inseridos, para que pudéssemos analisar as recorrências (ou não) de determinados usos linguísticos e suas características.

Os participantes da pesquisa foram duas vendedoras denominadas V1 (vendedora 1) e V2 (vendedora 2) e duas maquiadoras: M1 (maquiadora 1) e M2 (maquiadora 2).

V1: Trabalha aproximadamente há um ano e meio em uma loja que vende produtos de maquiagem e cosméticos para o rosto. A loja é franquiada de uma marca nacional a qual tem estabelecimentos por todos os estados do país. A participante passou por um breve treinamento para conhecer melhor os produtos ao ser contratada para trabalhar na loja. Atualmente, além de comercializar os produtos, a loja oferece sessões de maquiagem para seus clientes no intuito de ensiná-los e estimulá-los a usar os produtos. Dessa forma, essa participante tem convívio diário com a linguagem do *make up* usando-a em interações para apresentar e vender os produtos.

V2: É atualmente vendedora de uma loja franqueada diferente de V1 e trabalha há sete meses na loja. A franquia possui filiais espalhadas pelo país. Teve experiências anteriores com outras áreas de vendas e atendimento ao público. Ao ingressar como vendedora naquela loja, a vendedora passou por um processo de treinamento no qual aprendeu sobre os produtos e técnicas de atendimento ao público. Alguns produtos comercializados na loja, ela já conhecia e usava antes de iniciar o trabalho naquele local.

M1: É cabeleireira e maquiadora, possui seu próprio salão. É enfermeira por formação, mas escolheu o trabalho atual por gostar mais. Trabalha nesse ramo há cinco anos, sempre procura aperfeiçoamento. Em seu salão essa participante não comercializa produtos de maquiagem e manuseia-os somente nas sessões em que maquia suas clientes.

M2: É chamada pela franquia de consultora de beleza. Na prática, atua como vendedora, esteticista e maquiadora considerando que vende os produtos, faz limpeza de pele e maquia suas clientes. Integra uma franquia conhecida e comercializada em vários países e na maioria dos estados e cidades brasileiras. Para esta pesquisa, consideraremos como maquiadora, pois os dados foram coletados em uma sessão de maquiagem.

Análise interpretativa dos dados

Para fazermos uma leitura interpretativa e adequada dos dados, prestamos atenção aos sentidos e características atribuídas, às palavras e expressões da LI.

Verificamos uma acentuação de manifestações da transglossia às características fonéticas pertinentes às palavras ao serem ditas pelos participantes marcando determinados fenômenos linguísticos. Dessa forma, utilizamos a recorrência para mapearmos e classificarmos as “misturas” entre as línguas inglesa e portuguesa presentes nos dados com base em Coutinho (1976), Crystal (2010) e Cristófaros-Silva (2015).

Na análise interpretativa, de acordo com Mason (2002) baseada em Blaikie, o pesquisador está preocupado em compreender o mundo social onde as pessoas produzem e reproduzem suas atividades. A realidade consiste de significados e interpretações que os participantes dão às ações próprias ou de outros, de situações sociais e de objetos natural e humanamente criados.

A identificação das marcas fonéticas atribuídas aos empréstimos linguístico da LI em uso na linguagem de profissionais da estética e cosmética pode elucidar acerca de valores e significados obtidos por meio de entrevistas e servir de matéria-prima para a interpretação do fenômeno da presença dos termos no cenário mato-grossense.

Com base nesses pressupostos teóricos e aliados ao percurso que escolhemos para o desenvolvimento da pesquisa, os dados selecionados e organizados são analisados e discutidos de agora em diante.

CARACTERÍSTICAS FONÉTICAS E TRANSGLOSSIA PRESENTES NOS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS DA LI

A análise dos dados coletados junto aos participantes da pesquisa e aqui apresentada está embasada nas mudanças de sons apresentadas por Coutinho (1976), Crystal (2010) e Silva (2015) – entre as quais destacamos as mudanças por acréscimo de sons (prótese, epêtese e epítese). As características fonéticas da LI que serviram de apoio são as apresentadas no Dicionário Escolar Longman (DEL) publicado em 2009. O Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (DHLP) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa) também auxiliaram na consulta às palavras analisadas.

Inicialmente, apresentamos a análise de quatro palavras que se manifestaram de forma recorrente nos dados e ressaltamos que os empréstimos linguísticos analisados neste texto conservam a grafia original da LI e são comumente notados também no repertório linguístico de pessoas que não são profissionais da estética e cosmética.

Posteriormente, dispomos os dados no formato de quadros com o propósito de comparar as transcrições fonéticas das palavras selecionadas conforme são faladas pelas participantes paralelamente às transcrições apresentadas no DEL, o qual tomamos como referência em relação à transcrição fonética da LI e consultas foram feitas ao DHLP e ao VOLP.

Palavras de uso recorrente e comum

Neste item são apresentadas quatro palavras que circulam pelas interações em que o assunto seja maquiagem e cuidados com a beleza. É usada por profissionais que cuidam da beleza (esteticistas, maquiadores), por aqueles que comercializam os produtos (vendedores, representantes comerciais, proprietários de lojas, etc.) bem como por parte de pessoas comuns usuárias e interessadas nos produtos. As palavras selecionadas por recorrência são: *make-up* (à qual se associa a palavra *Make B*), *blush*, *primer* e *teen*.

Características fonéticas em uso de makeup

É comum encontrarmos a palavra *makeup* ou *make-up* em revistas que tratam sobre moda e maquiagem, em propagandas, nomes de produtos de beleza bem como nas interações ocasionais em que o assunto é maquiagem.

A participante V1 apresenta o termo que dá nome a uma linha de maquiagem da franquia que vende. Para contextualizarmos a palavra, selecionamos o seguinte excerto de V1:

EXCERTO NÚMERO	EXCERTO	PARTICIPANTE
01	Primeiro eu vou falar um pouquinho da marca, a Marca A. <i>Make-up</i> é uma linha de maquiagem brasileira que compete apenas com linhas internacionais <i>Mac, Dior, Saint Laurent [...]</i>	V1

Segundo a participante, a franquia é nacional, mas usa uma palavra inglesa para dar nome à linha que abre concorrência com linhas de empresas internacionais.

A palavra *Make-Up* compõe o nome da linha de maquiagem da Franquia A⁸ é escrita com hífen, conforme aparece em outros produtos que usam o mesmo termo. É pertinente dizer que a forma *makeup* é predominantemente aceita em língua inglesa⁹ e, em menor proporção, *make-up* como substantivo ou adjetivo. Já o termo *make up*¹⁰, escrito separadamente, é definido como um *Phrasal Verb*¹¹.

No PB, a grafia *make-up* é apresentada tanto no Dicionário Houaiss Língua Portuguesa (DHLP), edição publicada em 2009 e no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)¹² e é classificada como palavra estrangeira, originada da língua inglesa. Quando é falada por V1, percebemos que sons da língua inglesa se misturam com sons característicos do PB resultando na pronúncia [mey'kapi]. O DEL apresenta a

⁸ Nome fictício.

⁹ Em conformidade com gramáticas normativas e dicionários de língua inglesa.

¹⁰ Alguns significados de *make up* correspondentes em língua portuguesa: fazer as pazes, compensar, contribuir, compor, compensar, combinar, pintar-se etc.

¹¹ De acordo com a gramática normativa, um *Phrasal Verb* consiste em uma expressão formada por um verbo e outro elemento que pode ser preposição, advérbio ou outro verbo, podendo ainda combinar mais de um juntamente com o verbo.

¹² Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>

transcrição fonética /'meikʌp/ para essa palavra. Nas transcrições fonéticas representativas dos sons apresentados pelas participantes, se por um lado há o indicativo de que o termo assume características fonéticas do PB, em que o som [ʌ] passa a ser dito [a] e há o acréscimo do som de [i] após o [p], considerando esse acréscimo (epítese) como característico de falantes do PB, já na LI o som [i] final não se faz presente. Por outro lado, a letra “a” não assume as características fonéticas da LP, mas se aproxima daquelas da LI, em que [a] é falado [ey], ocorrência não características do PB.

Outro empréstimo linguístico que está relacionado a *make-up* é a palavra *Make B* – pronunciada por V2 [meykibi]–que dá nome a uma linha de produtos da Franquia B¹³. Esta também é uma empresa fundada no Brasil. Quanto ao nome *Make B*, há indícios de que sua composição está relacionada com *makeup*, e usada popularmente como *make* que se juntou à primeira letra do nome da Franquia B, iniciada pela letra B, que acompanha o *design* da letra que ilustra o rótulo dos produtos dessa linha.

Sobre o termo *make*, exemplificamos com uma notícia publicada *on-line* em 31/12/2016 em que destaca: “É de Casa tem *make* para o Ano Novo e dicas especiais para receber 2017.”¹⁴ A Revista Capricho, de 21 de fevereiro de 2017, publicada pela Editora Abril estampou em letras grafais “*Make* com cara de ‘dia seguinte’: você vai usar essa tendência?”. Esses são dois títulos de uma série que trazem a palavra *make* no sentido de maquiagem, aspecto delineado pelo colorido ou outros efeitos proporcionados pelo uso de cosméticos.

Mesmo que seja um termo de uso corrente na sociedade, conforme discutido acima, a participante V2 aparentemente não conhece o significado, como expõe no excerto a seguir.

EXCERTO NÚMERO	EXCERTO	PARTICIPANTE
02	V2: Maquiagem que é a linha <i>Make B</i> . A linha <i>Make B</i> envolve a linha mineral que é uma linha hipoalergênica [...] Pesquisadora: Qual o significado de <i>Make B</i> ? V2: <i>Make B</i> ? [...] Olha! Nessa você me pegou!	V2

Nesse excerto, V2 apresenta o produto com desenvoltura e demonstra ter conhecimento necessário para informar aos clientes. Todavia, quando foi-lhe questionado sobre o significado, rebate: “Olha! Nessa você me pegou!”. Essa expressão denuncia que desconhece o significado linguístico para o termo, porém, a sua função e para que se destina, comunica com conhecimento.

¹³ Nome fictício.

¹⁴ Disponível em

<http://gshow.globo.com/programas/e-de-casa/episodio/2016/12/31/e-de-casa-tem-make-para-o-ano-novo-e-dicas-especiais-para-receber-2017.html>

Nesse sentido, a atitude de V2 dialoga com a vertente da função instrumental ou pragmática (JUSTINA, 2006, 2008) ligada à necessidade das pessoas comuns cumprirem suas atividades baseadas em improvisações, experiências concretas e desempenho das tarefas em que a LI possa lhes servir aos interesses e propósitos profissionais e sociais, não o contrário.

Quanto às características fonéticas do nome *Make B* ao ser pronunciado pela vendedora, diferentemente da pronúncia em LI /meik'bi/, adapta-se à sonoridade do PB como [meykibi]. Na transcrição fonética é possível perceber que há acréscimo do fonema epentético [i] após o “k”. Em conformidade com a ocorrência de *make up*, a letra “a”, pronunciada [ey] é característica da LI, pois no PB “a” não possui tal sonoridade. A letra B é falada [bi], que caracteriza a LI, ao invés de [be] que seria no PB.

Sendo assim, esses dados convergem para dizer que a palavra *makeup* ou *make-up* bem como *Make B* se apresentam como signos mestiços e incidem em processos transglóssicos no nível fonético em que os sons da LI associados aos sons do PB caracterizam o seu uso.

Na mesma direção está a palavra *blush* que será analisada a seguir.

Características fonéticas em uso de *blush*

A grafia *blush* está registrada tanto no DHLP (2009), com a data de 1969, quanto no VOLP. É classificada em ambas as obras como palavra estrangeira, originada da LI.

Blush refere-se a um produto cosmético, especialmente usado na forma de pó ou creme e tem o objetivo de tonalizar o pômulos ou maçã do rosto para dar um ar mais saudável. É um cosmético muito usado e parte inquestionável da maquiagem completa.

Nos anos 1960 e 1970, a palavra que tinha o mesmo significado no vocabulário do brasileiro era a palavra *rouge*, escrita também na forma aportuguesada *ruge*. Ambas as grafias estão registradas no DHLP como também no VOLP, sendo a primeira como palavra estrangeira de origem francesa e a segunda de origem inglesa. *Rouge* é definido como “vermelho” no francês e *blush* significa enrubescer, corar. Se analisarmos a datação apresentada pelo DHLP, provavelmente os dois termos conviveram por algum tempo, sendo que *rouge* foi substituído por *blush* e, na atualidade, raramente é ouvido. Já *blush*, de alguma maneira, conecta-se com o aumento de uso de empréstimos da LI que vêm substituir a língua francesa no cenário mundial impulsionado pelas políticas de expansão da LI pelo mundo após a Segunda Guerra Mundial. Essa influência foi sentida da mesma maneira nos currículos escolares com a implantação da Lei das Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1961¹⁵ já que houve um período em que as línguas francesa e inglesa eram ofertadas paralelamente e a língua francesa foi, aos poucos, sendo substituída pela LI.

¹⁵ Lei 4.024 de 20 de dezembro de 1961. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso 10/02/2017.

A palavra *blush* é citada por três das participantes da pesquisa e atualmente não há uma palavra específica da LP que a substitua na linguagem da estética e cosmética.

EXCERTO NÚMERO	EXCERTO	PARTICIPANTE
03	A gente tem todos os preparativos para pele, todos os nossos produtos desde pele o <i>blush</i> , tudo que envolva pele é tudo derivado do arroz pra hidratar a pele profundamente, contendo oleosidade, linhas de expressão, poros dilatados.	V1
04	Maquiagem que é a linha <i>Make B</i> . A linha <i>Make B</i> envolve a linha mineral que é uma linha hipoalergênica que tem: batons, sombras, <i>blush</i> , base em pó [...]	V2
05	Agora eu vou usar um iluminador para destacar algumas partes do rosto, para deixar os traços mais marcados. Por exemplo, quando você passa o <i>blush</i> , vai marcar mais a maçã do rosto e o iluminador seria para passar mais na zona T.	M2

Nos excertos 3, 4 e 5, as três participantes (V1, V2 e M2) usam a palavra *blush* pronunciada [blʌʃi] enquanto o DEL apresenta a transcrição [blʌʃ]. Podemos dizer que a transglossia caracteriza esse signo, pois uma vez que a letra “u” no PB não é usada com o som de [ʌ], esta constitui-se como um fonema da LI. Já na LI não é comum o acréscimo do som de [i] após [ʃ], ou seja, novamente há ocorrência de epítese. Nesse caso, é evidenciado uma característica fonética do PB.

A transglossia também está presente no uso da palavra *primer*, porém, o caso diferencia-se por outras características fonéticas que se entrecruzam envolvendo as duas línguas, conforme discutimos a seguir.

Características fonéticas de *primer*

O termo *primer* na área da cosmética refere-se a um produto que tem por finalidade preparar a pele suavizando-a e também atua como fixador da maquiagem. Geralmente, apresenta-se na forma de creme ou gel e é um produto preparador de maquiagem para toda a face, incluindo lábios e região dos olhos (pálpebras e cílios). Há diferentes tipos para cada região do rosto e podemos encontrar outros específicos para preparar as unhas antes da aplicação do esmalte.

A palavra é constituinte dos diálogos de três das quatro participantes com as pesquisadoras de forma recorrente, conforme dados apresentados no quadro seguinte.

EXCERTO NÚMERO	EXCERTO	PARTICIPANTE
06	[...] Eu vou em seguida com o <i>primer</i> facial, amenizando os poros dilatados, linhas de expressão e aumenta a durabilidade da maquiagem contendo oleosidade, esses produtos são preparatórios para a pele toda vez que for fazer maquiagem.	V1
07	Pesquisadora: Você sempre usa esse nome mesmo, não é? V1: Isso mesmo, só <i>primer</i> facial.	
08	<i>Primer</i> , esse é o nome. Eu não uso, eu deixei de usar <i>primer</i> quando eu conheci a vitamina C.	M1
09	M2: Tem o tônico que passa antes do <i>primer</i> , o tônico é da <i>Botanicals</i> . Ele tira os resíduos deixados pelo sabonete quando você limpa a pele, pois ainda após passar o sabonete, permanecem resíduos. Pesquisadora: Você disse <i>primer</i> ... o que é o <i>primer</i> ? M2: Ele é o fixador de maquiagem.	M2

Nos excertos anteriores, o termo *primer*, pronunciado [praymeɪ], o primeiro “r” é pronunciado [r]. Portanto, distancia-se do som do fonema usado na LI e usa um fonema pertinente ao PB. Já no que se refere ao último “r”, é pronunciado [ɹ], todas as participantes usam o r como aproximante retroflexo, desta forma, há uma identificação com o “r” falado na LI. A letra “i”, por sua vez, não corresponde ao som da letra em PB, mas aproxima-se de som característico da LI. Por conseguinte, *primer* configura-se por um processo transglóssico em relação à característica fonética que é adotada por essas participantes.

Há de ser considerado o fato de que, por acaso, as quatro participantes mencionadas falam a variação linguística do PB da região norte do estado do Paraná ou do interior do estado de São Paulo em que o “r” de final de sílaba. Sendo assim, é importante salientar que há outras características fonéticas que poderão fazer parte desse empréstimo linguístico se outras pessoas que residem no contexto de estudo fossem participantes.

Características fonéticas de *teen*

Em LI, o termo *teen* é uma forma informal e reduzida de dizer *teenage*, *teenager* ou *teenaged*¹⁶. *Teens* são as pessoas que têm idade entre 13 e 19 anos (*thirteen*, *fourteen*, *fifteen*, *sixteen*, *seventeen*, *eighteen* e *nineteen*), ou seja, a idade dos *teens* que em PB corresponde a adolescentes, jovens adolescentes.

O termo popularizou-se no PB e faz parte das interações do brasileiro, seja na linguagem direta ou no espaço virtual. Em nosso contexto, circulam vocábulos como moda *teen*, revistas (*Teens*, *Topteen*, *Teens Vogue*, *Todateen*, *Luluzinha Teen*, etc.), seções de jornais

¹⁶ Significam no PB adolescência, e as duas últimas a adolescente.

(Folhateen – que integra a Folha de São Paulo) e sites nos quais se misturam palavras da LI e PB (Fala *Teen*, Febre *Teen*, entre outros) destinados ao público *teen*. Aparece em manchetes como “Clássico ‘A Bela e a Fera’ ganha versão *teen* no cinema,”¹⁷ “HQ Luluzinha *Teen* entra na polêmica e tem beijo *gay*”¹⁸ (Jornal Zero Hora, 2011, 2014)

No Brasil, a *Teen Brasil Eventos*¹⁹ promove o concurso de beleza *Miss Teen Brasil* (destinado a pessoas do sexo feminino) e *Mister Teen Brasil* (destinado ao sexo masculino). Em agosto de 2017 haverá nova versão do concurso e, no seu regulamento, aponta:

- 1.1. O Concurso Miss Teen Brasil é um concurso que promove a beleza e a cultura do público (teen) juvenil feminino em âmbito nacional e internacional além de eleger a representante brasileira para quaisquer concursos internacionais selecionados pela Diretoria Nacional e realizados anualmente em países diferentes. [...]
- 3.2. As candidatas que tenham no mínimo 14 (quatorze) anos completos e no máximo 17 (dezesete) anos de idade completos na data de inscrição municipal, estadual ou nacional, que sejam solteiras, nunca casadas e sem filhos, com altura mínima de 1,60 cm e peso proporcional à altura.²⁰

Conforme sugere o texto do regulamento, o termo *teen* é usado para referir-se a uma faixa etária específica (14 a 17 anos) que perfazem o centro da idade *teen* (13 a 19 anos). É interessante mencionar que o título do concurso reforça a ideia de representar esse público e chamar sua atenção, pois é esse o público a demonstrar interesse pelos bens de consumo destinados a si e que se identificam com o termo.

No âmbito da cosmética e estética, produtos são criados para atender esse público e tendências na maquiagem (*makeup teen*, maquiagem *teen*, kit de sombras borboleta *teen*, batom *teen*, entre outros) são elaboradas respeitando o gosto e as matérias-primas que zelam pela sensibilidade maior da pele de pessoas que se encontram em fase de desenvolvimento biológico e psicossocial a caminho da maturidade. Para atender a essas particularidades exigidas pelos *teens*, criou-se um nicho de mercado importante diante da avassaladora expansão de oferta e consumo de produtos de beleza e cuidados estéticos.

EXCERTO NÚMERO	EXCERTO	PARTICIPANTE
10	V1: São as paletas montáveis, a gente tem também aquela linha... a rosa, aquela linha rosa, <i>in model</i> . Ela também é uma linha inglês, ela é uma linha mais <i>teen</i> . Pesquisadora: Uma linha mais <i>teen</i> ? V1: Sim, uma linha mais jovial.	V1
11	Temos a estilo <i>teens</i> que é infantojuvenil e infantil.	V2

¹⁷Fonte: Jornal Zero Hora de 23/12/2011. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2011/12/classico-a-bela-e-a-fera-ganha-versao-teen-no-cinema-3606605.html>

¹⁸Fonte: Jornal Zero Hora de 06/02/2014 Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/02/hq-luluzinha-teen-entra-na-polemica-e-tem-beijo-gay-4411646.html>

¹⁹ Fonte: <https://www.missteenbrasil.com.br/>

²⁰ Fonte: <https://www.missteenbrasil.com.br/regulamento>

O sentido da palavra *teen* está presente nas declarações de V1 e V2, conforme excerto acima e são conceituadas como “jovial, infante-juvenil e infantil”. Contudo, é pertinente mencionar que produtos destinados ao público infantil normalmente são acompanhados por outro termo que é *kids*, também com origem na LI.

Nesse contexto de uso, as características fonéticas das consoantes “t” e “n” são revisitadas e recebem o timbre do PB já que *teen*, que é pronunciada na LI como /tin/ e *teens* como /tinz/ assumem as seguintes características fonéticas: [t̃i] e [t̃is] respectivamente. Desta maneira, identificamos a ocorrência de africacão do “t” e o som da letra “n” converteu-se em nasalizador do fonema [i], diferentemente da característica na LI que é um fonema consonantal nasal alveolar vozeado. Em relação à mudança de emprego do “n”, houve um processo de nasalização.

Quanto a essa mudança de fonema, Cristófar-Silva (2005, p.118) esclarece que:

O falante brasileiro de inglês tende a nasalizar a vogal que precede a consoante nasal. [...] Isso decorre do fato de que, na maioria dos dialetos do português brasileiro, uma vogal é pronunciada nasalizada quando seguida de vogal nasal - sobretudo se a vogal é tônica. [...] Essa regra - que determina que uma vogal seja nasalizada quando seguida de consoante nasal - não se aplica ao inglês. Ou seja, no inglês, a vogal é tipicamente oral quando seguida de consoante nasal [...].

Entretanto, as letras “ee” que no PB poderiam ser pronunciados com uma das variantes da letra “e” em meio de sílaba, é pronunciada como [i]. Por conseguinte, aproxima-se do som do fonema usado na LI. Com base nas características fonéticas mestiças atribuídas à palavra *teen* e *teens*, é pertinente dizer que a transglossia no nível fonético marca o uso desse termo no PB.

Palavras com mudanças sonoras marcadas especialmente por acréscimo

Nesta parte do texto, apresentamos casos de empréstimos linguísticos da LI marcadas por mudanças por acréscimo de fonemas ao serem usadas no contexto do estudo, mas que conservam características sonoras similares às que ocorrem na língua de origem. Para tanto, destacamos os casos de *prótese* (introdução de um som inicial extra), *epêntese* (introdução de um som médio) e *epítese* ou *paragoge* (acréscimo de um fonema no final de uma palavra) que foram apresentadas nos dados.

Primeiramente, tratamos da ocorrência de prótese, verificada em uma palavra falada por V2, mas que é de reconhecida e de uso comum da maioria dos brasileiros.

Mudança fonética por prótese					
PALAVRA	TRADUÇÃO PARA O PB OU FUNÇÃO QUE ASSUME NO CONTEXTO	TRANSCRIÇÕES APRESENTADAS NO DICIONÁRIO LONGMAN	CARACTERÍSTICAS FONÉTICAS APRESENTADAS PELOS PARTICIPANTES	PARTICIPANTE	FONEMA ACRESCIDO
<i>spray</i>	1. Borrifo, borrifar, pulverizar 2. É um recipiente dotado de bomba de pressão que lança produtos cosméticos, perfumes sobre a pele e cabelos.	/spreɪ/	[isp̥ey]	V2	[i]

A palavra *spray* possui “s” em início de sílaba, seguido por consoante, assim como outras palavras procedentes do inglês usadas no PB (*staff, stand, standard, stand-by, sprint, squash, stop, stress, stripper*²¹, entre outras) e integrantes das unidades lexicais apresentadas no DHLP e VOLP. Uma vez que não é uma característica fonética do PB o “s” em início de sílaba seguido de consoante, há tendência de crescer um fonema vocálico antes do “s”, geralmente o [i]. É o caso da ocorrência registrada na pronúncia de V2.

Cristófaros-Silva (2005, p. 31) afirma que se o som “s” ocorrer no início de palavras na LI, “os falantes do português tendem a inserir ‘í’ quando o som quando o som inicial ‘s’ é seguido por outra consoante.”

Todavia, o ditongo “ay” não é pronunciado [ay], mas [ey], ou seja, a letra “a” aproxima-se da sonoridade peculiar à LI considerando que “a” não corresponde ao fonema [ey] no PB.

Desta forma, exemplificamos a transglossia com base nesses dois fonemas, sendo que o processo analisado (epêntese) manifesta-se no PB e não o contrário.

A seguir, apresentamos as palavras que tiveram acréscimos por epêntese, ou seja, no meio da palavra.

²¹ Alguns significados: *staff* = conjunto de pessoas que compõem uma empresa ou instituição; *stand* = estande; *standard* = padrão, modelo, algo normal; *stand-by* = aquele que aguarda um espaço restante em avião, estado de aparelho eletrônico não desligado totalmente; *sprint* = velocidade máxima atingida por um atleta na finalização da corrida; *squash* = nome de esporte; *stop* = parar, parada, pare; *stress* = idem estresse, estado físico ou psicológico de esgotamento; *stripper* = pessoa praticante de *striptease*.

Mudanças fonéticas por epêntese					
PALAVRA	TRADUÇÃO PARA O PB OU FUNÇÃO QUE ASSUME NO CONTEXTO	TRANSCRIÇÕES APRESENTADAS NO DICIONÁRIO LONGMAN	CARACTERÍSTICAS FONÉTICAS APRESENTADAS PELOS PARTICIPANTES	PARTICIPANTE	MUDANÇA FONÉTICA E FONEMA RELACIONADO
<i>marshmallow</i>	1. Doce esponjoso e fofo. 2. Na cosmética dá nome a produtos, com o objetivo de atribuir conceitos de suavidade e fofura .	/'mɑ:ʃ'melou/	[maʃimelow]	V2	epêntese [i]
<i>Power</i>	1. Poder 2. É parte de nome de produto cosmético	/'paʊə /	[paweɪ]	V2	epêntese [e]
<i>shower</i>	1. Chuveiro 2. Termo usado em produtos destinados ao banho e também para dar nomes a produtos.	/'ʃaʊə/	[ʃaweɪ]	V2	epêntese [e]

A partir dos dados expostos acima, percebemos que os casos de epêntese passaram pelo acréscimo de dois fonemas ao serem falados pela participante da pesquisa: [i] e [e].

Em relação à palavra *marshmallow*, pronunciada [maʃimelow], o fonema epentético [i] é introduzido após o fonema consonantal [ʃ] que não é característico de finais de sílaba no PB. A grafia “sh” não é pertinente ao PB, contudo, a sonoridade aproxima-se do fonema relacionado ao som de “ch” (como em chá) e “x” (como em xadrez).

A segunda letra “a” que compõe a palavra *marshmallow*, é falada [ɛ] som que se aproxima do fonema da LI. Afinal, no PB, a letra “a” pode ser pronunciada [a] ou uma de suas variações, entre as quais não está [ɛ].

O acréscimo do fonema epentético [e] ocorre nas palavras *shower* e *power* grafadas com “e”, mas que na pronúncia da LI, é omitida. Sendo assim, uma possibilidade é de que a escrita da palavra (que preserva a grafia do inglês) influencie na manutenção do fonema quando a palavra é falada pela participante V2.

Por outro lado, a letra “o” tanto da palavra *shower* como de *power*, não é falada [o] ou [ɔ], variantes do PB, mas são pronunciados, em ambas as palavras, [a]. Esse fonema é característico da LI.

Mudanças fonéticas por epítese					
PALAVRA	TRADUÇÃO PARA O PB OU FUNÇÃO QUE ASSUME NO CONTEXTO	TRANSCRIÇÕES APRESENTADAS NO DICIONÁRIO LONGMAN	CARACTERÍSTICAS FONÉTICAS APRESENTADAS PELOS PARTICIPANTES	PARTICIPANTE	MUDANÇA FONÉTICA E FONEMA RELACIONADO
<i>flash</i>	Piscar, luz, claro, rápido como luz Nome de produto	/flæʃ/	[ˈfleʃi]	V2	epítese [i]
<i>lash</i>	Cílio Termo usado para nomear produtos cosméticos, especialmente aplicáveis nos olhos	[læʃ]	[ˈleʃi]	M2	epítese [i]
<i>light up</i>	Acender e no contexto Nome de produto cosmético	/laɪtʌp/	[ˈlayrˈapi]	V1	epítese [i]
<i>magic</i>	Magia, mágico, mágica Nome de produto cosmético	/ˈmædʒɪk/	[meʒiki]	V2	epítese [i]
<i>makeup</i>	Maquiagem Termo usado geralmente para significar maquiagem	/ˈmeɪkʌp/	[meykapi]	V1	epítese [i]
<i>night</i>	Noite Nome de produto cosmético para uso noturno	/naɪt/	[ˈnayʃi]	V2	epítese [i]
<i>pancake</i>	Na culinária é o bolo de panela Pó facial compacto	/ˈpæŋkeɪk/	[pãkeiki]	V1	epítese [i]
<i>sweet</i>	Doce, gentil, amável, agradável Nome de produto cosmético	/swi:t/	[suyʃi]	V2	epítese [i]
<i>drag queen</i>	Travesti caricata, tem função na frase de indicar exagero. Referência a maquiagem carregada, excessiva	/drˈæɡ/ /kwɪn/	[dɾeɡi] [kwɪ]	M1	epítese [i]
<i>TimeWise</i>	Significa tempo sábio. Na cosmética nomeia uma linha de produtos de uma franquia.	[taɪm] [waɪz]	[ˈtaymi] [ˈwayzi]	M2	epítese [i]
<i>makeup</i> ²²	Maquiagem Termo usado geralmente para significar maquiagem	/ˈmeɪkʌp/	[meykapi]	V1	epítese [i]
<i>Make B</i>	<i>Make</i> significa fazer, mas aqui está ligado à palavra <i>make-up</i> Dá nome a uma linha de produtos de uma franquia	/meɪk/ /bi/	[meyki] [bi]	V2	epítese [i]
<i>blush</i>	Significa enrubescer, corar Produto cosmético destinado a colorir a maçã do rosto.	[blʌʃ]	[ˈblʌʃi]	V1 V2 M2	epítese [i]

²² As palavras *make-up*, *Make B* e *blush* já foram discutidas na primeira parte da análise. Foram retomadas no quadro referente à epítese com o objetivo de mostrar o seu agrupamento a essa ocorrência.

No que se refere às palavras anteriores, nas quais enfatizamos a epêntese como é o marcador de característica de fonemas do PB, não queremos limitar a sonoridade do PB a essa categoria, pois há outros fonemas pertinentes às palavras que, ao serem usados pelos participantes, apresentam características do PB, inclusive se observarmos a entonação e acentuação. Além desse aspecto, há fonemas da LI e do PB que possuem sonoridade bastante aproximada, tornando-se difícil a detecção exata e definição para afirmarmos categórica determinando a qual língua pertence.

Doravante, passamos a tratar sobre os casos de epêntese, ou seja, acréscimo de fonema no final da palavra. A epêntese foi a ocorrência de maior número de palavras mencionadas pelas participantes.

Mudanças fonéticas por epêntese					
PALAVRA	TRADUÇÃO PARA O PB OU FUNÇÃO QUE ASSUME NO CONTEXTO	TRANSCRIÇÕES APRESENTADAS NO DICIONÁRIO LONGMAN	CARACTERÍSTICAS FONÉTICAS APRESENTADAS PELOS PARTICIPANTES	PARTICIPANTE	MUDANÇA FONÉTICA E FONEMA RELACIONADO
<i>flash</i>	Piscar, luz, claro, rápido como luz Nome de produto	/flæʃ/	[ˈfleʃi]	V2	epêntese [i]
<i>lash</i>	Cílio Termo usado para no-mear produtos cosméticos, especialmente aplicáveis nos olhos	[læʃ]	[ˈleʃi]	M2	epêntese [i]
<i>light up</i>	Acender e no contexto Nome de produto cosmético	/laɪtʌp/	[layrˈapi]	V1	epêntese [i]
<i>magic</i>	Mágia, mágico, mágica Nome de produto cosmético	/ˈmædʒɪk/	[meʒiki]	V2	epêntese [i]
<i>makeup</i>	Maquiagem Termo usado geralmente para significar maquiagem	/ˈmeɪkʌp/	[meykapi]	V1	epêntese [i]
<i>night</i>	Noite Nome de produto cosmético para uso noturno	/naɪt/	[nayıʃi]	V2	epêntese [i]
<i>pancake</i>	Na culinária é o bolo de panela Pó facial	/ˈpænkɛɪk/	[pākeiki]	V1	epêntese [i]

	compacto				
<i>sweet</i>	Doce, gentil, amável, agradável Nome de produto cosmético	/swit/	[suyʃi]	V2	epítese [i]
<i>drag queen</i>	Travesti caricata, tem função na frase de indicar exagero. Referência a maquiagem carregada, excessiva	/dr'æg/ /kwɪn/	[dregɪ] [kwɪ]	M1	epêntese [i]
<i>TimeWise</i>	Significa tempo sábio. Na cosmética nomeia uma linha de produtos de uma franquia.	[taim] [waɪz]	[taymi] [wayzi]	M2	epítese [i]
<i>makeup</i> ²³	Maquiagem Termo usado geralmente para significar maquiagem	/meɪkʌp/	[meykapi]	V1	epítese [i]
<i>Make B</i>	<i>Make</i> significa fazer, mas aqui está ligado à palavra <i>make-up</i> Dá nome a uma linha de produtos de uma franquia	/meɪk/ /bi/	[meyki] [bi]	V2	epítese [i]
<i>blush</i>	Significa enrubescer, corar Produto cosmético destinado a colorir a maçã do rosto.	[blʌʃ]	[blʌʃi]	V1 V2 M2	epítese [i]

Nas vozes das participantes V1, V2, M1 e M2 todas as palavras elencadas no quadro anterior apresentaram o acréscimo do fonema [i] no final de cada uma. Na LI não aparece esse fone, mesmo que no caso de *pancake*, *make*, *time* e *wise* tenham a letra “e” na grafia, não é pronunciada. Contudo, ao ser usado no PB, o fonema final aparece como [i].

Nessa direção, Cristófaros-Silva (2005, p. 28) afirma que: “O falante do português brasileiro tende, tipicamente, a inserir uma vogal após a consoante final. Esse aspecto é típico da pronúncia do falante brasileiro de inglês.”

²³ As palavras *make-up*, *Make B* e *blush* já foram discutidas na primeira parte da análise. Foram retomadas no quadro referente à epítese com o objetivo de mostrar o seu agrupamento a essa ocorrência.

Concordamos com a autora e destacamos que nas características fonéticas do PB, não é comum que as palavras terminem com determinados sons consonantais, por isso, nesses casos tende-se a acrescentar uma vogal.

Sendo assim, o caso de epítese marcado pelo acréscimo do fonema [i] após os fonemas [ʃ], [p], [k], [t], [g], [m] e [z], que aparecem nos dados da pesquisa, como também em outros, é uma característica do PB.

Contudo, todas as palavras listadas mantêm pelo menos um som que se aproxima da LI, a saber:

1) *Flash, lash, magic* e *drag* (de *drag queen*) – o som da letra “a”, pronunciado [ɛ], aproxima-se das características fonéticas da letra “a” falado em LI;

2) *Light up, night, time* e *wise* – o som da letra “i” é falada [ai], semelhante ao som usado em LI. No PB, não há pronúncia da letra “i” como [ai]. Um aspecto interessante a ser observado na palavra “up” (preposição que compõe *light up* e *make up*), na qual a pronúncia da letra “u”, mesmo que se aproxime do fonema vocálico [ʌ], diferencia-se e passa a ser pronunciado [a]. Já no PB não há casos nos quais a pronúncia da letra “u” seja [a];

3) *Pancake* e *ultimate* – no caso dessas palavras, assim como *time* e *wise* citadas no item 2, mesmo que sejam grafadas com a vogal “e” após a consoante “t”, quando faladas na LI seu som é omitido em ambas as palavras. Por esse motivo, consideramos pertinente à ocorrência de epítese. Entretanto, a segunda letra “a” da palavra *pancake* e a mesma letra de *ultimate* são faladas com o som do ditongo [ei]. É uma característica sonora da LI considerando que o PB não emprega esse som para representar a letra “a”.

4) *Sweet* – palavra transcrita foneticamente [suyʃi], de acordo com seu uso em PB, ou seja, o som de [y] atribuído às letras “ee” se aproxima do som da LI, uma vez que no PB “ee” em sílaba média não possui tal sonoridade. Essa ocorrência dialoga com a palavra *queen* (de *drag queen*).

Nos exemplos anteriores, sublinhamos os casos de epítese com representante das marcas fonéticas do PB nos empréstimos linguísticos de LI. Destacamos pelo menos um caso de cada palavra listada em que há indícios da permanência de características fonéticas da LI, como língua de origem de tais termos, porém ficaria muito abrangente e inconveniente para esse espaço de publicação.

Outros fonemas também poderiam servir para ilustrarmos o que chamamos de transglossia, pelo fato de características das duas línguas fazerem parte desses signos quando em uso no contexto brasileiro.

Por conseguinte, os casos de prótese, epêntese e epítese nas palavras analisadas constituem características do PB. É a marca fonética impressa pelo brasileiro em signos que conservam a grafia em LI. Esse aspecto reforça a ideia de que a mudança ocorre, inicialmente, no nível fonético do empréstimo linguístico.

Todavia, a preservação de fonemas que se aproximam da sonoridade da LI contribui para a compreensão de que esses signos transpassam a barreira uníssona de uma língua apenas para retumbar em signos mestiços.

Portanto, essas profissionais das áreas da estética e da cosmética ainda têm muito a dizer para as ciências da linguagem, como usuárias e conhecedoras do universo linguístico do qual faz parte de suas atividades cotidianas. Indicamos, pois, esse campo fértil de informações para futuras pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseadas nos dados apresentados pelas quatro participantes, e em consonância com Cox e Assis-Peterson (2002), percebemos que as características fonéticas tanto da LI como do PB estão presentes na sonoridade desses signos, dialogam com a noção de transglossia em que as línguas se misturam entre si indistintamente, vazando uma na outra em um processo de mestiçagem linguístico-cultural.

Por conseguinte, os signos mestiços são constituintes das interações das áreas da estética e cosmética, embora não passamos impor um círculo fechado e restrito à linguagem dessa esfera profissional, pois a linguagem desses profissionais transpõe a área e chega até o cliente. Assim, o círculo linguístico toma uma proporção abrangente e é possível que passe a integrar o acervo linguístico da clientela, em sua maioria, formada de pessoas comuns.

A preocupação maior das participantes não está em compreender o significado linguístico, mas a função do produto, que pode ser identificado pela qualidade e para qual finalidade de uso é destinado para atender à necessidade do usuário.

As ocorrências de prótese, epêntese e epítese, nesses dados não estão na mesma proporção, sendo que a epítese é o caso mais recorrente e ocasionado pela inserção do fonema [i]. Portanto, compreendemos que seja o caso mais recorrente na mudança linguística por acréscimo.

Poucos foram os casos destacados na análise. Somamos à prótese, epêntese e epítese, a nasalização e africacão. Contudo, não significa dizer que nessas palavras ocorrem apenas essas mudanças fonéticas.

Carvalho (2009) aponta que, na língua portuguesa, as consoantes desacompanhadas, iniciais ou finais, estranhas ao sistema fonológico, desenvolvem [e] protético ou paragógico na escrita, como *stress* - estressante. Desta maneira, compreendemos que há influência dos traços fonéticos que a palavra adquire e, aos poucos, influencia na morfologia. Mesmo que a autora não tenha mencionado a epêntese, detectamos a sua ocorrência. Todavia, concordamos com a autora que ressalta a importância de conhecermos as mudanças fonéticas para melhor compreendermos os motivos pelos quais a morfologia de uma palavra originária de outra língua chega a determinar características.

Outra questão importante a ser observada, é de que foram considerados os sons da LI baseados em apenas um tipo de transcrição que não considera outras variações, pois poderia ampliar muito a discussão deste artigo.

Coincidentemente, as participantes usam variação linguística semelhante em si, similar ao falar do norte do Paraná e interior de São Paulo. Por exemplo, o “r” retroflexo no final de sílabas. É uma variação bastante usada no contexto de estudo, mas que não é a única. Dadas às condições históricas da formação da população do contexto da pesquisa, uma cidade relativamente jovem e possuir migrantes de vários estados brasileiros, variantes linguísticas de outras regiões que transitam no local seriam importantes se fossem consideradas.

Por fim, entendemos que os empréstimos linguísticos são importantes para a renovação do acervo lexical do PB e estão conectados com os processos do mundo pós-moderno em que a linguagem em uso é dinâmica. As palavras podem ser temporárias ou permanentes. Assim, procurarmos a compreensão de seus significados, é importante para todos nós, mesmo que em cada atividade profissional ou social, os sentidos se ampliem significativamente.

REFERÊNCIAS

- AGIR, **Canção Makeup**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/agir/makeup/>. Acesso em 15 de janeiro de 2017.
- ANDRÉ, M. E. D. A. Tendências atuais da pesquisa na escola. **Caderno CEDES**, Campinas, vol.18, n.43, Dec./1997.
- COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. Transculturalidade & Transglossia: para compreender o fenômeno das fricções linguístico-culturais em sociedades contemporâneas sem nostalgia. In: Bortoni-Ricardo, Stella M. e Cavalcanti, Marilda C. (orgs.), **Transculturalidade, Linguagem e Educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 23-43, 2007.
- ASSIS-PETERSON, A. A. Como ser feliz no meio de anglicismos: processos transglóssicos e transculturais. **Revista Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas,47(2):323-340, jul./dez, 2008.
- CARVALHO, N. **Empréstimos Linguísticos na Língua Portuguesa**. São Paulo: Ed. Cortez, 2009.
- CORREIA, M.; ALMEIDA, G. M. B. **Neologia em Português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- COUTINHO, I. L. **Gramática Histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CRISTÓFARO-SILVA, T. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. SP: Ed. Contexto, 2015.
- _____. **Pronúncia do Inglês - para falantes do português brasileiro - os sons**. Belo Horizonte-MG: FALE/UFMG, 2005.

CRYSTAL, D. **The Cambridge Encyclopedia of Language**. Third Edition. Cambridge-UK: Cambridge University Press, 2010.

GARCEZ, P. e ZILLES, A. M. S. Estrangeirismos – desejos e ameaças. In: FARACO, C. A. (Org.). **Estrangeirismos – Guerras em Torno da Língua**. São Paulo: Ed. Parábola, 2001. p. 15-36.

ILARI, R. Transformações da Língua. In: PINSKY, J. (Org.) **O Brasil no Contexto: 1987-2007**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 150-167.

JUSTINA, O. D. **Presença e Uso de Anglicismos no Cotidiano Brasileiro**: a visão de pessoas comuns. Cuiabá, MT: 2006. Dissertação. (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso.

____. A visão de pessoas comuns sobre anglicismos: três vertentes que permeiam a questão. In: ASSIS-PETERSON, A.A. (org.) **Línguas Estrangeiras**: para além do método. São Carlos: Pedro & João/ Cuiabá: EdUFMT, 2008. p. 55-76

____. Empréstimos Linguísticos da Língua Inglesa em Nomes de Esportes: processos na criação lexical da língua portuguesa. **Revista de Letras Norte@mentos**: Estudos Linguísticos, Sinop, v. 8, n. 16, p. 79-101, jul./dez. 2015.

ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993 e 2003.

PENNYCOOK, A. **The Cultural Politics of English as an International Language**. London and New York: Longman, 1994.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma Linguística Crítica – linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

____. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil. In: Lacoste, Y. e Rajagopalan, K. (Org.). **A Geopolítica do Inglês**. São Paulo: Editora Parábola, 2005. p. 136-159.

REGULAMENTO OFICIAL CONCURSO MISS TEEN BRASIL 2017/2018. Disponível em: <https://www.missteenbrasil.com.br/regulamento>. Acesso 19 de janeiro de 2017.

SILVERMAN, D. **Interpreting Qualitative Data**. 2 ed. London: SAGE Publications, 2000.

WEINRICH, U; LABOV, W.; HERZOG, M.I. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística**. Trad. Marcos Bagno.SP: Ed. Parábola, 2006.

SITES CONSULTADOS DE DIVULGAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS DESTINADOS À ESTÉTICA E COSMÉTICA:

ADORO MAQUIAGEM. Disponível em: <http://www.adoromaquiagem.com.br/>

AVON. Disponível em <http://www.avon.com.br/>

CONTÉM1G BEAUTY. Disponível em: <http://www.contem1g.com.br/>

ÉPOCA COSMÉTICOS. Disponível em <http://www.epocacosmeticos.com.br/dior>

MAC COSMÉTICOS. Disponível em <http://www.maccosmetics.com.br/makeup-services>

MARY KAY: Disponível em https://www.marykay.com.br/pt-br/tips-and-trends/makeup-artist-looks?iad=home_minibanner1_looks_inspirar

SEPHORA. Disponível em <http://www.sephora.com.br/make-up-for-ever/maquiagem/face/palette-pro-sculpting-face-21910>

STRAWBERRY NET. Disponível em <https://br.strawberrynet.com/makeup/>

TOPONÍMIA E (I)MIGRAÇÃO NO NORTE DE MATO GROSSO: OS ANTROPÔNIMOS EM NOMES DE FAZENDA EM SORRISO - MT

Fernando Hélio Tavares de Barros
 Lucas Löff Machado
 Neusa Inês Philippsen

APRESENTANDO O ASSUNTO

A porção norte de Mato Grosso tornou-se uma zona de interesse da Dialetoologia brasileira contemporânea¹, motivada por sua história de mobilidade e recente colonização agrícola (1960-1980). Por conta desse jovem assentamento linguístico do português e sua constituição heterogênea, a Dialetoologia tradicional o considera um território linguístico incomparável (NASCENTES, 1923), no entanto, para a visão pluridimensional e relacional, trata-se de um território caracterizado pela mobilidade e extremo contato linguístico intervareta.

A colonização majoritariamente sulista que se deu em alguns pontos desse território se mostra interessante na perspectiva dialetológica justamente por seu caráter *topodinâmico* (THUN, 1996), o que, para os estudos de língua e (i)migração, se concebe como uma joia preciosa a ser documentada.

O estudo do léxico é, nesse sentido, uma das veias de pesquisa na visualização dos contatos linguísticos entre grupos de matrizes distintas e substratos de língua(s) minoritária(s) em campo de língua majoritária².

A Onomástica, ciência que se atém a um estudo particular do léxico - os nomes -, se dispõe como uma alternativa na percepção e identificação de minorias linguísticas em um espaço sociogeográfico. Foi com esse propósito que, por meio dos trabalhos do projeto *Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso* (DIVALIMT)³, constituiu-se o *Corpus toponomástico alóctone da Região Norte de Mato Grosso*. Este tem como propósito reunir a toponímia de (i)migração nos municípios norte mato-grossenses. Trata-se de uma contribuição tanto aos estudos onomásticos (toponímia e antroponímia), à Lexicografia e Lexicologia, quanto aos da área da Italianística, Germanística, Lusitanística e aos de difusão geográfica dos Nomes de Família⁴.

OS NOMES DE LUGARES (A TOPONÍMIA) E DE PESSOAS (ANTROPONÍMIA)

A Onomástica é um desdobramento da Lexicologia que estuda a origem dos nomes próprios. Ela se subdivide nos estudos de antroponímia (do grego *anthropos*

¹ Referimo-nos aos trabalhos de Philippsen (2013), Figueiredo (2014), Tavares de Barros (2014) e Cubas (2015).

² "La historia del léxico es una parte de la historia misma. Todos los cambios en el vocabulario se relacionan, de algún modo, con cambios políticos y culturales" (LÜDTKE, 1974, p. 31, *apud* SEABRA, 2004).

³ Projeto coordenado pela Prof^ª Dra. Neusa Inês Philippsen (UNEMAT, Sinop).

⁴ Nesse artigo, paralelo ao termo *Nomes de Família* também são usados os *antropônimo*, *sobrenome* ou *cognome familiar*.

‘homem’ e *onoma* ‘nome’) e toponímia (do grego *topos* ‘lugar’ e *onoma* ‘nome’)⁵. A primeira se ocupa dos prenomes, Nomes de Família e pseudônimos, a segunda dos nomes de lugares.

Na visão de Baylon e Fabre (1982, p.11-12), a antroponímia se propõe a contribuir fundamentalmente com o estudo de certos movimentos populacionais, ou seja, povoamento e despovoamento de uma dada região. Assim como a toponímia e a microtoponímia que, portanto, possibilitam estudar a ocupação do território pelas culturas.

Nesse estudo, nos ocupamos da toponímia, disciplina que se tornou ciência autônoma na França principalmente com os estudos do linguista Auguste Longnon (1844-1911) e, posteriormente, Albert Dauzat (1877-1955)⁶, quando a pesquisa onomástica se tornou, de maneira específica, domínio de linguistas e filólogos (BAYLON e FABRE, 1982, p. 39). No Brasil, os estudos de toponímia seguem majoritariamente a taxonomia de Dick (1990), esta configurada nas bases teóricas de Dauzat (1877-1955). As contribuições da imigração - ou seja (de nomes alóctones) na toponímia brasileira é um dos temas contemplados por Dick (1988), Frosi et al. (2008), Seabra (2004)⁷ e Filgueiras (2011).

Dentro desse contexto teórico, os estudos que aqui especificamente nos interessam são os de toponímia antroponímica. Ainda de maneira particular os sobrenomes familiares em nomes de lugares, o que na taxonomia de Dick (1990) são categorizados como antropotopônimos. Essa divisão taxonômica consiste no estudo de nomes de lugares (topônimos) constituídos por meio de prenomes (Maria), sobrenomes de família (Sousa), a combinação dos dois (Maria Sousa), e alcunhas (Xirú, Mané, Neguinho, etc).

Nosso interesse com a recolha de Nomes de Famílias no espaço geográfico denominativo é a visualização dos grupos alóctones na diatopia norte mato-grossense. Quais dos grupos selecionados possuem maior/menor representatividade na arquitetura antropotoponímica urbana e rural dessa área geográfica, e, o que isso pode revelar para os estudos futuros.

Em área de (i)migração, a nomeação de lugares são, frequentemente, homenagens a personalidades da classe política (vereadores, prefeitos etc.), comunitária (pioneiros, professores etc.), familiar (membro destacado de uma família), eclesiástica (padres, bispos etc.) locais ou não. Em regiões de colonização recente, a toponímia antroponímica manifesta também a intenção de demarcar a posse do território ocupado (SEABRA, 2004, p. 353), pois “con frecuencia la tierra fue designada a partir del nombre de su propietario”. (GONZÁLEZ E KREMER, 2001, p.870). Nesse processo, o Nome de Família se infla de uma carga simbólica e social de poder e prestígio advindos dos bens materiais denominados.

⁵ Baseado em Baylon e Fabre (1982, p. 06).

⁶ De acordo com Sindou (1993).

⁷ No que tange à imigração e territorialidade portuguesa na Região do Carmo - MG.

A presença dos antropônimos em forma de topônimos é, portanto, uma maneira de cristalizar no tempo o respeito às personalidades e grupos escolhidos, assim como os feitos como parte da lembrança coletiva do lugar. Nesse sentido, Dauzat (1951, p.06) elucida que os nomes de lugares “portent sur leur visage, l’empreinte des civilisations passées.”⁸

OS ANTROPÔNIMOS EM NOMES DE FAZENDAS EM SORRISO - MT

O *corpus* aqui apresentado reuniu nomes de diferentes origens na toponímia rural de Sorriso constituído particularmente pelos nomes de fazendas.

Sorriso - MT, município situado na microrregião do Alto Teles Pires, foi emancipado em 1982. Sua colonização se iniciou na década de 1970, fruto dos empreendimentos da Colonizadora Sorriso Ltda (atual Co. Feliz) que atraiu para o seu projeto pequenos produtores rurais capitalizados (CUSTÓDIO, 2005). Atualmente, em torno de 22.432 pessoas do total de 66.521 da população local são nascidas na Região Sul do Brasil (IBGE 2010).⁹ Os sulistas advêm de um contexto no qual já se encontrava a prática de designar acidentes ou espaços geográficos com antropônimos que expressassem relação de causa entre o imigrante e o espaço (DICK, 1988).

Por serem os pioneiros, os sulistas constituem a maioria dos grandes latifundiários em Sorriso - MT. Sendo a produção de soja, arroz, milho e algodão os principais produtos da região, nesta que é considerada uma das mais importantes fronteiras agrícolas do país.

O objetivo nesse estudo foi descrever o mosaico microtoponímico desse Município por meio do *Mapa Municipal Estatístico de Sorriso - MT* (IBGE, 2010) com a escala de 1: 250,000. Nesse trabalho se considerou os antropônimos em nomes de fazendas como objeto central de recolha e análise.

A microtoponímia constituída pelos nomes de fazendas revela não só uma face da composição étnica local, como também um testemunho da história de mobilidade (topodinâmica) dos migrantes. Algumas categorias toponímicas se colocam, nessa situação, ao lado dos antropônimos. Como o caso dos etnotopônimos nas fazendas *Riograndense*, *Dos Gaúchos*, *4 Gaúchos*, *Marauense*¹⁰, *Videirense*¹¹, além do hidrônimo *Córrego dos Gaúchos*. Há, na sequência, formas que aparentam ser topônimos transplantados¹² (DICK, 1982). Aí se encontram os nomes de fazendas que possuem homônimos no/em: a) **Rio Grande do Sul:** *Pirapó*, *Carazinho*, *Soledade* (2 registros), *Farroupilha*, *Garibaldi*, *Getúlio*

⁸ “trazem sobre seu rosto, as marcas das civilizações passadas” (DAUZAT, 1951, p. 06) (tradução própria).

⁹ IBGE cidades

:<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=510792&search=mato-grosso|sorriso|infograficos:-informacoes-completas>. Acesso: 22.02.2016.

¹⁰ Sua origem advinda do município de Marau - RS é uma hipótese.

¹¹ Sua origem advinda do município de Videira - SC é uma hipótese.

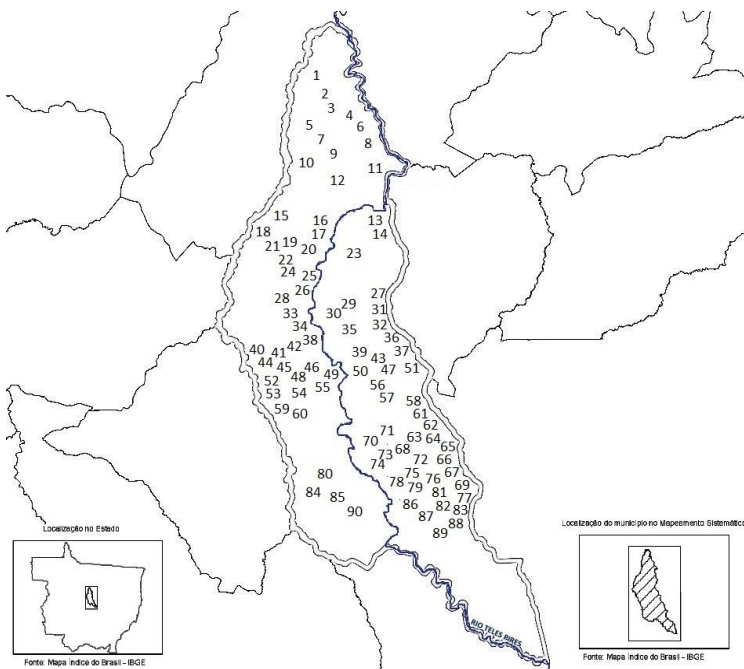
¹² “Este é o designativo geográfico que existe como tal em um determinado espaço e que passa a integrar a nomenclatura de outra região qualquer, trazido pelo próprio povo que emigrou, ou influenciado por um mero mimetismo. Nessa noção está implícito o sentido de ‘deslocamento’ ou ‘mudança’ (DICK, 1982, p. 83).

Vargas, Palmeira das Missões, Santa Rosa, Vista Alegre e Sarandi (este também presente no PR); b) **Paraná:** Marmeleiro, Cascavel, Realeza, Toledo, Pérola, Arapongas, Maringá, Céu Azul e Pato Branco; c) **Santa Catarina:** Ipuaçú e Blumenau (3 registros); e d) **São Paulo:** Indiaporã. Ainda se faz necessário agregar as formas que, de certo modo, expressam ora termos do gauchismo e do tropeirismo, ora uma nostalgia da terra deixada na diáspora toponímica: Faz. *Querência* (2 registros) e Faz. *Tropeiro Velho*.

Apesar de encontrarmos essa diversidade toponímica, nos concentramos nas ocorrências de toponímia antroponímica, ou seja, nos Nomes de Famílias em denominações de fazendas. A tarefa era, portanto, separá-los por origem etimológica, os descrevendo em forma de fichas lexicográficas, quantificá-los e cartografá-los conforme o grupo etnolinguístico que cada antropônimo pertence.

Constatou-se que 26% do total – 100% – dos nomes de fazendas de Sorriso - MT eram constituídos por antropônimos. A espacialização dessa toponímia antroponímica se dispõe no mapa a seguir:

Mapa 1 – Localização dos antropônimos em nomes de fazendas em Sorriso – MT



Fonte: autoria nossa / Base cartográfica: Mapa Municipal Estatístico IBGE 2010 / Escala: 1: 250,000

Tabela 01- Lista de antropônimos em nomes de fazendas

01 Faz. Rubin (a)	31 Faz. Irmãos Bedin	61 Faz. Caravaggio
02 Faz. Baratto	32 Faz. Alves	62 Faz. Barichello
03 Faz. Znazi ¹³	33 Faz. Corlassoci	63 Faz. Parizzi
04 Faz. Celson Bedan	34 Faz. Santori	64 Faz. Toledo II
05 Faz. Scariot	35 Faz. Salvati	65 Faz. Toledo III
06 Faz. Gubert	36 Faz. Davoglio	66 Faz. Picoli
07 Faz. Garibaldi	37 Faz. Vedana	67 Faz. Costareli
08 Faz. Piva	38 Faz. Brandão	68 Faz. Zonta
09 Faz. Pressi	39 Faz. Bedin	69 Faz. Vale do Rio Polleto
10 Faz. Cella	40 Faz. Pigato	70 Faz. Rifel
11 Faz. Maggi	41 Faz. Blumenau (a)	71 Faz. Jair Veber
12 Faz. Eldo Freider	42 Faz. Zankin	72 Faz. Zonta II
13 Faz. Santana (a)	43 Faz. Santana (b)	73 Faz. Calcário Sousa
14 Faz. Wilson Basso	44 Faz. Nardino	74 Faz. Mariani
15 Faz. Bassani	45 Faz. Blumenau (b)	75 Faz. Machado
16 Faz. Mazzardo	46 Faz. Gemmi	76 Faz. Carillo
17 Faz. Rubin (b)	47 Faz. Rondon	77 Faz. Toledo
18 Faz. Muller	48 Faz. Brescansin (a)	78 Faz. Sousa
19 Faz. Simon	49 Faz. Colombo	79 Faz. Falchetti
20 Faz. Donato	50 Faz. Manfroi	80 Faz. Liberalli
21 Faz. Bertol	51 Faz. Casarin	81 Faz. Lodi
22 Faz. Possamai	52 Faz. Irmãos Cella	82 Faz. Bonetti
23 Faz. Lunardelli	53 Faz. Zoldan	83 Faz. Prediger II
24 Faz. Germiniani	54 Faz. Gaspar (a)	84 Faz. Picolli
25 Faz. Chiapetti II	55 Faz. Garcia	85 Faz. Munaretto
26 Faz. Camicia	56 Faz. Zanchetin	86 Faz. Jacob
27 Faz. Rocco	57 Faz. Santin	87 Faz. Bonfanti
28 Faz. Lemanski	58 Faz. Balbinote	88 Faz. Brescansin (b)
29 Faz. Vigoli	59 Faz. Favareto	89 Faz. Rossato
30 Faz. Daroit	60 Faz. Favareto (b)	90 Faz. Gaspar (b)

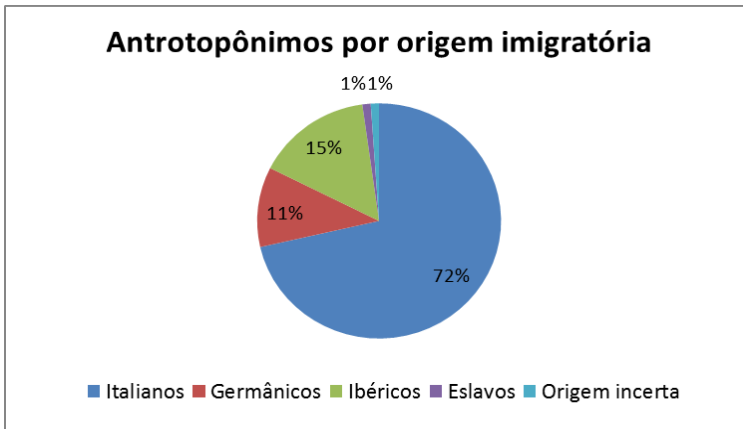
Obs: Esta lista contempla apenas as formas antroponímicas encontradas na Lexicografia consultada.

Os antropônimos foram classificados em quatro grupos, os quais apresentaram diferentes proporções: italiano (65 topônimos), ibérico (15 topônimos), alemão (10 topônimos), eslavo (1 topônimo) e origem incerta (1 topônimo).

¹³ Na Lexicografia encontramos a forma *Zanazi* (DE FELICE, 1992, p. 270), entendemos que se trata dessa forma antroponímica.

O gráfico 1 possibilita-nos observar que os Nomes de Família de origem italiana compõem a maioria na constelação antroponímica, o que parece condizer com a realidade da antrotoponímia urbana de Sorriso - MT, fato a ser discutido em outra oportunidade.

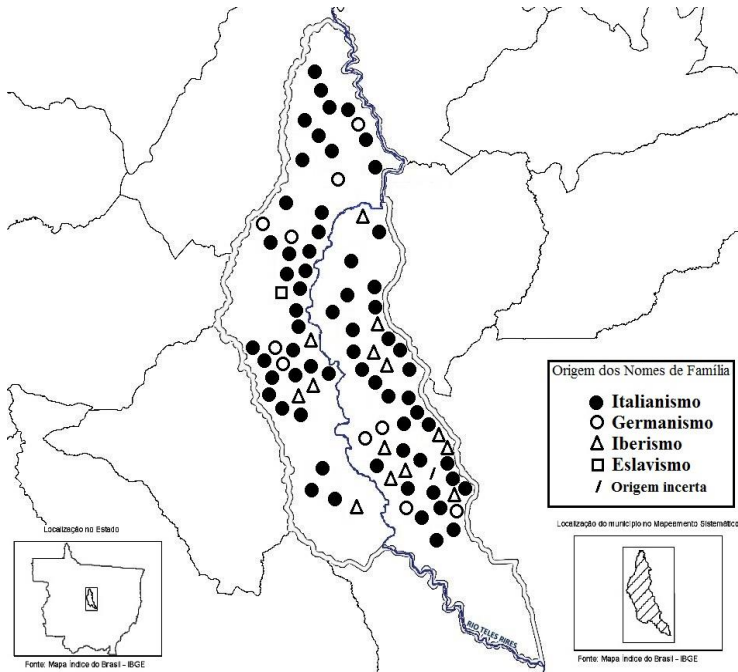
Gráfico 1: Produtividade dos antropônimos



Fonte: baseado nos dados da carta, IBGE 2010

Com a meta de visualizar a configuração antroponímica na diatopia, cartografamos cada antropônimo, conforme o ponto geográfico de sua fazenda nomeada, por meio do uso de diferentes símbolos para cada elemento alóctone: (Q) italiano, (E) germânico, (□) eslavo e (Δ) ibérico. A escolha dos símbolos e suas cores (preto e branco) se guiou pela simplicidade e clareza da carta aos olhos do leitor. Uma maneira de fugir da tentação que cai parte considerável dos trabalhos da Dialetoлогия tradicional: a de cartografar as formas usando símbolos que dificultam a visualização e que não possibilitam ao leitor formar isoglossas.

Mapa 2: Disposição diatópica dos antropônimos em nomes de fazendas em Sorriso - MT



Fonte: autoria própria / Base cartográfica: Mapa municipal estatístico IBGE 2010 / Escala: 1: 250,000

Conforme o Mapa 2 mostra, os cognomes italianos representam a maioria e formam zonas compactas no espaço toponímico, em posição contrária está a única forma eslava encontrada (Faz. *Lemanski*), esta de motivação patronímica de raiz germânica (cp. *Leman*, *Lehman* ou *Lemann*). Evidencia-se, ademais, que as formas ibéricas e germânicas buscam timidamente, dentro da situação de minoria, aproximarem-se. Seria, portanto, o ‘compadrinamento’ uma explicação especulativa. O que subentende esse processo é que, no correr de ocupação de um território, os semelhantes tendem a se aproximarem e formar territorialidades por meio da rede de contatos e ‘remigração’¹⁴.

O que nos autorizou a classificação de cada forma antroponímica foi o estudo etimológico e a contextualização de cada nome familiar na historiografia da (i)migração no Brasil. Isso por meio da consulta dos sobrenomes em arquivos digitais de entrada de imigrantes, dicionários e atlas onomásticos.

No que concerne à etimologia, o estudo dos sobrenomes guiou-se por três direções: a) o senso histórico; b) o senso semântico; e c) o senso geográfico (ROHLFS, 1982). As descrições cognominais apresentadas em anexo buscam conjugar tais direções com a

¹⁴ Ver Altenhofen (2013, p. 31).

perspectiva sincrônica e diacrônica. Contudo, nem sempre todas puderam ser contempladas, justamente pela restrita bibliografia sobre a qual dispomos.

a. No que concerne aos sobrenomes que se remetem à grafia italiana

A expressividade dos antropônimos italianos na microtoponímia analisada reflete o universo e a origem geográfica do elemento italiano estabelecido na história (i)migratória de Sorriso. A ponte entre o velho mundo (Itália) e o novo (Brasil) costura um ambiente denominativo, que, de certa forma mostra uma face da resistência da língua do imigrante em meio ao processo de assimilação imposto pela sociedade receptora. Cada antropônimo, assim como os topônimos em geral “mettono in luce la trama occulta che unisce il passato al presente”¹⁵ (FROSI et al., 2008, p.417).

No *corpus* recolhido se vê que a Itália setentrional, em particular o Vêneto e a Lombardia, se apresenta como área em destaque na origem e ocorrência das seguintes formas: *Balbinote, Bassani, Basso, Barichello, Bertol, Brescasin, Casarin, Daroit, Davoglio, Favaretto, Lodi, Munaretto, Piva, Riva, Rubin, Zanazi, Zanini e Zonta*. Alguns cognomes possuem motivação toponímica, ou permeiam o passado familiar a uma específica região de origem. Este é o caso de *Lodi* (topônimo na Lombardia), *Bedan* (topônimo no Ticino), *Brescasin* (topônimo em Treviso), *Corlassoci* (topônimo Colazzo na Lombardia) e *Daroit* (topônimo no Valle Agordina). Já *Bassani, Vigo, Mazzardo e Cella* advêm de topônimos presentes por toda Itália. Apesar de não constituir um nome de fazenda, foi encontrado na diatopia o hidrônimo *Jacomeli*, grafada com ‘j’, provavelmente forma lusitanizada do italianismo *Giacomèlli*¹⁶. Algumas formas antroponímicas apesar de não estarem na Lexicografia onomástica possuem registro e são reconhecidas, na história imigratória, como Nomes de Famílias italianas. Tratam-se apenas de *Possamai, Pressi, Vedana*¹⁷ e *Liberalli*.

b. A respeito dos sobrenomes que se remetem à grafia alemã

Nos antrotopônimos de origem teuta observam-se aspectos da história da língua alemã que as fontes consultadas indicam tratar-se de processos anteriores à imigração. Por isso, determinadas variantes de Nomes de Família já existiam antes do contato com o português (ex. *Jaçob* vs. *Jaçob, Müller* vs. *Miller*, cf. o Atlas Alemão dos Nomes de Família). Até o séc. XII no alto-alemão médio (*Mittelhochdeutsch*) as variedades escritas ainda estavam balizadas pela oralidade e a elaboração de uma norma literária escrita se encontrava em fase inicial (BESCH e WOLF, 2009, p. 180). Por outro lado, variantes

¹⁵ “Colocam no claro a trama que une o passado ao presente” (tradução nossa).

¹⁶ Do nome próprio *Giacomo* + sufixo *elli* (plural de *ello*), ou diretamente do prênome *Giacomello*. *Giacomo* vem do latim *Jacomus* variante tardia de *Jacobus* (lat.) (CAFFARELLI E MARCATO, 2008, p. 852).

¹⁷ *Vedana*: Queirazza et al. (1997, p. 690) registram a forma *Vedano* em dois topônimos da Lombardia, *Vedano al Lambro* e *Vedano Olona*. Contudo, não encontramos a forma *Vedana* como antropônimo na Lexicografia consultada.

grafemáticas, como *Veber* (vs. *Weber*), surgiram provavelmente após a chegada dessas famílias ao Brasil.

A comparação de fontes distintas disponíveis, como os atlas onomásticos e o trabalho de pesquisa genealógica (livros de batismo, necrólogos e lápides cemiteriais colhidos pelo grupo Genealogia RS, por exemplo), indica a presença de certos Nomes de Famílias em outras regiões brasileiras, como no caso da família *Weber* (*Veber*) e *Jacobi* (Faz. *Jacob*), que emigraram da região do Palatinado-Renano (*Rheinland-Pfalz*) para o Sul do Brasil (cf. GENEALOGIARS, 2015).

c. Os sobrenomes ibéricos registrados

Os antropônimos ibéricos, que em parte é face da imigração portuguesa e da atribuição de nomes no Brasil colonial, se revelam na microtoponímia em questão, em sua maioria, possuem uma origem lusa. Esses se encontram em situação minoritária frente aos antropônimos italianos, e seus outros vizinhos. Remetem-se ora a topônimos em Portugal, como o caso de *Santana*, *Sousa* e *García*, ora a substratos linguísticos da velha România Lusitana, como *Brandão*, de origem germânica; *Machado* e *Prema* do latim. Ainda se somam as formas que etimologicamente mostram uma relação laboral, como *Abade*, e patronímica, no caso *Alves*. Da Espanha se registra *Carillo*, esse que parece ter raízes à alcunha motivada por atribuições físicas, e *Toledo*, este último de motivação toponímica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os nomes de fazendas permitem, por si só, mostrar por meio da língua, uma determinada estrutura socioeconômica e histórica de uma área geográfica. Em uma história de contínua (i)migração e ocupação de territórios, o ato de nomear não escapa da ânsia de exprimir as saudades, as imagens e as camadas de um passado linguístico firmado em outras regiões.

Em Sorriso a migração pioneira sulista trouxe consigo um arcabouço linguístico nominativo que, em sua maioria, tem raízes em terras estrangeiras e, que, de certa forma, revelam faces e restos denominativos de línguas em seus alhures.

A constatação da preponderância dos italianismos (69%) na toponímia antroponímica mostra que os ítalo-gaúchos (e demais ítalo-brasileiros), nesse contexto, por razões de redes de contato e privilégios na onda (i)migratória, se tornaram maioria na distribuição latifundiária de Sorriso - MT. A origem italiana dos colonos dessa região gravita até em especulações e anedotas sobre a influência do italiano dialetal na motivação do nome do município¹⁸.

¹⁸ Assim se apresentam os relatos recolhidos pela historiadora Regiane C. Custódio (2005, p. 77): “Olha, têm várias versões. [...] tem tantas versões que a gente não sabe qual é a verdadeira. [...] inicialmente [...] vieram muitos de origem italiana eles [...] plantavam arroz que em italiano é riso, então eles já, só riso aqui né, porque só tem riso, só riso, então diz que acabou saindo daí, mas eu não sei se essa é a versão correta não. [relato de uma professora]

Nesse espaço, portanto, os elementos ítalo, teuto e eslavo formam, por meio de seus antropônimos, mais um caso de substrato linguístico na toponímia da América portuguesa. E, que, apesar das línguas involucradas nesses substratos, nem sempre subsistiram na competência oral, elas se cristalizam em antropônimos e topônimos em seus diferentes modos de resistência diante ao processo de integração e avanço do português.

O caso estudado também mostrou como os antropônimos se tornaram topônimos, assim como o contrário num processo denominativo rotativo, já que entre a antroponomástica e a toponomástica há uma relação estreita (GONZÁLEZ E KREMER, 2001, p.870). Além de ser uma contribuição à Onomástica brasileira, este estudo teve como propósito provocar maior interesse da Italianística, Germanística, Lusitanística etc., assim como à Lexicologia e à Lexicografia nessa região, e, de maneira geral, à Linguística da migração (*lingüística de la migración*¹⁹), área que se fortalece na América Latina. É também uma fonte para a Dialetoлогия contatual que até o momento se mostrou muito tímida em pesquisar áreas de colonização [+] recente no Brasil Norte e Central²⁰, bem como para a historiografia das línguas minorizadas que se fazem presentes em um território amplo.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, C. V. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da Geolinguística pluridimensional e contatual. **Revista Norsteamentos** – Unemat, Ed. 12, 2013/2. Disponível em: http://projetos.unemat-net.br/revistas_eletronicas/index.php/norsteamentos. Acesso: 07.04.2016.

ALMEIDA, G. D'. **Dicionário Historico-Geográfico dos Açores**. D. dos Açores; Ponte Delgada, 1893.

BAYLON, C. e FABRE, P. **Les noms de lieux et de personnes**. Editions Natans, 1982.

BESCH, W. e WOLF, N. R. **Geschichte der deutschen Sprache: Längsschnitte - Zeitstufen - Linguistische Studien**. Berlin: Erich Schmidt, 2009. (Grundlagen der Germanistik; 47.)

BILY, Inge. Der Familienname Lehman, seine Varianten und Ableitungen im Polnischen. In: HEUSER, Rita et al. (Eds.). **Familiennamengeographie: Ergebnisse und Perspektiven europäischer Forschung**. De Gruyter: Göttingen, 2011.

BRECHENMACHER, Josef Karlmann. **Etymologisches Wörterbuch der Deutschen Familiennamen**. Volume. 1. Limburg/Lahn, 1957-1960.

CAFFARELLI, E. e MARCATO, C. **I Cognomi d'Italia: Dizionario Storico Ed Etimologico**. Volume I – A-G, UTET: Torino, 2008.

(CUSTÓDIO, 2005, p. 77). Veja também as explicações dadas por um dos colonizadores, Claudino Francio, ao Projeto Memória (FERREIRA, 2008, p. 217).

¹⁹ Termo usado por Kluge (2007, p. 74).

²⁰ Os Grupos de Pesquisa *Alma Linguae: Variação e Contatos de Línguas Minoritárias* (sob a coordenação do Prof. Dr. Cléo V. Altenhofen - UFRGS) e o DIVALIMT (sob a coordenação da Profa. Dra. Neusa Inês Philippsen - UNEMAT Câmpus Sinop - MT), dos quais participamos, têm como propósito fomentar estudos que visam sanar essa lacuna.

CORTELAZZO, Manlio. **Dizionario Veneziano**: della língua e della cultura popolare nel XVI secolo. La Line Editrici, Padova, 2007.

CUBAS, Marigilda Antônio. **Atlas linguístico topodinâmico do território incaracterístico**. Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Londrina: Londrina, 2015.

CUSTÓDIO, Regiane Cristina. **Sorriso de tantas faces**: a cidade (re) inventada Mato Grosso - pós 1970. Dissertação de Mestrado em História da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá - MT, 2005.

DAUZAT, Albert. **Les noms de lieux**: origine et évolution. Imprimerie Librairie Delagrave: Paris, 1926. Redição: 1951.

DE FELICE, E. **Dizionario dei cognomi italiani**. Arnoldo Mondadori Editore: Milano, 1992.

_____. **I cognome Italiani: Rivelamenti quantitativi dagli elenchi telefonici**: informazioni socioeconomiche e culturale, onomastiche e linguistiche. Società Editrice - SEAT Il Mulino, La Grafica e Stampa s.r.l di Vicenza, Bologna: 1980 .

DICK, M. V. de P. do A. **A Motivação Toponímica**: Princípios teóricos e Modelos Taxionômicos. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.

_____. Toponímia e imigração no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros - IEB**. Universidade de São Paulo. São Paulo, nº 29, p. 83-92, 1988.

_____. Origens históricas da Toponímia Brasileira. Os nomes transplantados. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros - IEB**. Universidade de São Paulo. São Paulo, nº 24, p. 75-96, 1982.

DUBOIS, Jean et at. **Le dictionnaire de Linguistique et des sciences du langage**. Larousse; Paris, 2012.

DUDEN. **Das Herkunftswörterbuch. Etymologie der deutschen Sprache**. 5 ed. Berlin, 2014.

_____. **Familiennamen. Herkunft und Bedeutung** (bearbeitet von Rosa und Volker Kohlheim). Mannheim-Leipzig-Wien-Zürich, 2000.

FAURE, Roberto; RIBES, Maria A.; GARCÍA, Antônio. **Diccionario de apellidos españoles**. Espasa Calpe: Madrid, 2001.

FERREIRA, João C. V. **Cidades de Mato Grosso**: origem e significado de seus nomes. Cuiabá, 2008, 240 p. Ed. Memória Brasileira.

FILGUEIRAS, Zuleide Ferreira. **A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte**: passado e presente. Dissertação de Mestrado, UFMG, Belo Horizonte, 2011.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. **Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervarietal no Mato Grosso**. Tese de Doutorado - UFGRS: Porto Alegre, 2014.

FRANCIPANE, M. **Dizionario Ragionato dei Cognomi Italiani**. 1 ed. Milano: RCS Libri, 2005.

FROSI, Vitalina Maria. **Sobrenomes italianos: um estudo onomástico**. Revista Signum, Londrina, n. 17/2, p.389-412, dez. 2014.

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. **Toponimi italiani in terra brasiliana**. In: Rivista italiana di onomastica, n.14, v.2; RIO Roma, 2008.

GENEALOGIARS. **Famílias de Origem Alemã no Rio Grande do Sul - Volume I**. 2015, 432 p.

GOTTSCHALD, Max. **Deutsche Namenkunde**. 6 ed. Berlin, 2006.

GONZÁLEZ, A. M. C. e KREMER, D. Onomástica: estudio de los nombres propios. In: GÜNTER, H. et al. (orgs.) **Lexikon der romanistischen Linguistik**: LRL. M. N. V.: Tübingen, 2001.

HEINTZE-CASCORBI. **Die deutschen Familiennamen gesichtlich, geographisch, sprachlich**. Halle/S. Berlin: Buchhandlung des Waisenhauses G.m.b.H, 1933.

JABERG, K. e JUD, J. **Sprach und Sprachatlas Italiens und der Schweiz**. Band II, 1929.

KUNZE, Konrad e NÜBLING, Damaris (Eds.). **Deutscher Familiennamenatlas**. Vol. 1: Graphematik/Phonologie der Familiennamen I: Vokalismus, bearb. von Christian Bochenek und Kathrin Dräger. Vol. 2: Graphematik/Phonologie der Familiennamen II: Konsonantismus, bearb. von Antje Dammel u. a. Berlin, New York, 2009/2011.

KLUGE, Bettina. Algunos aspectos descuidados en la investigación sociolingüística del habla rural latinoamericano: la relación campo-ciudad y la dinámica migratoria. In: SCHRADER-KNIFFIKI, M. e GARCÍA, L. **La Romania en interacción: Entre historia, contacto y política**. v.18, Iberoamericana: Madrid, 2007.

LA STELLA, Enzo T. **Dizionario dei nomi di persona: santi e fanti**. Zanichelli editore: Bologna, 2009.

LÜDTKE, Helmut. **Historia del léxico románico**. Gredos, 1974.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa**. 1. ed. em 3 vols. Lisboa: Editorial Confluência, 1984.

_____. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Ed. Alfa. 6 vols, 1991.

_____. **Dicionário etimológico da língua Portuguesa**. Lisboa: Edit. Confluência (3a. ed.), 1977.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2. ed. completamente refundida. Rio de Janeiro : Organização Simões, 1953. [1923]

NUNES, N. N. **Antroponímia primitiva da Madeira (séculos XV e XVI)**. Dissertação de mestrado - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 1996

PHILIPPSEN, Neusa I. **A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva da geolinguística**: abordagens sócio-semântico-lexicais. Tese de Doutorado - Universidade do Estado de São Paulo: São Paulo, 2013.

PUTZ, H. (2011): **Die Auswanderung von Bayern nach Lateinamerika im 19. Jahrhundert**. In: Hartmann, Peter C./ Schmid, Alois (Eds.) *Bayern in Lateinamerika*. Transatlantische Verbindungen und interkultureller Austausch, München (= Zeitschrift für bayerische Landesgeschichte, Beiheft 40).

QUEIRAZZA, G. G.; MARCATO, C.; PELLEGRINI, G. B.; SICARDI, G. P.; ROSEBASTIANO, A. **Dizionario di Toponomastica**: storia e significato dei nomi geografici italiani. UTET, Torino, 1997.

REINA, J. C. **Familiennamengeographie in Spanien auf der Grundlage von Telefonbüchern**. p.119-141. In: HEUSER, R. et al. **Familiennamengeographie**: Ergebnisse und Perspektiven europäischer Forschung. Walter de Gruyter GmbH e Co. KG, Berlin/New York: 2011.

ROHLFS, Gerhard. **Dizionario storico dei cognomi in Lucania**: repertorio onomástico e filológico. Longo Editore: Ravenna - Itália, 1985.

ROHLFS, Gerhard. **Dizionario storico dei cognomi salentini**: Terra d'Otranto. Congedo Editore: Galatina - Itália, 1982.

SEABRA, M. C. T. de. **A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais**: a Toponímia da Região do Carmo. Tese de Doutorado, UFMG: Belo Horizonte, 2004.

SINDOU, Raymond. Albert Dauzat. In: **Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Románicas**, Universidade de Santiago de Compostela: A Coruña, 1989. p.685-687

TAVARES DE BARROS, F. H. **Migração e territorialização do alemão e do português como línguas de (i)migração em Porto dos Gaúchos - MT** : configurações do multilinguismo em fronteira da Amazônia. Dissertação de Mestrado - UFRGS: Porto Alegre - RS, 2014.

THUN, Harald. **Movilidad demográfica y dimensión topodinámica**. Los montevidéanos em Rivera. In: RADTKE, Edgar e THUN, Harald. **Neue Wege der romanischen Geolinguistik**: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie (Heidelberg/Mainz 21.-24.10.1991) Kiel: Westensee-Vel, 1996.

ZINGARELLI, Nicola. **Lo Zingarelli**: vocabulário della Lingua Italiana. Zanichelli editore, Ed. 12, Bologna, 1993.

Anexos:

a. Único sobrenome eslavo registrado

Lemanski: Tem origem no alemão *Lehmann* que por sua vez originou-se no alto-alemão médio (*lehenmann*). Significa aquele nobre que na Idade Média recebia uma propriedade (*Lehen*), uma casa ou uma colocação em troca da fidelidade para com outro nobre (DUDEN, 2000, p. 416). De acordo com Bily (2011, p.173), *Lehmann* é um dos Nomes de Família trazidos para o oeste da Polônia através da migração alemã para essa região. Por conta do contato alemão-eslavo este nome sofreu alterações. *Lehmann* pode ainda ser encontrado com as seguintes grafias: *Leman*, *Lehman* ou *Lemann*, e com diferentes sufixações: *-ski*; *-czyk*; *-owicz*/*-(i)ewicz*; *-ik*; *-ek*; *-ki/ewicz*; *-owski*. Todavia, o sufixo *-ski* é o mais corrente²¹ e possui o significado patronímico “filho de” (KUNZE e NÜBLING, 2012, p. 543).

b. A etimologia dos sobrenomes italianos registrados

A seguir, listam-se os antropônimos em nomes de fazendas que possuem raízes e uso no mundo da língua italiana. Para tal, consultaram-se as fontes lexicográficas de Caffarelli e Marcato (2008), De Felice (1980; 1992), Francipane (2005), Zingarelli (1993), La Stella (2009), Queirazza et al. (1997), Cortelazzo (2007) e Rohlf s (1985; 1982).

Baratto: [Do provençal *barat*] permuta, câmbio, compra e venda (ZINGARELLI, 1993, p.196). Segundo De Felice (1980, p. 316), *Baratto* pertence ao grupo das terminações *-atto* e *-atta*, que é de caracterização, com valor pejorativo, diminutivo afetuoso, étnico, de trabalho ou também genericamente derivativo. Cognome mais presente na região do Vêneto (Itália) que em Friuli-Venezia Giulia, onde é mais comum na variedade regional ou dialetal *-ato* e *ât*. Também há menor frequência no Trentino-Alto Adige e no Piemonte norte ocidental. Caffarelli e Marcato (2008, p.148) o registram como cognome numeroso em duas regiões: Vêneto, em particular Treviso e Padova, e Napoli. Segundo os autores (*idem*, 2008, p.148) é um sobrenome de aproximadamente 2.000 italianos.

Balbinote: Francipane (2005, p. 768) registra *Balbinòt* como variante vêneta de *Balbi*. Esta última é variante de *Balbo* [lat. *Bálbus* e *Balbînus*], prenome com raízes medievais. Caffarelli e Marcato (*idem*, 2008, p.135) dizem que esse cognome vêneta é

²¹ “Bei polnischen Familiennamen ist *-ski* das häufigste Suffix (Sckowronek 2001, 201-203, Tab. 4.6 und 4.7)” (BILY, 2011, p. 169).

particular da região de Vittorio Veneto e Farra d'Alpago, com presença esparsa no Trevigiano.

Bassani: Provavelmente originado de *basso* [lat. *bāssu(m)*], Caffarelli e Marcato (2008, p.170) o registram como cognome derivado do topônimo *Bassano*, este que se apresenta difuso por toda a Itália. Entre as localidades estão Bassano del Grappa, Bassano Bresciano, Bassano Romano e Bassano in Teverina. Trata-se de um cognome predominantemente lombardo-vêneto, presente também em Bologna e Torino.

Basso: [lat. *bāssu(m)*, de origem incerta] (ZINGARELLI, 1993, p.202). Segundo Caffarelli e Marcato (2008, p.170), o cognome *Basso*, assim como sua forma análoga *Bassi*, se baseia no adj. *basso* (port. baixo) – baixa estatura. É uma forma antroponímica documentada desde o Medievo tanto como prenome, quanto como sobrenome familiar. *Basso* é forma do norte da Itália, *Basso* e *Bassi* nomeiam em torno de 1.500 italianos.

Barichello: De étimo incerto, talvez originado de *Baro* com o sufixo *-icco* ou *-ello*, “*persona sempre in movimento, vivace*” (CAFFARELLI e MARCATO, 2008, p.158). Trata-se de um cognome trevisano, presente também na província do Vicenza, Padova e Venezia. (idem, 2008, p.158).

Bertol: De *Berto*, prenome, segundo Caffarelli e Marcato (2008, p.212). Francipane (2005, p.330-331) registra apenas as variantes de *Bertòldi* (*Bertaldi*, *Bertaldo*, *Berthodis*, *Bertodi*, *Bertoldini*, *Bertòldo*). O Sobrenome *Bertòl* é comum entre as províncias de Trento e Bolzano/Bolzen (CAFFARELLI e MARCATO, 2008, p.212).

Bedin: Segundo Caffarelli e Marcato (2008, p.181), *Bedin* tem origem de *Beda* e *Bedo*, ambos de tradição antroponímia germânica com o sufixo *-ino*, “*o eventualmente da una forma contratta di Bernadino o anche, in area settentrionale, di (Sa)dino ‘Sabatino’ con fonetica dialettale.*” (idem, 2008, p.181). Conforme ainda os autores (idem, 2008, p.181), *Bedin* é sobrenome familiar com mais de 2.500 portadores na Itália Setentrional.

Bedan: Provavelmente variante antroponímica de *Bedani*. Este, segundo Caffarelli e Marcato (2008, p.181), provém do topônimo ítalo-suíço *Bedano* no Cantão do Ticino. O cognome é difuso em Cremona, no cremonese, em Ferrara e esparsos no nordeste do território italiano (CAFFARELLI E MARCATO, 2008, p.181).

Bonfanti: Para Francipane (2005, p.339), tal sobrenome pertence ao grupo formado por *Boni*, *Bonetti*, *Bonini* e tantos outros. De Felice (1992, p.82-83) classifica *Bonfanti* como variante de *Bonfante*. Esse grupo formado da palavra *bōnus* (lat.) possui motivação de caráter augural e gratulatório. Com aspecto augural, *Bonfante*, portanto, vem do desejo “*che*

tu sai buon fantolino-fanciullo-ragazzo o figlio" ²²(FRANCIPANE, 2005, p.339). Segundo De Felice (1992, p.83), Bonfante é difuso no norte da Itália (em particular Piemonte, Lombardia e Liguria) e na Toscana.

Bonetti: Ver acima *Bonfanti*.

Brescansin: Provavelmente, segundo Caffarelli e Marcato (2008, p.297), este cognome tem relação com o topônimo *Brescansin*, Longhere - Província de Treviso. Este topônimo que parece ter origem do sobrenome *Biscacin*, *Biscalcin* presente entre 1569 e 1620 no território de Vittorio Veneto. A arealização do cognome *Brescancin* (grafado com -c-) tem representatividade na província de Treviso (San Fior, Conegliano, Codogné, etc.), com menor presença em Pordenone. (CAFFARELLI E MARCATO, 2008, p.297).

Camicia: [lat. *camīsia*, de etimologia incerta]. Indumento masculino e feminino, de tecido leve com mangas longas ou curtas, [...] que cobre a parte superior do corpo. (Tradução própria, ZINGARELLI, 1993, p.277). Segundo Caffarelli e Marcato (2008, p.359), o cognome *Camicia* divide espaço com *Camici*. *Camici* é toscano, e *Camicia* se concentra na região de Viterbese, especialmente a Montefiascone, Roma e Lariano-Rm, e um núcleo menor se encontra entre as províncias de Bari e Matera.

Caravaggio: Caffarelli e Marcato (2008, p.391) o classificam como antropônimo de origem toponímica (Caravaggio - Bergamasco, ou fração de terra em Gabbioneta-Cremona) ou devocional à N. S. de Caravaggio - *Madonna di Caravaggio* - ou retomada do sobrenome do pintor Michelangelo Merisi (séc. XVI-XVII), dito 'o Caravàggio'. Ainda segundo os autores (*idem*, 2008, p.391), *Caravaggio* é cognome típico da província de Chieti (Fossacesia, Lanciano e principalmente Rocca San Giovanni) e ocorre num pequeno núcleo no Bresciano e na Lombardia. É necessário salientar que *Caravaggio*, como nome de fazenda em Sorriso, pode ter motivação hagiotoponímica (advinda de devoção religiosa).

Casarin: De acordo com Caffarelli e Marcato (2008, p.410), *Casarìn* assim como *Casarino* e *Casarini* possuem origem de *Casaro* + sufixo *-ino*, "eventualmente nel senso di 'abitante della casera'" (*idem*, 2008, p.410), ou derivação de *Casera* topônimo (*Casalino*, Liguria). *Casarin* é sobrenome marcante na província de Venezia e Treviso, denominando em torno de 2.500 italianos (*idem*, 2008, p.411).

Cella: Do lat. *cĕlla*, espaço pequeno e modesto, despensa, cantina [...] (ZINGARELLI, 1993, p.326). Na classificação de Francipane (2005, p.381), pertence ao grupo do sobrenome *Celli*. Esse sobrenome tem várias fontes cruzadas sobre sua origem.

²² „Que tu sejas um(a) bo(a/m) criança/rapaz/filho“ (tradução nossa).

Um das citadas pela autora são: 1. Origem toponomástica; várias localidades omônimas por toda a Itália e (assim também o registra Caffarelli e Marcato, 2008, p.437), 2. De motivação profissional/ laborativa “*da mestieri medievali (cellàio o cellario; cantiniere e dispensiere: dal tardo-lat. cella: cantina, dispensa, deposito, camera o cappella vicino al mare come i Cellamare)*” (FRANCIPANE, 2005, p.381). De acordo com Caffarelli e Marcato (2008, p.437), *Cella* denomina em torno de 4.000 italianos. Obs: Este cognome apresenta duas ocorrências na diatopia toponímica em estudo.

Chiapeti: De *chiappa* (ita.) [lat.căpula(m)] (ZINGARELLI, 1993, p.341). Assim como *Chiappétta*, a forma cognominal *Chiappétti* é, segundo Caffarelli e Marcato (2008, p.454), a junção do sufixo *-etto* com *Chiappa*, *Chiappi* ou “*direttamente da Chiappetta o diminutivo di Chiapa'natica.*” (idem, 2008, p.454). Menos numeroso que *Chiappétta*, *Chiappetti* se encontra “*a Milano, nel Bergamasco, nell'Aconitano, a Napoli e altrove.*” (idem, 2008, p.454).

Corlassoci: Caffarelli e Marcato (2008, p.518) registram o cognome *Corlazzòli*. Seria, portanto, *Corlassoci* uma de suas variantes (hipótese). *Corlazzòli*, segundo tal fonte lexicográfica (idem, 2008, p.518), é referente ao topônimo *Colazzo* (Traona - Lombardia), um cognome pouco numeroso, com ocorrências no Bergamasco e em Offanengo (Cremona - Lombardia).

Colombo: Do latim *colūmbu(m)*, é como primeira acepção para várias espécies de pássaros (ZINGARELLI, 1993, p.397). De Felice (1992, p.105) relata que *Colombo* como Nome de Família tem uma de suas motivações, a influência do cristianismo, uma vez que a colomba (pomba) é sinônimo de pureza, inocência e mansidão. Por esta razão era um cognome atribuído a crianças órfãs (DE FELICE, 1992, p.105). Além disso, *Colombo* também pode ser reflexo de vários topônimos italianos (idem, 1992, p.105). Trata-se de uma forma antroponímica panitaliana, com maior frequência no norte da Itália. (idem, 1992, p.105). No contexto brasileiro *Colombo* também topônimo no estado do Paraná.

Costarelli: Conforme Caffarelli e Marcato (2008, p. 527), tal cognome vem de um apelativo geográfico *Costarella* ‘terreno íngreme’, ou de nome de pessoa *Còsta* derivado com sufixo *-arello*. Denomina pouco menos de 1.000 italianos, em dois núcleos regionais; o siciliano e o outro umbro, marchigiano, com ocorrências também na Perugia e no Anconitano (CAFFARELLI e MARCATO, p.527).

Daroit: Caffarelli e Marcato (2008, p.578) registram forma cognominal *Da Roit*, esta originada do topônimo *Roit*, localidade na comuna de *La Valle Agordina*. Segundo os autores (idem, 2008, p.578), é um Nome de Família particular de Belluno, “*in particolare a La Valle Agordina, dove un Baptista de Ruoit è documentato nel 1609 [De Nardin - Tomasi 1991]”* (CAFFARELLI e MARCATO, 2008, p.578).

Davoglio: De acordo com Caffarelli e Marcato (2008, p.582), *Davòglio* é provavelmente composto pela variante *Avòlio*, precedente de preposição (D'). *Avòlio* é nome pessoal bem difundido na antroponímia medieval (CAFFARELLI e MARCATO, 2008, p.117), mas também pronúncia italiana meridional para *avòrio*²³ [lat. ebòreo(m)]. *Avòrio* por ser uma substância de cor branca é provavelmente a motivação antroponímica do homônimo prenome em forma metafórica, pois, como salienta La Stella (2009, p.52), tenta descrever as características físicas, como pele lisa e branca, além de ter motivação augurante²⁴. *Davòglio* possui pouca ocorrência, se restringindo a Suzzara – Província de Mantova e na Lombardia (CAFFARELLI e MARCATO, 2008, p.582).

Donato: Segundo Caffarelli e Marcato (2008, p.697), tal cognome tem origem do prenome *Donato*, este que deriva do latim arcaico *Donatus* (*donatus* - participio, pt. doado), que no âmbito cristão tem relação com o significado congratulatório 'doado, concedido (por Deus)'. Ainda de acordo com os autores (idem, 2008, p.697), trata-se de um cognome prevalentemente da Itália meridional, particularmente numeroso em Roma, Milano e Genova. Nomeia em torno de 11.000 italianos.

Falcheti: Para Caffarelli e Marcato (2008, p. 729), tal cognome origina-se de *Falco*, prenome, com o sufixo *-etto*. A forma *Falchetti* se encontra tanto no Bergamasco como na província de Perugia, mas seu núcleo numeroso está em Milano e Roma. (CAFFARELLI e MARCATO, 2008, p.729).

Favaretto: É forma proveniente de *Fàbbro* [lat. *fàbru(m)*, de etimologia incerta], que, segundo Zingarelli (1993, p.664), designa o “*artigiano che lavora in ferramenta*”²⁵, ou seja, o ferreiro. De Felice (1980, p.295) o registra como cognome, junto de *Fàvaro* e *Fàvero*, peculiar do Vêneto, segundo o autor, sobretudo na província de Venezia, Treviso e Padova. Ainda, de acordo com De Felice (1980, p.295) a forma pertence ao étimo latino *faber* (*fabri*) com três grandes formas variantes: 1ª *fabr-ffab-*, 2ª *favar-* ou *faver-ffavr-* e a 3ª *frab-* ou *frav-ffrau-*. Obs: este cognome apresenta duas ocorrências na diatopia toponímica de Sorriso.

Garibaldi: De Felice (1980, p. 312-313) registra como pertencente ao grupo *-aldo / -alda*, sufixo de origem germânica que não possui nenhum valor semântico específico até em nomes não germânicos, aparece em Nomes de Família com maior frequência no norte da Itália. Caffarelli e Marcato (2008, p.829) o classificam como cognome originado de

²³ “1. Sostanza bianca, dura e compatta, che forma uno dei costituenti principali dei denti dei Vertebrati [...] 2. Colore bianco tendente al giallo, caratteristico della sostanza omonima” (ZINGARELLI, 1993, p. 179).

²⁴ “descrive desiderabili caratteristiche fisiche, in particolare una pelle liscia e Bianca come l’avorio ed è quindi usato come augúrio o come constatazione” (LA STELLA, 2009, p. 52).

²⁵ “Artesão que trabalha com a produção de ferramentas” (tradução nossa).

prenome *Garibaldo*, de origem germânica. Garibaldi nomeia em torno de 2000 italianos, sendo numeroso na região de Gênova. É topônimo na Colônia Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul, Brasil.

Gemmi: De *Gemma* [lat. *gemma(m)*] (ZINGARELLI, 1993, p.759). De caráter augural, provém de nome próprio de pessoa *Gemma*, *Gemmo* (CAFFARELLI e MARCATO, 2008, p.839). Gemmi é cognome representativo na região de Regio Emilia, sobretudo, em Firenze (Florença) e Scandicci, em Calcinaia e Parma (idem, 2008, p.839).

Germiniani: Seria uma variante cognominal de *Germini* (?) com sufixo *-ani*. *Germini*, segundo Caffarelli e Marcato (2008, p.844), origina-se do nome de pessoa *Germino*, *Germinus*, *Germinius*. Ou se refere à forma *Geminiàni*, registrada por De Felice (1992, p.133), baseada no nome *Geminiàno* – de tradição escrita – ou *Gemignano* e *Gimignano* – de tradição oral/popular (toscano) – “*del latino tardo di ambienti cristiani Geminianus, derivato da Geminus, cioè geminus ‘gemello(v. Gemèlli)’*” (DE FELICE, 1992, p.133).

Lodi: De Felice (1980, p.186) registra como um cognome formado de motivação étnica e toponímica que tem por referência onomástica os centros habitados. Com existência histórica na Lombardia, em particular a província de Milão. É um cognome toponímico (De Felice, 1980, p.193) mais frequente na província de Emilia Romagna que na Lombardia. Na definição de Zingarelli (1993, p. 2115) *Lodi* é um topônimo lombardo;

“La città fu costruita (1158) dopo la distruzione del vicino sito di Lodi, la romana Laus Pompei (o Pompeia) – oggi detto Lòdi Vècchio – e da essa há tratto Il nome. Laus ‘onore, lode, fama’ era nome augurale per Il fondatore Cneo Pompeo Strabone (sebbene Plinio la dica di origine galica).”

Lunardelli: *Lunardu* é nome próprio de pessoa, variante siciliana de *Leonardo*, de uso excepcional em outras regiões (LA STELLA, 2009, p.229). *Leonardo*, por sua vez é de origem germânica – *leonhart*, *lev-* ‘leão’ e *-hart* ‘forte’, portanto ‘forte como um leão’ (ZINGARELLI, 1993, p.2110). *Lunardelli* é, provavelmente, cognome derivado do nome *Lunardo* somado ao sufixo *-elli* (pl. *-ello -èlla*) que marca sua condição de diminutivo (CAFFARELLI e MARCATO, 2008, p.XVII).

Maggi: Para Francipane (2005, p.516), do latim *Magnus* (grande), *Maggi* faz parte de um grupo de sobrenomes derivados do nome próprio de pessoa de período medieval, com possível motivação a “*tradizione storica e agiologica, sin dal Medioevo Cristiano, grazie al culto di circa dieci San Magno (vissuti fra i secc. III-XII)*”. Ainda segundo a linguista (idem, p.516), trata-se de um sobrenome difuso no centro-norte italiano e bastante frequente na Lombardia.

Manfroi: Francipane (2005, p.521) registra a variante *Manfrói* como pertencente a um grupo maior, no qual estão as formas *Manfrédi*, *Manfrón*, *Manfróni*, *Manfrotto*, *Manfrìn*, entre outras. Do longobardo-germânico *magin*: força, potência e valor; e *frithu*: amizade, concórdia, paz (FRANCIPANE, 2005, p.521).

Mariani: De *mariàno* e *mariàna*, que se refere à Maria, mãe de Jesus. (ZINGARELLI, 1993, p.1057). Estes - bastante difusos na Itália Setentrional e Central - originam-se do lat. *marianus*, derivado de Mario ou Maria. (LA STELLA, 2009, p.237). De Felice (1992, p.162) acredita que a base seja o nome *Mariàno*, que continua no cognome latino *Marianus* derivado de *Marius*, este de origem etrusca. Contudo o autor também reconhece a influência ao culto de San Mariano, paretimológico com Mariàno “di Maria Vergine”. De Felice (1992, p. 162) diz que tal cognome possui maior frequência na Lombardia, Emilia-Romagna e Toscana. Para Francipane (2005, p.880), o cognome Mariani deriva dos nomes próprios de pessoa Maria e Mariano, seria, portanto, um matronímico. Além dessa acepção, De Felice (1992, p.162) salienta que na Lombardia *Mariani* se refere, em certos casos, aos topônimos Mariàno (BG) ou Mariàno Comense (CO).

Mazzardo: Do latim *massa* (gr. *máza* ou *mágja*): empaste, amassadura, empastamento, “*ammasso gromatico agricolo dell’alto Medioevo: tenuta di campagna, fondo, podere, da cui [..]*” (FRANCIPANE, 2005,p.528). Francipane (2005, p.527) registra a forma *Massardo* como sobrenome motivado por nome comum ou de lugar; *Massa*. Segundo a autora, *Massa* é base de topônimos frequente por toda a Itália.

Munaretto: Derivado de Munaro, este, segundo De Felice (1980, p.307), é uma variante dialetal de Mugnàio ou Mugnàro [lat. *molināriu(m)* de *molinum* ‘moinho’] (ZINGARELLI, 1993, p.1143), profissão que designa tanto aquele que trabalha com a máquina de moer grãos no Moinho, quanto o proprietário ou gerente deste, ou seja, o moendeiro ou moleiro. Assim define Zingarelli (1993, p.1143) “*Chi per mestiere macina grano o granagle al mulino/ Proprietario o gerente di un mulino*”.

De Felice (1980, p.307) diz ainda que “*Munari o Munaro, di rango médio, caratteristici del Veneto centro-orientale, del Friuli-Venezia Giulia e dell’Emilia-Romagna*.” A variante Munaro se vê registrada na carta 251 do *Sprach und Sprachatlas Italiens und der Südschweiz / Atlante Linguístico Italiano Svizzero - AIS*, como se pode ver abaixo na área grifada de vermelho (grifo nosso). A carta mostra a área de realização dessa variante restrita em parte da Itália Setentrional.

primeiros habitantes dos arredores do que hoje se conhece como Paris - França (FRANCIPANE, 2005, p.182).

Paris: Ver acima *Parizzi*.

Piva: Do latim falado *pīpa(m)*, este de *pipīre* (piar), de origem onomástica (ZINGARELLI, 1993, p.1358). Provavelmente de origem hipocorística, uma vez que, segundo Francipane (2005, p.594), tal cognome tem por referência o instrumento musical, a gaita de fole (it. *cornamusa*) ou variante de *pipa* (lat.), esse, um tipo de cana que serve para assobiar ou fumar. *Piva*, assim como *Pivéta*, *Pivetti*, *Pivato*, *Pivano* e *Pivani*, são cognomes próprios do centro-norte italiano, com maior frequência na Veneza.

Poleto²⁷: *Polètto* assim como *Polètti*, segundo De Felice (1992, p.187-188), são variantes de *Pòlo* (*Pàolo*, *Pàola*, etc.). Do latim *Paullus* (diminutivo de *paucus* 'pouco'), tem significado de 'o pequeno' ou 'o jovem' (DE FELICE, 1992, p.188). Segundo o autor (1992, p.188), este nome é bem difuso nos domínios do mundo cristão justamente pelo prestígio e culto a *San Paolo di Tarso*, o apóstolo.

Riva: Do latim *rīpa(m)*, extrema parte de terra que limita a água do mar, do rio etc. (ZINGARELLI, 1993, p.1570). De Felice (1980, p.186) o registra como um cognome formado de motivação étnica e toponímica que tem por referência onomástica os centros habitados. De Felice (1992, p. 211) diz ser um cognome difuso no norte da Itália, com alta frequência na Ligúria. Sua motivação pode ser ainda ilusão aos cursos e espelhos d'água - "*riva del mare, di corsi e specchi d'acqua*" - ou ainda ao terreno em desnível - "*terreno in pendio*" (DE FELICE, 1992, p. 211).

Rocco: Francipane (2005, p. 622) o registra como vindo de nome próprio de pessoa *Ròcco* (antropônimo). Este, por sua vez, é de origem medieval de raiz germânica [germ. *hroc*] de significado obscuro, uma vez que, para alguns corresponde a '*cornacchia*' (*Corvus corone*, pássaro similar ao corvo - (ZINGARELLI, 1993, p. 456), para outros um 'homem forte' (do antigo nórdico *krókr*) ou 'cheio de cura' (alemão antigo *ruoh*) (ZINGARELLI, 1993, p. 211).

Rosina: Do lat. *rōsa(m)* (ZINGARELLI, 1993, p. 1580). Francipane (2005, p. 83) o classifica como originário de nome próprio de pessoa (prenome) ou de santa (hagionímo), sendo a motivação também advinda no nome comum de flor ou cor (rosa), "*che ispira, simbolicamente, il nome di donna*" (idem, 2005, p. 83). Por ser também um prenome (LA STELLA, 2009, p. 315), caracterizando-se um caso de matronímio.

²⁷ Fazenda Rio Poletto (n.102), julgamos que o hidrônimo tem motivação antroponímica.

Rubin: De *Rubino* [lat. *rūbeus*, vermelho] (ZINGARELLI, 1993, p. 1584). Francipane (2005, p. 930), assim como De Felice (1992, p. 218), classificam como cognome vêneta variante de *Rubino*, originário de nome próprio de pessoa de caráter augural e congratulatório relacionado ao homônimo precioso mineral (*idem*, 2005, p. 629).

Salvati: Para Francipane (2005, p. 636), do nome próprio de pessoa (antropônimo) e de santo (hagionimo): *Salvatore*. Segundo a autora (*idem*, 2005, p. 636), *Salvatore* tem motivação à vinda do Messias, Jesus Cristo “*chi è venuto sulla terra per rendere tutti ‘salvi’: perciò Salvatore-Salvi-Savati formano semanticamente una strettissima famiglia di cognomi ‘sacrali’*”.

Santori: Do lat. *sanctus-sancti-sanctum*, Francipane (2005, p. 218) diz que *Santòri* é variante de *Santòro*. Este - de origem de nome próprio de pessoa antropônimo e hagionimo - surge da forte tradição onomástica cristã vinculada ao culto de todos os santos (FRANCIPANE, 2005, p. 218).

Santin: Ver acima *Santori*.

Scariot: Cortelazzo (2007, p. 1188-1189) registra como *Scariòt* (*Schariòt*) o sobrenome de Judas (bíblico), e sinônimo de traidor. Não se encontrou *Scariot* na Lexicografia especializada - consultada em Nomes de Família, apesar de sabermos da existência dessa forma como antropônimo.

Vigoli: Francipane (2005, p. 725) registra *Vigolo* como variante de *Vico*. Este do sânscrito *weik-*, base do latin *vīcus* e grego *oikos*; ambiente, casa, vilarejo. *Vigolo* é topônimo na região lombarda do Bergamo. *Vigoli*, portanto, nessa interpretação, gentílico dado aos moradores dessa localidade.

Zanazi: Ver *Zanini* (abaixo).

Zanini: Assim como *Zanazi*, *Zanini* é variante de *Zani* ou *Zane*, estes hipocorísticos de Giovanni²⁸ (DE FELICE, 1992, p.270). Segundo De Felice (1992, p. 270), as variantes de *Zani* são recorrentes na Itália Setentrional, em específico na região de Venezia, Emilia-Romagna e Lombardia oriental.

Zanchetin: Segundo Francipane (2005, p. 735), esse sobrenome é uma variante dos que surgiram da “*voce polisemica italiana e regionale zanca o sarda e toscana cianca*” (2005, p.

²⁸ *Zanni* e suas variantes correspondem a *Giovanni*, onde na Itália lombarda e vêneta ocorre no lugar da realização da [g] palatal do italiano a [z] sonora italiana (DE FELICE, 1992, p. 270).

735) para *Gamba* (perna). Prossegue ainda a autora, que *Zanca* pode servir como alusão às pernas tortas (*gambe storte*), ou no dialeto Emiliano às cochas e pernas longas.

Zankin: Provavelmente o cognome *Zanchin*. Obs.: ver acima *Zanchetin*.

Zoldan: Francipane (2005, p. 669) o classifica ora como variante do arabismo²⁹ *soltān* [*sultā'n*], este cognome baseado em título nobre oriental (sultão), ora como variante étnica local dos topônimos *Zoldo Alto* e *Val di Zaldo* no Belunese, Itália setentrional.

Zonta: No Dicionário Veneziano de Cortelazzo (2007, p. 1537), *Zonta* é variante regional vêneta para '*aggiunta*' (ita. Standard). Entre as possibilidades semânticas, Cotelazzo (2007, p. 1537) registra; 1. Marinha - 'união de peixes similares'; 2. Chegada; 3. Nos órgãos públicos, união de membros que compõem o ordinário. Por sua vez, *Zonto* (idem, 2007, p. 1537) é algo ou alguém que chegou - '*arrivato*', unido ou enganado. Não se encontrou *Zonta* na Lexicografia especializada - consultada - em Nomes de Família, apesar de sabermos da existência dessa forma como antropônimo. Este antropônimo ocorreu duas vezes na diatopia toponímica em estudo.

c. Descrição dos sobrenomes ibéricos registrados

A seguir, listam-se os antrotopônimos de origem ibérica, encontrados com base nas seguintes obras de referência: Faure et al. (2001), Machado (1977; 1984), Reina (2011), Nunes (1996), Almeida (1893), Corominas (1983), Nascentes (1955), além disso no *corpus* eletrônico *Cartografia de Apellidos de Galicia*³⁰, do Instituto de Língua Galega -IL (Universidade de Santiago de Compostela - USC), e no INE³¹ (Instituto Nacional de Estatística - Espanha):

Abade: Trata-se de uma variante portuguesa de *Abad* (lat. *Abba, abbatis*), no entendimento de Faure et al. (2001, p. 01). *Abad* (variante castelhana) é um arcaísmo para 'cura, sacerdote' e sua motivação antroponímica pode ser diversa (FAURE et al., 2001, p. 01). Segundo os dados do Instituto de Língua Galega, na Galícia se encontram as variantes antroponímicas *Abad* e *Abades*.

Alves: Segundo Nascentes (1955, p. 14) e Machado (1984), *Alves* é derivado de *Alvares* através das formas *Alvarez*, *Alverz* (*Alvrez*). Conforme os dados que o INE nos

²⁹ "Di sicuro e storico influsso arabo (XI-XIII sec.) in Italia. In pieno Medioevo (835) 'sultani' erano i potenti e ricchi sovrani dell'Impero Ottomano (Turchia)" (FRANCIPANE, 2005, p. 669).

³⁰ Veja no portal de *Cartografia de Apellidos de Galicia* (IL - Universidade de Santiago de Compostela): <http://ilg.usc.es/cag/index.jsp>

³¹ Instituto Nacional de Estatística (Espanha): <http://www.ine.es/welcome.shtml>

dispõe, na Espanha *Alves* é Nome de Família de alta frequência. Na Galícia *Alves* é mais frequente nos concelhos fronteiriços com Portugal.

Brandão: No latim medieval, *Brendanus*, segundo Machado (1984, p. 278), deriva-se do nome do S. Brandão, certamente por intermédio do latim da Igreja *Brendanus* de provável origem céltica. Isso se confirma até certo ponto, pela origem irlandesa do santo. Ainda segundo o filólogo, pode ter origem no germânico ocidental (*Brand*, cp. MACHADO, 1952, I, p. 459) com significado de “jogo” e depois de “espada”, podendo ser interpretado como “combatente” (FÖRSTEMANN e NUNES *apud* NASCENTES, 1955, p. 49). Na Galícia, é sobrenome ocorrente no Sul da província (dados do IL-USC).

Garcia: Nome de Família pré-romano, *Garcia* (Al. *Bär* - pt. ‘Urso’) (REINA, 2011, p. 123) tem origem provavelmente ibérica (NASCENTES, 1955, p. 122). Pidal supõe uma origem anterior derivada do basco, (*k*)*artz* na etimologia de Meyer-Lübke (*apud*, NASCENTES, *ibid.*). Segundo Duden (2000, p. 262), é um sobrenome hispânico com origem basca que significa “o rapaz” (*gartze* + artigo definido *a*). *Garcia* é Nome de Família comum por toda a Espanha, de acordo com o INE.

Gaspar: De etimologia incerta, segundo Faure et al. (2001, p. 380), em latim *Gasparus* ou *Gaspar*. *Gaspar* é tanto nome de batismo ou Nome de Família. Sua motivação vem do mundo cristão, uma vez que o nome faz referência a “*uno de los tres reyes magos que venía de Oriente, según la tradición postevangélica*” (FAURE et al., 2001, p. 380). Segundo os dados do INE, *Gaspar* é Nome de Família frequente na Espanha, em particular na Extremadura, Andalucía e Ilhas Canárias.

Machado: Do latim *marculatu-*, derivado de *marculus* (PLÍNIO, Nat. Hist., VII, 195, *apud*. MACHADO, 1952, IV, p. 11), i. e., diminutivo de *marcus*, “martelo” (MACHADO, *ibid.*). Nome de Família bastante comum em Portugal, também em forma de topônimo (NUNES, 1996, p. 26). Nascentes (1955, p. 183) fala de um sobrenome (algunha) que em famílias “plebeias”, embora também famílias “nobres”, seria daquele que fabricava ou vendia machados, pondo porventura como insígnia de sua loja a figura desse instrumento. Era frequente mulheres adotarem o gênero feminino para o nome de suas famílias, neste caso *Machada* (Machado, 1984, p. 913), assim também afirma Nunes (1996).³² Faure et al. (2001, p. 482) indica sua presença também na Espanha. Na Galícia apresenta sua maior ocorrência nos concelhos fronteiriços com Portugal (dados do IL - USC).

³² “Parece fazer alusão a um instrumento de trabalho. Trata-se possivelmente de um fabricante ou vendedor de machados. A forma feminina é atribuída à mulher do indivíduo com este segundo nome-algunha” (NUNES, 1996, p. 24).

Santana: Segundo Machado (1984, *apud* SEABRA, 2004, p. 243), *Santana* (aglutinação Santa + Ana) é topônimo frequente na Ilha da Madeira – Portugal, no Brasil e na Ilha de São Tomé. *Sant’Anna* também é topônimo nos Açores (ALMEIDA, 1893, p. 186). Nascentes (1955, p. 273) reforça a origem religiosa do sobrenome e aponta para topônimos no Brasil como a ilha do Maranhão dado por Francisco Racelly quando teria aportado em 1612 (*ibid.* p. 380). Na Galícia, *Santana* é Nome de Família frequente nos concelhos fronteiriços com Portugal (dados do IL - USC).

Sousa: Segundo Nascentes (1955, p. 286), sobrenome de origem geográfica que pode ter dado nome a uma cidade da Paraíba. Rio e povoação de Portugal. Cortesão distingue entre *Sousa*, nome de rio, e *Souza*, nome de povoação, derivando aquele de *saxa* e este de *Socia*. Faure et al. (2001, p. 707) nos dá também um quadro da distribuição diatópica de *Sousa* na Espanha, sendo presente em toda Galícia e oeste da Andaluzia. Faure et al. (2001) afirma tratar-se de uma derivação do sobrenome luso *Souza* e cogita a origem deste em algum nome pré-romano. A forma mais anterior, segundo Machado (1984, p. 1367), seria *Sausa*.

Toledo: Topônimo na Espanha que, segundo Nascentes (1955, p. 299), corresponde a um sobrenome de origem geográfica (do latim *Toletum*). Para Faure *et. al.* (2001, p. 726), refere-se a um sobrenome bastante frequente e distribuído pela Espanha. Também é comum o sobrenome-gentílico *Toledano* ‘natural de Toledo’. Este nome de fazenda também pode ser um corotopônimo, uma vez que há uma localidade homônima no Sul do Brasil (Toledo – Paraná). Esta forma apresenta três ocorrências na diatopia antroponímica estudada.

Rondon: Segundo Corominas (1983, p. 68), a expressão ‘*de rondón*’ (impetuosamente) tem origem do fr. ‘*de randon*’ (correndo, rapidamente), este, por sua vez, originado do alemão dialetal franc. ‘**RAND*’ (corrida, carreira) procedente do germanismo **RINNAN* (correr). *Rondón* é Nome de Família com alta ocorrência em várias partes de Espanha, em particular na Andaluzia e Ilhas Canárias, de acordo com os dados do INE.

A relativa baixa densidade de antrotopônimos ibéricos – similar ao elemento teuto – não deixa dúvidas que o elemento luso, principalmente, não foi o protagonista na aquisição de grandes latifúndios em Sorriso.

d. A etimologia dos sobrenomes teutos registrados

A seguir, encontram-se listados os antropônimos em âmbito de língua alemã, identificados e descritos a partir de consulta às obras de Duden (2000), Brechenmacher (1957), Kunze e Nübling (2009), Heintze-Cascorbi (1933).

Blumenau: *Blumen-au* (pt. Flores-rio) é nome de diferentes tipos de topônimos no contexto geográfico de língua alemã (partes de uma área não cultivada [*Flurnamen*] e de lugares [*Orstnamen*]). A produtividade de *Blumen* para designar nomes lugares aparece em *Blum-enroth, berg, Blumrich, schein*, como destaca Gottschald (2006, p. 119). Segundo Duden (2014, p. 136), o sufixo *Au* (*Aue* e Mhd. *ouwe*) corresponde originariamente a uma área hidrográfica, campo ou ainda porção de terra sobre a água (“*Insel*” pt. Ilha) e manifesta-se atualmente em nomes de rios alemães (cp. *Ach, Aach, Brigach, Salzach, Fulda*), além de contextos agrários (*Goldene Aue, Isarauen, Reichenau*). No caso de *Blumenau*, (antro) topônimo em Santa Catarina, sua motivação veio do nome do colonizador e médico alemão (por nome), que motivado pelas condições da terra promoveu a imigração de seus patrícios para essa região, onde hoje situa o município de mesmo nome. Pode, portanto, no caso desse nome de fazenda, tratar-se de um corotopônimo sem deixar de ser também um antrotopônimo e, antes de tudo, um topônimo.

Freider: Segundo Brechenmacher (1957, p. 498-499), possui a forma *vreide* no alto-alemão médio, cujos significados seriam impetuosidade ou animação extraordinária (Al. *Gewalttätigkeit* e *Übermut*). Em relação às entradas com esse nome em listas telefônicas (*verwandte.de*) foram registrados cerca 34 pessoas com esse nome no Sul da Alemanha.

Gubert: De acordo com o trabalho de Heintze-Cascorbi (1933, p. 229), o nome *Gubert* parece ser uma variante originada da raiz *Gun*☺ do alto alemão antigo (*Gumpert* ou *Gumbert*). No *site* *verwandte.de*³³, base de listas telefônicas, a forma *Gubert* está registradas em sobrenomes de 229 pessoas.

Jacob: Tem origem no hebraico como nome próprio e, segundo o dicionário Duden (2000, p. 347), a grande difusão atualmente está relacionada à sua existência como nome próprio nos séc. XII-XV quando surgiram os Nomes de Família. Também a peregrinação a Santiago de Compostela (*Jakobsweg*) na Espanha desde o séc. XI pelas populações cristãs através da Europa é citada como difusora do nome e responsável por inúmeros derivados (no eslavo, por exemplo, *Jakobasch, Kubitschek*), uma vez que o padroeiro de Santiago é o apóstolo *Jakob* (BRECHENMACHER, 1957, p. 765). Segundo Brechenmacher (1957, *ibid.*), trata-se de um dos nomes mais antigos integrados na língua alemã. Encontra-se no Sul do Brasil a variante *Jacobi*, cuja família - católica - emigrou da localidade de Reil, próxima ao rio Mosela no estado do Renânia-Palatinado (GenealogiaRS, 2015, p. 188) inicialmente em 1855.

³³ Vale ressaltar que o *site* *www.verwandte.de* utiliza listas telefônicas como fonte de dados, assim como o *Atlas Alemão dos Nomes de Família* (registradas até 2005).

Muller: O sobrenome *Müller* (original do latim *molinae*, corresponde à profissão moleiro) já é registrado no séc. XIV (HEINTZE-CASCORBI, 1933, p. 358) e apresenta um repertório relativamente amplo de variações (vocálicas) na própria matriz de origem como se encontra nas grafias *Müller*, *Möller*, *Müller* (cp. *Atlas Alemão dos Nomes de Família*, KUNZE e NÜBLING, 2009, mapa 112) ou ainda com vogal da raiz escrita com ‘y’ (BRECHENMACHER, 1957, p. 293). *Müller* é o sobrenome mais frequente entre os Nomes de Famílias na Alemanha (DUDEN, 2000, p. 466).

Prediger: Trata-se originalmente de uma alcunha relacionada à ordem dos dominicanos (DUDEN, 2000, p. 513). Membro ou de alguém que residia próximo ao monastério dessa ordem (*ibid.*). Das 195 cidades localizadas na Alemanha que atestam a presença desse nome em listas telefônicas, 30 encontram-se na região no entorno do rio Reno (*Rhein*) próximo a Colônia (*Köln*) (Fonte: verwandte.de).

Rifel: Alcinha que se remete ao pente (*Rifel*) utilizado ou fabricado pelo linheiro para separar o linho da baganha. Sua origem é registrada no alto-alemão médio. Segundo o *site* verwandte.de, que trabalha com listas telefônicas, a variante mais comum é *Riffel*.

Simon: Tem um homônimo *Simmon* utilizado como nome próprio e origina-se da forma grega *simós* adaptada do hebraico *Schimon* (DUDEN, 2000, p. 621). Como aponta o mapa abaixo, *Simon* possui ao menos outras três variantes que se distinguem pelo alongamento da raiz (*Simon* vs. *Siemon*) ou pelo ‘s’ genitivo que indica relação de patronímia (*Simon* vs. *Simons*). A cartografia indica ainda que a forma encontrada em nosso banco de dados é também a mais recorrente na matriz de origem imigrante, sobretudo no Centro-Oeste da Alemanha, de onde partiu o contingente majoritário de imigrantes alemães para o Sul brasileiro (PUTZ, 2011: 266).

Fig. 3. Mapa 243 do Atlas Alemão dos Nomes de Família *Simon, Simons, Siemon, Siemons*:

Fonte: Atlas Alemão dos Nomes de Família (2009)

Veber³⁴: Provavelmente *Weber*. Segundo o dicionário de nomes Duden (2000, p. 698), remete à forma do alto-alemão médio *wēbaere* associada ao ofício de tecelão. Até o ano 2000, esse sobrenome ocupava a sexta posição no ranking de sobrenomes mais frequentes (*idem.*). De acordo com as listas telefônicas compiladas no *site* verwandte.de, há ocorrências do nome do Oeste ao Sul da Alemanha, especialmente no entorno amplo do Hunsrück (Munique com 1.480, Colônia com 1.066 e Hamburg com 1.002 registros, são os três distritos com maior número de cidadãos detentores do sobrenome *Weber* [DUDEN, *ibid.*]). Nos dados genealógicos (GenealogiaRS, 2015, p. 390), parte da família *Weber* teria emigrado primeiramente de Bechtheim, no atual estado de Rheinland-Pfalz e, posteriormente, para Campo Bom/RS.

³⁴ Faz. Jair Veber (n.)

e. Antropônimos com classificação incerta

Carillo: A variante espanhola, segundo Faure et al. (2001, p. 221), corresponde a uma alcunha relacionada à parte carnosa ao lado do rosto, a qual pode ter sido aplicada a indivíduos com as bochechas grossas ou ainda a pessoas com (esp.) '*mucha cara*', atrevidas, descaradas, como sugere o livro de Alexandre (escrito em León em 1250). Trata-se de um sobrenome bastante frequente na Espanha e distribuído por todo país. Na Galícia sua variante *Carrillo* tem distribuição notável nos concelhos de Boqueixón, Vedra e Oroso (dados do IL - USC). Caffarelli e Marcato (2008, p.397) registram *Carillo* como forma italiana derivada do sufixo *-illo* mais o adjetivo ou nome de pessoa *caro*.

Observação: as formas *Madiana*, *Sadiana*, *Fuchs*, *Furm*, *Sagel*, *Flor*, *Portinhol*, *Lucion*, *Vavi*, *Vergutz* e *Pagnam* não foram encontradas na Lexicografia.

MARCADORES DISCURSIVOS NA FALA DE MIGRANTES PIONEIROS EM SINOP - MT

Grasiela Veloso dos Santos Heidmann

INTRODUÇÃO

Os marcadores discursivos são mecanismos tipicamente utilizados na fala e possuem funções importantes no processo de interação entre os falantes. São ignorados pela tradição gramatical e muitas vezes classificados como vícios de linguagem, muletas, corruptelas, cacoetes e outros, principalmente por manuais de redação e cursos de oratória.

A análise deste estudo pauta-se nas observações analíticas presentes na obra “Gramática do português culto falado no Brasil”, organizada por Jubran e Koch (2006), mais especificamente, nos pressupostos de Urbano (2006), Martelotta et al. (1996) e Freitag (2007, 2008).

Portanto, a concepção de texto adotada aqui é a da linguagem como interação social, mostrando, além disso, que a fala e a escrita são modalidades de um mesmo sistema linguístico, com características próprias, sem ser vistas como dicotômicas, mas separadas por um contínuo tipológico de práticas sociais de produção textual, ora pautadas na fala, ora na escrita (KOCH, 2013).

Halliday (*apud* KOCH, 2013) postula que o texto escrito possui maior densidade lexical, enquanto que o falado possui maior complexidade sintática. Mostrando que fala e escrita são complexos diferentes, cada qual com suas peculiaridades e mecanismos específicos.

Nesse sentido, a análise busca considerar as funções subjetivas (pautadas no falante: como a mensagem se organiza ao ser transmitida) e intersubjetivas (pautadas no receptor: envolve a preocupação do falante na recepção da mensagem).

Para este artigo, apresentar-se-ão marcadores discursivos tidos como interacionais, a quantificação dos usos desses marcadores e alguns exemplos, pautados na análise de Urbano (2006), com os seguintes recortes de recorrência considerável no *corpus*: *né, sabe, olha e ah*.

Para tal empreitada, partiu-se de algumas questões a serem observadas: quais marcadores discursivos interacionais são utilizados na fala dos sinopenses e que funções discursivas os marcadores desempenham na fala destes? Que contextos linguísticos desencadeiam o uso dos marcadores discursivos? Qual o perfil social dos falantes?

Este levantamento, bem como a análise dos usos desses aspectos da língua, se faz necessário a fim de contribuir para o estudo do português falado no norte mato-grossense e, conseqüentemente, compará-lo com outros estudos em regiões diferentes do Brasil.

O RECORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

O estudo específico de um determinado fenômeno, neste caso, dos marcadores discursivos de diversas funções, leva em conta uma descrição e análise ancoradas nas teorias da variação linguística de base laboviana e teoria do funcionalismo de linha norte-americana, na qual a gramática de uma língua é instituída por padrões que se estabelecem no uso, para tanto, gramática e discurso são conceitos complementares: a gramática molda o discurso e o discurso molda a gramática (MARTELOTTA et al., 1996), bem como, é importante considerar-se o paradigma da gramaticalização¹, para a compreensão de processos de mudanças linguísticas.

A grande questão norteadora é “Por que as línguas mudam?”, questão fundadora dos estudos de Weinreich, Labov e Herzog (1968), por compreenderem que mudanças linguísticas ocorrem advindas dos condicionamentos linguísticos e sociais. Logo, a sociolinguística estuda a língua como padrões de comportamento que são observáveis dentro de uma comunidade de fala e de um sistema heterogêneo em que são constituídos por unidades e regras variáveis.

A sociolinguística variacionista, assim também denominada, devido ao foco nas comunidades de fala, entendidas como um grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos que os distinguem de outros grupos, sobretudo normas e atitudes em relação ao uso da linguagem (LABOV, 1972; GUY, 2000), propõe-se a estudar a língua num contexto social de uma comunidade, não como teoria da fala, mas como “o estudo do uso da língua no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística (*langue*)” (COAN; FREITAG, 2010, p. 176).

O estudo sistematizado da língua relacionado à heterogeneidade proposta por Labov (1972) tem a ver com a variação, ou seja, refere-se aos diferentes modos de dizer a mesma coisa, tendo os mesmos significados referenciais. Nessa perspectiva, é impossível entender a variação e as mudanças linguísticas sem reportar-se ao aspecto social da comunidade investigada. Para os recortes analisados parte-se, então, da perspectiva de que a língua é um processo advindo das interações sociais, por isso a análise pauta-se também pelo viés do funcionalismo e da gramaticalização.

¹ Termo que tem suas origens nos estudos de Antoine Meillet, no início do século passado para explicar a formação de novas palavras de uma língua (MEILLET [1912]1965).

PERFIL DOS INFORMANTES: FATORES SOCIOLINGÜÍSTICOS OBSERVADOS

O *corpus* de análise escolhido para este trabalho encontra-se na pesquisa de Philippsen (2013). Trata-se de um recorte da pesquisa empírica realizada pela pesquisadora com vinte pioneiros que fizeram um relato de experiência em forma de narrativas, seguindo o seguinte tema proposto “a vinda e as dificuldades encontradas no início da colonização”. As transcrições destas estão publicadas junto à sua tese de doutoramento.

Para este artigo, foram selecionados somente oito informantes, pois os demais pertencem a outras cidades que compunham na época da colonização norte mato-grossense a chamada Gleba Celeste. Philippsen (2013) utilizou os dados dessas entrevistas para análise semântico-lexical em uma segunda etapa de pesquisa com outros informantes, utilizando-se de abordagens sociogeolinguísticas e dialetais. Para as transcrições, a autora se valeu de algumas normas do Projeto Norma Urbana Culta (NURC), de Salvador, com adaptações às exigências da pesquisa.

Listam-se, abaixo, os fatores observados para os informantes todos com faixa etária acima de 50 anos, os quais participaram dos primeiros anos de formação da cidade de Sinop, sendo os sujeitos entrevistados duas mulheres e seis homens:

Variáveis sociolinguísticas	Identificação dos sujeitos							
	S9M	S10M	S11M	S12M	S13F	S14F	S15M	S16M
Idade	70	54	58	63	80	65	76	52
Sexo	M	M	M	M	F	F	M	M
Escolaridade	4ª série E.F	8ª série E.F	Superior incompleto	4ª série E.F	5ª série E.F	3ª série E.F	2ª série E.F	Concluindo o ensino médio - EJA
Naturalidade	Sabino - SP	Guabiju-RS	Paim Filho - RS	SC	Girua - RS	SC	PR	Itumbiara - Go
Descendência	Japonesa	Italiana	Italiana	Italiana	Inglesa e Sueca	Italiana	Italiana	Portugueses e africanos
Local em que residia antes da migração	Amaporã-PR	Guabiju - RS	Palmas - PR	Saleta - SC	Guarani das Missões - RS	Indaial - SC	Âmpere - PR	Palmeiras-GO
Ano de chegada em Sinop	1974	1977	1973	1976	1977	1975	1974	1976

Quadro 1: Adaptação dos dados identificadores dos informantes apresentados por Philippsen (2013).

Em relação ao quadro, cabe uma ressalva sobre a quantidade de informantes serem desproporcionais em relação ao gênero, para essa descrição analítica, consideram-se os usos atrelados aos fatores idade e naturalidade, principalmente. No quadro acima, preservou-se as siglas adotadas pela autora para identificação dos sujeitos (ex.: S9M).

No *corpus* analisado não há entrevistados de faixas etárias menores que as mencionadas acima para as narrativas livres, ficando, dessa forma, um recorte bastante restrito para a análise dos marcadores discursivos, adiando-se para outro momento a contrastividade com falantes sincrônicos mais jovens.

OS MARCADORES DISCURSIVOS

Na literatura especializada verifica-se que não há uma definição única para marcadores discursivos, incluindo, inclusive, termos diferentes, como operadores argumentativos e marcadores conversacionais (mais aceito entre os linguistas brasileiros). Para Urbano (2006), é preferível o termo marcadores discursivos por ser considerado mais adequado e abrangente, pois engloba não só a língua falada, mas também a modalidade escrita. O autor procede com um levantamento denso de unidades que podem ser enquadradas no campo dos marcadores discursivos, incluindo-se alguns como vocativos e interjeições, modalizadores (*realmente*), operadores argumentativos (*inclusive*) e formas homônimas que levantam pontos de dúvidas, como os advérbios e conjunções (a ex. de *agora* como advérbio e marcador e do *e* como conjunção e marcador).

Há MDs que têm por função promover uma ligação coesiva por meio da articulação textual do discurso, ou seja, promovem o amarramento textual, são os chamados sequenciadores, os quais estabelecem aberturas, fechamentos, retomadas, fechos em posição inter ou intratópicas (JUBRAN, 2006). Entre as unidades articuladoras mais frequentes estão: *agora, então, mas, bem, bom, enfim, quer dizer, assim* e outros.

Os MDs, caracterizados como interacionais, desempenham a função de orientação textual-interativa, e “[...] se particularizam por serem exteriores ao conteúdo proposicional, sintaticamente independentes e comunicativamente não-autônomos” (URBANO, 2006, p. 498). Alguns exemplos de MDs basicamente interacionais são: *ah, ahn, uhn, certo, entende? tá? viu? né, olhe..., sem considerar os grupos de marcadores específicos, que se atrelam aos já citados.*

Nessa perspectiva, concorda-se com Freitag (2008), quando trata do amplo uso de marcadores discursivos na fala, sendo muitas vezes alvo de estigma social:

Uma das características da competência sociodiscursiva do falante é o uso de marcadores discursivos adequadamente em sua fala, pois estes não são meros “preenchedores de vazios” da comunicação, mas sim estratégias elaboradas de tomada, retomada e manutenção de turno, foco de atenção e de coesão textual, sendo necessário incluí-los nos programas de ensino de língua materna. (FREITAG, 2008, p. 4).

Nesse contexto, compreende-se que os marcadores presentes na fala das pessoas possuem um caráter de facilitador da interação comunicativa, pois possuem funções que vão desde o preenchimento de pausas, até funções que marcam mudança de turno. No entanto, muitas vezes não há uma divisão clara entre os termos operadores argumentativos e marcadores discursivos, nesse sentido, retoma-se as observações de Martelotta et al. (1996) sobre as distinções entre estes termos, para ele, os marcadores

diferem-se dos operadores por estarem mais ligados ao processo de discursivização², pois focam-se mais na orientação da interação.

Dessa forma, há perda de complexidade semântica e dependência sintática, mas ganho pragmático e uso opcional. Contudo, o autor salienta, pautado em Risso e Urbano (1995), que todo elemento igualmente cumpre uma função textual também pode marcar uma função orientadora de interação, função que os operadores também cumprem, mesmo que fragilmente. Para ilustrar, Martelotta et al. (1996) traz como exemplos os usos de alguns marcadores como, *certo?*, *né?*, *sabe?*, *uhn uhn*, entre outros, que explicitam clara função de orientação de interação, por parte do falante para o ouvinte ou vice-versa.

Nesses casos, os interlocutores estão se valendo de elementos lingüísticos para confirmar a recepção das informações. Os ouvintes os usam para indicar que estão acompanhando as informações que lhes são enviadas. Os falantes os utilizam, por um lado, para organizar a linearidade do seu discurso: nesse caso, os elementos funcionam como marcas de pós-reflexões, que justificam reformulações no fluxo de informações; e, por outro lado, como um meio de preencher o vazio causado por uma perda da linha de raciocínio ou por sua insegurança ao ter de dar uma opinião a respeito do assunto em pauta. (MARTELOTTA et al., 1996, p. 108-109).

Contextualizando essa sequência, o autor apresenta os seguintes exemplos:

Ex. 1: Eu adoro:: plantar... plantar... plantar verdes, *né?*... e eu... há pouco tempo... eu aproveitei...

Ex. 2: ... mas que adianta um casamento tão lindo... gastam tanto... pra no final eh...

viv/ fica dois... três dias... depois se separam... entendeu? eu acho isso aí um

absurdo... porque... *poxa...* *eu sei lá...* *sabe?* num... *né?* a vida::/ tudo bem... está tudo

difícil... mas a pessoa... eu acho que a pessoa tem que saber... diretamente aquilo que

quer...

Nos exemplos 1 e 2, o autor define a função de *né* como pós-reflexão em (1) e como preenchedor de pausa em (2). A pós-reflexão marcada por *né* quebra a linha lógica da informação, ou seja, há uma especificação do tipo de planta que o locutor quer plantar (*plantar verdes*). Em (2), para que o falante não perca o turno da fala, ele preenche os vazios

² O processo de discursivização (MARTELOTTA et al., 1996) difere do de gramaticalização (MEILLET, 1912), pois é quando uma unidade lexical assume uma função não gramatical, ao contrário da gramaticalização. Nesse caso, considera-se a discursivização como "o processo de mudança que leva determinados elementos lingüísticos a serem usados para reorganizar o discurso, quando suas restrições de linearidade se perdem em função da improvisação típica da fala, ou para preencher o vazio comunicativo causado por essa perda" (MARTELOTTA et al., 1996, p. 277).

com os marcadores em **negrito**, para ganhar tempo, até que encontre as palavras que precisa para dar continuidade ao discurso, essa função é mais abstrata (MARTELOTTA et al., 1996).

Além das funções de preenchedor de pausas e indicador de pós-reflexão, há autores que relacionam o uso do *né* com outras funções, tanto no plano ideacional e textual (função textual), quanto interpessoal (função interacional), conforme Penhavel (2005). Dentre as funções estariam as: *tag*, modalizador, indicador de comentário do falante, marca de tópico, indicador de atividade cognitiva, marcador temporário de preenchimento na cadeia sintagmática e direcionamento do ouvinte.

Martelotta et al. (1996, p. 109) postula ainda que os marcadores discursivos são resultados de uma “trajetória de discursivização, que leva o elemento, num processo de abstração crescente, a assumir funções interativas, que têm no uso como preenchedor de pausa um de seus pontos mais extremos”. Diferenciando-se dos operadores argumentativos, que “tendem a ser provenientes de circunstanciadores espaciais e temporais por um processo de gramaticalização, em que ocorre uma passagem do léxico à gramática” (MARTELOTTA et al. 1996, p. 109). Nesse sentido, compreende-se que os marcadores têm uma função que atua no nível do discurso, porém não há ainda uma classificação bem definida nas pesquisas realizadas até agora. Sendo assim, é importante a sua inserção e descrição nas gramáticas funcionais, pois são recorrentes na fala de usuários desde os menos escolarizados aos mais escolarizados, diferenciando-se apenas nas escolhas dos tipos de marcadores.

OS MDS NO CORPUS: ALGUNS USOS

Inicialmente, observou-se a recorrência dos marcadores discursivos interacionais de diversos tipos e optou-se pelos que seguem no quadro abaixo, por apresentarem maior quantidade de usos.

		9M	10M	11M	12M	13F	14F	15M	16M	TOTAL
Internacional	é	4	69	1	0	3	4		6	39
	abe	1								8
	lha									9
	h		2							8

Tabela 1: frequência dos MDs nas narrativas dos informantes.

Considera-se que o processo de interlocução no *corpus* se dá pela pesquisadora e o pesquisado, na forma de pergunta-resposta (P-R), efetivando-se, dessa maneira, um diálogo mais ou menos controlado, pois as respostas eram narrativas livres relacionadas ao

período de chegada do(a) pioneiro(a) na cidade de Sinop e, conforme a curiosidade da entrevistadora, novas perguntas eram realizadas.

A seguir, descrevem-se as funções, propriedades e comportamentos textual-interativos específicos dos marcadores escolhidos no material analisado: *né, sabe, olha e ah*, contrastando com os estudos de Urbano (2016), que seriam tratados como o subconjunto dos marcadores discursivos que desempenham a função basicamente de orientadores de interação, com função concomitante de sequenciadores tópicos.

Também se incluem algumas variáveis que caracterizam um MD prototípico nessa instância de basicamente interacional, conforme Urbano (2006). Para o autor, além do traço de orientador de interação, os MDs se particularizam também por serem exteriores ao conteúdo proposicional, com autonomia sintática e comunicativamente não autônomos. Além disso, completam-se com outros traços:

- Transparência semântica: normalmente são vazios (como as formas lexicais: *ah, ahn, hem?, uhn*);
- Demarcação prosódica: são demarcados;
- Massa fônica: contêm um número de até três sílabas tônicas.

Desse modo, procurou-se de forma mais ou menos linear seguir as variáveis e traços propostos pelo autor:

- Função textual-interativa;
- Posição na frase oral;
- Posição no turno;
- Coocorrência de outros marcadores;
- Natureza do enunciado anterior ou posterior.

O MD *né*

O marcador mais rico e recorrente no *corpus* é o *né*, forma contraída de *não é?*, *num é?* *Não é verdade?*, no material específico de análise não foram detectadas essas formas, mas somente *né*. Para Urbano (2006), elas podem ter vindo do seguinte processo a partir da matriz *Isso não é verdade?* e podem ser analisadas conjuntamente.

Isso não é verdade? > Não é verdade? > Não é? / Num é? > Né?

Assim, Martelotta et al. (1996) em análise sobre a discursivização da partícula *né* mostra que ela apresenta duas características básicas de elementos que estão em processo de discursivização: a redução fonética, conforme o *continuum* anterior, e o desgaste semântico expresso no *continuum* abaixo:

Pergunta não-retórica> pergunta secundariamente orientada para a resposta do ouvinte> marcador discursivo> preenchedor de pausa. (MARTELOTTA et al., 1996, p. 156).

Consoante à análise de Urbano (2006), tal marcador é um dos mais numerosos na interlocução, no entanto o mais vazio semanticamente e foneticamente. Como já mencionado acima, as únicas formas descritas encontradas no material analisado, foram o *né* (439) e o *não é?* (1).

Salienta-se que na transcrição das falas a forma *né* quase não aparece com natureza interrogativa (*tag question*) e sim como afirmativa. Contudo, só pelo material escrito, há margens de dúvidas quanto ao aspecto interrogativo ou afirmativo de *né*. Com a marcação interrogativa foram encontradas apenas seis ocorrências. Para a afirmação, o uso é com a função de reafirmar algo que acabou de ser dito, já para a interrogação é usado no final de frase, com equivalência a *não é?* Conforme exemplos abaixo:

1. O telefone, eu não lembro o ano que ele veio, eu fui um dos primeiro a pegá telefone, mas quando ele veio já era tarde e a gente sofreu muito porque não tinha comunicação com nada. Algum radiozinho amador que alguém tinha, mas só falava rádio com rádio, *né*, e mais nada. Então era difícil.
2. Ele pegou e falou pra um velhinho, escuta, você não quer abrir uma divisa de terra pra mim? Sabe o que é divisa, *né?* (S12M).

Nesses casos, a função textual-interativa é de fático de natureza em (1) e entonação interrogativa em (2). Apresenta-se, dessa forma, um caráter bidirecional, ou seja, ora relaciona-se ao texto, ora ao interlocutor. Também em (2), o *né* poderia coocorrer com *sabe* (*Sabe o que é divisa? Não sabe?*).

A pergunta retórica (que não pede efetivamente a resposta do ouvinte) é uma das fases em que a partícula assume função mais discursiva, nesse caso a pergunta é apenas para marcar comentários do falante em relação ao momento do enunciado. Não significa que o ouvinte tenha que efetivamente responder a questão marcada por *né?*.

No trecho a seguir, destaca-se o falante que mais apresentou uso do marcador (nove vezes) somente nesse recorte da narrativa:

1. E saiu, pegou a caminhonete e foi embora. Não me disse nem tchau, nada. Ele só pediu pra dona Amélia, *a senhora dá pensão pra esse rapaiz, se ele não paga eu pago*, e foi. Ela só respondeu que dava e eu fiquei ali, meu Deus do Céu. Falei *bom, pelo menos eu tenho onde ficá, né*. Risos... Ele acreditou em mim, tudo bem! Saí dali, tomei um banho, no fundo, no fundo tinha um banheiro feito de tábua assim, *né*, com um baldinho, a gente pegava água do poço, enchia e aí fui lá, tomei um banho e saí pra rua; botei uma roupa e saí pra fora. Eu falei *pelo menos pra vê a cidade*, porque eu não tinha visto a cidade ainda. A cidade tinha umas 100 casinha, *né*. Eu fiquei olhando assim, meu Deus do Céu, olhava ao redor

assim, tudo mato, *né*, porque a mata era alta, *né*, hoje a gente não vê mais. Então era uma cidade dentro de um buraco de mato, foi tirado o mato e posto uma cidadezinha dentro. Poeira, Nossa Senhora! Porque tudo era queimado, *né*, então as ruas era um pó de terra com cinza, *né*, porque tudo era queimado, não tinha nada o que não fosse queimado. Não tinha o que fazê, tinha que ser fogo, o fogo foi o maior aliado da formação disso aqui, *né*. Então, aí eu peguei e saí, quando eu cheguei na Primavera tava construindo a primeira casa de alvenaria, que era do Valdir Luciano, que tinha uma autopeça na frente, uma lojinha de peça de carro, *né*. (S10M).

Nesse trecho os usos do *né* podem ser substituídos por outros marcadores, bem como desempenham função de pós-reflexão e de confirmação de enunciado. O que Freitag (2008) denomina de requisito de apoio discursivo (também podem-se incluir nessa subfunção os marcadores *sabe? tá? e não tem?*), pois possuem a função de testar o caminho entre o falante e o ouvinte. Para essa mesma função, Urbano (2006) denomina de BAD – partículas de ‘busca de aprovação discursiva’, que estariam relacionadas a expressão de orientação por parte do falante direcionado ao ouvinte ou *checkings* na designação de Guerra (2007). Destaca-se, a seguir, outro exemplo:

1. Por causa da nascente, porque aqui em volta da cidade tem várias nascente. Viu no mapa, *né!* Acho que quatro nascente, *né*; quatro ou cinco. Então tá em cima dum lugar que sai bastante vertente, pra tudo lado assim. Não é que nem lá no Alto da Glória, por exemplo, que não tem nascente lá perto. O lugar é alto. (S9M)

No recorte (4) o falante formula uma pergunta retórica que ele mesmo responde na sequência, nesse caso a autorresposta evidencia um grau de subjetividade do falante. Já em (5), tem-se outra função:

2. E como foi a história do senhor vir pra cá, vir pra Sinop?

Ele: Quando eu vim pra cá foi quando, a gente resolveu vim, *né*, mas aí quando eu vim, eu vi aquelas coisas, aquelas histórias, eu falei *mas um dia ainda eu vou pro Mato Grosso, um dia eu vou conhecê, né*. Aí eu saí do seminário, fui pra casa, fiquei um tempinho e falei *mas eu não posso ficá aqui, né*. *O que é que eu vou ficá fazendo aqui, né, daqui há 20 anos, 30 anos, eu tô aqui.*(S10M)

Aqui, como na análise de Martelotta et al. (1996), o marcador assume função de tópico, ou seja, o *né* é tópico para o que vai ser dito posteriormente e se liga ao sintagma nominal (eu) mencionado anteriormente.

Dos aspectos gerais relacionados aos usos de *né*, observou-se que a função principal de *né* é a fática, quando produzidos após enunciados declarativos.

O MD *sabe*

Já para o marcador *sabe*, que também pode coocorrer com as formas: *entende?/entendeu?, tá, viu?* pois apresentam características comuns (URBANO, 2006), evidenciou-se uso menos produtivo do que o *né*, observado apenas em 4 falantes (somente com a forma *sabe*). Seguem exemplos:

1. Era um moinho de moê trigo, né. Fazê farinha. Só que o governo trancô aqueles moinho colonial, porque diz que sonegava muito, porque os grande moinho deram em cima do governo pra trancá aqueles moinho, porque atrapalhava eles, *sabe* (S15M).
2. Gostamo sim porque, como se diz, existia uma lavoura de café ali embaixo perto do cemitério, tava muito bonita! E nosso ramo sempre foi café, *sabe*, então a gente achou que o café tava bom, né. Acontece que café no começo saía bem, depois ele caía. Um ano, dois ano, três ano (S9M).
3. Ela: Foi, foi, as pessoas eram bem boas assim, *sabe*. Depois a Elizandra, ela estudava lá na Nilza, lá as irmã gostavam muito dela, porque a diretora lá era irmã, irmã Xavier, ela gostava muito da Elizandra. (S13F)

Esse marcador possui uma fonte gramatical verbal (saber) e uma função fática de natureza interrogativa. Juntamente com o *né*, apresenta funções semelhantes e ocorrências consideráveis. É possível encaixá-lo também como requisito de apoio discursivo, aquele que espera do interlocutor uma aprovação para seu enunciado, por meio de pergunta retórica.

O MD *olha*

O MD *olha*, também observado nas narrativas, apresentou-se somente nessa forma, mas também foi pesquisada a variante *olhe* (nenhuma ocorrência). Esse possui natureza imperativa e tem a função de pedido de atenção ou uma atitude mais atenta e até mesmo demonstrativa. Conforme se ilustra nos exemplos abaixo:

1. *Olha*, eu com o meu marido, nós tinha gado, fazia um portão ali, falava *fazê um portão ali*. Aqui eles falavam os colchete. Colchete pra portão. Era coisas assim bem diferente, a gente nem sabia o que é que era. (S13F).
2. E eles tavam ali comentando onde um tinha gostado mais, onde não tinha tal, tal, tal. Aí um cidadão falou uma coisa assim, ele falou *olha, aonde a mata não cheira*, aonde a mata não cheira de mato, né, *e o passarinho não canta, cuidado com a terra*. (S10M).

3. É. Armando Zar, ele é falecido, ela também já faleceu. Era um casal, eles já tinham uns 40 anos, uma coisa assim. Aí ele chegou lá e pediu pra dona Amélia, *olha, dona Amélia, a senhora dá pensão pra esse rapaiz e se ele não pagá eu pago.* (S10M).

Consoante Urbano (2006), os exemplos (10) e (11) têm uso peculiar, pois ilustram uma fala em discurso direto de uma situação anterior a que está sendo dita, proferida não pelo falante, mas por outro que está inserido na história (dramatiza a fala de outrem).

No exemplo seguinte, chama-se a atenção à variedade do MD, que marca também a variação diatópica do falante; das cinco ocorrências de *olha* proferidas por ele, três estão transcritas como *oia*:

1. [...] Então passava tudo de barquinho, de barquinho, baldeava tudo os carro ali, tinha um barco só pra levá os passageiro pra lá e as mala. E a gente passava perigo ali, porque eles enchia muito, *oia*, a água faltava um tantinho pra enchê o bote, porque enchia muito o barquinho. (S15M)

Salienta-se que esse MD pode coocorrer com outras formas, como *vem cá, vamos ver, veja e olhe*, também com funções de natureza vocativa, não encontradas nesse recorte analisado.

O MD *ah*

Reserva-se uma última consideração para as ocorrências de *ah* no *corpus*, segunda maior em número. Em relação a esta forma, Urbano (2006) ressalta que pode apresentar variantes gráficas e fonéticas (*ah, ahn, ahn ahn*) e podem ser transcritas por mais de uma forma gráfica: *ah e há; ahn, hã e ã*, decorrentes, muitas vezes, da não percepção acústica da fala por parte de quem transcreve. Destaca-se, a seguir, um exemplo de uso de *ah*:

1. A palavra nós vomo e lá se falava nós vomos e tem mais coisas, assim, agora não lembro, mas tem muita coisa que a gente falava diferente, né. *Ah*, arriba, arriba (S14F).

Em (13) o marcador parece assumir um comentário ou réplica de comentário anterior, marcando, dessa forma, uma concordância ou o escopo de uma declaração. No caso, a falante lembrou-se de outro uso que não fazia parte de seu repertório léxico antes de vir a Sinop.

No *corpus* não foram encontradas outras formas gráficas desse marcador, apenas o *ah*. Nota-se que esse uso possui uma base interjeicional, que, segundo Guerra (2007), pode assumir subfunções de predominância interacional, como iniciador e interpelativo. Seguem mais alguns exemplos proferidos pelos falantes:

1. E aí o senhor ajudou a construir?

Ele: *Ah*, sim, depois foi feito a Igreja Santo Antônio no mesmo local, mas é outra Igreja. A colonizadora que fez a primeira Igreja tipo um estilo, uma estrela, e depois ela foi espichando, foi crescendo. (S11M).

2. E habitantes também ainda tinham poucos?

Ele: *Ah*, eu acredito que quando eu cheguei, em 76, se tinha 500 habitantes era muito, ao todo. Só tinha 2 comerciazinho que vendia bebida e ao mesmo tempo comida, pequenininho, então não podia ter mais do que isso daí, na época. (S12M).

3. Então, nessa época, caçava-se bastante aqui?

Ele: *Ah!* Caçava! Caçava bastante porque era o único jeito. Era divertimento, aí era caça ou pesca. E aproveitava na caça comê uma carne fresca, que era o único jeito de comê uma carne fresca, né. Aí não tinha muiê dizê *eu não gosto de carne*. Hoje, *ah*, *eu não como carne de paca*, mas na época eu tenho certeza que você ia comê e ia gostá, porque a falta era tanta! Risos... (S12M).

Nos três exemplos acima, o marcador inicia resposta, apresentando traço de orientador de interação, sinalizando resposta do falante ou orientação argumentativa em relação à pergunta realizada pela entrevistadora. A seguir, aponta-se outro caso de uso de *ah*:

1. [...] Foi feito uma festa melhor aquela de bicho do que com a carne de boi. Risos...
As mulher comia de ficá barriguda!

Ah, e os homens não?

Ele: Os homem não? Quero vê não! Isso é pra vê a necessidade que era na época.
E eu não sei porquê que nesse meio tempo eu gostava daqui igual. [...] (S12M).

Em (17) destaca-se um caso de *feedback* (URBANO, 2006) e de *checking* (GUERRA, 2007), pois o ouvinte (entrevistadora) reforça a pergunta (em negrito) para checar ou dar continuidade à narrativa. Constitui nesse caso, uma marca de progressão de interação, pois se trata de um tipo de conexão discursiva e não textual, ou, como salienta Guerra (2007), é um mecanismo de coesão interacional do discurso. Esse uso aparece seis vezes, em que o marcador é o entremeio das falas de entrevistador e entrevistado.

Enfim, apresentaram-se alguns usos de MDs interacionais presentes nas narrativas de pioneiros sinopenses. Vale ressaltar que também podem ser observados outros, como o MD *tipo assim* observável em dois falantes, com ocorrência de cinco vezes. Para este, por sua baixa recorrência, preferiu-se omitir das frequências. Sendo, talvez, mais produtivo com falantes mais jovens, o que hipotetiza o uso desses dois informantes, porventura, esteja relacionado ao convívio com pessoas de faixas etárias menores como também acesso às novas tecnologias. Destarte, não se mencionou os usos de MDs sequenciadores (*então, agora, aí...*) com usos bastante recorrentes para a forma *aí*, talvez pelo caráter narrativo das informações. Mas esta análise fica para outro momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda há muito para se dizer sobre a natureza e as funções semântico-pragmáticas dos MDs, que não esgotam aqui suas possibilidades de análise. Tentou-se, por sua vez, mostrar alguns usos por esse grupo de falantes pautados na análise de Urbano (2006) e outros.

Acredita-se que há uma forte relação da quantidade de usos de MDs e o local de origem dos informantes. Para essas comparações, observa-se a tabela a seguir, considerando-se apenas a naturalidade dos informantes:

Naturalidade	Amaporã/PR	Guabiju/RS	Palmas/PR	Salete/SC	Guarani das Missões/RS	Indaial/SC	Ampere/PR	Palmeiras/GO	Total absoluto
Né	7,74% / 34	38,49% / 169	11,61% / 51	4,55% / 20	9,79% / 43	7,74% / 34	0,45% / 2	19,58% / 86	439
Sabe	39,28% / 11	-	3,57% / 1	-	21,42% / 6	-	32,14 / 9	-	28
Olha	3,44% / 1	20,68% / 6	17,24 / 5	13,79 % / 4	17,24% / 5	3,44% / 1	17,24%/5	6,89% / 2	29
Ah	7,89% / 3	31,57% / 12	13,15% / 5	15,78% / 6	5,26% / 2	13,15% / 5	2,63% / 1	10,52% / 4	38

Tabela 2: Frequência em relação à naturalidade dos informantes.

Assim, por exemplo, o informante S10M apresentou usos abundantes de *né*, ao passo que o S15M apenas duas ocorrências, conforme o quadro sociolinguístico, sendo que a naturalidade dos dois é diferente, o primeiro do Rio Grande do Sul e o segundo do Paraná. Afora, ainda, considera-se que o primeiro tem mais escolaridade e o segundo menos. O que parece indicar, de fato, que a naturalidade dos informantes tenha relação com maior uso de marcadores discursivos, de um tipo ou de outro, dependendo da função. Em contrapartida, o informante que mostrou usos abundantes de *né*, já não apresentou nenhuma ocorrência de *sabe*, ao passo que S15M expressou maior quantidade para esse marcador.

Este estudo pretendeu projetar um olhar mais crítico dos usos e variações linguísticas presentes nessa comunidade de fala, com esse grupo de falantes. Cabe, ainda, como já referido, contrastar em outro momento, os mesmos usos com um grupo jovem e de nível de escolaridade maior. Será mais produtivo ou menos para os mesmos MDs, ou usam outras formas coocorrentes? Níveis mais altos de escolaridade privilegiam outras escolhas de marcadores discursivos? Deixam-se essas questões para futuras pesquisas sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

COAN, Márluce e FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. In. **Domínios da Lingu@gem**. Vol 4, no. 2, UFU, Uberlândia, 2010.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **A expressão do passado imperfeito no português: variação/gramaticalização e mudança**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística). Programa

de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. Marcadores discursivos interacionais: análise contrastiva entre duas variedades do português falado no Brasil. *Anais do CELSUL*, 1-14, 2008.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola, 2007.

GUERRA, A. R. **Funções Textual-Interativas dos Marcadores Discursivos**. 2007. 233p. Dissertação (Mestrado em Análise Linguística) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto.

GUY, Gregory. **A identidade linguística da comunidade de fala**: paralelismo interdialeto nos padrões linguísticos. *Organon*, 14(28-9): 17-32, 2000.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Editora Parábola, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE; Sebastião Josué, CEZÁRIO, Maria Maura. **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. Trajetórias verbo > marcador discursivo. In: S. J. Votre; M. E. Martelotta (orgs.) **Trajetórias de gramaticalização e discursivização**. 1998. mimeo.

MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale**. 6. ed. Paris: Librairie Honoré Champion Éditeur. [1912]. 1965.

PHILIPPSEN, Neusa Inês. **A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais**. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (USP), 2013.

RISSE, Mercedes Sanfelice; SILVA, Gisele Machline de Oliveira e; URBANO, Hudinilson. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: KOCH, Ingedore; JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi (orgs.). **Gramática do português falado**. Vol. I. Campinas: São Paulo Ed. da UNICAMP, 2006. p. 403-425.

RISSO, Mercedes Sanfelice. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: KOCH, Ingedore; JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi (orgs.). **Gramática do português falado**. Vol. I. Campinas: São Paulo Ed. da UNICAMP, 2006. p. 427-496.

PENHAVEL, Eduardo. **Sobre as funções dos Marcadores Discursivos**. Estudos Lingüísticos XXXIV, p. 1296-1301, 2005. [1296/1301].

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. Comunicação apresentada no **XII International Congress of Historic Linguistics**, 1995. Disponível eletronicamente em <<http://www.stanford.edu/~traugott/ect-papersonline.html>>. Acesso em 28 set. de 2016.

URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: KOCH, Ingedore; JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi (orgs.). **Gramática do português falado**. Vol. I. Campinas: São Paulo Ed. da UNICAMP, 2006. p. 497-527.

WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). Empirical Foundations for Theory of Language Change. In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press: 95-188. [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006].

PRÉVIAS DO ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO NORTÃO DE MATO GROSSO

*Antônio Tadeu Gomes de Azevedo
Valéria Faria Cardoso*

INTRODUÇÃO

No Brasil, a diversidade e a variabilidade linguística do Português Brasileiro é um tema que tem gerado um conjunto muito significativo de pesquisas linguísticas que buscam retratar essa realidade da língua como um sistema aberto, heterogêneo, dinâmico e funcional. E a região norte do estado de Mato Grosso, popularmente denominada “Nortão”, formada por 20 municípios tem uma importância significativa para uma pesquisa que objetiva descrever o contexto linguístico de contato de muitos falares do Português Brasileiro em uma região de recente ocupação pelo processo migratório interno, iniciado a partir de meados do século XX.

Destacamos que Antenor Nascentes (1953) considerou o norte de Mato Grosso e o norte de Goiás como “território incaracterístico” linguisticamente, na sua proposta de divisão dialetal do Brasil. Ele acreditava que esta região era muito pouco habitada naquela época o que dificultava a sua ‘caracterização’. Mas, atualmente, devido ao processo migratório interno, que tem provocado um novo desenho dessa região, em termos culturais, linguísticos e econômicos, espera-se que este trabalho refletirá não somente a história de migração para o nortão de Mato Grosso, mas também retratará uma variedade do português brasileiro que se forma pela confluência social, cultural e história, caracterizando assim, geolinguisticamente, esta região.

Para a realização desta pesquisa seguiu-se os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия Pluridimensional¹ e Contatual a partir de H. Thun (1998; 2009) e Radtke & Thun (1996). Nesta perspectiva, trabalhou-se na elaboração dos cartogramas com dados topostáticos e topodinâmicos; contemplando as dimensões: diatópica (parâmetros topostático e topodinâmico); diagenérica (dois homens e duas mulheres para cada grupo em cada localidade); diageracional (faixa etária I - 18 a 30 anos – e faixa etária II - 31 a 65 anos) e diafásica (questionários linguísticos e temas para discursos semidirigidos).

A rede de pontos é formada por 05 localidades: Alta Floresta, Colíder, Guarantã do Norte, Peixoto de Azevedo e Sinop e em cada uma delas foram realizadas 04 entrevistas, para cada grupo de migrante que constitui a população daquela localidade, totalizando 72 entrevistas, com pluralidade simultânea de informantes.

Os dados coletados a partir das entrevistas, com a aplicação do QSL, foram transcritos e armazenados em um banco de dados elaborado no programa Excel, gerando

¹ Para H. Thun, a dialetoлогия pluridimensional é o estudo da variação no espaço antropogeográfico, por isso se chama também geolinguística pluridimensional.

base para o tratamento das informações no formato de quadros, gráficos, tabelas e cartogramas. Sendo que, para cada questão gerou-se um cartograma linguístico, que além de revelar a norma semântico-lexical no norte mato-grossense, mostrou-se um conjunto de fotografias geolinguísticas da distribuição diatópica e da influência topodinâmica deste espaço geográfico, social, histórico e cultural.

DIALETOLOGIA: DA GEOGRAFIA LINGUÍSTICA À GEOLINGUÍSTICA PLURIDIMENSIONAL

Atribui-se o início da Geografia Linguística à primeira ideia de registrar em mapas as diferenças dialetais, surgida na Alemanha, em 1876, quando Georg Wenker enviou uma lista de frases escritas em alemão culto, padrão para professores das escolas do norte daquele país pedindo que devolvessem transcritos de acordo com o dialeto local. Com esse trabalho pretendia provar a existência de limites dialetais como também a existência dos próprios dialetos alemães. Mas foi através da obra de Jules Gilliéron, o *Atlas Linguistique de la France* (1902 - 1910), que a cartografia linguística tomou força e se espalhou pela Europa e Estados Unidos, através do próprio Gilliéron e seus seguidores.

Se Wenker abre caminho para uma pesquisa diatópica ampla, permitindo, assim, a intercomparação de dados, o mérito de consolidar definitivamente o método de recolha dos dialetos geográficos vai recair sobre Jules Gilliéron, que, em 1887, inicia a coleta de dados para o *Atlas Linguistique de la France*, realizado com a ajuda do Ministère de l'Instruction Publique, e publicado em Paris de 1902 a 1910. (CARDOSO, 2010, p. 42).

Segundo Cardoso (2010), o início dos estudos dialetais no Brasil foi a partir da contribuição do Visconde da Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, ao *Atlas Ethnographique du Globe*, de Aldriem Balbi, publicado em 1826 e que se encontra em algumas bibliotecas da Europa.

Mas, foi no início da década de 1950, mais precisamente no ano de 1952, que surgiu a primeira manifestação para a elaboração de um atlas linguístico do Brasil, quando, através do Decreto nº 30.643, de 20 de março, no seu Art. 3º, determina como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Esta determinação foi regulamentada pela Portaria n.º 536, de 26 de maio do mesmo ano, a qual, ao baixar instruções referentes à execução do decreto de criação do Centro de Pesquisas Casa de Rui Barbosa, estabeleceu como finalidade principal, entre as pesquisas a serem planejadas, a própria elaboração do atlas linguístico do Brasil (Cardoso, 2010).

Neste sentido, Nascentes considerava o Português falado no Brasil como um dialeto do Português de Portugal e divide esse dialeto em dois subdialetos: o subdialeto do sul e subdialeto do norte. Também divide o subdialeto do norte em duas variantes: a amazônica e a nordestina; e o subdialeto do sul em três variantes: a fluminense, a mineira e

a sulista. Com uma grande faixa intermediária onde está o falar baiano e uma vasta área no coração do Brasil denominado “território incharacterístico”, ver mapa 01.

Os estudos dialetológicos, no Brasil, atingiram uma posição de destaque no cenário das pesquisas linguísticas a partir da publicação dos volumes I e II do Atlas Linguístico do Brasil, ocorrido no III CIDS – Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística: *variação, atitudes e ensino*, realizado pela UEL- Universidade Estadual de Londrina-PR, no período de 07 a 10 de outubro de 2014. Podemos também incluir neste marco vários trabalhos desenvolvidos por iniciativa de muitos pesquisadores que passaram a desenvolver seus projetos regionais a partir da aprovação e desenvolvimento do projeto nacional e principalmente pelo clima favorável ao surgimento de tantos outros projetos de pesquisas em forma de dissertações e teses que serão impulsionados pelo Projeto Alib.

É nesse contexto que a Geolinguística de Mato Grosso encontra-se inserida, além das teses e monografias regionais que buscam um diálogo com o projeto ALIB, um grupo de pesquisadores está desenvolvendo um projeto estadual, o ALiMAT – *Atlas Linguístico de Mato Grosso*, que se encontra com dados coletados em fase de sistematização. E, mais recentemente, com a criação de um núcleo de pesquisas geolinguísticas, através do Projeto *Diversidade e Variação Linguística no Estado de Mato Grosso* (DIVALiMT), institucionalizado na Unemat – Câmpus de Sinop, reúne pesquisadores que desenvolvem suas pesquisas sobre a diversidade e variação linguística no estado de Mato Grosso.

CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E LINGUÍSTICO DA PESQUISA

A história de ocupação do estado de Mato Grosso pelos Europeus: Portugueses e Espanhóis não foi diferente do que ocorrera no Brasil. Iniciou-se ainda no século XVI, no ano de 1524, quando o português Aleixo Garcia, acompanhado de alguns brancos (europeus) e uma centena de índios atravessou o Rio Paraná e entrou nas terras mato-grossenses; que ainda pertencia ao domínio espanhol devido ao Tratado de Tordesilhas, em busca de grandes riquezas e novos horizontes.

A história inteira do Brasil é caracterizada pelo deslocamento de pessoas: da colonização ao tráfico de escravo, das migrações transoceânicas àquelas internas. A identidade nacional, mesmo através de muitas contradições, construiu-se, queira-se ou não, na ideia de uma sociedade multiétnica. (CROCI, 2011, p. 73).

Os primeiros bandeirantes² instalam-se às margens do rio Cuiabá e fundam a primeira vila - Vila Real do Nosso Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Mais tarde avançam pelo vale do Rio Guaporé e por ordem da Coroa Portuguesa fundam Vila Bela da Santíssima

² Segundo VOLPATO (1986), as primeiras bandeiras eram expedições pequenas, contendo algumas dezenas de homens e até mesmo centenas. No auge das bandeiras, no século XVII, algumas bandeiras chegaram a conter milhares de integrantes, eram verdadeiros exércitos que cruzavam o interior do continente.

Trindade em 1752, com o objetivo de impedir o avanço dos espanhóis, consolidando assim os limites da colônia portuguesa no território mato-grossense. Na década seguinte, rumam em direção ao Pantanal e nas margens do Rio Paraguai, fundam a Vila de São Luís de Cáceres.

Na sua história, o atual estado de Mato Grosso foi e está sendo ocupado por várias e sucessivas "invasões e correntes migratórias", motivadas por ciclos econômicos (do ouro, da borracha, da madeira, do gado), programas do governo federal - Plano de Desenvolvimento Nacional (I PND e II PND), projetos de colonização e reforma agrária e crises socioeconômicas, formando assim regiões muito distintas (Araguaia, Pantanal, Sul, Noroeste, Baixada Cuiabana, Médio Norte e Nortão), devido a vários fatores, tais como: modelo de exploração econômica, época de chegada dos migrantes, origem geográfica e étnica dos grupos, aspectos geográficos dos diferentes biomas (Pantanal, Cerrado e Floresta Amazônica), tipos de colonização (privada ou pública), distribuição fundiária (latifúndio, médias propriedades ou pequenos lotes rurais) e a relação com os diferentes grupos indígenas (convivência, exploração ou dizimação).

Nas últimas 03 décadas, um dos movimentos migratórios mais intensos e significativos ocorreu no norte de Mato Grosso, região popularmente chamada de nortão, situado na chamada "Amazônia Legal mato-grossense"- área de floresta tropical, situada entre o "cerrado" e a Serra do Cachimbo no sul do Pará. A imensa floresta da Amazônia Mato-grossense sofreu profundas transformações com a chegada de centenas de grupos oriundos, praticamente, de todas as regiões do país. Isso porque durante as décadas de 1970 e 1980 o governo militar do Brasil "investiu" em programas de colonização em regiões da Amazônia e do Cerrado, que considerava desabitadas, sem respeitar as tribos indígenas que viviam ali, o impacto ecológico e social que ocorreria. Distribuindo grandes áreas de terras para empresas, cooperativas e sociedades imobiliárias interessadas em grandes projetos de colonização ou de implantação de atividades de agropecuárias.

Nessa época, a população marginalizada do chamado "milagre econômico brasileiro"³ e fruto da "ditadura militar", começavam a organizar-se enquanto movimentos sociais, sindicais e grupos, com o apoio de setores da Igreja Católica, partidos de esquerda e movimentos revolucionários; entre os quais citamos: os desabrigados de suas terras devido a construção de hidroelétricas, os colonos expulsos das reservas indígenas, os sem terras, os migrantes nordestinos vítimas da seca, os desempregados dos grandes centros, os brasiguaios - brasileiros expulsos do Paraguai e outros.

É interessante destacar que, para atrair os agricultores foi montada uma rede de propaganda; através dos colonizadores, do governo e dos meios de comunicação; que divulgava os projetos sob a construção simbólica de um tipo de agricultor, que era recrutado e selecionado para iniciar e garantir o sucesso dos programas, chamados de:

³ Para Santos (2001), foi durante o governo "desenvolvimentista" de Juscelino Kubitschek e do governo militar que houve um acelerado crescimento da industrialização e da implantação de obras de infraestruturas. Por isso, chamou-se esse período de "milagre econômico brasileiro" como forma de exaltar os governos e encobrir a repressão policial.

"colono modelo", "moderno", "pioneiro", "vencedor"⁴. Consequentemente, centenas de grupos de excluídos foram atraídas, manipulados e trazidos para a região que, além da ocupação de uma parte da terra, vários povoados e centros urbanos foram surgindo e com isso outras pessoas também migravam para este "eldorado" (Santos, 1993).

Por causa das grandes levas de migrantes, formou-se no norte do estado de Mato Grosso, uma sociedade tão diversificada cultural e linguisticamente, ver (COX, 2005), devido às origens dos grupos, a estratificação social resultante da rápida concentração da renda e do relativo isolamento da região em relação ao restante do país⁵. Isso constitui, principalmente no campo lexical, semântico, morfológico e fonológico, um vasto campo para as pesquisas sociolinguísticas, dialetológicas, geolinguísticas, linguística histórica, etnolinguísticas e outras.

No curso de quase trezentos anos de esporádicos contatos com outras regiões do país, foi se engendrando na Baixada Cuiabana uma variedade de português diferente de outras faladas no Brasil. Os imigrantes que aqui chegaram nas décadas de 1950, 1960 e 1970, impelidos pela "marcha para o oeste", incentivada pelo presidente Getúlio Vargas desde os anos quarenta, mobilizados pelo sonho e empresa espetacular de construção de Brasília durante o governo de JK, seduzidos pelas políticas públicas de incentivo ao povoamento do Brasil Central e da Amazônia e encorajados pela pavimentação das rodovias BR-163 e BR-364, ambas ligando Cuiabá aos grandes centros do país, depararam-se com brasileiros falantes de um português singular, pouco conhecido fora do estado de Mato Grosso. (COX, 2005, p. 65).

A convivência desses grupos de origem geográfica distinta numa mesma comunidade linguística gerou novos conflitos, ou melhor, acirraram os antigos (Norte x Sul, Sudeste x Nordeste, Sul x Sudeste, Nordeste x Sul), isso tanto nos campos social e econômico quanto no linguístico e cultural. Pois, cada grupo com seu "falar característico" procura, inicialmente, preservar sua identidade e/ou impor a sua cultura, ao mesmo tempo em que se estabelece uma rede de solidariedade, assimilando o modo de falar dos outros para interagir com o seu grupo social.

Diante dessa realidade social, histórica e linguística e tendo uma motivação necessária para o desenvolvimento do projeto do *Atlas Semântico-Lexical do Nortão de Mato Grosso: suas influências topodinâmicas*, sentimos a necessidade de buscar um modelo compatível com os objetivos almejados e que ao mesmo tempo possibilitasse uma pesquisa relevante cientificamente, bem como, que dialogue com outros projetos maiores, o ALiB -

⁴ SANTOS, J. V. T. dos. Matuchos: exclusão e luta do Sul para a Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1993.

⁵ De um cenário linguístico aparentemente homogêneo, Mato Grosso se converteu, nesses tempos de intenso fluxo migratório, num cenário visivelmente heterogêneo. Escutam-se aqui não mais apenas as notas do falar cuiabano, mas também as do gaúcho, do paranaense, do catarinense, do goiano, do mineiro, do paulista, do nordestino entre outros brasileiros. As relações entre a variedade linguística local e as dos imigrantes estão longe de ser pacíficas. Aliás, tensão e conflito estão sempre presentes nos contextos onde diferenças linguísticas se entrecruzam, uma vez que as diferenças, via de regra, são hierarquizadas segundo o status socioeconômico de seus falantes (COX, 2005, p. 82).

Atlas Linguístico do Brasil, o ALiMAT - Atlas Linguístico de Mato Grosso e outros que possibilitem o estabelecimento de relações, comparações ou confrontos.

O “nortão mato-grossense” é composto por 20 municípios: Paranaíta, Alta Floresta, Carlinda, Novo Mundo, Guarantã do Norte, Nova Guarita, Terra Nova do Norte, Matupá, Peixoto de Azevedo, Santa Helena, Marcelândia, Cláudia, União do Sul, Santa Carmem, Feliz Natal, Vera, Sinop, Itaúba, Colíder e Nova Canaã do Norte.

Como pontos de inquéritos foram definidos, a partir dos grupos de migrantes que compõem a base populacional de cada município e a sua função representativa na microrregião, ficando assim definidos os municípios de Alta Floresta, Colíder, Guarantã do Norte, Peixoto de Azevedo e Sinop como pontos da pesquisa.

Os dados apresentados foram coletados a partir da Ficha das Localidades, das informações do censo do IBGE 1991⁶, de pesquisas bibliográficas e da história oral contada pelos informantes e por outras pessoas da localidade. Em alguns municípios não encontramos nenhuma palavra escrita sobre a sua história e a história que encontramos foi apenas a história oral. Mesmo assim, buscamos a confirmação das informações com outras pessoas da comunidade.

QUADRO 01 - Pontos de inquérito e população de 1991 a 2014

N.	Ponto	POPULAÇÃO			
		1991	2000	2010	2014
01	Alta Floresta	53.031	46.982	49.164	49.877
02	Colíder	29.930	28.051	30.763	31.707
03	Guarantã do Norte	18.130	28.200	32.216	33.632
04	Peixoto de Azevedo	35.816	26.156	30.812	32.464
05	Sinop	36.883	75.002	113.099	126.817

Fonte: IBGE, censos de 1991, 2000, 2010 e estimativa 2014.

PESQUISA GEOLINGÜÍSTICA: MÉTODO E PROCEDIMENTOS

No modelo de pesquisa geolinguística pluridimensional incluem-se os procedimentos de delimitação de dimensões e parâmetros que permitam a execução da pesquisa a partir dos objetivos traçados. Por isso, o presente estudo se propõe a contribuir com os estudos pluridimensionais de contatos multivarietais, envolvendo territórios (geográficos e linguísticos) formados em recentes processos de migração.

O *Atlas Semântico-Lexical do Nortão do Estado de Mato Grosso: suas influências topodinâmicas* surgiu como projeto de pesquisa devido a nossa inquietação diante de uma nova realidade que se mostrava naquela região. Devido às ações de colonização e reforma agrária, grande levas de migrantes, oriundos de diversas regiões do país, num espaço curto de tempo, passaram a ocupar a Amazônia Mato-grossense⁷ de forma muito intensa,

⁶ A utilização dos dados do Censo do IBGE de 1991 se dá em razão da importância das informações da constituição da população do norte do estado de Mato Grosso logo após duas décadas de intenso fluxo migratório e sem um percentual muito elevado de filhos destes migrantes nascidos na região.

⁷ A Amazônia Mato-grossense corresponde a uma grande área de floresta que se forma a partir do paralelo 13.

principalmente, nas décadas de 1970 e 1980. Com isso, formou-se ali uma nova comunidade muito diversificada sob vários aspectos: econômico, histórico, social, cultural, étnico, linguísticos, entre outros.

Definimos como objetivo principal a ser seguido o de "elaborar um Atlas Semântico-Lexical do Nortão do Estado de Mato Grosso" registrando em cartogramas as variantes diatópicas lexicais relacionando-as com as influências topodinâmicas, isto é, levantar e quantificar a população quanto a sua origem geográfica e a sua distribuição na região, estabelecendo a relação entre a variação lexical, de forma a retratar os parâmetros diatópicos e topodinâmicos das variantes linguísticas em relação a cada objeto ou variável e a procedência dos mesmos. Também, definimos como importante a realização de um levantamento do repertório léxico-semântico a partir das informações dadas pelos sujeitos migrantes, os colaboradores.

A pesquisa está ancorada nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia Pluridimensional (THUN, 1991; 1995; 1998; 2005), para os cartogramas com dados topostáticos e topodinâmicos, e contempla as dimensões: diatópica (parâmetros topostático e topodinâmico); diagenérica (dois homens e duas mulheres para cada grupo em cada localidade); diageracional (faixa etária I - 18 a 30 anos - e faixa etária II - 31 a 65 anos) e diafásica (questionários linguísticos e temas para discursos semi-dirigidos).

Quanto à dimensão diatópica, a rede de pontos é formada por 05 localidades: Alta Floresta, Colíder, Guarantã do Norte, Peixoto de Azevedo e Sinop e em cada uma delas foram realizadas 04 entrevistas, para cada grupo de migrante que constitui a população daquela localidade, com pluralidade simultânea de informantes.

A elaboração do Atlas Semântico-Lexical do Nortão de Mato Grosso foi pensada a partir de outros projetos já desenvolvidos como o ALERS e ALPR ou em andamento como o ALiB e ALiMAT, na geolinguística brasileira. Os resultados alcançados devem dialogar com os resultados dos projetos acima citados e outros atlas regionais. Isso se torna possível quando se aplica os mesmos procedimentos metodológicos e os mesmos instrumentos de coleta de dados. Neste caso, buscaram-se as mesmas orientações teóricas metodológicas dos projetos geolinguísticos brasileiros e optou-se pela aplicação dos QSL do projeto ALiB.

O norte mato-grossense situa-se no centro da área designada por Antenor Nascentes (1953) como "território incharacterístico", grande faixa territorial que abrange toda a fronteira de Mato Grosso com os estados do Amazonas e Pará; além do norte do estado de Goiás, como perímetros despovoados o que o impediu de distinguir os falares existentes.

Até meados do século XX, grande parte das regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil era habitada somente por populações indígenas e formada por mata fechada, fatores que motivaram Antenor Nascentes (1953) a considerar o então norte de Mato Grosso e o norte de Goiás como "território incharacterístico" linguisticamente, na sua proposta de divisão dialetal do Brasil.

Atualmente, o processo migratório interno ocorrido no Brasil tem provocado um novo desenho dessas regiões, em termos culturais, linguísticos, econômicos e sociais. Pois, foi considerando essa nova realidade, que decidimos efetivar esta pesquisa visando a elaboração de um atlas linguístico focando a área semântico-lexical, bem no coração da área compreendida como “território incharacterístico”.

O *corpus* do *Atlas Semântico-lexical do Norte de Mato Grosso* constitui-se de documentação reunida a partir da recolhida de dados em 20 municípios, 20 pontos de inquéritos, e respostas ao questionário semântico-lexical por 308 informantes colaboradores sendo 154 informantes titulares e 154 informantes auxiliares.

Foi então que se optou por escolher apenas cinco pontos de inquéritos, cinco localidades que representassem toda a região pesquisada, considerando a influência regional do município e os grupos de migrantes que constituem sua população. Ficando assim definido, os 05 pontos são: 01- Alta Floresta; 02- Colíder; 03- Guarantã do Norte; 04- Peixoto de Azevedo e 05- Sinop, conforme quadro abaixo.

QUADRO 02 - Grupos quanto à origem dos informantes por pontos de inquéritos

N.	Ponto	ORIGEM DO INFORMANTE						Total
		MG	SP	MA	PR	SC	RS	
01	Alta Floresta	X	X		X			03
02	Colíder	X	X		X	X		04
03	Guarantã do Norte			X	X	X	X	04
04	Peixoto de Azevedo			X	X		X	03
05	Sinop		X		X	X	X	04
	Total	02	03	02	05	03	03	18

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com dados do Censo de 1991⁸.

Para a análise da variação diageracional foi estabelecido duas faixas etárias: uma mais jovem, de 18 a 30 anos e outra mais velha de 31 a 65 anos. Portanto, resultando em 36 informantes da geração mais jovem e 36 da geração mais velha. Quanto à variação diassexual ou diagenérica, os informantes distribuem-se igualmente pelos dois gêneros, masculino e feminino, em cada localidade. Sendo, desta forma 36 homens e 36 mulheres, considerando o procedimento adotado, pluralidade simultânea, dois informantes respondendo concomitantemente ao questionário de forma interativa com o entrevistador.

Sobre o aspecto estrático, a prioridade foi pelos informantes no contexto social local, com endereço e profissão definidos, evitando os representantes daquela população flutuante que existe nestas regiões de recente processo de migração. Quanto à escolaridade, optou-se por sujeitos alfabetizados ou que tenham cursado até o 4º ano do Ensino Fundamental e na ausência destes, os que tenham cursado até o final do Ensino Fundamental. Com relação a este parâmetro, todos os 72 colaboradores tinham perfil semelhante.

⁸ Os dados do Censo de 1991 mostram uma radiografia mais real do que foi a migração nas décadas de 1970 e 1980.

QUADRO 03 - Número de informantes por origem em cada ponto de inquérito

N.	Ponto	ORIGEM DO INFORMANTE						Total
		MG	SP	MA	PR	SC	RS	
01	Alta Floresta	04	04	-	04	-	-	12
02	Colíder	04	04	-	04	04	-	16
03	Guarantã do Norte	-	-	04	04	04	04	16
04	Peixoto de Azevedo	-	-	04	04	-	04	12
05	Sinop	-	04	-	04	04	04	16
	Total	08	12	08	20	03	03	72

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com dados do Censo de 1991.

Uma vez definidos os parâmetros e as dimensões da pesquisa é importante elaborar os critérios de escolha dos colaboradores informantes para se chegar aos resultados pretendidos.

Considerando que se trata de um trabalho de natureza geolinguística que busca retratar os parâmetros diatópicos e topodinâmicos de uma região em processo de ocupação estabeleceu-se que os informantes devem ser naturais das regiões linguísticas de origem dos grupos que passaram a constituir a região pesquisada, que tenham saído de sua cidade natal e tenha migrado para o norte do estado de Mato Grosso, sem ter vivido em outra localidade.

Quanto ao caráter topodinâmico ficou estabelecido que os grupos a serem pesquisados fossem seis: os mineiros, os paulistas, os maranhenses, os paranaenses, os catarinenses e os gaúchos. Através da ficha do informante, buscavam-se aqueles que tinham nascido nas regiões em que grande número de migrantes tinha vindo para esta região.

A opção pela utilização de um questionário, o QSL (Questionário Semântico-lexical), versão 2001, elaborado por uma equipe especializada, o Comitê Científico do Projeto ALiB e testado por um grupo significativo de pesquisadores em dois workshops⁹ em que os mesmos foram aplicados, analisados e implementados com a participação dos envolvidos nos eventos.

O QSL (Questionário Semântico-lexical) utilizado foi a versão 2001, testado e aperfeiçoado durante o I e II Workshops, realizados em Salvador (1999) e em Londrina (2000), com duzentas e oito questões, de orientação basicamente onomasiológica¹⁰ e de interesse diatópico, tem por objetivo a documentação do registro coloquial do falante, “buscando as formas de emprego mais geral na localidade, sem priorizar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de grupos” (CARDOSO, 2013, p. 42).

⁹ O I Workshop foi realizado em Salvador, Bahia, no período de 6 a 10/setembro/1999, com trabalho de campo aplicado na localidade Praia do Forte; e o II, foi realizado em Londrina, Paraná, no período de 03 a 07/julho/2000, com trabalho de campo feito na localidade de Assaí.

¹⁰ A onomasiologia em um atlas linguístico consiste em identificar quais elementos da realidade extralinguística são relevantes para essa comunidade e como é que a mesma os nomeia.

Os itens do Questionário Semântico-lexical - QSL¹¹ se distribuem por quinze áreas semânticas, a saber: I- Acidentes Geográficos; II- Fenômenos Atmosféricos; III- Astros e Tempo; IV- Flora; V- Atividades Agropastoris; VI- Fauna; VII- Corpo Humano; VIII- Ciclos da Vida; IX- Convívio e Comportamento Social; X- Religião e Crenças; XI- Jogos e Diversões Infantis; XII- Habitação; XIII- Alimentação e Cozinha; XIV- Vestuário e Acessórios e XV- Vida Urbana.

A nossa primeira experiência como inquiridor, ou melhor, como aprendiz se deu em razão da participação em dois workshops realizados pelo Projeto ALiB: o primeiro tratou sobre métodos e técnicas de trabalho de campo para preparação de inquiridores para o Projeto ALiB, realizado em Salvador, Bahia, no período de 6 a 10/setembro/1999, com trabalho de campo aplicado na localidade Praia do Forte; e o segundo também foi sobre métodos e técnicas de trabalho de campo para preparação de inquiridores para o Projeto ALiB, realizado em Londrina, Paraná, no período de 03 a 07/julho/2000, com trabalho de campo feito na localidade de Assaí.

No período de coleta dos dados, na pesquisa de campo, todos os vinte municípios que formam o nortão de Mato Grosso foram visitados mais de uma vez para o desenvolvimento deste trabalho. Em cada localidade fazia-se visitas às escolas públicas, às secretarias municipais de educação, às igrejas e associações de moradores para os primeiros contatos e preenchimento das Fichas das Localidades (Anexo I). Assim, professores, padres, pastores, secretários municipais, presidentes de associações de moradores, entre outros, se tornaram os primeiros colaboradores indiretos da pesquisa.

Em seguida, de posse das informações prévias do município e depois das informações das localidades, iniciavam-se os contatos visando à escolha e seleção dos colaboradores. Nesta etapa é muito importante se ter uma boa receptividade destas lideranças para que os caminhos sejam abertos até os primeiros informantes colaboradores em cada localidade. A partir destes formava-se uma rede de informações e solidariedade que se ampliava a cada contato, a cada entrevista.

Nossa busca era por famílias ou grupos de migrantes de acordo com a origem e perfil estabelecidos no projeto. Sempre a pergunta era em quais bairros ou comunidades se poderia encontrar famílias de gaúchos, de catarinenses, de paranaenses, de mineiros, entre outros, de acordo com cada município. E a disposição para a ajuda revelava o aspecto solidário e espontâneo dos migrantes.

No dia das entrevistas, ao fazer a apresentação, novamente se pedia a permissão para os entrevistados para se gravar toda a entrevista e assim o consentimento era gravado no início de cada questionário. No final de cada questionário, antes de desligar o gravado, se fazia a pergunta se queriam ouvir as gravações e se queriam uma cópia das fitas. Quando pediam para ouvir, sempre riam muito das fala e em poucos minutos pediam para

¹¹ O QSL passou por nova testagem e avaliação no III Workshop realizado em 2001, em Salvador, em que foram excluídas 06 questões e 01 campo semântico.

parar que estava tudo certo e de todos os entrevistados nenhum solicitou cópia das fitas. Mas, quase que unanimemente, expressavam interesse e curiosidade em conhecer o trabalho pronto.

Para cada entrevista foi impresso um questionário, com espaço para anotações e transcrição das gravações. Após a aplicação dos questionários, quando possível, no mesmo dia, geralmente no período da noite, as gravações eram transcritas, grafematicamente, no próprio formulário de questões, utilizados em cada entrevista, o que facilitou o trabalho de sistematização e o arquivamento dos dados.

O trabalho de investigação com recolha de dados completa-se com a catalogação e o arquivamento dos materiais de campo. O controle de tais dados tem em vista assegurar a organização de um arquivo que garanta o fácil acesso aos materiais e a sua manutenção no curso do tempo. (CARDOSO, 2010, p. 101).

Os dados transcritos passaram a ser organizados em quadro, tabelas, gráficos e cartogramas. Os cartogramas de identificação e os cartogramas linguísticos foram elaborados e adaptados a partir de estudos históricos e geográficos (os de identificação) e produzidos quase que artesanalmente no formato imagem, para em seguida serem copiados e colados em documentos no formato de texto.

A técnica de obtenção de dados através de questionários aplicados simultaneamente a dois informantes traz como vantagem a explicitação do conhecimento linguístico com o fornecimento de várias respostas para um mesmo objeto.

Para a geração das planilhas foi utilizado como ferramenta programa Goldvarb 2001. Os dados semântico-lexicais foram codificados para serem lançados no programa, que gerou informações, diatópicas, topodinâmicas, diageracionais e diassexuais. Neste programa é necessário transformar as informações obtidas nas entrevistas em códigos, de acordo com as variáveis e suas variantes, linguísticas ou não para depois serem lançadas no programa para a geração de dados.

Também se utilizou as ferramentas do programa Microsoft Excel para que tivéssemos dados referentes à contagem das ocorrências gerando planilhas com as frequências absolutas e relativas das lexias estudadas.

Optamos por apresentar nos cartogramas, dois quadros que contribuem para a compreensão dos fenômenos sob os aspectos diatópicos e topodinâmicos. Tanto a distribuição areal dos usos linguísticos quanto a relação destes com os grupos oriundos de outras regiões do país e assim pode-se comparar os dados deste trabalho com os dados do Projeto ALiB e de outro atlas regionais.

Acompanham cada cartograma linguístico “quadros de variantes” que detalham as realizações concretas das variantes e suas frequências absolutas (quantitativas) e relativas (percentuais), relacionando os parâmetros diatópicos com os aspectos topodinâmicos. “Sua finalidade consiste em fornecer aos usuários a possibilidade de

complementação e conferências adicionais não previstas na cartografia” (ALTENHOFEN, 2011, p. 30).

Ao explicitar as variantes linguísticas do português nos cartogramas de um atlas semântico-lexical, enfatiza-se que, de certo modo, o atlas linguístico nada mais é do que a apresentação de um corpus linguístico em forma de cartogramas, suprimidos por instrumentos de função similar como gráficos, listas, quadros de referência, ou ainda tabelas estatísticas.

Os dados coletados foram transcritos e armazenados em um banco de dados elaborado no programa Excel e no Goldvarb, a partir dos quais se extraíram as variantes que estão nos cartogramas.

O princípio básico que subjaz à elaboração das cartas linguísticas deste atlas é o de que sua função principal consiste acima de tudo em permitir a arealização das variantes linguísticas no espaço, isto é, relações e tendências de projeção ou manutenção de uma variante ou área linguística no espaço geográfico, por isso, a cartografia deve refletir e facilitar a visualização dessa tendência. Mas ao projetar a comparação entre os grupos de migrantes é como se os cartogramas estivessem sobrepostos em camadas de lexias.

A cartografia dos dados busca a clareza de apresentação, com a utilização de símbolos e cores para facilitar a visualização. Além dos quadros e tabelas que explicitam as frequências relativas e absolutas. Deixando para o usuário as possibilidades de realização de estudos deste com o atlas nacional ou deste com os diversos atlas regionais (estaduais) e outros que tenham como ponto comum o QSL – AliB.

Os dados geolinguísticos foram cartografados em 206 mapas¹² semântico-lexicais. Apenas 02 dias questões não geraram mapas, a Questão 32 (meses do ano) e a 33 (meses com nomes especiais). Nos cartogramas semântico-lexicais registramos as lexias expressas nas respostas dos informantes, sendo um cartograma para cada questão do QSL. Contrariando muitos trabalhos desta área, não apresentamos apenas a primeira resposta (lexia) dada pelo informante, os cartogramas revelam, ainda, os usos linguísticos dos falantes, bem como seu saber linguístico.

Quanto às frequências absoluta e relativa, não optamos pela apresentação dos dados nos cartogramas, quadros e tabelas, obedecendo uma ordem decrescente devido a utilização de vários grupos de informantes, pois uma lexia pode ter alto índice de frequência para um grupo e baixo para outro. Também, não se utilizou uma padronização iconográfica para representar as lexias quanto à frequência, pela mesma razão. Optamos pela utilização de algumas cores, apenas para melhor efeito visual.

A utilização da pluralidade simultânea contribuiu para que não ocorressem abstenções. Mas, por outro lado, produziu muitas lexias devido ao grau de informalidade que esse tipo de procedimento em entrevista proporciona. Por conseguinte, não foi possível ficar apenas com a primeira resposta dada pelo colaborador titular, e nem foi essa

¹² Os termos cartogramas, mapas ou cartas são utilizados neste trabalho com sinônimas.

a pretensão. Ao adotar a opção pela pluralidade simultânea, revelam-se algumas concepções defendidas: a questão da pluridimensionalidade geolinguística, a heterogeneidade da língua, a fala como interação linguística, o multiculturalismo, o multiculturalismo, a opção pelas lexias etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dizer que para a realização desta pesquisa seguiu-se os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoleologia Pluridimensional e Contatual (RADTKE; THUN, 1996; 2005), foi uma atitude muito audaciosa. Fazer uma defesa da aproximação, ou melhor, de uma intersecção maior da Dialetoleologia com a Sociolinguística exigiu-me uma disposição de trilhar por um percurso pouco trilhado. Mas a cada passo desse processo, a medida que se descobriam algumas respostas para as questões outras tantas se formulavam. A Geolinguística, que surgiu com a obrigação de dar nova roupagem a tradicional Geografia Linguística se firma e caminham para tornar-se uma verdadeira ciência da variação, incorporando, cada vez mais, os avanços da Sociolinguística, deixando de ser monodimensional (diatópica, espacial), mas pluridimensional, com novos parâmetros, dimensões e critérios.

Mas foi com Thun (2005) que os estudos dialetológicos e a geolinguísticos passaram a receber sobrenomes, a Dialetoleologia seria o estudo geral da variação e a Dialetoleologia Pluridimensional o estudo da variação no espaço antropogeográfico, por isso se chama também Geolinguística Pluridimensional. Para ele da superfície ao espaço combinando, a dialetoleologia monodimensional (só diatópica/areal) com a sociolinguística, a superfície plana se torna espaço tridimensional.

Outro aspecto desta pesquisa diz respeito aos limites geográficos. Mesmo se tratando de uma pesquisa regional é impossível limitar-se apenas a zona de pesquisa. As variedades ultrapassam as fronteiras políticas, a língua e suas variedades viajam com os falantes e estes migram constantemente. Como ocorre e ocorreu no nortão de Mato Grosso.

Ao sistematizar os dados, optamos por agrupá-los em um grande quadro, autoexplicativo, o quadro das variações semântico-lexicais, explicitando o máximo possível da diversidade linguística desta região. Este, por ser resultado da aplicação de um questionário semântico-lexical, gerou como produto um 'inventário lexical', constituinte do léxico de diferentes grupos de migrantes que a partir das últimas décadas passaram a constituir parte do 'território incaracterístico', no norte de Mato Grosso.

A partir destes dados, torna-se indispensável a realização de novos estudos, ou de novas etapas de um grande trabalho científico, a elaboração do Atlas Linguístico do norte de Mato Grosso, que por razões de tempo e quantidade de informação, apenas parte desta dissertação o constitui. Acreditamos que a partir deste trabalho abrem-se caminhos para um Atlas Linguístico do Norte de Mato Grosso, pluridimensional, que tenha como foco a questão da variação e mudança linguística - de ordem topodinâmica, segundo THUN

(1996). Desta forma buscam-se respostas para as perguntas: de que modo, as variedades migrantes se transferem para o novo meio? Que vínculos os grupos migratórios mantêm com a matriz de origem? Como se reestruturam para atender às necessidades do novo meio? Como se constitui uma variedade linguística no contato com a diversidade de 'modos de falar' do novo meio, na nova comunidade linguística? Como fazer os Atlas Linguísticos dialogarem?

A elaboração de um atlas plurilíngue ou pluridialeto não significa que ele seja contatual. O fato de que é preciso documentar não somente a coexistência de línguas e variedades, mas também a mútua influência que exercem umas sobre as outras. Esse tipo de pesquisa passou a ter grande aceitabilidade na Geolinguística Pluridimensional. Neste caso, para dar conta do contato linguístico, multidialeto, necessitamos desenvolver um método de levantamento de dados próprio (Altenhofen, 2013).

Como elaborar um estudo dialetológico, no caso específico do estado de Mato Grosso que existem mais de 30 línguas indígenas e faz divisa com países de língua espanhola, sem considerar o contato linguístico? Ao focar para esta região, mais especificamente ainda, para o norte do estado de Mato Grosso que além das línguas indígenas recebeu e está recebendo migrantes de todas as regiões do país, o aprofundamento desse estudo, não por um único pesquisador, mas por um grupo de pesquisadores deverá ser tarefa prioritária de nossa universidade.

Esta pesquisa, devido o emprego do QSL - Questionário Semântico-lexical elaborado pelo Projeto ALIB - Atlas Linguístico do Brasil traz uma grande vantagem que é a possibilidade de seus resultados dialogarem com outros projetos, tanto o nacional quanto os regionais e a partir disso possibilitar outros trabalhos.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil** - caminhos e perspectivas. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998.

_____. Atlas Linguístico do Paraná (ALPR). Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson e KLASSMANN, Silfredo. (Org.) **ALERS - Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil** - Cartas Semântico-Lexicais. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

ALTINO, Fabiane Cristina (Org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina: Midiograf, 2012.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 2. ed. São Paulo: HUICITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ANDREAZZA, Maria Luiza; NADALIN, Sérgio O. História da ocupação do Brasil. IN; MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. (org.) **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2011.

BIDERMAN, Maria Tereza. **A estruturação do léxico e a organização do conhecimento**. Letras de hoje, Porto Alegre, PUC - Rio Grande do Sul, n. 70, p. 81-96, dez. 1987.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Conflito entre norma e diversidade dialetal no ensino da língua portuguesa**. Araraquara, 1984. Tese de Doutorado.

_____. Da linguística formal à linguística social. São Paulo: Parábola, 2013.

CARDOSO, Carolina Rodrigues, SCHERE, Maria Marta Pereira, LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira e PACHECO, Cíntia (Orgs.) **Variação Linguística: contato de línguas e educação**. Coleção: Linguagem e Sociedade - Vol. 05. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

CARDOSO, Suzana (Org.). **Diversidade linguística e ensino**. Salvador: EDUFBA, 1996.

_____. Processos de “negação” no dialeto de Gararu (Sergipe). Salvador, UFBA, 1979. Dissertação de Mestrado.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

CASTRO. S. P. e Outros. **A Colonização Oficial em Mato Grosso: a nata e a borra da sociedade**. Cuiabá: Edufmat, 1994.

CHAMBERS, J.K. y TRUDGILL, P. (1994) **La Dialectología**. Trad. Carmen M. Gonzalez. Visor Libros, Madrid.

COMITÊ CIENTÍFICO DO PROJETO ALIB. (1998) **Atlas Linguístico do Brasil: Questionário**. Londrina: Ed. UEL.

COSERIU, Eugênio. **O homem e sua linguagem**. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/USP, 1982.

COX, Maria Inês Palharin. Quanto vale o falar cuiabano no mercado linguístico matogrossense. In: Maria Inês Pagliarini Cox. (Org.). **Que português é esse? Vozes em conflito**. 1 ed. São Carlos e Cuiabá: Pedro & João e EdUFMT, 2005.

CROCI, Frederico. A imigração no Brasil. IN; MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. (org.) **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2011.

FERREIRA, Carlota et al. **Diversidade do português do Brasil**. Estudos de dialetologia

rural e outros. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

_____. A Geografia Linguística no Brasil. D.E.L.T.A., São Paulo, PUC-SP, v. 11, n. 2, p. 255-277, 1995.

FERREIRA, João Carlos Vicente. (1997) **Mato Grosso e seus Municípios**. Secretaria de Estado de Educação. Cuiabá - MT.

_____. (1998) Cidades de Mato Grosso: Origem e Significado de seus Nomes. Cuiabá: Ed. Buriti.

GILLIÉRON, Jules. **Atlas Linguistique de la France (ALF)**, 35 fasc.. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.

GUY, Gregori Riordan, ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ISQUERDO, Aparecida N. “Marcas” do popular rural no nível lexical: um estudo no campo do entretenimento infantil. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998, p. 225-233.

_____. (Orgs.) As Ciências do Léxico: Lexicografia, Lexicologia e Terminologia. Vol. III. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo, Humanitas, 2007.

KLASSMANN, Mário Silfredo. Notas Etnolinguístico à margem do Atlas Linguístico-Etnográfico do Brasil-Sul (ALERS). In: **Congresso Internacional da ABRALIN, I**, 1994, Salvador. Atas... v. II. Salvador: UFBA, 1997. Ed. informatizada.

LABOV, W. **Modelos Sociolinguísticos**. Ediciones Cátedra, S.A. Madrid, 1983.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **A formação de uma área dialetal do português**. Ciência e Cultura, SBPC, n. 35/36, p. 735-742, 1983.

MELLO, Heliana, ALTENHOFEN, Cléo Vilson e RASO, Tommaso (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

NARO, J. Anthony, BRAGA, Maria Luiza. **A questão do tamanho da amostra**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, n. 117:5/6, p. 61-66, abr./jun. 1994.

NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, vol. I, 1958, vol. II. 1961.

_____. O linguajar carioca. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. O estudo dialetológico no Brasil: a volta ou a sedimentação de uma metodologia de trabalho? In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998, p. 235-241.

PIAIA, I. I. **Geografia de Mato Grosso**. Cuiabá: Edunic, 1997.

PICOLI, Fiorelo. **O capital e a devastação da Amazônia**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

POTTIER, Bernard. **Linguística geral: teoria e descrição**. Tradução e adaptação portuguesa de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença: Universidade Santa Úrsula, 1978. p. 268-276.

RASKI, Abdelhak, FERNANDES DE LIMA, Alcides, BARROS DE OLIVEIRA, Marilucia e OLIVEIRA DA COSTA, Eliane (Orgs.). **Estudos sociodialetais do Português Brasileiro**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Para a história do português brasileiro: lote cuiabano. In: Cox, M. I. P. & SantiagoAlmeida, M. M. (orgs.). **Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral, 2005, p. 21-28.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. A fala da comunidade do Jardim São Francisco: análise de alguns aspectos linguísticos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil** – caminhos e perspectivas. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998, p. 177-187.

SEPLAN (Secretaria de Estado de Planejamento) (2002). **Histórico de Ocupação do Estado de Mato Grosso**. Disponível em <http://www.qmdmt.cnpm.embrapa.br>. Acesso em: 05 jan. 2015.

SILVA NETO, S. da. **Língua, cultura e civilização**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1960.

_____. Guia para estudos dialectológicos. 2. ed., Belém, Conselho Nacional de Pesquisa, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

TARALLO, Ferando. **A pesquisa Sociolinguística**. 2 Ed. São Paulo, Ática, 1988.

_____. Fotografias sociolinguísticas. São Paulo: Pontes, 1989..

THUN, Harald et al. **El atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU)** - Presentación de un proyecto. Iberoromânia, Tübingen, n. 3, p. 26-62, 1989.

_____. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). Para uma história do português brasileiro, volume VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics: an introduction**. Great Britain: Penguin Books, 1974.

VOLPATO, Luiza. **Entradas e Bandeiras**. 2a ed., São Paulo, Global, 1986. (Coleção História Popular - 2).

OS RÓTICOS EM CONTEXTO NORTE MATO-GROSSENSE: VARIAÇÃO EM POSIÇÃO DE ATAQUE SILÁBICO

Terezinha Della Justina

INTRODUÇÃO

Os róticos¹ da/na língua portuguesa brasileira são fonemas com um número considerável de realizações fonéticas influenciadas por fatores principais de ordem linguística (posição silábica), ou geográfica; motivação, assim, para muitas pesquisas no âmbito da fonética e da fonologia e da sociolinguística. Estudos da fonética e fonologia focam-se nas realizações fonéticas diversas deles e na polêmica sobre o seu *status* fonológico. Atem-se, aqui, ao primeiro. Já estudos sociolinguísticos, que aqui se equivalem, buscam esclarecer a relação existente entre o uso das variantes do *r* e a determinação de fatores linguísticos e extralinguísticos para isso. Aqui se esquadrinham, destacadamente, o segundo fator.

O estudo, congruente com pesquisas já realizadas em outros contextos, apresenta dados e análises sobre ocorrências do *r* forte em início de sílabas do português falado em quatro cidades da região norte de Mato Grosso: Cláudia, Santa Carmem, Sinop e Vera. Está inserido no projeto DIVALIMT², e assinala-se como contributivo aos registros do cenário linguístico no/do Brasil.

Tais registros historicamente aparecem desde 1826³ e se estendem até os dias atuais, sem que se tenha fechado ainda sua totalidade, demonstram a realidade do português falado no Brasil. Já há estudos avançados desenvolvidos por grandes projetos locais, regionais e nacionais sobre dados fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânticos que fornecem um conhecimento amplo sobre fenômenos diversos de variação, porém eles se apresentam mais centrados em determinadas localidades; portanto ainda se caracterizam como deficitários, pois não demonstram um quadro completo da realidade linguística brasileira.

Destarte, principalmente pela extensão do espaço geográfico brasileiro, pela diversidade que a língua por aqui revela no conjunto das marcas linguísticas, como também porque é/está sempre passível a constantes movimentos/alterações, há sempre estudos a serem efetuados e em processo contínuo para se compor o mapa linguístico

¹ Segundo Silva (2011, p. 197), classe de segmentos consonantais com características articulatórias heterogêneas e que se relacionam fonologicamente entre si. Tanto em português como em outras línguas, os róticos são associados a segmentos relacionados a um som de *r*.

² Projeto *Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso* (DIVALIMT) desenvolvido na UNEMAT, Sinop - MT, sob a coordenação da Professora Dra. Neusa Inês Philippsen e participação de outros professores pesquisadores ligados à instituição.

³ Os estudos sobre a dialetologia brasileira podem ser divididos em fases. Antenor Nascentes (1953) inicialmente dividiu em duas, e a terceira fase foi acrescida por Ferreira Cardoso (1984). Atualmente discute-se a apresentação de uma quarta fase de estudos dialetais e geolinguísticos do português do Brasil.

brasileiro com amplitude maior. Esta região, nesse panorama, tomada em seu aspecto mais geral (Centro-Oeste do Brasil) e no mais restrito (região norte de Mato Grosso) carece, esta principalmente, dar passos ainda incipientes em determinados pontos de pesquisa para somar a outras rumo à feitura do mapeamento.

O quinhão desta apresentação, pela abrangência daquilo que é linguisticamente passível de ser pesquisado ou já faz parte de pesquisa quer por outros participantes ou não do projeto DIVALIMT, restringe-se a marcas fonéticas diatópicas e diastráticas centrando-se, especificamente, na levantadura e análise das diferentes realizações fonéticas de *r* em posição de ataque silábico em contextos que, *a priori*, seria pronunciado forte.

Busca-se delinear essas ocorrências por intermédio de entrevistas de 42 sujeitos, agregadas ao perfil sócio-dialetal: descendência, escolaridade, gênero, idade e a um fator linguístico: a posição (inicial ou medial) da sílaba, em que *r* se encontra, na palavra. Das falas foram computadas⁴ palavras que contêm o *r* forte em ataque silábico, perpassando-se pela quantificação das ocorrências demonstradas em quadros e tabelas e pela análise qualitativa. O estudo ampara-se em pressupostos teórico-metodológicos da Fonética e da Fonologia, da Dialetolegia e da Sociolinguística Variacionista, esta proposta por Labov.

AMBIÊNCIA DA PESQUISA

Os sítios

Mato Grosso está dividido geograficamente em cinco mesorregiões, subdivididas em 22 microrregiões. A mesorregião do norte mato-grossense é a maior. É formada pela união de 55 municípios agrupados em oito microrregiões: Alta Floresta, Alto do Teles Pires, Arinos, Aripuanã, Colíder, Paranatinga, Parecis e Sinop. Sua área de 482.748,774 km é maior que a de alguns estados brasileiros, como São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul e Rondônia, por exemplo. À região norte mato-grossense pertencem oito microrregiões; na de Sinop, em que se concentra a pesquisa, contêm nove municípios: Cláudia, Feliz Natal, Itaúba, Marcelândia, Nova Santa Helena, Santa Carmem, Sinop, União do Sul, Vera. Possui uma área total de 49.375,919 km², sua população foi estimada em 176.041 habitantes (2006-IBGE) e em 187.978 (IBGE -2014).

As quatro cidades selecionadas (Cláudia, Santa Carmem, Sinop, Vera) são pioneiras no processo de colonização dessa microrregião. A ocupação destes espaços deslançou na década de 1970 do século XX e deu-se em processo assemelhado⁵, principalmente nas três últimas citadas. Principiou-se por Vera bem no início da década de 1970 e, sucessivamente e quase simultaneamente, por Sinop e Santa Carmem e mais ao

⁴ Releva-se que se captaram informações das entrevistas somente pela via auditiva, daí a possibilidade da presença, talvez, de algumas poucas confusões na distinção de determinados sons, pois às vezes emaranhados, presentes principalmente na fala daqueles sujeitos que alternam as variantes.

⁵ Esse processo assemelhado refere-se também a certos elementos comuns dos colonizadores, destacando-se a procedência, descendência - motivo pelo qual não são separados, por ora, pela cidade em que residem.

final da mesma década por Cláudia. Dentre elas, Sinop tornou-se a cidade polo por seu crescimento proeminente. São cidades adjacentes, colonizadas quase que exclusivamente por indivíduos advindos do Sul do país, com prevalência do Paraná⁶. Realidade que sofreu modificações no decorrer dos anos, pois, somados aos sulistas mesmo que ainda são predominantes, hoje se encontram por aqui muitos habitantes provindos das mais diversas localidades do país.

Parte-se do pressuposto de que esta região, pelas características diversificadas de pessoas que para cá migraram, contém um conjunto singular de marcas linguísticas de natureza semântico-lexical, morfossintática e fonético-morfológica provenientes da miscelânea de usuários da língua destas localidades. E, justamente por essa amplitude, nesta apresentação, determina-se um recorte: a levantamento e análise das diferentes realizações fonéticas de *r* em posição de ataque silábico.

CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A constituição do *corpus*

O material⁷ em análise provém de um *corpus*⁸ de fala de indivíduos com idades entre 18 e 80 anos, habitantes de longa data das referidas cidades por migração ou nascença. Das entrevistas (livres ou não) selecionamos 42 sujeitos: 22 (pais ou avós) com idades entre 50 a 80 anos e 20 (filhos ou netos) com idades entre 18 e 39 anos. Centra-se mais específico e detalhadamente na fala dos 22 sujeitos (pais ou avós). As entrevistas dos filhos ou netos apresentam-se para demonstração do rumo que a variante tomou.

Para a dimensão diatópica, delimitou-se a região norte mato-grossense, entrevistaram-se sujeitos das áreas urbanas citadas onde a mescla se mostrava mais evidente, ou seja, levando-se em conta aquilo que poderia estar direcionando a sobreposição de uma variante ou não; e, quanto à dimensão diastrática, observou-se os locais de origem e selecionou-se quatro variáveis sociais: a) descendência: italiana, alemã, outras⁹; b) faixas etárias: 18 a 39, 50 a 60 e acima de 60 anos; c) escolaridade: séries¹⁰ iniciais do Ensino Fundamental (EF) (1^a à 4^a séries), séries finais do EF (5^a à 8^a séries - antigo

⁶O Paraná é um estado colonizado com predominância europeia: alemães, italianos, poloneses e ucranianos, todavia em sua constituição há também uma diversidade de outras etnias, dentre elas pode-se relevar a japonesa. Destaca-se ainda porque colonizado por muitos que vieram dos outros dois estados do Sul, de São Paulo e do Nordeste, entre outros.

⁷O material serviu de base para uma tese elaborada pela professora Dra. Neusa Inês Philippsen, intitulada "A Constituição do Léxico Norte Mato-Grossense na Perspectiva Geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais, USP (2013)". Para ela, os dados das entrevistas forneceram-lhe sustentáculo para a organização de um banco de dados semântico-lexical, transcritos e registrados em tabelas lexicais e cartogramas.

⁸A constituição do *corpus*, segundo Philippsen (2013), deu-se pela coleta em ocasiões distintas: primeiramente, colheram-se narrativas livres de 20 pioneiros dos quatro pontos de inquérito; em seguida, aplicaram-se 210 questões⁸ a quarenta sujeitos de ambos os gêneros: 20 migrantes, todos com idades entre 50 e 80 anos, e 20 descendentes destes nascidos na região, com idades entre 18 a 39 anos.

⁹Outras é assim utilizado dada à diversidade de etnias quer isoladas, quer mescladas que compõem este cenário.

¹⁰ Utiliza-se a terminologia *série* por basear-se no regime que os entrevistados estudaram.

ginásio), Ensino Médio (EM), Ensino Superior (ES); d) gênero: masculino e feminino. Na diagnose, observaram-se quatro realizações de variantes quanto ao modo de articulação: vibrante alveolar (ou dupla) - [r̃], fricativa velar - [x], tepe alveolar (vibrante simples) - [r]¹¹ e vibrante espirantizadas¹².

Na seleção dos informantes, levamos em consideração critérios como ter:

1. participação no processo inicial da colonização das cidades;
2. residido a grande parte de sua vida nas cidades de Sinop, Cláudia, Santa Carmem e Vera¹³ (pais e avós); ou nascido nessas cidades e nelas ter permanecido (filhos¹⁴ e netos);
3. faixa etária, gênero e grau de escolaridade distintos;
4. procedência da região Sul principalmente;
5. descendência étnica, com enfoque especial a descendentes de italianos e alemães.

As hipóteses testadas foram:

- a) Sujeitos com menos idade tendem a pronunciar o *r* como fricativa e os com mais idade tendem a pronunciar como vibrante dupla ou simples (tepe), ficando o tepe restrito à fala de pessoas com mais idade e provindas de um dos três estados do Sul.
- b) O grau de escolaridade influencia a ocorrência de uma ou outra variante.
- c) A descendência italiana ou alemã implica resultados distintos.
- d) Ser do sexo feminino ou masculino aponta dados desiguais.
- e) Em relação ao contexto linguístico, a posição silábica - início ou meio de palavra - exibe realizações desiguais para os róticos.

Algumas considerações teóricas para a análise

Com Labov (2008), inferimos que pressões sociais continuamente operam sobre a linguagem, sendo assim, as mudanças sociais e variações linguísticas são sempre depreensíveis no contexto de uma comunidade de fala. O modelo de análise adotado por este autor é denominado de Sociolinguística Quantitativa porque opera com números e tratamento estatístico dos dados coletados, o qual foi elaborado, e aqui pensado, para

¹¹ Pronúncia comumente encontrada na região Sul do país principalmente em falantes de maior idade com descendência italiana e, principalmente, os que estão em zonas rurais ou advêm desses locais.

¹² Optou-se aqui por computar suas ocorrências, dado que é bem recorrente no *corpus*, mas adverte-se que não se encontrou uma representação fonética dela na literatura.

¹³ O fator cidade não foi representado separadamente em tabela por ser fenômeno considerado não relevante por ora.

¹⁴ Há um filho, de 39 anos, que nasceu no Paraná e veio para cá com um mês de vida.

possibilitar a sistematização da variação existente na língua falada do *locus* de estudo. Labov, juntamente com Weinreich e Herzog (2006, p. 121-124), apontam que há alguns achados empíricos que têm importância para a teoria da mudança, já que podem explicá-la. Para essa teoria, princípios concernentes aos fundamentos empíricos aduzem para cinco problemas a ser resolvidos: o dos fatores condicionantes; o da transição; o do encaixamento; o da avaliação das mudanças; e o da implementação.

Assinalam também, na mesma obra (p. 125-126), que algumas assertivas gerais sobre a natureza da mudança linguística podem ser tomadas como centrais para se pensar sobre estes problemas, e apresentam sete princípios gerais para o estudo da mudança resumidamente assim aqui considerados: não deve ser identificada como deriva aleatória procedente da variação inerente da fala, começa, sim, quando a generalização de uma alternância particular em um dado subgrupo da comunidade de fala toma a direção e assume o caráter de uma direção ordenada; a associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão; nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança, mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade; a generalização dela através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; as gramáticas em que ocorre são gramáticas da comunidade de fala; é transmitida dentro de uma comunidade como um todo, não está confinada a etapas discretas dentro da família; fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento dela.

Com observância dessas premissas relevadas, buscou-se apreender as sistematicidades das ocorrências das variações fonéticas do fonema *r* em início de sílaba e refletir sobre esta questão.

O objeto linguístico da análise: os fonemas /r, R/ e suas variantes

Tradicionalmente se considera que há dois tipos de *r* que apenas se opõem fonologicamente em posição intervocálica e início de sílaba, como em *fera/ferra*, *muro/murro*. Em outros contextos, no final de sílabas, essa oposição neutraliza-se evidenciando somente função abalizadora de alguns dialetos. As ocorrências mais evidentes/recorrentes em contextos linguísticos da língua portuguesa podem ser demonstradas por intermédio da seguinte representação:

a) em início de palavra (ataque silábico) *roupa/rio*, excetuando alguns falantes do Sul do país¹⁵ que a enunciam como [r], realiza-se essencialmente como “r” forte, porém possui diferentes realizações fonéticas dependendo do dialeto. Segundo Silva (2002), pode realizar-se como vibrante alveolar vozeada [r̃], fricativa velar desvozeada [x] e fricativa glotal desvozeadas [h].

¹⁵ No Sul do país, entre os descendentes de italianos e originários do meio rural principalmente, há um número considerável de indivíduos que pronunciam o *r* fraco em lugar do *r* forte: *carro* e *caro* são oralizados com o mesmo som [r] sem que isso incorra em oposição fonológica.

b) em meio ou final de palavra (em posição de coda silábica) *corta, harpa, mar*, há predominância do *r* fraco/simples, mas é onde incide um maior número de realizações fonéticas: tepe alveolar vozeado [r], fricativas velar e glotal desvozeadas [x, h], fricativas velar e glotal vozeadas [ɣ, fi] e retroflexa alveolar vozeada [ɹ], também conforme Silva (2002);

c) em meio de sílabas *credo, prata* ou em início de sílaba em posição intervocálica como em *barata, areia*, com ocorrência equivalente em todo o contexto brasileiro: tepe alveolar vozeado [r].

As ocorrências desses sons caracterizam-se do seguinte modo: o som **vibrante múltiplo** que acontece quando um articulador ativo (a ponta da língua ou a úvula) bate repetidas vezes num articulador passivo (alvéolos/dentes ou dorso da língua); **vibrante simples** (*tepes ou flepes*) que sucede com uma só batida rápida da ponta da língua nos alvéolos ou dentes.

Pode-se também processar uma série de oclusões, fechando-se parcialmente a passagem da corrente de ar, produzindo-se assim o desaparecimento da vibração e dando lugar a um som **fricativo** que se manifesta, segundo Massini-Cagliari e Cagliari (2003, p. 122), quando há um “estreitamento em qualquer parte do aparelho fonador (da glote até os lábios) de tal modo que o ar fonatório, passando por essa parte, produza fricção.” Em contexto brasileiro, quanto ao ponto de articulação, os **róticos fricativos** realizam-se foneticamente como *glotais* ou *velares*, segundo Silva (2002). Estes diferenciam-se na articulação: para o primeiro, os articuladores ativo e passivo são os músculos da glote e, para o segundo, o articulador ativo é a parte posterior da língua e o passivo é o palato mole.

Um outro som a ser referido é o **retroflexo**, caracterizador do chamado dialeto caipira que ocorre quando a ponta da língua curva-se em direção aos alvéolos e a parte posterior em direção ao palato mole. O último som a ser referido aqui é da **vibrante alveolar espirantizada** que, conforme Silva *et alii* (2001, p. 95), referindo-se à Silva (1999), são "sons intermediários" que se dão ao longo de um contínuo físico. Aparecem, em dialetos do português brasileiro em início palavras, onde os "falantes ainda produzem a vibrante alveolar em alternância com a fricativa velar". Relewa-se também que

[...] a espirantização da vibrante varia em função da força de fronteira adjacente a /r/, tal que quanto mais forte a fronteira, mais o segmento tende a vibrante. Inversamente, quanto mais fraca essa fronteira, mais o segmento tende a uma fricativa. O condicionamento prosódico sobre esse processo atesta sua natureza gramatical e, portanto, torna necessária uma representação fonológica do mesmo. (SILVA *et alii*, 2001, p. 95).

Dentre eles, a vibrante múltipla anterior-apical é a que está em processo mais acelerado de transformação/desaparecimento já há um tempo bem considerável. Conforme Callou e Leite (2003, p. 76), a substituição dela por vibrações uvulares e velares

em português parece datar de fins do século XIX, pois já se encontram “referências ao fato em VIANNA (1973), que observa inclusive sua mudança para fricativa.” Corroboram isso Monaretto, Quednau, Hora (2001 p. 206), referindo-se aos ditos de Gonçalves Viana (1973, *apud* BARBOSA (1994, p. 38), “A vibrante uvular aparece no português de Portugal, em Lisboa, [...] como uma pronúncia vulgar no final do século XIX, e a aparição de *r* como uma fricativa sonora é assinalada desde 1883, entre os jovens.” No Brasil, sua presença atualmente perfaz-se restrita a poucas localidades e mormente ou mesmo exclusivamente à fala de pessoas com mais idade.

Mattoso Câmara (1991, p. 16) expõe que a vibrante sofre um processo diacrônico de passagem de anterior para posterior “que vai da vibração da raiz da língua junto ao véu palatino à tremulação da úvula e à mera fricção faríngea”. Mudança que se dá lentamente e vai incidindo sobre novas comunidades linguísticas. Callou e Leite (2003, p. 76) apontam que tal processo não só ocorreu em língua portuguesa bem como em outras línguas românicas e que tal mudança é explicada pelo foneticista Hammarström (1953) “através da tensão necessária para articular as vibrações que produzem um *r* ápico-alveolar”. Dizem ainda que outros linguistas “preferem ver na passagem da articulação velar vibrante para uma velar fricativa e desta para uma aspiração, um processo de relaxamento e comodidade articulatória”. Acrescentam também uma possível explicação para tal fato que estaria talvez no caráter consonântico definido e absoluto do som fricativo:

As fricativas possuem abertura articulatória mínima e uma energia articulatória e intensidade muscular consideráveis, sendo portanto som que pode estabelecer um intenso contraste fônico com os sons vocálicos em contato na sílaba. A escassa diferença que separa as consoantes líquidas e as articulações vocálicas, traduzida em traços comuns, determina um contraste muito tênue entre as duas classes de sons e no caso da vibrante a modificação ocorrida se explicaria por um processo de intensificação ou reforço no caráter consonântico, chegando a uma fricativa. (CALLOU; LEITE, 2003, p. 78).

No Brasil, a distribuição geográfica do *r* forte, em início de sílaba, pode assim ser considerada, mas não de modo absoluto: [ř] vibrante alveolar vozeada aparece entre indivíduos com mais idade nos três estados do Sul do país, em São Paulo (entre descendentes de certas localidades da Europa: Portugal, Alemanha, principalmente). Em Cuiabá, pelas características de sua ocupação¹⁶, também, entre os com mais idade, ainda se ouve quem a pronuncia; as fricativas velar e glotal surdas [x, h] que, segundo Silva (2002),

¹⁶Segundo Santiago-Almeida (2005, p. 21-22), citando os historiadores Siqueira *et alii* (1990) e Holanda (1990), a partir de descobertas de ouro, em 1719 e 1722, as terras foram consideradas importantes e de todos os recantos do Brasil, mormente de São Paulo, vieram pessoas a Cuiabá, gente de toda etnia, principalmente os caipiras paulistas que se organizavam em bandos imensos de mamelucos, embrenhando-se pelos sertões com suas famílias e sendo servidos pelos índios já escravizados. Hoje, somado ao herdado/ao composto no início da ocupação também apõe em Cuiabá traços linguísticos de tantas outras localidades do Brasil, destacadamente os trazidos do Sul do país, pelo intenso fluxo migratório de pessoas dessa região para estas bandas, principalmente a partir da década de setenta.

são dos falares do Rio de Janeiro e Belo Horizonte, respectivamente, mas a primeira tem ocorrência ampla em todo território nacional; o [r] tepe alveolar vozeado tem realização concentrada entre alguns falantes do Sul do país ou provenientes de lá e ainda restrito aos fatores descendência (italiana principalmente, mas também alemã), idade (próximo ou acima de 50 anos) e escolaridade (com pouco estudo).

OS DEMONSTRATIVOS

A distribuição dos sujeitos por variável a ser considerada

A tabela abaixo expõe características dos sujeitos participantes da pesquisa com idades entre 50 e 80 anos, 'F' refere-se a feminino e 'M' a masculino.

Sujeito	Idade	Procedência	Residência antes de migrar	Escolaridade	Origem étnica
1F	80	RS	RS	5ª EF	anglo-sueca
2F	68	SC	PR	2ª EF	alemã
3F	50	SC	PR	ES	italiana
4F	65	SC	SC	3ª EF	italiana
5F	58	SC	PR	3ª EF	alemã
6F	53	PR	PR	5ª EF	alemã
7F	52	PR	PR	ES	polonesa
8F	56	RS	PR	4ª EF	italiana
9 F	55	PR	SP	ES	indígena-luso-espanhola
10F	66	PB	PR	3ª EF	indígena-portuguesa
→ 11F	68	SP	PR	1ª EF	indígena-portuguesa
12M	54	PR	PR	EM	ucraniana
13M	51		PR	5ª EF	alemã
14M	62	SC	PR	4ª EF	italiana
15M	64	PR	PR	6ª EF	ítalo-luso-espanhol
16M	58	RS	PR	EM	italiana
17M	63	SC	SC	4ª EF	italiana
18M	66	PR	PR	4ª EF	italiana
19M	54	RS	RS	8ª EF	italiana
20M	65	SC	SC	EM	alemã

21M	78	SC	PR	3ª EF	alemã
22	59	MT	MT	1ª EF	indígena

A tabela seguinte expõe algumas características de filhos ou netos da maioria dos pioneiros mencionados nos quadros acima. À exceção de um que nasceu no Paraná e veio para cá com um mês de vida, todos os outros são nascidos nas cidades pesquisadas e possuem idades entre 18 e 39 anos. Todos, indiferente àquilo que os caracteriza: descendência, escolaridade, gênero, idade, enunciam a fricativa [x], assim, põe-se como não relevante identificar os pares que possuem parentesco entre si. São representados aqui para constatação de mudanças ocorridas, mas não são referidos em todas as tabelas e análises posteriores pela uniformidade da pronúncia.

Sujeito	Idade	Grau de parentesco	Escolaridade	Etnia
1M	26 anos	filho	8ª EF	indígena
2 F	32 anos	neta	EM	luso- indígena
3F	31 anos	neta	ES	italo-alemã
4 M	36 anos	filho	8ª EF	NSR
5M	28 anos	filho	8ª EF	hispano- indígena
6 F	35 anos	filha	8ª EF	indígena
7 F	29 anos	filha	ES	italiana
8 M	39 anos	filho	8ª EF	índio-holandesa
9 F	24 anos	neta	ES incompleto	nipo- português
10F	29 anos	filha	ES	italiana
11 F	29 anos	filha	ES	italiana
12 M	22 anos	filho	EM	italiana
13M	22 anos	neto	ES incompleto	sueco- portuguesa
14 F	23 anos	neta	ES incompleto	italo- portuguesa
15 M	18 anos	neto	EM incompleto	italiana
16 M	21 anos	filho	ES incompleto	italo-afro-portuguesa
17 F	25 anos	filha	ES	italiana
18F	25 anos	filha	ES incompleto	italo-alemã
19M	29 anos	filho	EM	italo- polonesa
20 M	22 anos	filho	EM	italo-ucraniana

As duas tabelas abaixo são demonstrativos mais gerais de como os róticos são apresentados na fala dos sujeitos da pesquisa. A primeira refere-se aos sujeitos com idades entre 50 e 80 anos e a segunda, aos com idades entre 18 e 39 anos. Considerou-se aqui 4 realizações fonéticas apresentadas na fala desses indivíduos, e utilizou-se (VE) para abreviação de vibrantes espirantizadas.

Sujeitos	Nº total de ocorrências	[x]	[ɣ]	[r]	VE
1F	74		74		
2F	76		1	64	11
3F	78	44		31	3
4F	38		4	31	3
5F	65	41		16	8
6F	43	3		5	35
7F	60	59	1		
8F	18 ¹⁷	1		17	
9F	42	42			
10F	63	63			
11F	40	40			
12M	21	3		2	16
13M	38		1	36	1
14M	33			33	
15M	74	4	70		
16M	72		72		
17M	69			63	6
18M	85	2		81	4
19M	89		69	1	19
20M	26	1	1	24	
21M	51			51	
22M	61	61			

Nº de sujeitos	Total de ocorrências	[x]	[ɣ]	[r]	VE
20	816	816			

¹⁷ Alguns sujeitos enunciam um número menor de palavras justificado, principalmente, porque em algumas entrevistas há a participação conjunta de dois sujeitos.

A ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS

As quatro primeiras tabelas abaixo são demonstrações e análises mais específicas sobre a atuação dos fatores descendência, escolaridade, gênero e idade na realização das variantes para os com idades entre 50 e 80 anos.

FATOR DESCENDÊNCIA

Ascendência	Nº de sujeitos	Total de ocorrências	[x]	[ř]	[r]	VE
Italiana	8	484	47	145	257	35
Alemã	6	299	45	3	196	55
Outras	8	435	272	145	2	16

Para esse fator, consideramos três grupos pensando naquilo que consta em trabalhos realizados por outros pesquisadores: há ocorrências típicas na/da fala de descendentes de italianos e alemães (caso do tepe), a maioria dos descendentes de outras etnias tende a enunciar a fricativa. Pressupostos aqui corroborados, pois o [x] aparece em número maior entre outras etnias, ocorrendo principalmente na fala de indígena ou descendentes deste e misturados com português, e quase que exclusivamente na fala de um sujeito com descendência polonesa. Na fala de descendentes de italianos e alemães, quando aparece, é alternadamente com outras variantes - uma possível fase de transição pelos contatos constantes a que estão expostos nas cidades com quem não as enunciam: membros de sua família ou não, aos meios tecnológicos de comunicação.

Já a variante [ř] aparece proporcionalmente na fala de descendentes de italianos e outras etnias, mas quase não consta no falar dos descendentes alemães, fato lido aqui pela observação de outros fatores que não só a descendência.

O [r], como já era pressuposto, aparece destacadamente na fala de descendentes de alemães e italianos, e, considerando-se o número de ocorrências por etnia, mesmo que a totalidade dos sujeitos descendentes de italianos e alemães não seja inteiramente concordante, há que se apontar que a porcentagem se dá de modo quase equiparado. Há também que se relevar que as ocorrências dele ainda são bem recorrentes embora os sujeitos vivam nas cidades, afastados do Sul há mais de três décadas e submetidos aos contatos constantes já referidos. Entre as outras etnias, as duas aparições que há não são relevantes, pois prováveis deslizos momentâneos e/ou provindos, talvez, da convivência com alguém que a fala.

Com relação à espirantização, consta que aparece intercambiada com outras variantes e quase sempre em número menor, e se sobressai na fala de descendentes de alemães e sequencialmente na de italianos, mas também consta na fala de um ucraniano.

Infere-se que a aparição bem recorrente desta variante caracteriza uma fase de transição rumo à fricativação.

FATOR ESCOLARIDADE¹⁸

Graus	Nº de sujeitos	Total das ocorrências	[x]	[ʃ]	[r]	VE
Até a 4ª série EF	11	601	208	5	356	32
5ª a 8ª séries EF	5	318	7	214	42	55
EM	3	119	4	73	26	16
ES	3	180	145	1	31	3

Referente a este fator, mesmo havendo uma desproporção no número de sujeitos por grau de escolaridade, é possível notar que o [x] sucede mais acentuadamente na fala de sujeito até a 4ª série e com o 3º grau. Para os sujeitos com escolaridade até a 4ª série, aqui se justifica principalmente por outros fatores: descendência (indígena e/ou portuguesa) e procedência geográfica: alguns sujeitos migraram da Paraíba e de São Paulo para o Paraná e deste estado para Mato Grosso; e, para os com o 3º grau, era previsível que isso se apresentasse. Na fala de sujeitos com outros graus de escolaridade, as ocorrências deste são esporádicas, e são lidas como assimilação pelos contatos já referidos.

As ocorrências de [ʃ] se apresentam mais acentuadamente na fala daqueles com escolaridade entre 5ª e 8ª séries e somente na de um sujeito com o 2º grau, lidas como advindas, para alguns sujeitos pelo menos, pela contribuição do fator idade (80 e 64 anos) já que essa variante, aqui no Brasil, apresenta-se quase que restrita na fala de sujeitos com idade mais elevada. Não é relevante para os com o 3º grau, pois há uma única realização na palavra “corretor”.

O [r], como também era suposto, aparece em grau maior na fala daqueles com escolaridade mais baixa, mas o interessante é que não se ausentou em outros grupos também e talvez o mais imprevisto era que aparecesse na fala de um sujeito com 3º grau.

Já as vibrantes espirantizadas, na fala de sujeitos com até a 4ª série, aparecem sempre intercaladas com outras variantes e sempre em número menor, reitera-se que se interpreta a causa disso também pelos contatos a que estão expostos. Para sujeitos com graus de escolaridade intermediários (5ª a 8ª séries e 2º grau), registra-se com maior incidência, considerado uma fase também intermediária de transição rumo a [x]. Para aqueles com 3º grau, aparece de modo bem esporádico na fala de um único sujeito que a alterna com outras variantes.

¹⁸Mesmo considerando-se um número assimétrico de sujeitos principalmente nessa variável, como também em outras com menos disparidade, pelas características dos sujeitos entrevistados, avaliou-se como interessante aproveitar os dados adquiridos para outra pesquisa para também realizar este estudo. Até os pensou, para ficarem proporcionais, serem divididos em até 4ª série e de 5ª série ao 3º grau, porém avaliou-se que a quantidade, assim subdividida, se bem considerada, não afetaria o que se pretende inferir com os dados.

FATOR GÊNERO

Gênero	Nº de sujeitos	Total das ocorrências	[x]	[ř]	[r]	VE
Feminino	11	597	293	80	164	60
Masculino	11	621	71	213	291	46

Constata-se que o [x] se destaca na fala do gênero feminino e que [ř] e [r] no masculino. O uso menos recorrente do tepe em lugar do *r* forte, adotado pelas mulheres sujeitos deste estudo, atesta aquilo que outras pesquisas realizadas no Brasil já expuseram, e aponta-se como a provável causa para isso ser uma variante que não condiz com o falar padrão. Para a variante [ř], encontraram-se quatro mulheres que a enunciam: uma o faz exclusivamente, considerado aqui pela aposição de outros fatores: idade (80 anos) e descendência (anglo-sueca), na fala das outras três é esporádico, algum resquício também de contatos a que foram/estão submetidas. Disto também resulta a espirantização que aparece na fala de 5 mulheres e na de 5 homens, mas não é falado de modo exclusivo por nenhum dos gêneros já que o usam alternadamente com outras variantes.

FATOR IDADE

Idade	Nº de sujeitos	Total de ocorrências	[x]	[ř]	[r]	VE
18-39	20 ¹⁹	816	816			
50-60	11	587	254	143	108	82
60 acima	11	631	110	150	347	24

Percebe-se que a presença de [x] se dá de modo exclusivo na fala dos com idade menor confirmando aquilo que outras pesquisas apontam: as outras variantes estão sendo substituídas por esta e é nas gerações mais novas que se apresenta mais marcadamente. A quantificação também aponta que, de maneira gradativa, as gerações estão caminhando para exclusão de outras variantes, já que os com menos idades não os enunciam mais e os com idades intermediárias tendem a pronunciá-lo em grau mais elevado que os de idades maiores. O [ř] é mais presente na fala daqueles com mais idade, porém aqui se equipara, de modo menos comum, com os mais novos, mas é devido a fala de apenas dois sujeitos. O [r], mesmo que as idades entre os mais velhos e os mais novos não se distanciem muito, aparece mais acentuado naqueles com idade superior, assim infere-se que tende a permanecer por aqui somente nessas gerações. Já, com relação à espirantização, pode-se inferir, mas com cautela, pois merece pesquisa mais consistente sobre, que caracteriza, para

¹⁹ Os 20 sujeitos aqui considerados, com idades entre 18 e 39 anos, descendentes dos outros sujeitos mais velhos da pesquisa, apresentam-se nesta tabela pela relevância do comparativo com os de idades maiores.

alguns, processo de passagem da vibrante dupla para a fricativa, pois mais presente na geração mais nova: os mentores das mudanças.

FATOR LINGUÍSTICO: POSIÇÃO DA SÍLABA NA PALAVRA

Nº de sujeitos ²⁰	Total das ocorrências	Tepe em início de palavra e da sílaba	Tepe início de sílaba, em sílaba intermediária	R forte ²¹ início de palavra e da sílaba	R forte em início de sílaba, em sílaba intermediária
12	111	10	56	30	15

Observou-se que as ocorrências do tepe, na fala daqueles que o alternam com *r* forte, são em número maior nas sílabas intermediárias tanto na fala daqueles em que ocorrem predominantemente quanto na daqueles que esporadicamente, e o *r* forte está, assim, mais constante nas sílabas iniciais das palavras. O inspecionado aqui corrobora o levantado por outras pesquisas. Pode-se inferir com os resultados que isso se aparenta com os modos como esses dois fonemas ocorrem na língua portuguesa: *r* forte tem presença constante em sílaba inicial da palavra e, em sílaba medial, não necessariamente.

CONCLUSÃO

A pesquisa procurou descrever características da fala que se registra em contexto norte mato-grossense. Centrou-se no levantamento e análise de ocorrências fonéticas de *r* na fala de sujeitos residentes em quatro cidades (Cláudia, Santa Carmem, Sinop e Vera) descendentes de italianos, alemães e outros, os dois primeiros provindos do Sul do país ou descendentes deles. A constituição proporcionalmente quantitativa dos grupos por variáveis nem sempre se conformou exatamente àquilo que seria mais habitualmente exequível, mas oferece uma demonstração prévia e de modo panorâmico daquilo que compõe este contexto, objetivo primordial desta pesquisa que se crê alcançado.

O estudo, por ora específico sobre as realizações do *r* em ataque silábico, revela que há muito ainda a ser pesquisado inclusive referente ao mesmo recorte; com estudos mais estendidos: reorganizando-se o quadro de entrevistas com maior equitabilidade de sujeitos entrevistados por características nas variáveis descendência, idade, escolaridade, gênero, com cruzamentos de alguns fatores em tabelas, para obtenções talvez mais específicas. Relevado isso, a primeira colheita aqui está: para o fonema /R/ em ataque silábico neste contexto encontrou-se 4 variantes: tepe alveolar vozeado, fricativa velar desvozeada, vibrante múltipla alveolar vozeada e espirantizada. Algumas hipóteses

²⁰ A tabela objetiva mostrar as incidências do tepe que aparece na fala de sujeitos que o alternam com outras variantes do *r* enunciadas fortes: [x], [ř] ou espirantizada. Os números apresentados nessa tabela, portanto, equivalem somente a fala desses sujeitos.

²¹ Optou-se, nesta tabela, por agrupar as ocorrências do *r* forte, porque aqui o foco é discernir as incidências do *r* fraco do *r* forte com relação à posição da sílaba na palavra.

levantadas foram atestadas pelas 1218 ocorrências da fala dos com maiores idades (50 a 80 anos) bem como nas 816 dos com idades menores (18 a 39 anos). As 1218 ocorrências são expostas mais detalhadamente pelos modos diversos que se dão. Ficam assim distribuídas:

1) O tepe aparece 455 vezes na fala de 14 sujeitos – justificado em número maior por certas características destes: descendência (italiana e alemã), procedência (Sul do país) e idade (superior a 50); a descendência italiana ou alemã não implica resultado diferente para essa ocorrência.

2) A fricativa [x] sucede 364 vezes na fala de 13 sujeitos - presentes principalmente na fala de indígenas e descendentes destes miscigenados com portugueses e de uma mulher descendente de ucranianos, mas também é manifesta na fala de descendentes de italiano e alemão, geralmente intercalada com outras variantes e quase unicamente na de mulheres com idade inferior a 60 anos.

3) A vibrante múltipla aparece 293 vezes na fala de 8 sujeitos, é quase exclusiva na fala masculina, influenciada pelo grau de escolaridade intermediário (6^a, 8^a, 2^o grau) e descendências: italiana, alemã e ítalo-luso-espanhola. Para o gênero feminino, apresenta-se na fala de um único sujeito e lê-se para isso a idade (80 anos) e a descendência (anglo-sueca) como os principais determinantes.

4) A aspirantizada ocorre 106 vezes na fala de 10 sujeitos - é bem mais recorrente na fala daqueles com um pouco menos de idade; outro fator considerável para as incidências, usualmente alternadas com outras variantes, é o descendência: italiana, alemã e ucraniana. Já o fator escolaridade aponta ocorrências maiores na fala daqueles com escolaridade entre a 5^a e a 8^a séries.

5) Indivíduos que falam o tepe, em contexto que comumente seria do *r* forte e que o falam alternadamente com as outras variantes de *r*, tendem a enunciar o tepe mais recorrentemente em sílabas intermediárias e o *r* forte em sílabas iniciais. Esse fato já foi atestado por outras pesquisas.

Chega-se, dessarte, a dados que apontam que este contexto está em fase de transição rumo à variante [x], já que, dentre os mais novos (18 a 39 anos), não há sujeito que não o enunciasse exclusivamente; e, mesmo para muitos daqueles descendentes de italianos e alemães principalmente, que vieram para cá trazendo em suas falas as variantes *tepe* ou *vibrante múltipla*, essas já não são exclusivas para os com idades entre 50 e 60 anos. A leitura das razões disto, para estes sujeitos, está que são provindos do Sul há mais de três décadas, residem na cidade em convivência constante com a mídia, com outros indivíduos que não as enunciam, inclusive dentro de seus lares com filhos e netos. São esses contatos que oportunizam que se franqueie espaço à fricativa, tendência geral em contexto brasileiro. O tepe e a vibrante múltipla, portanto, mesmo que ainda se apresentem bem recorrentes na fala de muitos sujeitos, permanecerão por aqui somente nessas gerações em que já se encontram.

REFERÊNCIAS

- BISOL, Leda. **Introdução aos estudos de fonologia do português**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- _____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- _____. **Problemas de linguística descritiva**. Editora Vozes Limitada: RJ,1971/1991.
- CAVALIERE, Ricardo. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- COUTO, Hildo Honório. **Fonologia e fonologia do português**. Brasília: Thesaurus, 1997.
- DESIGUALDADES REGIONAIS EM MATO GROSSO/COTRADE** – Cooperativa Mista de Trabalhadores Multidisciplinar. Cuiabá: Assembleia Legislativa, 2003.
- HENRIQUES, Cláudio Cezar. **Fonética e fonologia e ortografia: estudos fono-ortográficos do português**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis; GAGLIARI, Luiz Carlos. Fonética. In: **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2003.
- MONARETTO, V. N. O., QUEDNAU, L. R., HORA, D. As consoantes do português. In: BISOL, L. **Introdução aos estudos de fonologia do português**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- MORI, Angel Corbera. Fonologia. In: **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2003.
- PHILIPPSEN, Neusa Inês. **A Constituição do Léxico Norte Mato-Grossense na Perspectiva Geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais**. Tese de doutorado apresentada à USP de São Paulo, 2013.
- REINECKET, K. **Os róticos intervocálicos na gramática individual de falantes de Blumenau e Lages**. Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

SANTIGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Para a história do português brasileiro: lote cuiabano. In: ALMEIDA, M. Mourivaldo Santiago; COX, M^a Inês Pagliarini. **Vozes Cuiabanas**: estudos linguísticos em Mato Grosso. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

SILVA, A. Pistas para o condicionamento prosódico **sobre a variabilidade de produção de /r/**. Estudos Linguísticos, n. 28, p. 682-688, 1999.

SILVA, Adelaide H. P. *et alii* (2001). **Por uma abordagem dinâmica dos processos fônicos**. Curitiba: Revista Letras, n. 55. p. 93-113, 2001.

SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e fonologia do Português**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William, Herzog, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, [1968] 2006.

ENSINO DE LÍNGUA MATERNA NA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA

Daniella Correa Alvarenga

INTRODUÇÃO

O presente estudo teórico traz uma breve reflexão a respeito da pesquisa feita na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus de Barra do Bugres, onde há o 3º Grau Indígena, entre os meses de Agosto de 2014 a Julho de 2015, apontando algumas considerações e discussões feitas durante o período de observação e inteiração com os discentes e professores do curso, visando verificar como se dá o ensino indígena e como este pode contribuir ou não para a manutenção da língua materna e à valorização da cultura indígena.

As diferentes visões e opiniões acerca da educação superior indígena, dentro e fora do âmbito acadêmico, vieram à tona nas entrevistas feitas com os sujeitos envolvidos. Apresentamos neste estudo, também, breves apontamentos sócio-históricos dos povos indígenas da região no intuito de compreendermos se ainda há o uso de sua(s) língua(s) materna(s) e disseminação da cultura, na perspectiva do ensino desses povos.

A referida investigação foi feita através da aplicação de questionários com docentes das etapas presenciais (todos não-índios) e discentes-professores (cada um de uma respectiva etnia indígena), como demonstram as tabelas a seguir:

DENOMINAÇÃO	SEXO	IDADE	ETNIA	REGIÃO
Sujeito professor1	Masculino	42 anos	Não indígena	Luciara - MT
Sujeito professor2	Feminino	--	Não indígena	Maringá - PR
Sujeito professor3	Feminino	45 anos	Não indígena	Tangará da Serra - MT
Sujeito professor4	Feminino	--	Não indígena	Rondonópolis - MT

Tabela 1: identificação dos sujeitos professores.

DENOMINAÇÃO	SEXO	IDADE	ETNIA	REGIÃO
Sujeito aluno1	Masculino	27 anos	Etnia Umutina	Margem direita do rio Paraguai - MT
Sujeito aluno2	Feminino	24 anos	Etnia Tapirapé	Santa Terezinha - MT
Sujeito aluno3	Masculino	31 anos	Etnia Munduruku	Região de Alto Tapajós - PA
Sujeito aluno4	Masculino	37 anos	Etnia Pareci	Tangará da Serra - MT
Sujeito aluno5	Masculino	34 anos	Etnia Kuikuru	Região oriental da bacia hidrográfica dos formadores do rio Xingu (rios Culuene, Buriti e Curisevo)

Tabela 2: identificação dos sujeitos alunos.

A fundamentação deste trabalho organiza-se em torno da Sociolinguística Variacionista, subárea da Linguística, que lida com o fenômeno da variação linguística e suas consequências, sociais, culturais, políticas, pedagógicas e como as mesmas se organizam no que diz respeito ao ensino de língua materna.

Dentre muitos assuntos possíveis de serem trabalhados no ambiente educacional, sob a ótica sociolinguística, alguns são de extrema relevância, como a noção de variação linguística, diversidade de um grupo social, ensino diferenciado e preconceito. A partir dessas inclinações, é natural a observação também de outros fenômenos, como o papel e impasses do professor de língua e mesmo do ensino de língua materna.

Vale ressaltar que é, fundamentalmente, por meio da oralidade que se verifica a ocorrência da variação e mudança linguísticas, tornando-se, assim, por vezes, alvo de preconceito linguístico. É importante destacar, ainda, que os estudos sociolinguísticos centram-se na análise, reconhecimento e respeito a tais ocorrências nas práticas cotidianas.

Como supracitado, para atingirmos o objetivo central de nossa pesquisa, amparamo-nos nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista. Dentre os dispositivos teóricos e autores utilizados nas tessituras de análise, destacamos Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Bagno (2007, 2009, 2010), dentre outros, além disso, buscamos evidências documentais teóricas e materiais iconográficos, como fotografias, publicações, entre outros; também realizamos entrevistas com os sujeitos, professores indígenas, o que nos possibilitou conhecer mais a fundo o cenário do ensino indígena e como os processos de variação, a partir das línguas em contato e/ou de preservação das línguas maternas, acontecem.

Pesquisas sobre o ensino e como se dá a socialização e a aprendizagem nas comunidades linguísticas em que os sujeitos atuam também foram feitas, sendo que os resultados apresentam diferenças não só linguísticas, como históricas, sociais e culturais.

A DIVERSIDADE/VARIEDADE LINGUÍSTICA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Se a língua portuguesa se impôs para praticamente toda a sociedade brasileira, ela não se impôs de maneira igual por todo nosso território. Como a língua reflete, também, a estrutura social da comunidade que a usa, não se torna difícil observar as desigualdades de acesso à língua portuguesa formal no Brasil, e em como estas refletem nos distintos estratos socioeconômicos da sociedade brasileira.

Conforme Aguilera (2008, p. 105), a “atitude linguística assumida pelo falante implica a noção de identidade, concebida como o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro”. Baseados nisto, podemos afirmar que as variações de determinado grupo, sejam elas quais forem, não podem ser compreendidas apenas como um emaranhado de formas linguísticas; elas também são um emaranhado de valores socioculturais, que acabam por se articular com determinadas formas linguísticas.

Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um *processo*, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma **atividade social**, um *trabalho* coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita. (BAGNO, 2007, p. 36, grifos do autor).

Ao estudarmos a língua em uso numa comunidade de fala, portanto, defrontamos com a realidade da variação. Os falantes têm características distintas e estas diferenças, identificadas como fatores sociais ou externos, também atuam na forma de cada um se expressar. Porém, como vimos, a variação observada nos falares de uma comunidade nem sempre está ligada apenas aos fatores externos. Fatores internos, inerentes ao sistema linguístico, também pressionam e possibilitam a ocorrência da variação.

[...] porque qualquer língua é sempre heterogênea, ou seja, constituída por um conjunto de variedades (por um conjunto de normas). Não há, como muitas vezes imagina o senso comum, a língua, de um lado, e, de outro, as variedades. A língua é em si o conjunto das variedades. Ou seja, elas não são deturpações, corrupções, degradações da língua, mas são a própria língua: é o conjunto de variedades (de normas) que constitui a língua. (FARACO, 2008, p. 71).

Com relação à diversidade linguística, ela ocorre em decorrência mais das mudanças ocasionadas no contato entre povos ao longo da história da humanidade do que em função de um pretendido isolamento dos mesmos. A história das línguas, como há muito já sabemos, é nada mais nada menos do que a série dos contatos/intercâmbios entre povos.

Ainda assim, a escola tradicional insiste em se apegar a metodologias extremamente rígidas, e tende a não reconhecer a diversidade e a variação linguísticas, fator que torna cada vez mais importante a luta por uma educação diferenciada, em especial para nossos alunos que lutam em prol do aprendizado de sua língua primeira, sua língua materna. É claro que, nesse contexto, trabalhar a gramática e a ortografia, por exemplo, tem sim a sua devida importância, mas isso não é tudo quando se trata do ensino da língua portuguesa.

Ao afirmar que existe variação na língua, já que a “heterogeneidade, ou variação, é inerente a todo sistema linguístico e não é aleatória”, mas ordenada por restrições linguísticas e extralinguísticas, Labov (1972, *apud* HORA, 2004) mostra que há, também, variantes, e que são as variantes que levam o falante a usar certas formas e não outras quando faz uso da língua falada.

Contudo, quando sujeitos utilizam variedades linguísticas que destoam da variedade ‘cult’, surge o preconceito linguístico que é, segundo nossas leituras, a agregação de valor determinado pela sociedade para prestigiar ou estigmatizar alguém ou algum grupo, atribuindo-lhes estigmas tais como ‘inferior’ ou ‘incapaz’ (geralmente para mulheres, negros, indígenas etc.), uma variedade, um idioma, uma comunidade de fala, o que muitas vezes culmina no famigerado discurso: *os diferentes são portadores de defeitos*; como aqui exemplificado pelo sujeito 2¹:

[...] essa é uma questão que a gente sempre trabalha na escola, porque a gente mora em um município pequeno, e eles tinha que aprender pelo menos alguma coisa da gente, mas lá eu vejo muito discriminação. Quando a gente tá falando a nossa língua, eles falam assim “fala direito!” Claro que eu tô falando direito, tô falando a minha língua nativa. (Sujeito aluno 2, etnia Tapirapé, 24 anos. Região de Santa Terezinha – MT).

Atualmente, os estudos e análises linguísticas e sociolinguísticas evidenciam cada vez mais a estreita ligação entre o preconceito linguístico e o preconceito social, especialmente por causa da valorização do português padrão. Conforme Bagno:

[...] a grande massa de alunas e alunos das novas escolas públicas falava (e fala) variedades linguísticas muito diferentes das variedades urbanas usadas pelas camadas sociais prestigiadas, e mais diferentes ainda da norma-padrão tradicional, modelo de língua “correta” que o ensino tentava (e em boa parte ainda tenta) transmitir e preservar. (BAGNO, 2007, p. 32).

¹ Os depoimentos obtidos através das entrevistas, todas realizadas na Faculdade Indígena Intercultural, localizada em Barra do Bugres, foram numerados e os sujeitos indígenas identificados a partir da sequência dos números naturais: Sujeito aluno1, Sujeito aluno2, Sujeito aluno3, Sujeito aluno4, Sujeito aluno5, de acordo com a ordem em que foram realizadas as entrevistas. Optou-se por essa metodologia para preservar as suas identidades. Ressalta-se, também, que as transcrições foram feitas respeitando-se as variantes e variedades utilizadas por cada sujeito.

Assim, a maneira diferenciada de uso da língua, que nem sempre obedece às regras da gramática normativa, por exemplo, variedades enunciadas por indivíduos que tiveram pouca escolarização ou que pertencem às classes sociais menos favorecidas, geralmente está fadada ao preconceito social, e, por conseguinte, à estigmatização linguística. Tal estigma pode, muitas vezes, acabar por materializar a concepção de que a simples presença de sujeitos que não se adequam/encaixam nos padrões de comportamento apreciados socialmente pode corromper a “ordem social”, causando, assim, a marginalização social e linguística.

[...] o problema está em achar que a variação linguística é um “problema” que pode ser “solucionado”. O verdadeiro problema é considerar que existe uma língua perfeita, correta, bem-acabada e fixada em bases sólidas, e que todas as inúmeras manifestações orais e escritas que se distanciam dessa língua ideal são como ervas daninhas que precisam ser arrancadas do jardim para que as flores continuem lindas e coloridas. (BAGNO, 2007, p. 37).

Para desmitificar tal “problema” é preciso combatê-lo e, como aponta a Sociolinguística, é necessário estudar as distintas variedades linguísticas, reconhecê-las e constatar que elas precisam ser consideradas. A respeito desse assunto, ainda, Bagno afirma que

[...] parece ser mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de Língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o espaço exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. (BAGNO, 2002, p. 32).

Não se trata, contudo, de substituir uma variedade por outra arbitrariamente, mas reconhecer, bem como respeitar, as demais modalidades expressivas existentes e, de tal maneira, conseguir diminuir as atitudes preconceituosas advindas de se considerar a variedade culta/padrão como única, imutável, “correta”.

A LÍNGUA COMO ATIVIDADE SOCIAL: UM FENÔMENO HETEROGÊNEO

Ao lidarmos com a relação entre fala e escrita, precisamos ter em mente as condições e usos da linguagem (KATO, 1987). Assim, podemos falar em aquisição de língua falada e aprendizagem da língua escrita. E é justamente essa situação de heterogeneidade linguística que deve ser processada, sistematizada e compreendida pelo pesquisador de linguagem como também pelo professor de língua materna.

Uma evidência de que a heterogeneidade é organizada ou sistematizada é o fato de os indivíduos de uma comunidade se entenderem, se comunicarem, apesar das variações ou diversidades linguísticas. Tais diversidades e variedades linguísticas estão

presentes em todos os segmentos da sociedade e, como não poderia deixar de ser, na sala de aula.

A leitura mais básica que podemos fazer sobre a aquisição da língua é que a criança, independente do meio social em que se situa, tem início no seu processo de fala a partir do contato primário com a família e na comunidade em que está inserida, e o faz sem instrução formal, todas as estruturas, palavras e pronúncias que encontra apenas fazendo parte das atividades sociais que constituem a convivência e o andamento da própria comunidade.

Desta forma, a criança aprende a produzir como também a reproduzir por meio da fala. De acordo com Barth (2000, p. 111), “cultura são representações coletivas: a linguagem, as categorias, os símbolos, os rituais e as instituições que sustentam o modo como agem e reagem”. Assim, possuir uma cultura é identificar-se com as características de um determinado grupo, que interage entre si.

Porém, equivocadamente, a escola, em seu primeiro contato com a criança, tende a desconsiderar o conhecimento adquirido pelo falante durante a infância, dando prioridade à estrutura rígida da língua escrita, sendo que essa passa a ter maior dedicação, o que pode influenciar na língua falada.

[...] das comunidades indígenas que resistiram ao processo de extermínio, grande parte está hoje em contato com as comunidades urbanas, com as escolas urbanas, em diferentes graus de intensidade, claro [...] portanto, infelizmente, pela experiência traumática e etnocêntrica da sala de aula, o desprezo manifesto em relação às línguas e às culturas indígenas estará presente na imagem de escola que vão construindo. (Sujeito professor2, idade não declarada. Região de Maringá - PR).

Na perspectiva da Sociolinguística, esse apanhado de regras que o falante domina intuitivamente faz com que ele seja capaz de produzir de forma espontânea enunciados com sentido e reconhecer discursos como pertencentes à sua língua. É também completa tal forma de construção de conhecimento, pois contempla todas as regras de que o falante necessita para se comunicar em situações diversas, e, quanto mais o falante se expõe a diferentes variedades da língua, mais rica torna-se a sua gramática internalizada.

Cabe ao professor de língua portuguesa ter presente que as atividades de ensino deveriam oportunizar aos seus alunos o domínio de uma outra forma de falar o dialeto padrão, sem que isso signifique a depreciação da forma de falar predominante em sua família, em seu grupo social, etc. Isso porque é preciso romper o bloqueio de acesso ao poder e a linguagem é um de seus caminhos. (GERALDI, 1996, p. 163).

Nessa perspectiva, conforme as palavras da sociolinguista brasileira Maria Cecília Mollica,

Cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. (MOLLICA, 2004, p. 11).

Dentro do campo de observação do nosso estudo, uma realidade que tem se intensificado no que diz respeito ao ensino da língua materna é o cada vez mais crescente desaparecimento de línguas de muitas comunidades indígenas. Tornando cada vez mais difícil o processo natural de aprendizagem da parcela infantil, aprendizagem essa, contudo, que passa a ter reforço nas escolas de educação diferenciada de cada comunidade e que atualmente deixou de ser somente um apoio, uma espécie de suporte e se tornou um componente fundamental no ensino da língua materna.

Isso tem se feito cada vez mais necessário, pois o português circula nas comunidades como língua dos assuntos oficiais e simboliza a sociedade nacional. Goza de alto prestígio como língua escrita, de ampla difusão e utilidade, enquanto as línguas indígenas são, em maior ou menor grau, consideradas como “gírias”, “dialetos ágrafos”, “sem gramática” e sem utilidade comunicativa fora da comunidade, com seu raio de ação cada vez mais limitado (RODRIGUES, 1988, p. 106).

As representações escritas da língua, querendo ou não, são uma maneira de preservação e muitas vezes de revitalização da língua e cultura da(s) sociedade(s) e guardam, em relação aos objetos do mundo ou às palavras e frases que representam, uma relação de valorização que é preciso aprender.

Nós, enquanto professores e professoras, temos a missão de alfabetizar, quando possível, em língua materna e desenvolver um currículo intercultural, combinando conhecimentos tradicionais com os conhecimentos externos. Uma avaliação do papel da escola nos últimos anos deve indagar até que ponto os povos indígenas estão conseguindo transformar a escola, faculdade, universidade que seja, numa ferramenta de resistência e de afirmação cultural. (Sujeito professor2, idade não declarada. Região de Maringá – PR).

Um dos aspectos mais importantes das línguas humanas e, assim, pertinentes à questão do ensino da língua materna, é em suma as variedades linguísticas, devido ao fato do ser humano estar em constante desenvolvimento, evolução e mudança, não seria diferente no que diz respeito à língua.

Este é um ponto em comum nas teorias e pesquisas sociolinguísticas e, em princípio, não é preciso nenhuma pesquisa feita pela academia ou por outros meios científicos para se observar a realidade desta diversidade. Ou seja, ela pode ser presenciada pela maioria das pessoas, em suas respectivas comunidades de fala, trata-se de um instrumento que está em constante processo de transformação.

Não é algo pronto, acabado, e muito menos estagnado; no entanto, em muitas sociedades, como é o caso da brasileira, o conceito sociocultural de um modelo padrão de

língua de certo modo causa a oclusão desta percepção, nos fazendo crer que a língua de verdade é invariável, imutável, morta; numa idealização rasa, que acredita que a língua de fato não deveria ser provida de variação.

De modo mais amplo e geral, inúmeras línguas e respectivos falantes de diferentes variedades existem no mundo. Não seria diferente no Brasil, principalmente pelo seu tamanho territorial e diferentes características linguísticas que permitem uma gama de variações e diversidades, ainda que a ideologia do Brasil, enquanto nação, tenha tornado essa diversidade quase invisível. Línguas indígenas, línguas de imigrantes europeus e asiáticos, resquícios de línguas africanas, além, é claro, do nosso português e de muitos outros povos são diariamente representadas através da língua, ritos, crenças e tradições pelo país.

Mas qual tem sido o uso que as etnias indígenas tem realmente dado à escrita? Temos conhecimento do discurso, dado por eles, da necessidade da escrita na língua portuguesa para um maior domínio/controlado e até defesa no que diz respeito às relações com os brancos, mas, na prática como esta escrita vem sendo apropriada internamente por essas sociedades? Apesar dos vários trabalhos sobre educação indígena, sabemos ainda muito pouco sobre os usos da escrita e suas relações com a oralidade entre os povos indígenas brasileiros.

Como uma cultura que se baseava quase que exclusivamente pela linguagem oral, emerge a concepção segundo a qual as línguas indígenas continuam sendo um sistema de conhecimento e categorização cultural do mundo, onde a transmissão de conhecimentos, isto é, a relação única do indivíduo com seu mundo cultural só seria possível através da língua do grupo (LADEIRA, 2001) e da sua forma oral de transmissão.

Neste caso o português (falado e escrito) é empregado tão somente como língua de contato, na relação do grupo com a sociedade nacional, sendo que estes dois mundos se concebem como excludentes e onde ainda a estabilidade das relações no interior do sistema linguístico é decorrente da clara delimitação dos âmbitos de uso da língua. “O domínio da cultura letrada está ensopado de uma densa teia de valores que produz e mobiliza uma vasta gama de modos de ser, de agir, de pensar e, evidentemente, de dizer” (FARACO, 2008, p. 56).

Tal informação contribui ainda mais para o preconceito linguístico por parte da “cultura letrada”, dessa forma, torna-se fundamental a escrita de uma língua indígena para o seu não desaparecimento em sua manifestação oral; justificando-se assim a escrita não somente para a transmissão dos conhecimentos, ou para a memória social de um povo, mas também pela necessidade da língua indígena ocupar este novo espaço, o da escrita, competindo por este espaço que é característico da língua portuguesa.

A gente trabalha a língua indígena paralelamente à língua portuguesa; não dá para separar [...] a escolha de uma segunda língua está normalmente relacionada ao seu impacto e às oportunidades que o domínio desta língua possibilita, sejam profissionais ou

educacionais; muitas pessoas escolhem aprender uma língua em função de pretender estudar ou trabalhar fora do seu país, outras escolhem aprender uma língua porque pretendem simplesmente viajar, conhecer melhor a cultura pátria daquela língua. Há aqueles que escolhem uma língua pensando na potencialidade de ensiná-la, mas nós temos aqui indivíduos que veem nesse processo algo tão maior... é uma autodefesa, uma maneira de tentar reparar os danos causados à sua etnia muitas vezes, tentando fazer isto dar certo juntamente com seu processo de revitalização da sua própria língua materna [...] a tornarem-se professores daquele idioma sem ceder o pouco espaço que possuem. (Sujeito professor3, 45 anos. Região de Tangará da Serra - MT).

VARIAÇÃO E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

A variação linguística é um fenômeno natural; a língua portuguesa, como todas as línguas, apresenta inúmeras variações e passa por mudanças no tempo – historicamente – e no espaço – geograficamente, assim, com qualquer indivíduo que se relaciona com outro(s) através da linguagem, não faz isso sem que exista uma relação de ambas as partes.

O nosso sistema linguístico não é simplesmente criado do nada por nós mesmos, mas sim de uma quantidade de empréstimos, relações e processos de aprendizagem que aumentam e se complementam com o passar do tempo; tudo isso nos fez tornar o que somos hoje: o ambiente familiar, social, escolar, enfim, aprendemos a língua em tudo em que há signo linguístico.

A língua é, portanto, uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita. (BAGNO, 2010, p. 36).

Assim, a nossa maneira de falar é formada aos poucos e não inventada, ou seja, não se faz de forma isolada. A variação é constitutiva das línguas humanas, ter uma cultura é identificar-se com as características de uma determinada comunidade de fala, de grupo, que representa o conjunto de “essências” por assim dizer. Logo, a abordagem das áreas do conhecimento devem ser críticas e reflexivas, considerando-se o percurso histórico de cada povo e suas relações com as diversas políticas públicas implementadas pelo Estado Nacional (saúde, fundiária, educação etc.).

Do ponto de vista sociolinguístico, propõem-se então o estudo da heterogeneidade linguística, postulando que não há como estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que esta é falada, evidenciando, dessa forma, a inter-relação entre língua e sociedade. Segundo Mattos e Silva,

O grande avanço da sociolinguística se funda basicamente na sua conceituação de língua como sistema intrinsecamente heterogêneo, em que se entrecruzam e são correlacionáveis fatores intra e extralinguísticos, ou seja, fatores estruturais e fatores sociais (como classe, sexo, idade, etnia, escolaridade, estilo). (MATTOS E SILVA, 2004, p. 299).

Nesse aspecto, torna-se ainda mais importante ressaltar o trabalho da Sociolinguística neste processo de busca, pesquisa e discussão sobre a diversidade cultural e linguística das comunidades de fala indígenas, pois “a Sociolinguística se ocupa principalmente das diversidades nos repertórios linguísticos das diferentes comunidades conferindo às funções sociais que a linguagem desempenha a mesma relevância que até então se atribuía tão somente aos aspectos formais da língua”. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 20).

Assim, é possível dizer que a Sociolinguística permite analisar e compreender aspectos linguísticos e sociais, e como estes se relacionam no que diz respeito à linguagem, como afirma Labov:

[...] a função da língua de estabelecer contatos sociais e o papel social, por ela desempenhado, de transmitir informações sobre o falante constituem uma prova cabal de que existe uma íntima relação entre língua e sociedade. Essa relação, porém, é muito mais profunda do que se imagina. A própria língua como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamentos, que variam em função do espaço. (LABOV, 1972, *apud* MONTEIRO, 2000, p. 16-17).

Conforme Mollica e Braga (2007), trata-se de analisar e estudar a língua quanto a sua heterogeneidade, correlacionando-se aspectos linguísticos e sociais. Essa subdivisão da linguística detém-se à compreensão das manifestações da língua no seio da sociedade, considerando toda e qualquer prática social como influências concretas. Cabe, ainda, aos estudos sociolinguísticos, investigar o nível de estabilidade ou mutabilidade das variações linguísticas, o surgimento ou extinção de línguas, multilinguismos e mudanças.

[...] ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização. (BAGNO, 2009, p. 149).

Com relação à realidade linguística do estado de Mato Grosso, vale ressaltar que há grande quantidade de comunidades indígenas, bastante diversificadas e plurais, por isso, requer que pesquisadores lancem olhar com sensibilidade e compreensão aos fatores que ensejam as origens e formação de sua gente. Esta é a nossa proposta de estudo, neste contexto que se compõe, majoritariamente, de sujeitos indígenas.

Por sua vez, destaca-se, também, que há, por aqui, falta de profissionais da educação que estejam aptos a trabalhar com a educação diferenciada indígena, logo, começam os impasses em razão das condições socioculturais e linguísticas desfavoráveis.

Essa constatação, sobre a importância de tais condições/circunstâncias, foi pontuada pelos acadêmicos-professores nas entrevistas realizadas, e enfatizam, ainda, que

a falta de ensino de qualidade e materialidades favoráveis e adequadas às suas necessidades dificulta, e muito, sua ambientação nas escolas, sendo que haveria casos, inclusive, em que alguns alunos das comunidades são “empurrados” para os centros urbanos por falta de condições mínimas, mesmo educacionais para sobreviverem nas comunidades. Por isso, alguns chegam às escolas urbanas com déficit de aprendizagem formal e são rotulados pela origem étnica, contudo, são vítimas da ausência de profissionais da educação qualificados em seus locais de origem.

Consideramos, dessa forma, as contribuições da Sociolinguística fundamentais para que o professor tome consciência de realidades como essas, da diversidade linguística presente na sala de aula e dos valores sociais simbólicos que emergem no cotidiano escolar.

Um trabalho sociolinguístico voltado para a escola tem como um dos principais objetivos a busca por um maior conhecimento relativo à existência de variedades linguísticas, o que auxilia na modificação da tradicional visão de “erro”, e a necessidade de trabalhar no aluno a aquisição não apenas da norma-padrão da língua, mas de uma flexibilidade linguística a fim de lhe permitir um melhor desempenho nos inúmeros atos linguísticos.

Sem dúvida, qualquer trabalho que surja aproximando visão sociolinguística e educação é decorrência de estudos que geram a possibilidade de se verificar que a língua é um dos pilares da compreensão da configuração social das comunidades. Como afirmam Matos e Monte (2006), no Brasil, como no conjunto dos países americanos, a educação escolar foi, e continua a ser, empregada como um recurso, quase sempre extremamente eficaz, de aniquilação da diversidade.

Considerando as observações desses autores, pode-se depreender que a escola, inicialmente imposta ao indígena, hoje é reivindicada por eles como “um modelo de escola mais respeitoso à diversidade e aos direitos coletivos assegurados mais tarde na Constituição brasileira” (MATOS; MONTE, 2006, p. 72). Sendo assim, o processo de aculturação determinou a mudança de crenças religiosas, de valores cultivados pelas famílias indígenas, no trabalho na terra para o sustento, na confecção de artesanatos, dentre outras.

Enfim, determinou, em grande parte, a perda da cultura e dos valores de algumas etnias, o que, conseqüentemente, acarretou na produção de uma outra identidade, diferente daquela existente até então e que hoje muitas dessas etnias indígenas buscam resgatar, em especial através do uso e conhecimento de sua língua materna. Para tanto, têm acreditado que a escola (e, dentro dela, a proposta de educação escolar indígena bilíngue) é o espaço onde esse resgate poderá acontecer.

Com base nos pressupostos assumidos, esperamos desenvolver um ensino de língua materna que realmente permita a interação da língua e suas variações. (Sujeito professor⁴, idade não declarada. Região de Rondonópolis - MT).

Pensando nisso, Travaglia deixa nítida a importância de o professor compreender as concepções sobre linguagem e língua para o ensino, quando diz:

Outra questão importante para o ensino de língua materna é a maneira como o professor concebe a linguagem e a língua, pois o modo como se concebe a natureza fundamental da língua altera em muito o como se estrutura o trabalho com a língua em termos de ensino. A concepção de linguagem é tão importante quanto à postura que se tem relativamente à educação. (TRAVAGLIA, 1997, p. 21).

Assim, caiu sobre a nossa análise um aspecto imprescindível para ser observado: o quão importante é a maneira como o professor concebe a linguagem e a língua para o ensino de língua materna, uma vez que o modo como se concebe a constituição natural da língua altera em muito o como se estrutura o trabalho com a língua em termos de ensino. Nesse contexto, conforme o autor, a concepção de linguagem é tão importante quanto à postura que se tem relativamente à educação.

O ENSINO DE LÍNGUA EM BARRA DO BUGRES

Os docentes, conforme os sujeitos entrevistados, tentam ao máximo ter como ponto de partida a realidade do estudante e as relações que mantém com a sua comunidade, com outros povos indígenas e com a sociedade em geral, visto que “cultura são representações coletivas: a linguagem, as categorias, os símbolos, os rituais e as instituições que sustentam o modo como agem e reagem” (BARTH, 2000, p. 111).

Assim como dão especial atenção à linguagem, que se torna não somente um meio de comunicação trivial, mas um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em contextos sócio- históricos e ideológicos.

[...] acho que esse é um dos pilares da Faculdade Indígena. Acho não, tenho certeza. Muitas coisas mudou dentro da cultura, aliás, muitas coisas se fortaleceram dentro da cultura indígena de Mato Grosso através desta faculdade [...] (Sujeito aluno3, etnia Munduruku, 31 anos. Região de Alto Tapajós - PA).

Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, cabe à escola

demonstrar a relevância dos estudos sobre a produção de sentido em práticas orais e escritas de uso da língua - e, mais amplamente, da linguagem -, em diferentes instâncias sociais; conseqüentemente, será apontada a importância de se abordarem as situações de interação considerando-se as formas pelas quais se dão a produção, a recepção e a circulação de sentidos. (BRASIL, 2000, p. 18-19).

A Sociolinguística, do mesmo modo, aborda sobre a preocupação em relação ao desenvolvimento escolar no âmbito da linguagem. Conforme Bagno, Stubbs e Gagné,

a escola não pode mais se furtrar – como fez durante muitos séculos – ao tratamento dos fenômenos da variação linguística [...], para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. (BAGNO; STUBBS; GAGNÉ, 2010, p. 7-8).

Sendo assim, as representações e cidadanias nas diversas comunidades sociais; as distintas formas de ideologias e movimentos sociais; a organização indígena, como caminho para a autodeterminação; a gestão territorial e o desenvolvimento étnico são pontos e temas de estudo que passam a ser incentivados, contribuindo para o processo de autonomia dos cursistas na Faculdade Indígena Intercultural.

Por autonomia entende-se o exercício de cooperação e criatividade, práticas de intervenção e transformação com base na realidade social, e implica, fundamentalmente, poder, conhecimento, sensibilidade, desejo e responsabilidade exercida no e com um coletivo (LARANJEIRA, *et alii*, 1999). Significa, ainda, um querer envolver-se na sua formação profissional e decidir-se pelos caminhos a serem trilhados.

Para esses povos, a escola foi, durante séculos, um instrumento de opressão, o que ainda está registrado na memória oral de muitos povos e foi até mesmo incorporado em alguns de seus mitos. Nesse sentido, depoimentos de docentes indígenas de vários estados do Brasil confirmam o papel histórico da escola como devoradora de identidades (FREIRE, 2002). As condições começaram a mudar recentemente, quando, em 1988, foram criadas as bases legais para a construção de uma nova escola indígena em substituição ao modelo colonial da velha escola para indígenas.

O reconhecimento dos processos próprios de aprendizagem deriva do conhecimento das diferentes formas de se organizar socialmente dos povos indígenas. Desse modo, muitos professores indígenas têm se preocupado em pesquisar os fundamentos e as estratégias dos processos cognitivos, gerando o que se entende hoje por pedagogias indígenas. A educação que é proposta como alternativa à tradicional é a que tem como prioridade o desenvolvimento pleno, respeitando os interesses dos alunos, estimulando a pesquisa e a criatividade.

Para tanto, Piaget defende que uma “educação do pensamento, da razão e da própria lógica, é necessária e é condição primeira da educação da liberdade. Não é suficiente preencher a memória de conhecimentos úteis para se fazer homens livres: é preciso formar inteligências ativas” (PIAGET, 1998, p. 123). Em vista disto, vale destacar que o processo de preservação, manutenção e revitalização da(s) língua(s) materna(s) dos povos indígenas está se fortalecendo muito, tanto dentro do campo acadêmico quanto nas comunidades.

Comecei a estudar a pedido da comunidade, pela necessidade da comunidade, a própria comunidade pediu para que eu continuasse

estudando, fazendo cursos e para que eu possa atender a necessidade da minha própria etnia, no local onde eu moro. (Sujeito aluno4, etnia Pareci, 37 anos. Região de Tangará da Serra – MT).

Os acadêmicos-professores entrevistados disseram estar a par da situação atual, do risco que muitas etnias correm de perda da língua. Contudo, a faculdade tem feito todo esse trabalho de mobilização, de incentivo à produção acadêmica indígena e de autoafirmação da(s) língua(s) materna(s).

[...] eu optei por fazer na parte da língua porque na minha comunidade já tá entrando um monte de empréstimos, empréstimos linguísticos, e eu pensei, não, temos que trabalhar mais na manutenção, eu tenho que fazer a linguagem, porque nós temos na comunidade professores formados em ciências, ciências sociais, matemática, e não tem da língua. Por que não tem formado em língua se a língua é mais importante pra nós? (Sujeito aluno2, etnia Tapirapé, 24 anos. Região de Santa Terezinha – MT).

Por sua vez, ao realizarmos a pesquisa empírica, foi possível encontrar várias publicações feitas pelos discentes, que tratam da questão da autonomia e de como é importante que ela se constitua dentro de cada comunidade. Cada etnia tem a sua própria história de definição e tem doses de autonomia para uma série de situações internas e culturais.

A educação deve nos libertar das convenções, do autoritarismo das ideias que padronizam, da obediência cega e do comodismo. Deve estimular a ação do sujeito para a construção de conhecimentos, propiciar a criticidade e a reflexão. A educação deve lutar contra os entraves psicológicos, libertar o homem “de sua miséria afetiva, de sua pobreza criativa e de sua incapacidade de desfrutar o prazer de viver” (TORO, 1996, p. 242).

Tal reflexão demonstra o reconhecimento da multietnicidade e da pluralidade social. No Brasil contemporâneo existem mais de 225 povos indígenas que, segundo o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI), cultural e linguisticamente representam uma magnífica

[...] soma de experiências históricas e sociais diversificadas, de elaborados saberes e criações, de arte, de música, de conhecimentos, de filosofias originais, construídos ao longo de milênios pela pesquisa, reflexão, criatividade, inteligência e sensibilidade de seus membros. [...] Sua variedade e sua originalidade são um patrimônio importante não apenas para eles próprios e para o Brasil, mas, de fato, para toda a humanidade. (RCNEI, 2005, p. 22).

É relevante compreender a diversidade implícita na pluralidade étnica para a formulação de políticas e ações adequadas às realidades e perspectivas de cada povo indígena. Por isso, não são condizentes com essa realidade propostas de políticas e ações que tomem os povos indistintamente, sem contemplar suas especificidades em termos

culturais, linguísticos, de histórias de contato com a sociedade nacional, de projetos de futuro e de presente.

Compreendemos, assim, que construir uma agenda política, acordada com professores e representantes de cada povo, que reflita suas perspectivas e suas demandas socioambientais, é um importante desafio para os gestores públicos. Vale ressaltar, ainda, conforme Caleffi (2003, p. 34), que “as identidades indígenas têm se mantido porque justamente suas culturas estão vivas e ressignificam novas realidades, novos objetos e se adaptam a novas condições de vida”. Cabe destacar, também, que, no âmbito de nossa pesquisa de campo, poucas aulas foram observadas (duas de Linguagem e uma de Pedagogia, durante um período matutino), mas que foram suficientes para perceber a importância da discussão no que diz respeito à concepção de linguagem/línguas, chamando a atenção do aluno sobre a coexistência não aleatória entre o universal e o particular, entre o consciente e o inconsciente, entre o saber implícito e o saber normatizado, com o intuito de provocar e despertar o falante para a sua própria capacidade enquanto pesquisador e produtor de conhecimento, bem como estimular o desmantelamento da ideia de que existe apenas uma única forma “certa” de falar, o que leva à compreensão de que línguas de tradição oral seriam “inferiores”.

Além disso, é importante dizer que o ensino da língua portuguesa é uma reivindicação dos alunos, que sentem a necessidade de se comunicar com a sociedade envolvente na sua busca pela cidadania.

Além da falta de familiaridade com o mundo da escrita, o que é natural em culturas de tradição oral, os alunos do 3º Grau Indígena apresentam dificuldades relacionadas ao fato de serem falantes do português como segunda língua. (Sujeito professor⁴, idade não declarada, Região de Rondonópolis – MT).

O currículo, dessa forma, procura trabalhar as dificuldades que surgem ao longo do processo, no uso da língua portuguesa, como típicas de qualquer aprendizado de segunda língua. O professor, nesse contexto, busca obter a participação ativa dos alunos na construção dos conceitos e na formulação estrutural das diferentes línguas.

Eles estão sempre prontos a dar novos exemplos e a propor detalhamentos extremamente criativos, o que torna o momento do encontro entre o profissional da linguagem e o professor indígena uma experiência verdadeiramente fascinante. (Sujeito professor³, 45 anos. Região de Tangará da Serra - MT).

A valorização das línguas indígenas nesse ambiente universitário é de grande importância para as populações indígenas que, por assim dizer, há muito tempo têm passado por tipos diferentes de exclusão, dentre eles o linguístico, e ainda sofrem as consequências do preconceito de quem, por exemplo, afirma e reafirma que suas línguas são “gírias” ou “dialetos primitivos”, manejados por “ignorantes” que cumpre “civilizar”,

como se ouviu de professores atuando em cidades próximas às aldeias, segundo depoimentos de nossos sujeitos alunos. Manifestações de preconceito que, se não foram elaboradas no ambiente escolar, deixaram, no mínimo, de ser corrigidas por ele.

[...] do nosso ponto de vista, uma coisa boa na formação de professores - indígenas ou não - para atuar na nossa área, na área de linguagem deve ser desenvolver, desde o início, a compreensão do conhecimento que o falante já tem com ele, sabe? Não tendo mudança nos conceitos que ainda produzem efeitos na educação escolar, onde os frutos do trabalho científico têm chegado, na minha opinião, com atraso. (Sujeito aluno⁴, etnia Pareci, 37 anos. Região de Tangará da Serra - MT).

Dentre os resultados apreendidos, durante a nossa pesquisa, destaca-se que o domínio da norma-padrão é entendido, pelos alunos indígenas, como uma forma eficaz de se conseguir o respeito da sociedade envolvente, não só para poderem falar e serem compreendidos, mas para que possam alcançar a cidadania plena. Dessa forma, entendemos que:

[...] o problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. (BRASIL, 1997, p. 26).

De acordo com o sujeito professor⁴, o currículo do curso de Línguas, Artes e Literatura foi modificado para incluir um tratamento especial não só à diversidade linguística apresentada pelos alunos, mas também às distintas variedades que surgem dos contatos linguísticos, para, fundamentalmente, mostrar a eles que o português, em sua variedade culta, não é superior às suas línguas, mas apenas uma variedade que tem maior prestígio social na sociedade brasileira.

Eles acabam percebendo o quê? Que, apesar deles falarem, sim, o português, o “seu” português falado é criticado por não parecer, não se adequar à norma culta. O curso procurou esclarecer esta questão ao deixar bem claro que: (1) o português que é falado por eles é uma variante diferente do português padrão; (2) que o português padrão não é um bicho, é só uma variante criada a partir das normas da escrita da língua; (3) nenhuma é melhor ou pior do que outra, do ponto de vista linguístico, todas têm regras e regularidades, só que as únicas regras que são valorizadas pela sociedade são as regras do português padrão, infelizmente. (Sujeito professor⁴, idade não declarada, Região de Rondonópolis - MT).

A dimensão da diversidade linguística é frequentemente mencionada na formação de professores indígenas. Bem como sua importância quanto à conscientização e descrição das línguas, tendo, portanto, neste lugar, uma importância singular. O que torna também fundamental a observação de fenômenos linguísticos referentes às suas línguas

nativas e uma maior atenção ao aprendizado do português, para que se conscientizem de sua própria riqueza cultural e linguística e participem ativamente em sua manutenção.

Esta porta nos traz mais um ar de esperança e por que não vida, é uma chance de podermos sobreviver nos dias atuais, de podermos mudar a nossa história, sem que nossos filhos percam sua origem, cultura e língua, é muito triste ver toda uma tradição morrer sem nem poder fazer nada sobre isso. (Sujeito aluno³, etnia Munduruku, 31 anos. Região de Alto Tapajós - PA).

A educação, como vimos ao longo do desenvolvimento deste trabalho, não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Alunos e professores devem estar cientes de que existem duas ou mais maneiras de se dizer uma mesma coisa. Deve-se incentivar, dessa forma, o emprego criativo e competente da(s) língua(s). Tal postura no trato das diferenças socioculturais e linguísticas precisa ser um compromisso dos professores.

Nessa direção uma das primeiras tarefas do professor seria reconhecer a realidade sociolinguística da sala de aula e da comunidade onde está atuando, observando, por exemplo, se há mescla de dialetos evidente entre os alunos, seja dialetos regionais (rural/urbano; nortista/sulista, por exemplo), seja sociais (maior ou menor domínio da norma culta em decorrência de fatores sociais, como o nível socioeconômico da família, por exemplo). É importante trabalhar explicitamente com essa realidade da sala de aula, enfatizando a questão da heterogeneidade linguística, comparando as variedades e combatendo preconceitos entre os próprios alunos. Fazer da sala de aula um 'laboratório de linguagem' e atribuir aos alunos o papel de 'investigadores linguísticos' pode ser uma boa estratégia metodológica para que o ensino de gramática seja significativo e instigante. (GÖRSKI; COELHO, 2009, p. 84).

Compreendemos, assim, que os postulados da Sociolinguística Variacionista, articulados ao que propõem as leis governamentais, muito têm contribuído para reflexões e o aprimoramento da educação diferenciada indígena, tal como às suas necessidades didáticas. Estas, como vimos, partem de competências sociolinguísticas em situações reais de uso da língua ou de manifestações culturais.

[...] a primeira campanha a ser feita, por todos na sociedade, é a favor da mudança de atitude. Cada um de nós, professor ou não, precisa elevar o grau da própria auto-estima linguística: recusar com veemência os velhos argumentos que visem menosprezar o saber linguístico individual de cada um de nós. Temos de nos impor como falantes competentes de nossa língua materna. (BAGNO, 2004, p. 115).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos, a partir desta pesquisa, que o estudo da língua e da heterogeneidade, tal como propõe a Sociolinguística Variacionista, nos possibilita em

muito o entendimento das diferenças linguísticas condicionadas por diferentes elementos sociais, históricos, culturais, geográficos, entre outros.

Desta forma, compreendemos que a Sociolinguística Variacionista permite ao professor interferir positivamente na compreensão da natureza da variação linguística, esperando-se, assim, tanto do aluno quanto do professor uma postura respeitosa no trato das diferenças sociolinguísticas, da valorização da pluralidade sociocultural e da consciência acerca da avaliação social das variantes.

É preciso ter, para tanto, um embasamento teórico consistente acerca da linguagem em seu funcionamento social para podermos atuar, de forma competente, na orientação da aprendizagem e na formação contínua do aluno cidadão. Eis o ganho que os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista podem trazer para a sala de aula.

Como resultados, esta pesquisa demonstrou que o Ensino Superior na formação de educadores indígenas tem influenciado não apenas na manutenção da(s) língua(s) materna(s), mas também em alterações, a partir dos contatos linguísticos, destas línguas. Além disso, a Faculdade Indígena tem papel atuante no processo de educação diferenciada dos discentes-professores indígenas, para que possam atuar em suas próprias comunidades.

Nesse contexto, ressalta-se, contudo, a importância da preservação e revitalização não só da língua, mas também das características históricas, culturais e sociais dos povos indígenas, com o propósito de proporcionar aos índios e suas comunidades a recuperação de suas memórias, a reafirmação de suas identidades étnicas, assim como a valorização de suas línguas e ciências. Dessa forma, o espaço escolar, antes associado aos interesses e domínio do colonizador, passa a ser agora identificado como um lugar de convívio de diferentes saberes.

REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2000.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 21 de setembro de 2015.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais. Língua portuguesa: Ensino de primeira à quarta série**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

CALEFFI, P. **O que é ser índio hoje? A questão indígena na América Latina/Brasil no início do século XXI**. Diálogos Latino Americanos. São Paulo. n. 7, p. 20-42, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e Cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

FLEURI, R. M. Intercultura e Educação. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 23, p. 16-35, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GOHN. M. G. **Conselhos gestores e participação sociopolítica**. São Paulo: Cortez, 2001.

GÖRSKI, Edair; COELHO, Izete L. **Variação linguística e ensino de gramática**. Working Papers em Linguística, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 73- 91, 2009.

MATTOS & SILVA, Rosa Virgínia. Variação, mudança e norma. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. 2. ed. São Paulo, Edições Loyola: 2004.

MATOS, K.G.; MONTE, N. L. O estado da arte da formação de professores indígenas no Brasil. In: GRUPIONI, L. D. B. (Org.). **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**. Brasília: MEC/SEC/AD, 2006, p. 69-114.

MOLLICA, M.C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.

_____. **Fala, letramento e inclusão social**. São Paulo: Contexto, 2011.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PIAGET, Jean. **Sobre a pedagogia**. Casa do psicólogo, 1998.

TORO, J. B. Capacidades e competências mínimas para participação produtiva no Século XXI. **Revista Dois Pontos**. Editora Pitágoras, em julho/ agosto de 1996 53 Disponível em: http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/texto_link.asp?cod_link=244&cod_chave=3&tra=c. Acesso em 5 de março de 2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação**: Uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

O TALIAN: OS PROCESSOS DE TRANSMISSÃO E MANUTENÇÃO LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE ÍTALO-GAÚCHA-NORTE-MATO-GROSSENSE

Jéssica Martins Maraccini

INTRODUÇÃO

A pesquisa apresentada neste artigo tem como foco tecer considerações analíticas sobre os processos de transmissão e manutenção linguística da coíné vêneta, o *talian*, na cidade de Sinop - MT. Tal estudo orienta-se nos pressupostos teóricos de duas áreas do saber, a sociolinguística variacionista e a geolinguística.

O interesse em desenvolver este estudo, nesse espaço geográfico, nasceu por causa do contato com a língua *talian* e por se compreender a importância de registrar a existência dessa língua na comunidade linguística em destaque.

As abordagens de pesquisa que propomos neste estudo são importantes não só para a apresentação deste espaço diatópico, mas, fundamentalmente, para se fazer conhecer sua constituição linguística, no intuito, ainda, de possibilitar, posteriormente, a promoção de novos estudos científicos na região em questão, pois pesquisas nessa área ainda são incipientes.

Para tanto, inicialmente buscamos compreender o processo de colonização e imigração que se procede no sul do país, em especial nas comunidades ítalo-gaúcha e catarinense, as quais, na década de 1970, migraram para o norte de Mato Grosso.

O presente estudo, assim, pretendeu identificar e descrever o falar da comunidade linguística norte mato-grossense que faz uso da língua *talian*, proveniente do vêneta sul-rio-grandense.

O TALIAN: PERCURSO BRASILEIRO

O *talian*¹ consolidou-se, no Brasil, pela convivência e interação entre as famílias de imigrantes italianos que habitavam na Região de Colonização no nordeste do Rio Grande do Sul (RCI).

No que diz respeito à proveniência da povoação dos imigrantes italianos na região sul do Brasil, sobretudo destacam-se os advindos da região norte da Itália. A área geográfica das províncias italianas de onde se originaram as principais línguas ainda faladas na RCI pode ser observada no mapa da figura 1, abaixo, de Frosi e Raso (2011, p. 339):

¹ O *talian* é uma língua, pois se trata de uma língua de imigração que teve sua origem e consolidou, pela convivência, a combinação e a interação dos diferentes dialetos (nas regiões da Itália) falados nas comunidades colonizadas na Região de Colonização no nordeste do Rio Grande do Sul (RCI) entre as famílias de imigrantes italianos.

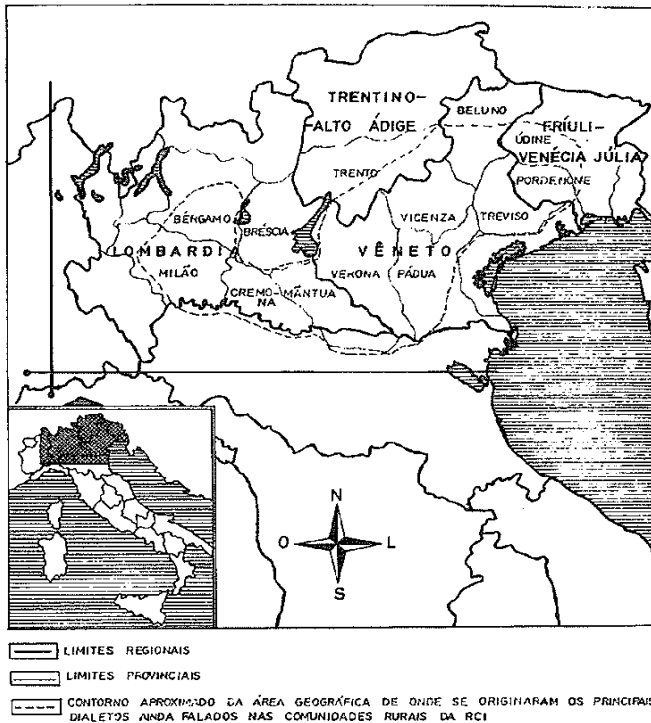


Figura 1: Mapa indicativo das regiões provinciais italianas de onde provieram os maiores contingentes de imigrantes italianos que povoaram o nordeste do Rio Grande do Sul.

Na inter-relação entre os indivíduos (imigrantes italianos) das pequenas comunidades da RCI, Dal Corno (2010, p. 81) esclarece que “Os dialetos do grupo vêneto se sobressaem aos demais”.

Nessa questão da sobreposição dos dialetos vênéticos, considerando o fato de serem falados pela maioria dos imigrantes/descendentes italianos no sul do Brasil, Frosi (1987, *apud* SPESSATO, 2011, p. 39) chama a atenção para os fatores extralinguísticos que influenciaram na preservação dessas falas dialetais italianas, os quais seriam:

a) sistema de divisão da área geográfica destinada aos italianos, divisão dos lotes coloniais, abertura das primeiras estradas e formação dos primeiros núcleos de colonização;

b) construção de estradas vicinais;

c) prevalência absoluta dos imigrantes italianos e seus descendentes que viviam no mesmo agrupamento e nos pontos de encontro dele (a presença de outros dois dialetos (friolano e treviso) foi mais rara nos primeiros dez anos da colonização);

d) casamento entre pessoas que falavam o mesmo dialeto italiano ou dialetos diferentes segundo a origem provincial ou regional;

- e) vias de comunicação precárias e outras condições sociais e econômicas que mantinham as famílias em isolamento em relação às outras regiões do estado;
- f) maior contingente de vêneto em relação aos outros dialetos;
- g) maior presença do contingente vêneto na indústria e no comércio;
- h) função religiosa, socioeconômica e cultural das igrejas.

A combinação, o contato e a interação dos diferentes dialetos falados nas comunidades colonizadas na RCI, com a intensificação dos intercruzamentos, faz surgir assim o uso de uma fala comum, a *coiné*², denominada *talian*. Nesses intercruzamentos, segundo Frosi (1996, *apud* DAL CORNO, 2010, p. 81), aparecem características “dos dialetos trevisano, vicentino, paduano, feltrino belunês, trentino, mais influências dos dialetos lombardos e da língua portuguesa”.

Assim, assegura Pertile (2009, p. 110) que “constituíram-se no Brasil diferentes variedades ítalo-brasileiras, como diferentes foram as populações que aqui aportaram; uma dessas variedades impôs-se, porém, e destacou-se como língua de intercomunicação, o *talian*”.

E, ainda, conforme Grosjean (2001, *apud* FROSI, FAGGION e DAL CORNO, 2010, p. 20), estas populações, a partir da terceira geração nascida no Brasil, vivem:

Num ambiente bilíngue, que envolve duas ou mais línguas, encontram-se em uma situação similar, mas mais complexa. Os falantes bilíngues não só escolhem entre diferentes variedades de uma língua, assim como o fazem os monolíngues, como também, quando falando com outros bilíngues, podem escolher entre duas línguas

Sendo assim, a variação é um recurso que os falantes têm para se expressar. Desse modo, destacamos que estes indivíduos (ítalo-brasileiros) acabam desempenhando a habilidade de fazer escolhas linguísticas. Vale lembrar, também, que não se pode descartar a hipótese desses ítalo-brasileiros, por força de lei do Governo Vargas nos anos 1940, sofrerem efeitos nocivos de imposições da língua, isto é, do português, a língua oficial do país. Logo, nessa época, a língua portuguesa passou a ser justificativa de 'superioridade' perante o *talian*.

Nesse período, as línguas de imigração do Brasil, entre elas o *talian*, foram censuradas, uma forma de repressão, provocando fortes e profundos efeitos no falar dos imigrantes e seus descendentes. Os acontecimentos históricos e políticos, nas antigas colônias italianas da RCI, em função da Campanha pela Nacionalização do Ensino, são definidos por Dal Corno (2010, p. 152) como “uma decisão em nível de uniformizar o ensino escolar em língua portuguesa” ou “brasileirização”³, com o propósito de alcançar uma língua “única” nas regiões urbanas dessa área.

² Frosi; Mioranza, 1983, *apud*, Idem.

³ Pesavento (1980, *apud* DAL CORNO, 2010, p. 152).

Assim, marcas profundas ocorreram e abalaram os lares ítalo-brasileiros, em especial os da RCI. Sob um regime ditatorial, o governo utilizou-se do poder da censura para proibir a fala dialetal (em língua materna). Conforme Frosi (2010, p. 167), “Órgãos oficiais do governo brasileiro passaram a controlar a vida nas Colônias e nas cidades”.

Dessa forma, cabe considerar, para esta pesquisa que pretendeu enfatizar a sobrevivência do *talian* além destes contextos, os trabalhos desenvolvidos pela professora Carmen Faggion, relacionados aos estudos da estrutura linguística do *talian*, e por Maria Vitalina Frosi, sobre a descrição da formação do vêneto no sul do Brasil, em especial na Região de Colonização Italiana do nordeste do Rio Grande do Sul – RCI.

Contudo, há questões levantadas pelas autoras, como a de "encarar o ensino da *koiné veneta*⁴ nas escolas brasileiras como subtrativo, sendo que ela não traria contribuição nenhuma à vida das crianças", que devem ser questionadas.

Se não traz nenhuma ‘contribuição à vida das crianças’, por que então existem gramáticas, dicionários, canções e literatura em *talian*? Além disso, Pertile (2009, p. 111) registra esta como a língua de imigração de origem italiana “mais falada entre os imigrantes e os descendentes”, já o número exato de falantes não se calcula ao certo.

Destaca-se, ainda, segundo Armiliato (2010, p. 45), que o *talian*, no ano de 2009, foi reconhecido pela Assembleia Legislativa e Governo do Estado do Rio Grande do Sul, como a “fala dialetal dos descendentes de imigrantes italianos. Em 12 de junho do referido ano, foi sancionada pela Governadora Yeda Crusius a lei nº 13.178, que declarou o *talian* como Patrimônio Histórico e Cultural do Estado. O ato se confirmou com a publicação no Diário Oficial da mesma data”.

A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO SUL DO BRASIL

Diante das questões que abordamos acima, sobre o processo histórico da chegada, ocupação e da trajetória do imigrante italiano em território brasileiro, realçaremos aqui um pouco mais sobre o encaminhamento e a colonização deste imigrante em um novo espaço geográfico e cultural.

Os imigrantes italianos em sua maioria se fixaram no sul do país, fundamentalmente na serra gaúcha, nordeste do Rio Grande do Sul, onde, mais tarde, se constituiu a chamada região colonial italiana. Conforme Croci (2011, p. 69), “os estados do Sul, como Santa Catarina e Rio Grande do Sul, [...] possuíam várias áreas não habitadas e disponíveis em zonas de fronteiras e, portanto, estrategicamente importantes”.

Assim, no sul do Brasil, ainda outras áreas foram disponibilizadas para o estabelecimento da imigração italiana. Manfrói (1987, *apud* ARMILIATO, 2010, p. 18-19) aponta que:

⁴ Esse nome/termo é uma 'criação' - ação política linguística - vinda de escritores da língua como Maria Carmem Faggion, Maria Vitalina Frosi, Ciro Mioranza, Florence Carboni, entre outros, para denominar a *koiné vêneta*. Muitos pesquisadores preferem utilizar/adotar a terminologia 'koiné vêneta' ou 'coiné', variedade dialetal de base vêneta, ao invés de *talian*, pois acreditam serem termos mais científicos para retratá-lo.

A parte superior da Encosta da Serra, situada entre os Campos de Cima da Serra, ao Norte, e as colônias alemães do Sul, estava ainda deserta em 1870. Os colonos alemães tinham chegado somente até os primeiros contrafortes da Serra, a 300 metros de altitude. Além, dominava a floresta virgem, densa e impenetrável, a serra abrupta, que cortava o Rio Grande do Sul de Leste a Oeste, em dois territórios distintos.

Vale ressaltar que o período e a ocupação dos imigrantes alemães e italianos têm diferença temporal de 50 anos. Em 1824, os imigrantes alemães chegaram ao país em sucessivas levas. Já os italianos iniciaram a imigração em 1875. Altenhofen, Mello e Raso (2011, p. 40) consideram, assim, que “[...] o número de descendentes de imigrantes alemães ao final do século XIX já devia ter se multiplicado em 10 vezes duas gerações⁵”.

A imigração oficial dos imigrantes italianos, no sul do Brasil, mais especificamente, iniciou-se em 20 de maio de 1875. Segundo Carboni (1997, p. 281), a chegada dos imigrantes italianos em território sulista tem como marco inicial:

As primeiras colônias a serem ocupadas foram Caxias, Conde d'Eu e Dona Isabel. A colônia Silveira Martins, perto de Santa Maria, acolheu os primeiros imigrantes da península. Cerca de dez anos mais tarde, novas terras foram demarcadas, do outro lado do rio das Antas: Antonio Prado, Alfredo Chaves e Guaporé. Cada colônia foi dividida em *linhas* ou *travessões* e estes, em *lotes* coloniais.

Os imigrantes italianos, quando chegaram, em terras do sul do Brasil, se depararam com a nova realidade a ser enfrentada e vivida. Com isso, a luta pelo desenvolvimento, sobrevivência e a esperança eram sempre por dias melhores. Assim, estes imigrantes que chegaram, na serra gaúcha, começaram a se instalar e a se adaptar, logo iniciaram a construção de suas casas. Sobre a infraestrutura comunitária desses imigrantes, nessa região, Ribeiro (2005, *apud* ARMILLATO, 2010, p. 20) recorda:

A casa, os paióis, as vilas, as longas viagens a cavalo, a roça, a bodega, constituíam a infraestrutura comunitária, que resumia o gênero da vida desse grupo heterogêneo linguisticamente, mas homogêneo na sua visão de mundo. [...] A paisagem da mata virgem, com clareiras abertas nas linhas e travessões, no antiplano do Campo dos Bugres até as barracas do rio das Antas, as casas de troncos, taquaras e barro, de pedra, ou de tábuas serradas manualmente, as pequenas roças, alguns capitéis erigidos à guisa de capelas eram o espelho do ambiente sociocultural desta região, ao ser iniciada a colonização. Emergiam alguns moinhos próximos a curso d'água, algumas serrarias e ferrarias. Nos aglomerados maiores, surgiam casas de comércio e capelas com campanários, mas quase nenhuma escola.

⁵ Ver mais informações em *Os contatos linguísticos e o Brasil*, dos autores Altenhofen, Mello e Raso (2011).

No caminhar do processo de evolução da imigração italiana sulista, Frosi e Mioranza (1983, *apud* CARBONI, 1999, p. 282) reforçam que:

O processo histórico de formação e evolução da comunidade ítalo-brasileira no nordeste do Rio Grande do Sul seguiu um caminho próprio, traçado dentro das circunstâncias históricas que possibilitaram o surgimento dessa Região, circunstâncias em nada comparáveis com as que influíram na história do norte da Itália.

Em termos socioculturais, Frosi (2000, p. 87) afirma que “A produção é agrícola, caracterizada pela policultura; a economia é de subsistência; a sociedade dos italianos e de seus descendentes é tradicionalista e católica, com preservação dos usos e costumes da pátria de origem”.

A MIGRAÇÃO DO SUL PARA A REGIÃO NORTE MATO-GROSSENSE

Fez-se, também, neste estudo, um apanhado histórico sobre a vinda dos migrantes sulistas para o norte mato-grossense. Com destaque para a chegada dos ítalo-gaúchos.

Em relação ao crescimento da população brasileira, tendo como ponto de partida as migrações ou povoamento de um novo território/espço, Andreatza e Nadalin (2011, p. 70) destacam que, com as migrações internas, houve “a expansão das fronteiras de povoamento como, por exemplo, a região centro-oeste do país e [...] partes da Amazônia”.

Na década de 1930, sob o governo de Getúlio Vargas, foi estimulado o início do processo de colonização do norte mato-grossense. Logo, na década de 1940, consolidou-se a *Marcha para o Oeste*⁶.

Segundo Souza (2001, p. 82), “As regiões Centro-Oeste e Norte representavam, na visão dos estrategistas que articularam esta *Marcha para o Oeste*, um espaço ideal para ser ocupado”, assim:

A Colonizadora Sinop ocupou uma área de 645 mil hectares, divididos em lotes de diferentes tamanhos. Foram instalados quatro núcleos urbanos e de apoio dentro da área de colonização: Vera, Santa Carmem, Cláudia e Sinop, que hoje é sede do município do mesmo nome e a principal cidade do projeto, após se desmembrar de Chapada dos Guimarães em 1979. [...] As empresas de colonização que atuam em Mato Grosso são empresas que adquiriram experiência em colonização nos Estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

⁶ O objetivo era desbravar uma parte do Brasil, até então desconhecida e isolada do contexto nacional, e realizar obras de infraestrutura para permitir sua ocupação por não-índios e integrar economicamente o Centro-Oeste ao Norte e Sul do país. Paralelamente, Vargas organizou a Expedição Roncador-Xingu, cuja missão era abrir o caminho e realizar o reconhecimento oficial das áreas ocupadas pelos povos indígenas. A expedição era subordinada à Fundação Brasil Central (FBC), criada no mesmo ano, 1943, cuja meta era estabelecer núcleos populacionais (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, out. de 2003, *apud* PHILIPPSEN, 2013).

Cabe destacar, contudo, de acordo com a afirmação de Croci (2011, p. 77), que, em contexto nacional, “A colonização, desde o início, foi delimitada como um investimento político e cultural – mas também econômico; trata-se, é bom lembrar, de imigração subsidiada pela coroa – para servir o princípio geopolítico da consolidação e do controle do território, confirmado pelas sucessivas iniciativas de colonização”. Contexto este semelhante às iniciativas de colonização⁷ do norte de Mato Grosso.

Com relação ao perfil do migrante que se estabeleceu neste espaço geográfico, conforme a definição de Oliveira (2006, *apud* SOUZA, 2008, p. 68), “Há, grosso modo, dois tipos de colonos: o que tinha capital no Sul e resolveu investir em Mato Grosso e o que nada tinha como alternativa a não ser abandonar os sonhos do passado e buscar novos rumos para a sobrevivência da família”.

O ‘novo’ território é retratado, por conseguinte, conforme expõe Souza (2004, *apud* PHILIPPSSEN, 2013, p. 89), da seguinte forma:

As cidades do nortão [...] impõem-se no contexto norte mato-grossense, sob o signo do progresso, como “modelos” de desenvolvimento bem-sucedido, pilotados pela iniciativa privada. O que devemos procurar entender é sob que condições históricas esta representação foi construída? Em que condições estas “cidades novas” de Mato Grosso vão surgir, crescer ou desaparecer? Construiu-se um discurso ufanista sobre o “Nortão”, o mito da terra prometida, do progresso, do futuro, da prosperidade, do sonho, da terra das realizações. Porque as pessoas acreditaram nos discursos, nos mitos, nas verdades construídas nestas cidades de fronteira. O progresso passa a ser uma fonte inspiradora para estas pessoas: *vamos trabalhar ordeiramente, respeitando o Pai, o Padre, o Político e o Herói Colonizador*.

A ocupação de migrantes nas terras norte mato-grossenses inicia-se, então, gradualmente. Convém destacar o primeiro registro de migração proveniente do sul do país, em terras da região norte mato-grossense, que acontece no ano de 1956. Oliveira (2011, *apud* BARROS, 2012, p. 31) assegura ser em “[...] 19 de março de 1956, em que oito famílias, somando 83 pessoas, partiram de Santa Rosa (RS) com destino à então Gleba Arinos que, mais tarde, viria a ser Porto dos Gaúchos”. Instaura-se, neste período, a Gleba Arinos, em que os migrantes não só se estabelecem efetivamente, mas constroem sua identidade em novo espaço.

Dessa forma, aos poucos se inicia o processo que trouxe colonos da região sul do Brasil até o norte mato-grossense, fundamentalmente, por meio de empresas colonizadoras particulares. Em especial, o grupo Sinop (Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná Ltda.). Este, segundo Philippsen (2013, p. 60), “inicia suas atividades no norte de Mato Grosso em 1971, ano em que o INCRA aprova o projeto de aquisição das terras da Gleba

⁷ Para Castro (1994, *apud* SOUZA, 2001, p. 74), “A colonização é o processo de ocupação de uma área, realizado por indivíduos de fora, colonos. [...] colonização é o povoamento precedido de planejamento governamental ou privado”.

Celeste, projeto idealizado pela Colonizadora Sinop, sendo estas terras compradas de terceiros, pois o governo do estado já as havia 'vendido' anteriormente”.

De acordo com Schaefer (1985, *apud* BARROS, 2012, p. 34), cerca de 50% dos primeiros colonos que chegaram eram “luso-brasileiros e os restantes 50% de origem alemã, italiana, polonesa e japonesa”, e relata, ainda, que “cerca de 35% da população era proveniente do Paraná, 30% de Santa Catarina, 20% do Rio Grande do Sul, 12 % de São Paulo e os restantes 3% provinham de outros estados”.

Especificamente em relação ao elemento ítalo-gaúcho, compreendemos, primeiramente, que gaúchos, nesse contexto, são todos aqueles que nasceram dentro dos territórios ocupados por (i)migrantes de descendência italiana sul-rio-grandenses. Trata-se, fundamentalmente, das regiões chamadas de velha colônia no Rio Grande do Sul (RCI), no oeste de Santa Catarina e no sudoeste do Paraná. A fala do *talian* ainda é praticada em alguns lares de ítalo-gaúchos e seus descendentes.

Vale destacar, também, como contraponto, que a região sul do Brasil se caracterizou por uma ocupação para propriedades (pequenas) destinadas à agricultura familiar. Logo, mais pessoas morando na zona rural e menos nas zonas urbanas. Ao contrário do cenário do norte de Mato Grosso, em que a ocupação foi bastante para a prática dos grandes latifúndios (de soja, algodão, gado, arroz, milho), ou seja, como consequência atual, maior número de pessoas morando nas zonas urbanas (como Sinop, Sorriso, Lucas do Rio Verde, entre outras).

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Para atingirmos os objetivos do nosso estudo, realizamos e analisamos entrevistas com sujeitos que pudessem nos indicar se há a transmissão e a existência da manutenção do *talian* na região norte do estado de Mato Grosso, especificamente na cidade de Sinop, localizada em um espaço geográfico de amplitude da diversidade linguística.

A partir dessa perspectiva metodológica, amparada nos pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista e da geolinguística, selecionamos dois grupos de pessoas dentro de um contexto de duas gerações de falantes do *talian* vênето sul-rio-grandense, a saber, a geração migrante e a descendente (filhos e/ou netos). Assim, o *corpus* desta pesquisa se constitui de narrativas orais de entrevistas em áudio com estes dois grupos de pessoas. Vale ressaltar que foi necessário, para as entrevistas semidirigidas, preocupar-se com características e fatores sociais, tais como faixa etária, escolaridade dos informantes e as suas atitudes, implicações e perspectivas no uso que fazem da língua de origem.

Quanto aos informantes das entrevistas com as duas gerações em questão, foram em um número de 8 (oito), 4 (quatro) migrantes e 4 (quatro) descendentes. A faixa etária da geração migrante foi acima de 55 anos, e a da geração descendente de 15 a 50 anos, divididos igualmente entre sexos feminino e masculino.

O objetivo inicial da escolha de informantes era estes falarem a língua *talian*. Este objetivo foi alcançado com todos os quatro entrevistados migrantes, contudo não obtivemos o mesmo êxito com a geração descendente, pois houve dificuldade em encontrar falantes do *talian* nesta geração. Decidimos, então, dividir a seleção dos sujeitos descendentes entre mais velhos (48 e 50 anos) e mais jovens (23 e 27 anos), com o propósito de verificar se ainda existem resquícios de manutenção do *talian* entre esses informantes no espaço geográfico da pesquisa.

O início à ida a campo deu-se no dia 04 de setembro de 2014 e estendeu-se até o dia 21 de setembro deste mesmo ano, data do último registro pessoal em Sinop. A ordem de apresentação é a que se encontra no quadro, na sequência. Neste, o leitor poderá acompanhar informações sobre a origem, idade, ano em que chegaram os migrantes em terras norte mato-grossenses, no espaço físico de Sinop, e suas respectivas cidades natais. Ressaltamos que JO M - Mil nasceu no estado de Santa Catarina, mas migrou para o estado do Rio Grande do Sul antes de mudar-se para o norte de Mato Grosso.

IDENTIFICAÇÃO INFORMANTE MIGRANTE - Mi	SEXO	IDADE	LOCAL DE NASCIMENTO	CHEGOU EM SINOP - MATO GROSSO (ano)
JO M - Mi1	MASCULINO	80 anos	Joaçaba - SC (Distrito de Luzerna)	1978
GUA F - Mi2	FEMININO	78 anos	Guaporé - RS	1978
NP M - Mi3	MASCULINO	78 anos	Nova Prata - RS	1980
ERE F - Mi4	FEMININO	55 anos	Erechim - RS	1992

Quadro 1: Identificação dos informantes migrantes

No próximo quadro, expomos as informações dos filhos e neta destes informantes, entrevistados da geração migrante, na mesma ordem lá trazida:

IDENTIFICAÇÃO INFORMANTE DESCENDENTE - D	SEXO	IDADE	LOCAL DE NASCIMENTO
CE M - D1	MASCULINO	27 anos	Campo Eré - SC
AM F - D2	FEMININO	48 anos	Ampére - PR
AM M - D3	MASCULINO	50 anos	Ampére - PR
MA F - D4	FEMININO	23 anos	Maringá - PR

Quadro 2: Identificação dos informantes descendentes

Optou-se em não nomear os informantes, para mantê-los em sigilo. A identificação, por sua vez, foi feita com as iniciais dos oito nomes das cidades/locais de nascimento de cada sujeito e acrescentado **F**, para a entrevistada do sexo feminino, e **M**, para informantes do sexo masculino. E, ainda, **Mi** para geração migrante e **D** para geração descendente.

REFLEXÕES ANALÍTICAS INICIAIS: MEMÓRIAS DA DITADURA E DA REPRESSÃO LINGUÍSTICA

Compreendemos, inicialmente, que não se pode desconsiderar, em um estudo geo-sociolinguístico, o tratamento proibitivo dado às línguas de imigração, ou um *linguicídio* dessas línguas, atribuído a Getúlio Vargas e ao período da ditadura. Como exemplificação, destacamos o relato, parte da narrativa oral, do informante (NP M - Mi3), “Eu sou da época de 36, da época do Getúlio Vargas, que foi o pior período de proibição de língua, foi na época de Getúlio Vargas”. Neste fragmento há a constatação do reconhecimento das consequências marcantes relacionadas à língua nos anos de 1930, por parte dos informantes da geração migrante, falantes do *talian*.

Em vista desse relato, podemos afirmar que se confirmam os apontamentos feitos por Spessato, quando afirma que “O fator principal foi a força repressiva do governo brasileiro, que proibiu a comunicação nos dialetos italianos dos imigrantes e seus descendentes durante o período da Campanha de Nacionalização do Governo Vargas e na época da Segunda Guerra Mundial” (2011, p. 40).

Essa constatação pode também ser verificada no registro⁸ da informante da geração migrante, do sexo feminino, abaixo:

(Pesquisadora): E eles foram impedidos ou sofreram alguma forma de censura pelo governo na época? Eles contaram algo sobre?

(ERE F - Mi4): Não, eu acho que não. Ai, ai, ai! Eu lembro que a mãe me conta que teve famílias que os chefe da casa se escondero no mato muito tempo, por causa da origem italiana, de fala italiano, que não sabiam pronuncia o português. E eles tavam sendo perseguido, então eles se escondiam nos mato, os pais da família, né. Na época que teve aquelas guerra, eu não lembro em que ano que foi, meu Deus, a mãe lembra, a mãe fala que aquela época era muito difícil pra eles.

Conforme Faggion (2010, p. 126):

Pode-se crer que a fidelidade linguística, ou seja, a ligação que os emigrados têm com sua língua, manifestada pelo uso que dela fazem, sofreu violenta repressão quando tal uso se viu proibido e ameaçado por imprecisos e informes castigos, na difícil situação em que o silêncio é o mais constante aliado do medo.

Assim, ao resgatar reminiscências do passado, pode-se, com o recorte do fragmento da entrevista acima, bem como do relato e com as identificações e conceituações

⁸ Cabe informar que as transcrições das entrevistas foram feitas conforme as variantes efetivamente usadas pelos informantes, sem nenhuma adequação normativa.

apresentadas, constatar o que já apontamos a respeito deste período, vivenciado pelos imigrantes/migrantes italianos no sul do país, os quais colonizaram e se instalaram anos mais tarde nas terras do norte de Mato Grosso.

Nettle e Romaine acrescentam ainda que “muitas pessoas deixaram de falar a sua língua como forma de autodefesa e como estratégia de sobrevivência”⁹ (trad. minha) (2002, *apud* FROSI, 2010, p. 174). Foi um fato real, ocorrido no passado, mas que reflete no presente os efeitos negativos, as consequências e marcas profundas do cenário daquele período.

Reações dos falantes do *talian* na escola

Vale ressaltar, também, nessa análise, que a escola passou pela implantação oficial, no ano de 1938, da Campanha pela Nacionalização do Ensino, no contexto nacionalista instaurado no Brasil na era Vargas (1937-1945), mais especificamente aplicada às áreas coloniais dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul em que se falavam línguas de imigração.

(Pesquisadora.): Conta como foi o teu período na escola?

(JO M – Mi1): Óia, quando foi na escola, a professora lecionava pra quatro classe, naquele tempo que mais ou meno faz agora mais de 70 ano, é. E eu ia na escola tinha uns 2km, de a pé e então nós chegava lá, quem tava no primarinho ali na cartilha, então ela mandava fazê uma até cem, até que ela dava tarefa pro quarto ano, do terceiro, do segundo, até o primarinho. Então a gente aprendia muito pouco, porque ela, não é que você pega uma professora que te ensina desde o começo, então você vai aprendendo, né? A gente ficava lá, às vez oiando porque ela passava tarefa pros outro ano, tinha 30 aluno naquela escola, 35 o máximo, e então ela lecionava pra quatro classe.

(Pesquisadora): O senhor terminou os seus estudos?

(JO M – Mi1): Não, non, eu fui até o segundo do primário. Eu aprendi, eu, a única coisa que aprendi bastante na escola que foi um professor, um tio, irmõn do papai, que era matemática que eu aprendi. Essa foi a minha salvação da minha vida, porque aprendi matemática e então soube fazê conta de tudo o que era tipo de conta. Então, depois, antremo no comércio, estalemo um moinho e daí fui trabalhá com moinho, e lá tinha que sabê tudo fazê as conta, é.

Nesse contexto, a língua portuguesa, *standard*, progressivamente, passou a ocupar um espaço maior em favor da ‘língua nacional’, alimentando, assim, o sentimento da brasilidade. Frosi e Raso enfatizam que esse maior espaço foi alcançado pelo “seu uso

⁹ No original “molte persone cessano di parlare la loro língua come forma di autodifesa e come strategia di sopravvivenza”.

obrigatório, em detrimento das falas étnicas que foram interditadas, com punição dos sujeitos, sempre que as normas fossem por eles transgredidas. Sabendo ou não, todos deveriam expressar-se na língua oficial do país” (2011, p. 327).

Dessa forma, os próprios ítalo-descendentes foram se alfabetizando/ensinando como podiam, de acordo com a necessidade de suas famílias. Esta constatação se evidencia no seguinte relato do informante (JO M – Mi1): “Ah, nós antigamente, nós só conversava em *talian*. Mas depois entrô o brasileiro e fomos conversando”. De um lado, a língua portuguesa, ou o ‘brasileiro’, assim chamado pelos informantes da geração migrante, passou a ser contemplado com o *status* de língua oficial do país. Por outro lado, alimentou-se e cresceu um grande desprestígio social por sua língua de origem.

(Pesquisadora): Como foi o teu período na escola?

(GUA F – Mi2): Ah, o meu foi ruim de escola, eu fui o primeiro e segundo infância só, sabe que antigamente, você não sabe, ma tinha o livro segundo infância que falava, eu não aprendi nada, cabeça dura e o professor brigava muito com a gente antigamente, tinha 40/50 aluno numa professora, como é que você faiz? Ela só prometia sura, e surava a gente, surava, passava a vara, e, a gente tem medo, eu aprendi pouco, aprendi depois com os meus filho, eu ensinava os meus filho o que eu podia quando era pequeno, por causa das escola eu tudo as noite vinha pra casa, e nós tava lá se ensinando na mesa pra eles. Aprendi muito, eles memo fala, a mãe ensinô bastante. E ali um insinava pro otro pra fazer a tarefa. Pra me defende, eu me defendo bonito, non tem pobrema [risos].

Cabe evidenciar, também, a confirmação desses apontamentos feitos por essa informante na entrevista da filha, (AM F – D2): “Na época da escola, assim, a gente só podia falar o português, e ainda falava mal [risos], se falasse alguma palavra italiana, coisa assim, tudo mundo ria da gente [...]”. Além disso, a filha ainda acrescenta que:

(AM F – D2): A minha mãe comenta que na escola ela era proibida de falá italiano, aí ela detestô ir pra escola. Minha mãe daí, ela acabou não querendo mais i pra escola, eu lembro que ela comenta isso. Aí eu lembro que ela ficô bem retraída e não dava importância pro estudo e não foi mesmo. A professora implicava que ela falava italiano, aí ela deixô de i pra escola. Não tinha incentivo, não tinha um jeito, não tinha método antigamente, meu Deus!

Pode-se concluir, diante dos fragmentos enaltecidos na fala dos informantes entrevistados, que estes sujeitos, com a Campanha de Nacionalização do Ensino na era do governo de Getúlio Vargas, foram afetados profundamente por pressões e ações linguísticas proibitivas/censuradas. Fatos estes que desencadearam as reações relatadas

por esses informantes, tais como desistirem da escola, autoalfabetizarem-se, terem medo de falar em sua língua materna e de a transmitirem para os filhos e netos, pois passaram a acreditar que os mesmos pudessem sofrer as mesmas coibições que eles vivenciaram.

Transmissão linguística

Neste subitem pretende-se apresentar/mostrar os resultados e conclusões apreendidos no *corpus* sobre o processo de transmissão linguística. As entrevistas com os quatro informantes falantes da língua *talian*, da geração migrante, serviram de parâmetro para as constatações que serão expostas a seguir.

(Pesquisadora): Como você aprendeu a falar a sua língua de origem? Como foi?

(GUA F- Mi2): É que a minha vó era da Itália, e o meu pai tinha na casa, então a maioria a gente falava em italiano porque era italiana pura [...] Chamava de nona Polentina porque ela é italiana, a minha vó, mãe da minha mãe.

(JO M - Mi1): Ah, nós antigamente, nós só conversava em italiano. Mas depois entrô o brasileiro e fomos conversando.

(Pesquisadora): Com seus pais, seus avós?

(JO M - Mi1): Sim, antigamente, tudo falava em italiano, e rezava em italiano também tudo a reza, do terço, tudo era italiano. *Salva rainha*, tudo, o terço, *Ave Maria*, era tudo em italiano. Meus pais eram muito católico, meus pais e meus sogros também eram de religião.

(Pesquisadora): Foi logo quando criança?

(JO M - Mi1): Italiano, quando nascemo já nós já falava tudo em italiano, com os pais.

(ERE F - Mi4): Aah, com a mãe, com o pai, com a nona, com os tios.

(Pesquisadora): E eles falavam tudo em *talian*?

(ERE F - Mi4): A maioria, quando se reuniam as cumadi, os parente da mãe era quase só italiano.

Como demonstramos acima, nessas respostas registradas durante as entrevistas, há a confirmação de que os avós e os pais foram os que passaram/transmitiram o *talian* para estes informantes migrantes no espaço geográfico do sul do país, contexto em que residiam. Evidencia-se, também, nestes depoimentos, que foi quando crianças, ou seja, na primeira infância, naturalmente no convívio com os familiares e outros membros da comunidade, que aprenderam esta língua materna.

A transmissão da língua *talian* ocorreu, portanto, como primeira língua das famílias dos ítalo-brasileiros, descendentes de gerações imigrantes, e residentes na Região de Colonização no Nordeste do Rio Grande do Sul - RCI e nas demais áreas em que se encontravam/encontram inseridos os que tinham/têm esta língua para se relacionarem/comunicarem. As crianças e os jovens, neste contexto, também aprenderam o *talian*, e/ou os outros falares em dialeto italiano, como sua língua materna. Para Frosi (2010, p. 172), “É indiscutível a importância que tem a língua materna na manifestação da cultura e da etnicidade de um grupo étnico”. Assim, em relação à etnicidade, Frosi (Idem) prossegue observando que “inclui a continuidade, o vínculo entre gerações”.

Segundo Nettle e Romaine, por sua vez, “O coração de uma língua encontra-se na geração mais jovem. As línguas estão em perigo quando não vêm sendo mais transmitidas de modo natural às crianças por parte dos pais ou de quem toma conta delas”¹⁰ (trad. minha) (2002, *apud* FROSI, 2010, p. 174). De modo especial, os avós, pois eles são a chave/fonte principal para transmitirem toda a sabedoria adquirida e construída ao longo da vida.

De acordo com Fortes (1983, *apud* FROSI, 2010, p. 47):

É dos avós de ambos os sexos que as crianças aprendem a história familiar, o patrimônio de crenças e lendas, os provérbios e as outras tradições populares. Os avós são percebidos como laços que vivem com o passado: olha-se a eles com grande respeito não só como depositários de uma sabedoria antiga, mas também como símbolos de continuidade da descendência.

Manutenção linguística: os descaminhos

A atual presença do *talian* na geração migrante

É consensual entre os informantes da geração migrante, ainda falantes do *talian*, que, antigamente, na época em que conviviam com seus pais e avós, falavam com mais frequência a língua de origem, ou seja, até que aprenderam o português falava-se praticamente sempre/diariamente só em *talian* em seus lares e na comunidade em que foram criados e habitavam.

Ao lançarmos o olhar para os dias atuais, para o ponto escolhido para análise, Sinop, conhecida como a capital do norte de Mato Grosso, em sua área urbana, constatamos que o *talian* continua presente entre as famílias italianas que migraram para este espaço geográfico, conforme os seguintes excertos:

(ERE F – Mi4): Quando encontro alguém que fala o *talian*, eu falo. [...] eu gosto muito.

¹⁰ No original “il cuore di una língua è nella generazione più Giovane. Le lingue sono in pericolo quando non vengono più transmesse in modo natural ai bambini da parte dei genitori o di chi si prende cura di loro”.

(Pesquisadora): Com quem você costuma falar o *talian*?

(GUA F- Mi2): Com uma pessoa que comece a falar em taliano comigo, né, a gente entende e eu dô a resposta... tem muitos amiga ali e também os home também que fala em taliano, eu respondo em taliano. Porque aqui no Centro tem muito italiano.

Esta informante (GUA F- Mi2) ainda retrata sobre a possível não continuidade do uso do *talian* entre os descendentes, pois, segunda ela: “ensinei, agora experimento falar taliano com eles, mas não vai [...] Tem uma filha que ela sabe e ali eu respondo tudo e falo com ela daí [risos]”.

Conforme os apontamentos analíticos feitos, vale refletir, em consonância com Pinheiro, que “um grupo humano pode fazer uso de mais de uma variedade linguística no interior de um mesmo espaço geocultural” (2014, p. 42). Assim, é importante considerar que, no espaço geográfico sinopense, os falantes de *talian* adaptarem-se e conviveram não só com diversas outras variedades do português trazidas por migrantes de outros estados brasileiros, como também com outras línguas/dialetos, como o alemão e o japonês, por exemplo, tornando-se, dessa forma, num espaço multicultural.

A substituição linguística, desse modo, vem ocorrendo gradativamente. Há que se levar em conta, também, que os migrantes têm conhecimento que a ‘língua’ que falam atualmente é apenas um dialeto/variedade do italiano considerado *standard*, como se pode verificar no fragmento de fala do informante (JO M - Mi1): “É, eu compreendo tudo e falo, em *talian*, é. Eu poco me esqueci, porque a gente fala tudo. Leio mais dialeto, não é italiano, eu compreendo quando falam em italiano, compreendo, é [...]”.

Geração migrante descendente

Neste subitem deste estudo, apresentamos, de forma mais pontual, se há manutenção do *talian* entre a geração migrante descendente, atualmente, no espaço geográfico sinopense. Evidenciamos, a seguir, os resultados apreendidos nos dados coletados e transcritos das entrevistas com os informantes descendentes:

(Pesquisadora): Você fala o *talian*, a língua de origem da sua mãe e avós?

(CE M - D1): Não.

(AM M - D3): Só entendo, mas não falo.

Como se pode ver, os dois informantes do gênero masculino da geração migrante descendente, tanto o mais jovem (27 anos) quanto o mais velho (50 anos), não falam nada da língua *talian*, mas, o mais velho compreende o que os pais e os avós falam. Quando questionados se sentiam vontade de aprender a língua de origem, as respostas foram: (CE M - D1) “O *talian*, não! [...] ah... não é uma segunda língua, né. Só se fosse mesmo uma

língua igual o inglês”. O outro informante masculino, (AM M - D3), igualmente disse que: “Não, não... só ouço assim e entendo um pouquinho o que os pais falam, mas nunca tentei falar”.

Conforme esses resultados, podemos identificar, entre os descendentes, o prestígio dado a outra língua, o inglês, e o (des)prestígio do *talian*. Tal resultado está, assim, em consonância com os estudos relacionados às atitudes linguísticas, as quais, conforme revelam Frosi, Faggion e Dal Corno (2010, p. 23), “tendem a ser afetadas por idade, gênero e status socioeconômico”.

Por outro lado, se as respostas dos dois informantes do gênero masculino da geração migrante descendente foram categóricas em afirmar que não falam o *talian*, já entre as mulheres, tanto a mais jovem (neta, 23 anos) quanto a mais velha (filha, 48 anos), ambas afirmaram que ainda falam a língua *talian* “mais ou menos”, como podemos verificar nos excertos abaixo:

(Pesquisadora): Você fala o *talian*, a língua de origem de seus pais e avós?

(MA F - D4): Mais ou menos.

(Pesquisadora): Algumas palavras?

(MA F - D4): Sim, sim! *Piacere, Come stare?* Um pouquinho, né.

(Pesquisadora): E você aprendeu com seus avós?

(MA F - D4): Bastante coisa a gente aprende com os avós, uma palavra ou outra. Meus avós, por exemplo, em si falam o *talian* [...] quando a gente morava, na infância, a gente morava lá, né?! Então a gente aprende uma palavrinha ou outra, né, do dialeto em si, às vezes mesmo da região, e tudo.

(Pesquisadora): Como é, para você, assim o modo/jeito de falar deles?

(MA F - D4): Ah, não, eu acho bonito! Porque é um jeito mais cantado, do que a gente fala, né? Não tem tantas gírias igual a gente usa, então é um jeito mais bonito de si falar, com certeza.

(Pesquisadora): Você fala o *talian*, a língua de origem de seus pais e avós?

(AM F - D2): Mais ou menos, eu sei, assim, algumas palavrinhas, mas eu cheguei a falar mais, mas hoje de tanto que a gente teve dificuldade aqui em Sinop nós herdamos muito uma língua simples lá [...] nossa, quando chegamo aqui, que sofrimento!

Cabe ressaltar aqui, também, conforme este último excerto, que, no início da colonização, com a chegada das famílias migrantes de descendência italiana, no norte mato-grossense, as dificuldades encontradas foram muitas, dentre elas a pouca receptividade com relação ao *talian*, ou seja, ao modo/jeito dos migrantes e seus filhos falarem. Dessa forma, vale refletir, uma vez mais, sobre as palavras de Frosi, Faggion e Dal Corno: “No período da proibição, era preferível não falar a revelar a origem estrangeira

pelo sotaque. O estigma permaneceu por longos anos, se não mais por medo de represálias políticas, por medo de “passar vergonha” (2010, p. 33).

A mesma informante do fragmento acima, conta, ainda, uma experiência marcante, ocorrida na época da escola e de quando era mais jovem, em seguida, acrescenta que lá onde residia anteriormente a Sinop também não havia valorização e preservação do *talian*, a língua de sua origem, conforme se pode verificar a seguir:

(AM F - D2): Na época da escola, assim, a gente só podia falar o português, e ainda falava mal [risos], se falasse alguma palavra italiana, coisa assim, tudo mundo ria da gente [...] Eu fui uma vez na igreja que chegou um monte, lá em Ampére tinha muito padre que vinha da Itália, aí fui com umas colega buscar liturgia, que nós tinha que ler a liturgia no sábado, e isso me marcô muito, porque o padre era italiano, Frei Luís, aí ele disse “*grazie*”, aí eu respondi em italiano pra ele, mas as minhas amigas depois quase me mataram, eu fiquei tão sentida, assim, envergonhada por ter respondido pro padre e, assim, eu fui perdendo. Porque a gente falava, um pouco que a gente falava e os outros achavam graça. Então não foi valorizada, acho que nem por maldade, não houve valorização, não tinha valorização nenhuma de língua, ou preservar, não teve essa cultura.

Contudo, se em tempos passados, conforme vimos, não havia valorização do *talian*, por outro lado, a jovem neta, (MA F - D4), ao afirmar “eu acho bonito!”, demonstra interesse e vontade de reaprendê-lo para falar com os pais e avós com mais frequência, em momentos de encontros familiares, assim como mostrou o desejo de incentivar/despertar a curiosidade sobre as tradições e costumes de sua cultura; constatações essas que podem dar esperança à manutenção desta variedade linguística.

DIFUSÃO DO TALIAN E CULTURA ITALIANA NO NORTE MATO-GROSSENSE: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe destacar, ainda, que a comunidade italiana, localizada no norte de Mato Grosso, se organiza e estrutura em corais, associações e programas de rádio, mobilizações estas que auxiliam a resgatar as tradições culturais e mesmo a manter viva a língua vêneta.

No entanto, há que se chamar a atenção sobre a não utilização, nestes eventos culturais, de somente a língua *talian*, mas de uma mistura com o português, muitas vezes com o propósito de torná-la cômica/divertida. Como exemplificação, pode-se citar o programa de rádio dos humoristas *Tchó* e *Béppi*, conforme abordado por (AM F - D2):

(AM F - D2): Gosto, gosto muito. Já ouvi, já... até um dia nós compramo até CD deles, a gente valoriza muito isso. Gosto, tanto que esses dia teve o programa de Sinop, eu vi que eles fizeram o programa junto com aquele *É bem Mato*

Grosso, é muito bom, aí ele falô o que que é *Tchó*, eu não sabia que *Tchó* é prego [risos], e eu lembro que, aí na hora, que eu lembrei que a gente fala *Tchó*!

(Pesquisadora): Você acha que eles valorizam o *talian* ou só a cultura gaúcha?

(AM F - D2): Eu, assim... nunca prestei atenção 100% em *talian*, mas é isso que dá o bonito dessa cultura, porque se eles falassem o português, acho que não ficava bom não. Acho que o *talian* ali valoriza mais o humor até pra eles, acho ótimo, apoio, até fico contente que eles tão bem.

Ao questionarmos, ainda, se a geração migrante descendente compreende que há valorização da língua *talian* com o programa de rádio *Tchó* e *Béppi*, obtivemos as seguintes respostas, que se mostram em desacordo:

(MA F - D4): Não... eu não tenho essa visão de valorização, eu acho que eles fazem um programa de entretenimento, né, engloba em si a língua, né, e alguns trejeitos, no meu ver é assim

(CE M - D1): Eles valorizam, mas agora eu acho que ficou muito forçado [...] Já tá indo mais pra uma comédia do que um programa mesmo, mas eu acho legal.

Com relação aos quatro informantes da geração migrante, falantes da língua *talian*, apenas um acompanha assiduamente o programa de *Tchó* e *Béppi*, humoristas esses que, além do programa de rádio, apresentam-se em eventos não só em Sinop e cidades mato-grossenses, mas também no sul do país, área geográfica de onde migraram os entrevistados.

Para a questão *Você acredita que se aqui se estimulassem mais associações que ajudassem/apoiassem a preservar/manter o talian e a cultura, seria positivo?*, destacamos o excerto responsivo:

(ERE F - Mi4): **Com certeza, com certeza**, e como! Que até, às vez, os filho, neto desses italiano, aprenderiam a falá, né? O *talian*, uhum.

Compreendemos, assim, em consonância com este informante, ser saudável para a manutenção/preservação da língua *talian*, bem como à valorização cultural, contar com o apoio de novas associações, que devem/podem ser estimuladas pelo governo do estado, ou da cidade, em que hoje vivem estes falantes. Concluímos, dessa forma, que esses podem ser caminhos “positivos” para que a cultura e a língua desses grupos minoritários em Sinop não sejam extintas.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo V; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 289-315.

ANDREAZZA, Maria Luiza; NADALIN, Sergio Odilon. História da ocupação do Brasil. In: **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 57-72.

ARMILIATO, Tales Giovani. **A comunicação no rádio e a preservação de uma identidade linguística regional: o Talian**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul – UCS, 2010.

BARROS, Fernando Hélio Tavares de. **O talian, do Sul para a Amazônia: a comunidade ítalo-gaúcha-norte-mato-grossense e seus processos de identificação com sua língua de origem, o Vêneto Sul-Rio-Grandense**. 2012. 95f. Trabalho de Conclusão de Curso. – (Departamento de Letras) Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Câmpus Universitário de Sinop - MT.

CARBONI, Florence. **Língua, formação e identidade nacional: algumas considerações sobre a questão linguística na Região Colonial Italiana**. Porto Alegre/RS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 1997.

_____. **A origem italiana dos falares da Serra Gaúcha**. In: Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana. E, Anais do IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros. DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn & MACHADO, Maria B. P. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

CROCI, Federico. A imigração no Brasil. In: **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 73-120.

DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. Aspectos da identidade étnica ítalo-brasileira na designação de estabelecimentos comerciais no município de Caxias do Sul. In: **Estigma: Cultura e Atitudes Linguísticas**. – Caxias do Sul, RS: EducS, 2010. p. 149-162.

FAGGION, Carmen Maria. Estigma, cultura e atitudes: investigações preliminares sobre o binômio prestígio/estigmatização na linguagem da região de colonização italiana da serra gaúcha. In: **Estigma: Cultura e Atitudes Linguísticas**. – Caxias do Sul, RS: EducS, 2010. p. 61-76.

FROSI, Vitalina Maria, FAGGION, Carmen Maria e DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani. **Estigma: Cultura e Atitudes Linguísticas**. – Caxias do Sul, RS: EducS, 2010.

_____. Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI. In: **Estigma: Cultura e Atitudes Linguísticas**. – Caxias do Sul, RS: EducS, 2010. p. 15- 42.

FROSI, Vitalina Maria. Bilinguismo, identidade étnica e atitudes linguísticas. In: **Estigma: Cultura e Atitudes Linguísticas**. – Caxias do Sul, RS: EducS, 2010. p. 43-59.

_____. Bilinguismo de português e dialetos italianos: nossa história, nossa língua, nossa origem. In: **Estigma: Cultura e Atitudes Linguísticas**. – Caxias do Sul, RS: Educs, 2010. p. 163-177.

_____. Bilinguismo de português e dialetos italianos: nossa língua, nossa cultura, nossa identidade. In: **Estigma: Cultura e Atitudes Linguísticas**. – Caxias do Sul, RS: Educs, 2010. p. 179-197.

FROSI, Vitalina Maria; RASO, Tommaso. O italiano no Brasil: Um caso de contato linguístico e cultural. In: **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 317-347.

PERTILE, Marley Terezinha. **O talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2009.

PHILIPPSEN, Neusa Inês. **A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo USP, 2013.

PINHEIRO, Luciana Santos. **Processos de territorialização de variedades dialetais do italiano como línguas de imigração no nordeste do Rio Grande do Sul**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2014.

SOUZA, Edison Antônio de. **Sinop: História, Imagens e Relatos**. Um estudo sobre a sua Colonização. Dissertação de Mestrado. Cuiabá - MT: Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, 2006.

SPESSATTO, Marizete Bortolanza. Língua e identidade: o pertencimento à comunidade e a variação linguística em adolescentes descendentes de italianos. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)**, 2011. p. 35-52. <http://www.revistareid.net/revista/n5/REID5art2.pdf>. Acessado em 05 de abr de 2014.

A VARIÁVEL CONCORDÂNCIA VERBAL NA PRIMEIRA E TERCEIRA PESSOAS DO PLURAL EM DOIS BAIROS DE SINOP- MT

Andressa Batista Farias

INTRODUÇÃO

O uso da variável concordância verbal é um campo já estudado por pesquisadores, tanto em Mato Grosso quanto em outros espaços brasileiros. Desse modo, muitos estudos da área da Sociolinguística já têm evidenciado que os usos da flexão dos verbos apresentam regras de variação no português falado do Brasil, em dissonância, por sua vez, ao que a Gramática Normativa determina.

Neste artigo, buscamos identificar e descrever marcas da concordância padrão *x* não padrão empregadas na fala de dois grupos de distintos estratos sociais, isto é, de duas comunidades linguísticas, que se diferenciam no poder aquisitivo e se inserem, em sua maioria, nas classes econômicas baixa e média. As duas comunidades/bairros estudados, embora estejam localizados no mesmo município, pertencem a estratos sociais distintos, com diferenças socioeconômicas, sendo o primeiro caracterizado como periférico, de menor prestígio social, e o segundo como região central, portanto, de maior status social. Nosso olhar pautou-se, fundamentalmente, nos fatores que condicionam estas variáveis da língua, e que estão ligados a questões sociais e culturais, tais como sexo, idade e escolaridade.

Para alcançarmos os objetivos propostos pela pesquisa, a mesma foi permeada por leituras teóricas, em especial as relacionadas à Sociolinguística Variacionista, à Gramática Normativa e pesquisas relacionadas à Concordância Verbal, durante todo o processo, bem como por coletas de dados, descrições e análises de entrevistas realizadas com sujeitos dos diferentes estratos sociais citados, ou seja, moradores do bairro Boa Esperança e do Centro Urbano da cidade de Sinop - MT.

SOCIOLINGUÍSTICA: BREVE PERCURSO HISTÓRICO, OBJETO DE ESTUDO E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A propagação de estudos na área da Sociolinguística nos últimos anos muito tem contribuído para a sistematização da heterogeneidade da língua encontrada nas várias comunidades de fala em todo o Brasil. O seu surgimento ganha destaque a partir da década de 1960, nos Estados Unidos, contrapondo-se às abordagens Estruturalista, de Saussure, e a Gerativista, de Chomsky, que concebiam a língua como homogênea, separada de fatores externos e como um sistema de princípios universais. Um dos principais expoentes da Sociolinguística é o linguista William Labov, que propõe um novo

olhar sobre a estrutura das línguas, desapontando as correntes Estruturalista e Gerativista, que desvinculavam a língua dos aspectos históricos e sociais.

De acordo com Labov (2008), não há sentido em querer estudar o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. A Sociolinguística tem, como função, descrever como o sistema linguístico é usado distintamente em várias comunidades de fala, relacionando a linguagem sob o aspecto da heterogeneidade, expondo os princípios internos (linguísticos) e os externos (sociais).

A fundação da Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, como também é conhecida, é atribuída ao pesquisador William Labov, que criou um modelo de análise que possibilitasse a sistematização da variação existente na língua falada. Este modelo teórico-metodológico toma por pressuposto a sistematização da variação da língua, mais especificamente a partir da relação entre a língua e a sociedade, isto é, do “Estudo da língua em seu contexto social” (CALVET, 2002, p. 32).

A pesquisa na Sociolinguística Variacionista é caracterizada por sua metodologia empírica, ou seja, através de dados reais, produzidos por falantes reais, e que são, geralmente, apreendidos pelos procedimentos de entrevistas sociolinguísticas¹. Segundo Labov (2008, p. 244), “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas”.

Nessa perspectiva, a Sociolinguística tem como objetivo todo um estudo e preocupação com o uso da língua na sociedade, observando como a língua funciona e quais os fatores que influenciam a variação e as mudanças linguísticas. De acordo com Labov (2008), a língua acompanha de perto a evolução da sociedade, refletindo os comportamentos que variam em função do tempo e do espaço.

Assim, o principal objetivo da pesquisa Sociolinguística laboviana é analisar a diversidade linguística, considerando os fatores sociais que influenciam nessa diversidade. A Sociolinguística propõe, dessa forma, uma compreensão das diferentes maneiras de falar, que são condicionadas por fatores geográficos, sociais, econômicos, culturais, grau de escolaridade, idade, entre outros fatores. Em síntese, estes são os principais aspectos teórico-metodológicos que devem ser levados em consideração em uma pesquisa dessa natureza a partir do paradigma laboviano, o qual também constitui a fundamentação teórico-metodológica desta pesquisa.

¹ As entrevistas sociolinguísticas são caracterizadas pela especificidade de método, que visa a diminuir o que Labov (2008) denomina de *paradoxo do observador*. O pesquisador sociolinguista, que for estudar uma comunidade de fala, deve coletar um grande número de dados através de gravações da fala, de um considerável número de informantes, dependendo o cunho de sua pesquisa. Em conformidade com o que Labov (2008) propõe, deve-se buscar um envolvimento emocional com o assunto para que o entrevistado produza uma fala informal e espontânea.

A heterogeneidade da língua e a concordância verbal

Ao se estudar a língua em comunidades linguísticas, é inevitável depararmos com a enorme diversidade que compõe a língua falada. Sendo constituída por falantes de diferentes gêneros, idade, grau de escolaridade e que pertencem a distintos estratos sociais. Diante dessas circunstâncias, são inegáveis as diferenças existentes no uso da língua nas comunidades de fala. Conforme Alkmim (2003), a constatação mais imediata, ao se estudar qualquer comunidade linguística, é a existência da diversidade ou da variação.

Uma mesma língua pode apresentar variações de região para região, de um grupo social para outro, entre distintas faixas etárias, e, também, quando usada pelo mesmo falante, pode variar em determinadas situações ou lugares.

Segundo Calvet (2002, p. 170), variedade é um “sistema de expressão linguística que pode ser identificado pelo cruzamento de variáveis linguísticas (fonéticas, morfológicas, sintáticas etc.) e de variáveis sociais (idade, sexo, região de origem, grau de escolarização etc.)”.

Nesse contexto, as variáveis linguísticas ou internas estão relacionadas aos níveis estruturais sintático, morfológico, semântico, discursivo e etc. Enquanto as variáveis extralinguísticas ou externas estão relacionadas ao grau de escolaridade, idade, sexo, classe social, entre outros fatores.

De acordo com Mollica (2004), as variáveis internas estão correlacionadas aos fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais, que dizem respeito a várias dimensões de características da língua. Já no conjunto das variáveis externas estão os fatores inerentes ao indivíduo, tais como etnia e sexo; os fatores sociais, como escolarização, profissão, nível de renda e classe social; e os contextuais, como grau de formalidade e tensão discursiva. Assim, a língua varia conforme fatores internos e externos, sendo que as posições geográfica e social dos falantes são fatores que condicionam para uma variação linguística mais expressiva.

Dentre as possibilidades de variações, deparamo-nos constantemente, na fala de qualquer indivíduo, mesmo entre os altamente escolarizados, com a falta de concordância verbal e/ou nominal, que pode ser verificada tanto na fala quanto na escrita, seja por falantes de comunidades linguísticas de classes média e alta ou de classe baixa, sendo já, por exemplo, regra categórica da língua manter o verbo no singular quando antecede o sujeito.

Conforme Mollica (2004), a concordância entre verbo e sujeito é uma variável linguística, pois pode ser realizada por meio de duas variantes, dois modos possíveis e com o mesmo sentido: com a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância. A primeira, constitui-se pela presença da marcação de pessoa e número no sintagma verbal, mais valorizada socialmente e imposta pelas gramáticas normativas, e a segunda, é essa ausência da marcação de pessoa e número, e, por isso, socialmente estigmatizada.

A concordância não padrão, apesar de estar presente na fala e escrita de muitas pessoas, mesmo entre as mais escolarizadas, é seriamente estigmatizada e estereotipada. Bortoni-Ricardo (2005) cita, como exemplo, usos como “nós vai”, os quais são imediatamente associados, pela maioria dos mais letrados, a falantes com baixa ou nula escolaridade, ou, ainda, a moradores de zona rural ou de periferias de grandes centros urbanos.

Ainda com relação às regras de concordância, é interessante observar o exemplo citado por Coan e Freitag,

As gramáticas normativas prescrevem que, no plural, todos os elementos de um sintagma devem levar marca de concordância. A regra geral diz que aos nomes deve-se acrescentar -s. Uma frase que atende aos padrões normativos seria *As meninas bonitas comem pães de queijo*. Que juízos de valor fariamos de alguém que, em dado momento, falasse uma frase como *As meninaØ bonitaØ comeØ pãoØ de queijo?* Tenderíamos a fazer um julgamento negativo deste indivíduo com base neste falar: não frequentou a escola, porque não sabe as regras de concordância da língua. (COAN; FREITAG, 2010, p. 186).

Para compreendermos melhor sobre nosso fenômeno estudado, a variação na concordância verbal, é importante expormos uma definição sucinta sobre os conceitos de variável e variante estabelecidos pela Sociolinguística. De acordo com Bagno (2014, p. 50), uma variável na área da Sociolinguística “é algum elemento da língua, alguma regra, que se realiza de maneiras diferentes conforme a variedade linguística analisada. Cada uma das realizações possíveis de uma variável é chamada variante”. Podemos afirmar, assim, que variante é “cada uma das formas diferentes de se falar a mesma coisa”.

Tarallo (2002) fala sobre a questão das variantes no que se refere à presença ou à ausência de prestígio, quando assevera que,

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão *vs.* não padrão; conservadoras *vs.* inovadoras; de prestígio *vs.* estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. Por exemplo, no caso da marcação de plural no português do Brasil, a variante [s] é padrão, conservadora e de prestígio; a variante [o], por outro lado, é inovadora, estigmatizada e não padrão. (TARALLO, 2002, p. 11-12).

Para Alkmim (2003), todas as comunidades linguísticas apresentam variedades que são consideradas superiores e inferiores, refletidas pela hierarquia dos grupos sociais.

A PESQUISA: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

A pesquisa, como já supracitado, segue o viés teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, utilizando-se de pesquisas bibliográficas e de campo. Com relação ao primeiro enfoque, os construtos teóricos da Sociolinguística Variacionista foram imprescindíveis para proceder às análises; quanto ao segundo, permitiu-nos a coleta do *corpus*, realizada no bairro Jardim Boa Esperança e na região centro urbana de Sinop, ambos lócus da presente pesquisa.

Ao todo, as entrevistas realizaram-se com 9 (nove) sujeitos, nessas duas comunidades de fala, sendo um entrevistado, o representante² de bairro, e mais 8 (oito) sujeitos, divididos igualmente entre mulheres e homens, sendo 4 (quatro) moradores do bairro periférico e 4 (quatro) moradores do centro urbano. Com relação às faixas etárias, foram observadas duas faixas distintas: 2 (dois) entrevistados entre 15 e 25 anos e 2 (dois) acima de 50 anos, de cada grupo social, observando-se, ainda, a mesma divisão entre escolarizados e com pouca escolaridade.

No quadro, abaixo, o leitor obterá um panorama das informações acerca da origem, sexo, idade, escolaridade, profissão e etnia dos entrevistados nos dois bairros pesquisados.

SUJEITO ³	IDADE	LOCAL DE NASCIMENTO	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	ETNIA
Boa Esperança - B					
B1 F	76 anos	Jaguaraçu - MG ⁴	4ª série	Do lar	NSR ⁵
B2 F	20 anos	Peixoto de Azevedo - MT	Cursa o 2º ano do Ensino Médio (EJA) ⁶	Estudante	Indígena e Italiana
B3 M	62 anos	Primeiro de Maio - PR	8ª série	Do lar	NSR
B4 M	25 anos	Guarantã do Norte - MT	8ª série	Alinhador de Serraria	NSR
+ B5 M *Representante de bairro	43 anos	Palmeiras do Tocantins - TO ⁷	8ª série	Vendedor	Portuguesa

² As transcrições realizadas da entrevista com o representante de bairro não foram utilizadas para a análise linguística, somente para dados sobre o bairro e para a análise sobre os preconceitos. É importante mencionar que não conseguimos contatar o representante do lócus central, apenas do bairro Boa Esperança.

³ B - sujeito entrevistado do bairro Boa Esperança, C - sujeito entrevistado do Centro. F e M correspondem aos sexos Feminino e Masculino, respectivamente.

⁴ Morou por 18 (dezoito) anos no estado do Paraná antes de migrar para o Mato Grosso.

⁵ NSR= Não Soube Responder.

⁶ Educação de Jovens e Adultos (EJA).

⁷ Morou em Peixoto de Azevedo - MT antes de vir a Sinop.

Região Central - C

C1 F	73 anos	Campos Novos - SC	4ª série	Do lar	Italiana
C2 F	23 anos	Guaraciaba - SC	Ensino Superior	Estudante	Italiana e Alemã
C3 M	57 anos	Santa Isabel do Ivaí - PR	3º ano do Ensino Médio	Almojarifado	Alemã
C4 M	16 anos	Eldorado - MS	Cursa o 2º ano do Ensino Médio	Garçom e Estudante	NSR

Quadro 01: Informações dos sujeitos entrevistados.

CONSIDERAÇÕES ANALÍTICAS: PROCESSO DE ANÁLISE DA PESQUISA NO USO DA CONCORDÂNCIA VERBAL

A concordância verbal⁸ é um exemplo de variável muito presente na fala dos brasileiros, desde os menos escolarizados até os altamente escolarizados. As variantes apresentam um mesmo valor de verdade, entretanto, com valores sociais opostos, pois enunciados como “/.../ porque no sítio onde nós foi criado” [B1 F] carregam uma grande carga de estigma, ao passo que, se reformularmos esse enunciado para a forma valorizada socialmente, “porque no sítio onde nós fomos criados”, o mesmo não será mais estigmatizado, ou seja, há um mesmo valor de verdade, isto é, um mesmo significado, no entanto um enunciado se encontra na forma não padrão e o outro na forma padrão.

Nesse contexto, cabe ressaltar as reflexões de Labov (2008), quando afirma que as variantes são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa e com o mesmo valor de verdade, idêntico significado referencial, mas com valor social diferente.

A análise empírica deste estudo pauta-se sobre os usos da CV, com ênfase às 1º e 3º pessoas do plural. As variáveis observadas constituem-se, como supracitado, pela presença de marca de plural (variante padrão) e pela ausência de marca de plural (variante não padrão). Para exemplificação, apresentamos, abaixo, os seguintes trechos extraídos do *corpus*:

- Nós **fomos** criados na roça, até pouco tempo /.../ [B1 F]. (Variante padrão).
- /.../ melhorá de vida, porque lá nós **era** empregado /.../ [C1 F] (Variante não padrão).

Nestes recortes, selecionamos para a forma verbal de concordância não padrão o aspecto morfossintático, de variação na aplicação da regra de concordância, ou seja, casos

⁸ Será apresentada em alguns momentos ao longo da análise apenas com a sigla CV.

em que não se apresenta nenhuma marca de plural nos verbos, definidos também em nossa análise como DNP⁹ (desinência zero), como no recorte que segue:

- /.../ tudo que num presta *eles* **apronta**. O dia *eles* **passa** dormindo, à noite **tira** pra robã, pra fazê mal feito. [B3 M].

Já para as formas verbais de concordância padrão, consideramos o uso do pronome pessoal a gente + verbo no singular e DNP (com marca explícita do plural) padrão:

- Naquele tempo, num tinha celular, num tinha televisão, a *gente* **tinha** nem rádio pra escutá (+) a gente **era** assim, né (+), brincava de rodinha, de boneca, de comidinha, era desse tipo. [B1 F].
- Daí, *nós* **achamos** melhor que fosse mudado (+) o modo de relacionamento dele com o nosso irmão. [C2 F].

Concordância padrão e DNP padrão

Os recortes para exemplificação que seguem, abaixo, com ênfase aos destaques em negrito, tratam do uso da concordância padrão e apresentam marca explícita do plural em seus verbos, sendo, dessa forma, considerados como o uso de prestígio na sociedade:

- /.../ *Elas* **queriam** me batê, daí voltei pra Guarantã, fiquei cinco mês lá, daí voltei. [B2 F].
- Hoje não existe mais, *eles* só **brincam** dentro de casa e anda de bicicleta. Por que *eles* **brincam** só dentro de casa, não dá pra deixá na rua porque é perigoso, não tem brincadeira mais pras criança. [C1 F].
- *Eles* só **foram** achar porque **viram** os sinais escorrendo (+), bateu na bicicleta o guri vôê e só **acharam** um, o outro não **acharam**, e quando *eles* **olharam** para cima, **viram** o sangue pingando e o menino pendurado lá em cima. [C3 M].
- /.../ *elas* **ficaram** numa situação que não tinha como ir e nem vir, **ficamos** isolados do resto do mundo. [C3 M].
- Quando *nós* **chegamos** na antiga rodoviária era escuro e como fazia pra se achá? Era lama, barro e chuva, era seis mês de sol, seis mês de chuva. [C1 F].
- *Nós* **destacamos** de Guaraniaçu à Marcelândia, de Marcelândia à Nova Santa Helena, Santa Helena à Sinop /.../ [B3 M].

⁹ DNP (desinências número-pessoal). “Desinências são os elementos terminais indicativos das flexões das palavras. As desinências verbais indicam flexões de número e pessoa e de modo e tempo dos verbos” (CEGALLA, 2008, p. 92-93).

Foi descartada do recorte de análise a forma “*nóis*”, por ser característica da fala, associada à forma não padrão de CV. Assim, foram descartadas, para sistematização da concordância padrão, várias transcrições da 1° pessoa que apresentavam a marca explícita de plural, no entanto acompanhadas da forma “*nóis*”. Registramos, dessa forma, em nosso *corpus* 6 (seis) ocorrências padrão com o uso da 1° pessoa do plural *nós* e 4 (quatro) com o uso da 3° pessoa do plural *eles* (*as*).

Consideramos, como anteriormente citado, para efeito de análise, em nossos dados o uso do pronome pessoal *a gente* como padrão, embora nem todas as gramáticas normativas atribuam-lhe tal função. Utilizamos, para exemplificação, apenas os casos que apresentam a concordância no singular, pois não se pode negar que esse uso é recorrente por pessoas altamente escolarizadas e, assim, já é considerado por alguns estudiosos da linguagem como uma forma padrão.

Essa escolha metodológica encontra-se em consonância com pesquisas da Sociolinguística (AGOSTINHO 2013; ALMEIDA, 2006), que já codificam *a gente* como forma padrão. De acordo com Omena (1998, p. 189), “esta introdução da forma *a gente* no sistema dos pronomes é mais uma modificação, dentre outras, que vem provocando uma reestruturação no sistema, o que é comprovado pela riqueza do uso variável dessas formas no discurso”.

Várias pesquisas, assim, vêm evidenciando um uso considerável dessa expressão em substituição ao pronome *nós*. Na sequência, apresentamos esses usos apreendidos em nosso *corpus*:

- *A gente fica* assim sabendo pela TV. [C2 F].
- Ontem, *a gente estava indo* lá (+), sentido a BR, aí, o motoqueiro veio contramão, quase bate, ele nem olhando assim (+), ele andando e olhando pro lado, e *a gente indo* e começou a businá /.../ [C2 F].
- Tem a Cida, tem o pessoal que trabalha junto, tem o Romeu (+), *a gente se encontra* no final de semana. [C3 M].
- Ah, quando *a gente veio* pra cá, tinha muito isso assim, fala o “r” mais puxado. [C2 F].
- Não, porque *a gente morava*, quando eu cheguei aqui da primeira vez era só mato, e agora não tem comunicação porque o povo trabalha. [C1 F].
- Na época que cheguei aqui só tinha a escola Nilza, que *a gente chamava* de galinheiro ((risos)). [C1 F].
- Aqui (+), onde *a gente mora* é mais setor comercial, são poucos moradores, e não conheço, pode até tê discriminação com alguém, mais ainda não vi, mas em outros lugares já vi bastante. [C3 M].
- /.../ mas *a gente sabia*, que quando inaugurasse aquela delegacia dali embaixo (+), ia melhorá um pôco. [B4 M].

- /.../ a gente **passou** muita dificuldade, mas graças a Deus, deu certo. [B1 F].
- Porque depende (1.5), muitos casos que a gente **liga** e eles não vêm, porque num têm viatura. [B4 M].
- As brincadeiras era rodinha, a gente **brincava** de roda, cavalo de pau ((risos)), era tão diferente de hoje. [B1 F].
- Minha infância foi mais na roça, né (+), a gente **achava** que era sofrida, mais era gostosa. [B3 M].
- Desde que a gente **mora** aqui (1.5), quarenta e dois anos, aqui no centro mesmo. [C1 F].
- Ah (+), era bem diferente do que agora, a gente **brincava** na rua, subia árvore, fazia de tudo. [C2 F].
- Por exemplo, às vezes, um carioca se vier pra cá, a gente **vai** vê (+), já dá pra percebê que é de fora, né. [C2 F].

O nosso *corpus* de análise apresenta o uso da expressão *a gente* com o verbo no singular 17 (dezessete) vezes, ou seja, foram registradas em nosso *corpus* 17 (dezessete) ocorrências. Vale considerar que, para a análise, foi descartada a forma não padrão de *a gente* + verbo no plural.

Embora a Gramática Normativa ainda esteja reticente quanto a abarcar, no quadro de pronomes pessoais, a expressão *a gente*, estudos sociolinguísticos¹⁰ vêm mostrando que alterações dentro do quadro pronominal são relevantes e necessárias.

Concordância não padrão e DNP (desinência zero)

Os casos expostos, a seguir, trazem referências de pronomes no plural, porém, não apresentam marca formal de plural nos verbos. Esses fenômenos foram definidos em nossa análise como desinência zero, ou seja, a não aplicação da CV padrão:

- As casinha era de madeira, não tinha energia. Só quem era mais rico tinha de motor. *Nós* só **tinha** luz no gás, a gente era no gás, né. [C1 F].
- Olha (+), a parte de saúde, *nós* **tinha** um posto de saúde com um único médico. [C1 F].
- É porque eles acham que *nós* **fala** errado, mais se entende (+), entende. Mais eles memo tira sarro da gente. [B3 M].
- *Nóis* **brincava** de bola, de/ várias brincadeiras (2.5), gostava de jogá bola. [B4 M].
- /.../ tudo qui: era tipo de brincadeira, *nóis* **inventava**. [B3 M].
- Ah (+), acho que, na minha opinião, deve ter mais patrulha da polícia, porque é bem raro *eles* **passá** por aqui, fazê uma ronda e tal. [C4 M].

¹⁰ BAGNO, Marcos. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 743.

- *Eles entrô*, renderam a gente, com a arma na cabeça, é:: tava até com o meu irmão mais novo comigo, foi bem tenso. [C4 M].
- /.../ *eles gosta*, por que, assim, mesmo não tendo um palmo pra construí algo. /.../ [B4 M].
- /.../ *eles tira sarro* (+), acha engraçado. [B4 M].
- Eu entendo eles (+), *eles entende* eu. [B3 M].
- Naquele tempo era boa, né (1.5), não tinha violência, não tinha nada quando *nós era* criança. [C1 F].
- Eu tenho uma amiga minha que dá aula no Nossa Senhora de Lourdes, às vezes ela vai com medo dá aula e volta com medo dos alunos (1.5), *eles ameaça*, não pode repreendê. [C1 F].
- Mas foi o lugá que *eles* mais *gostô* foi daqui de Sinop. Aqui onde *nóis mora* é um bairro da lente da gente mora /.../ [B1 F].
- /.../ mas *eles pode* fazê o que qué (+), você num pode matá uma paquinha no mato hoje, vai preso, pensa que joga fora, pega aquela paquinha vão comê, fazê festa, fazê churrasco pra eles. [B3 M].
- *Nóis faiz* esse trabalho no campo da associação, nos fundos da escola aqui (+), do bairro Boa Esperança. [B4 M].
- /.../ *nós estudou* em casa (+), e aquele tempo lá, num tinha, escola pública igual hoje em dia tem, né, aí, meu pai pagou uma professora /.../ [B1 F].
- O meu irmão veio na frente, comprô sítio aqui (+), aí, a *gente viemos* atrás junto. [C1 F].

Registramos, nesse recorte, 19 (dezenove) formas não padrão, sendo 9 (nove) ocorrências na 1ª pessoa do plural e 9 (nove) registros na 3ª pessoa do plural, e ainda 1 (uma) ocorrência registrada da expressão *a gente* + verbo no plural. Os exemplos trazidos, acima, não apresentam a marca explícita normativa, do plural, nos verbos e são considerados pela visão gramaticista como “erros”, sendo, assim, usos que carregam um grande estigma, levando a preconceitos tanto linguísticos quanto sociais.

Na maioria dos casos, as pessoas que dizem *nós fala* ou *a gente viemos*, como nos recortes apresentados acima, são corrigidas ou são tachadas como falantes pertencentes à classe social baixa e não escolarizada. Segundo Scherre (2005), a construção de *nós* + verbo no singular e *a gente* + verbo no plural são usos altamente estigmatizados e inerentes às camadas sociais desprivilegiadas.

Apresentamos, no gráfico abaixo, as distribuições das formas padrão e não padrão de concordância de 1ª e 3ª pessoas do plural, nos bairros Boa Esperança e Centro:

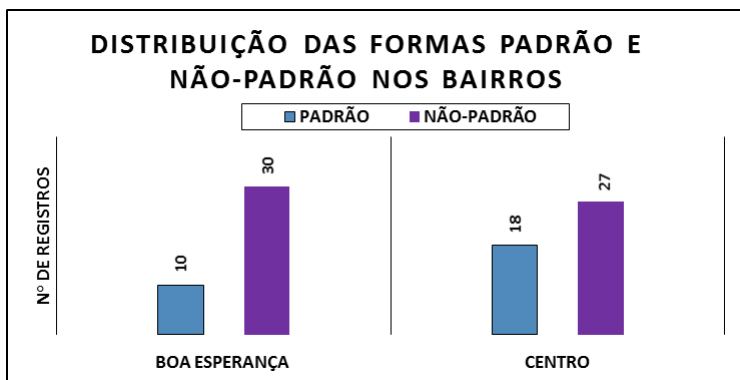


Gráfico 1: Distribuição das formas padrão e não padrão nos bairros.

Foram levantadas, em nosso *corpus*, 10 (dez) formas padrão de uso de concordância verbal no bairro Boa Esperança e 30 (trinta) formas não padrão, já no Centro da cidade foram registradas 18 (dezoito) ocorrências de concordância verbal padrão e 27 (vinte) não padrão.

Ao todo, em nosso *corpus*, registramos 85¹¹ ocorrências, nas entrevistas realizadas nas duas comunidades/bairros pesquisados, das quais 28 são de concordância verbal padrão e 57 de concordância verbal não padrão, nas 1º e 3º pessoas do plural.

Com este resultado, podemos verificar que não há muita diferença do uso da CV não padrão entre o Boa Esperança e o Centro, apresentando-se uma diferença de apenas 3 (três) registros de formas empregadas não padrão. A diferença maior do uso da CV manifesta-se no uso padrão, com um diferencial de 8 (oito) registros entre os dois bairros, com maior número de uso no Centro.

Discorreremos, a seguir, os dados quantificados dos principais fatores sociais que constituem nossa análise: sexo, faixa etária e escolaridade, fatores estes, como apontados pelos pressupostos teóricos, indissociáveis e inerentes à variação linguística.

Sexo

No gráfico, abaixo, ilustramos a distribuição por sexo das formas padrão e não padrão nos dois bairros.

¹¹ Total de ocorrências registradas de concordância verbal padrão e não padrão no *corpus*.

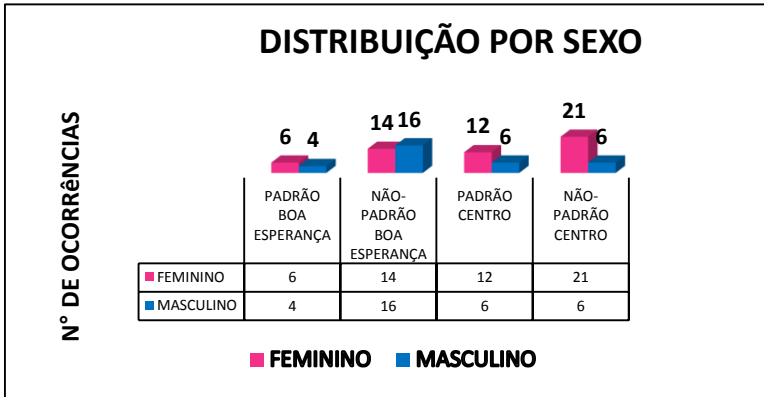


Gráfico 2: Distribuição dos usos padrão e não padrão por sexo nos dois bairros.

Verificamos, em nosso *corpus*, que o sexo feminino apresenta mais usos da forma padrão do que o sexo masculino, com diferencial de 8 (oito) registros. No entanto, paradoxalmente, o sexo feminino também apresenta mais usos da forma não padrão, com 35 (trinta e cinco) ocorrências desta forma, enquanto o sexo masculino apresenta 22 (vinte e duas) ocorrências da forma não padrão, com a diferença de 13 (treze) registros do uso da forma não padrão entre os sexos.

Verificamos, também, o diferencial de registros das ocorrências padrão e não padrão entre os sexos nos dois bairros. Desse modo, apuramos que o sexo feminino residente no Centro apresenta mais usos da forma padrão do que o sexo feminino do Boa Esperança, com 6 (seis) ocorrências a mais da forma padrão, porém, os sujeitos femininos do Centro também apresentam mais registros das formas de uso não padrão, com 7 (sete) registros a mais desta forma. Resultado que mostra a alternância desses usos.

O sexo masculino do Boa Esperança apresenta mais usos das formas não padrão do que os sujeitos masculinos do Centro, apresentando a diferença de 10 (dez) ocorrências de uso a mais da forma não padrão.

Faixa etária

O gráfico, abaixo, apresenta a distribuição de registros por faixa etária de CV padrão e não padrão nos dois bairros. A faixa etária I é de 15 a 25 anos e a faixa etária II acima de 50 anos.

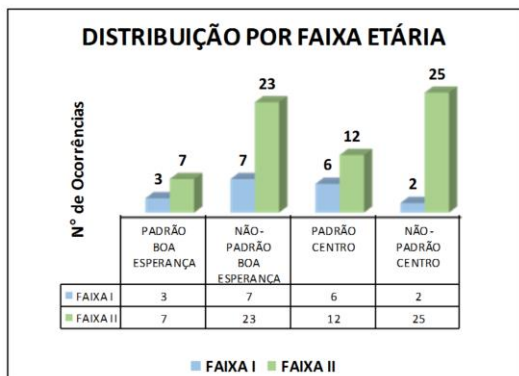


Gráfico 3: Distribuição das formas padrão e não padrão por faixa etária nos bairros.

Como podemos verificar, nos dados acima, a faixa etária I, do bairro Boa Esperança, apresenta mais formas de uso não padrão de CV do que formas padrão, com 3 (três) registros de formas padrão contra 7 (sete) não padrão. A faixa etária II também apresenta mais formas de uso não padrão, com 23 (vinte e três) registros contra 7 (sete). Dessa forma, as duas faixas etárias do bairro Boa Esperança não apresentam acentuadas diferenças de usos das formas padrão; quanto ao uso não padrão, a faixa II apresenta mais ocorrências do que a faixa I, com a diferença de 16 (dezesesseis) ocorrências.

No Centro, apresenta-se um número maior de uso de formas padrão na faixa I, com 6 (seis) registros contra 2 (dois) de formas não padrão. Na faixa II, há mais registros da forma não padrão, com 25 (vinte e cinco) *versus* 12 (doze) formas padrão. Assim, a faixa II apresenta, concomitantemente, mais registros de formas padrão e não padrão do que a faixa I.

Com relação ao comparativo entre as faixas etárias dos dois bairros, a faixa I do Centro apresenta mais formas padrão, com a diferença de 3 (três) ocorrências; na forma não padrão a diferença é de 5 (cinco) registros, com maior número de usos desta forma, portanto, no bairro Boa Esperança. Já na faixa II, a diferença é de 5 (cinco) ocorrências da forma padrão, com maior número de usos desta forma no Centro. Na forma não padrão a diferença é de apenas 2 (dois) registros, com maior número de usos desta forma no Centro.

Escolaridade

A seguir, ilustramos a distribuição de usos das formas padrão e não padrão por escolaridade. Foram considerados 2 (dois) níveis de escolaridade, sendo eles, nível I, com até 8 (oito) anos de escolaridade, e nível II, acima de 10 (dez) anos. Em cada nível de escolarização, ficaram divididos 4 (quatro) sujeitos.

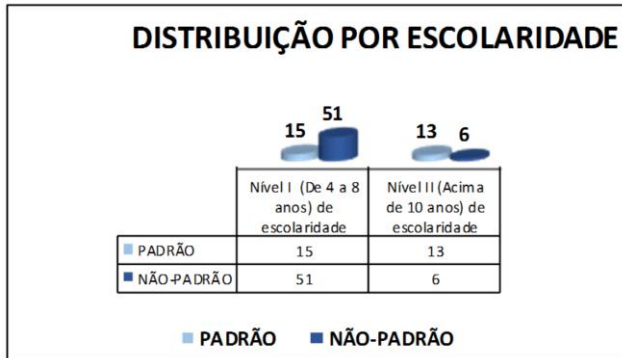


Gráfico 4: Distribuição das formas padrão e não padrão por escolaridade.

Como podemos verificar, nos dados do gráfico acima, o nível I (4 a 8 anos de escolaridade), apesar de uma diferença mínima, apresenta mais formas de uso padrão de CV do que o nível II (acima de 10 anos de escolaridade), com diferencial de 2 (dois) registros a mais do uso da forma padrão. Porém, no uso das formas não padrão o nível I apresenta um número grande de diferença, com 45 (quarenta e cinco) ocorrências a mais do uso destas formas do que o nível II.

Nesta amostra, não foi possível separar os níveis de escolaridade por bairros, pois no Boa Esperança, em nossa pesquisa, não conseguimos contatar nenhum sujeito com Ensino Superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Concordância Verbal foi a noção operatória de nossa pesquisa como também de muitas outras da área da Sociolinguística Variacionista, que mostram, conforme os resultados apresentados, como as regras estabelecidas pela Gramática Normativa são pouco seguidas e/ou aplicadas na língua falada no cotidiano da maioria dos brasileiros, incluindo os mais cultos e altamente escolarizados (VIANNA, 2006). Vale ressaltar que os estudos variacionistas se preocupam com os usos da língua falada sem estigmatizá-los, visto que variáveis/variantes são consideradas como “erros” apenas pelos gramaticistas. Dessa forma, a Sociolinguística tem o propósito de ‘quebrar’ a visão apenas normativa do (in)uso da língua e mostrar o uso real, cientificamente comprovado, de falantes no dia a dia, como é o caso desta pesquisa, que teve o objetivo maior de mostrar como a concordância verbal se apresenta, de fato, na fala dos sujeitos entrevistados, mesmo entre os mais escolarizados e moradores do bairro central.

Ao apresentarmos os usos da concordância verbal a partir de duas visões, da Gramática Normativa e da Sociolinguística Variacionista, tivemos como pretensão mostrar que a abordagem gramaticista da concordância verbal, que assume apenas uma forma da língua como a única “certa” e, assim, descarta as demais variações como “erradas”, está muito distante da realidade linguística em uso no Brasil. Para a Gramática Normativa, o

processo de concordância verbal se dá quando todas as marcas do sujeito pronominal concordam com as do verbo. Com a pesquisa, pudemos concluir que o uso da CV encontra-se em um constante estado de variação, indo contra ao que geralmente é prescrito pelas regras normativas.

Podemos afirmar, assim, a partir dos resultados obtidos, que as regras de uso aqui localizadas encontram-se em pleno processo de variação, ou seja, a aplicação da CV padrão ora se aplica, ora deixa de se aplicar. O uso das concordâncias padrão e não padrão ocorre em ambos os grupos/bairros pesquisados, os com maior e menor graus de escolarização e classes mais e menos favorecidas socioeconomicamente.

Sustentados, portanto, pelo referencial teórico da Sociolinguística laboviana, estudos da gramática normativa e pesquisas relacionadas à CV e outras áreas afins, buscamos descrever e analisar nesta pesquisa o fenômeno da variação da concordância verbal de 1º e 3º pessoas do plural, na fala de 8 (oito) sujeitos de dois bairros/comunidades da cidade de Sinop - MT, que apresentam diferenças socioeconômicas e culturais, o Boa Esperança e o Centro Urbano da cidade.

Apuramos, em nosso *corpus*, que o uso da concordância verbal não padrão predomina nos dados. Apesar da Gramática Normativa tradicional não considerar o uso da expressão *a gente*, como parte do quadro pronominal, por ser muito recorrente na fala transcrita em nossos dados e amparados por outras pesquisas da área, incluímos esta forma em nossas análises como padrão. Como podemos verificar, já é grande o número de pesquisas (OMENA, 2003; VIANNA, 2006; BAGNO, 2011) que mostram que o fenômeno da variação entre *nós* e *a gente* indica uma mudança linguística em percurso, na qual essa forma inovadora vem gradualmente ocupando o lugar da forma *nós*.

De tal modo, averiguamos em nosso *corpus* que, apesar da inserção de *a gente* como forma padrão, há predomínio do índice de concordância não padrão, sendo a maior parte da concordância padrão registrada pelo uso de *a gente*.

Em síntese, os dados analisados nesta pesquisa indicaram que os sujeitos moradores do Centro Urbano apresentam maior número de realização da concordância verbal padrão do que os sujeitos do Boa Esperança, o que vem confirmar a nossa hipótese inicial. Podemos justificar tal resultado pela circunstância geográfica do bairro Boa Esperança, ou seja, por estar localizado mais afastado do centro da cidade e se caracterizar como bairro periférico e com baixo índice de escolarização, assim, esses falantes possuem menor contato com as formas padrão, geralmente disseminadas pela escola, trabalho entre outras circunstâncias de uso.

Já os falantes do Centro Urbano, diferentemente do outro bairro, por morarem numa localização mais central da cidade, estão mais expostos ao uso de formas padrão da língua, seja pela escola, trabalho e grupo social em que estão inseridos.

Em relação às variáveis sociais analisadas, constatamos que a variável sexo demonstrou que as mulheres, ao mesmo tempo, empregam mais usos das formas padrão

do que o sexo masculino, como também apresentam maior número de formas não padrão. E os sujeitos do Centro, tanto do sexo masculino quanto do feminino apresentam mais usos da forma padrão do que os sujeitos dos sexos masculino e feminino do Boa Esperança.

Na variável faixa etária, os resultados demonstraram que os falantes mais velhos dos dois bairros estudados, os da faixa II, tendem a realizar mais concordâncias padrão e não padrão do que os mais novos, os da faixa I. Em comparativo entre os dois bairros e as duas faixas etárias, os sujeitos do Centro apresentam mais usos de concordância verbal padrão do que os sujeitos do Boa Esperança.

Quanto à variável escolaridade, não foi possível fazer uma divisão igual entre os dois bairros devido ao fator menor escolaridade dos moradores do Boa Esperança. Conquanto, os resultados apontaram maior número de concordância padrão aos sujeitos do nível I (de 4 a 8 anos) de escolaridade do que no nível II (acima de 10 anos) de escolaridade. Quanto ao uso das formas não padrão, os sujeitos do nível I, também, apresentam mais usos destas formas do que os sujeitos do nível II. Vale destacar, ainda, que a análise desses três fatores sociais, sexo, idade e escolaridade, foram indispensáveis para os resultados de nossa investigação, resultados já evidenciados, por sua vez, por inúmeras pesquisas da língua.

Acreditamos, assim, que esta pesquisa sobre a variação na concordância verbal em duas distintas comunidades de fala pode contribuir para uma melhor compreensão acerca da realidade linguística na cidade de Sinop - MT.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. v.1. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- AGOSTINHO, Silvana Regina Nascimento. **A Variação na Concordância Verbal de Primeira Pessoa do Plural na Escrita de Alunos do Ensino Fundamental**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
- BAGNO, Marcos. **Nada na Língua é Por Acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós Chegemos na Escola, e Agora? Sociolinguística na Sala de Aula**. São Paulo: Parábola editorial, 2005.
- CALVET, Jean Louis. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo - São Paulo: Parábola, 2002.
- COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística Variacionista: Pressupostos Teórico- Metodológicos e Propostas de Ensino. **Domínios de Linguagem - Revista Eletrônica de Linguística**, Volume 4, - nº 2 - 2º Semestre 2010.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

OMENA, Nelize Pires de. A Referência à Primeira Pessoa do Discurso no Plural. In: SILVA, G.M.O; SCHERRE; M.M.P. **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis no português falado na cidade do Rio de Janeiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas. **A Concordância de Nós e A gente em Estruturas Predicativas na Fala e na Escrita Carioca**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, agosto de 2006.

O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO ÂMBITO ESCOLAR: ANÁLISE DE SITUAÇÕES PRECONCEITUOSAS COM ALUNOS EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS NA CIDADE DE SINOP - MT

Josilene Pereira dos Santos

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar e comparar dados que envolvem o preconceito linguístico em duas escolas da cidade de Sinop, localizadas em dois bairros distintos, uma se encontra em um bairro próximo ao centro da cidade (Jardim Paraíso) e a outra próxima à zona rural (Alto da Glória), bairro este ‘desprestigiado’ perante a população sinopense. Sendo assim, tivemos o propósito de verificar se as localizações geográficas em que se encontram as escolas e o contexto onde os alunos moram influenciam ou não nos resultados dos dados coletados.

Buscamos, desse modo, apreender fenômenos linguísticos em uso nestas duas escolas; analisar, também, se o local em que o aluno mora ou em que se localiza a escola influencia no preconceito linguístico; assim como averiguar se os alunos já foram excluídos de algum grupo por falarem de forma ‘diferente’.

Destaca-se, nesse contexto, a importância da desmistificação do preconceito linguístico que está impregnado na sociedade, o qual, muitas vezes, não é apenas linguístico, mas também social, ou seja, “o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o quê. Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social” (BAGNO, 2007, p. 42).

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste estudo foi fundamentada em leituras bibliográficas na área da Sociolinguística Variacionista, destacando-se, desse campo do saber, a noção operatória do preconceito linguístico. A partir da prática destas concepções teóricas foi feito um estudo comparado com base em questionários aplicados a alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de duas escolas públicas da cidade de Sinop - MT, buscando-se subsídios, dados e resultados sobre a existência ou não do preconceito linguístico para a comparação analítica feita, posteriormente, entre os lócus de pesquisa.

A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística foi oficialmente fundada em 1964 em um congresso em Los Angeles, organizado por William Bright e contou com a presença de 25 pesquisadores, que apresentaram trabalhos, os quais tinham como objetivo definir a área de estudo desse campo do saber.

Os temas abordados eram variados: a etnologia da variação linguística (Gumperz), a planificação linguística (Haugen), a hipercorreção como fator de variação (Labov), as línguas veiculares (Smarin, Kelley), o desenvolvimento de sistemas de escrita (Sjoberg), a equação de situações sociolinguísticas dos estados (Ferguson). (CALVET, 2002, p. 29).

Este congresso marca a procedência da Sociolinguística, área que se torna oposta, por exemplo, à linguística de Chomsky, a gramática gerativa. A intenção de William Bright com este encontro era “demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e social, ou seja, relacionar as variações observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade” (FONSECA; NEVES, 1974, p. 28).

Bright propôs-se a estabelecer a área de interesse da Sociolinguística em seus trabalhos, desta forma postula que apenas a definição de que a língua se relaciona com a sociedade é muito vaga, sendo assim, ilustra que “uma das maiores tarefas da Sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas” (BRIGHT, 1966, *apud* CALVET, 2002, p. 29).

Desde então, esta ciência busca estudar a heterogeneidade linguística, a língua em situações reais de uso, na qual o foco é a variação linguística, analisada nas relações existentes entre a língua e a sociedade. Sua maior tarefa é mostrar que a ‘variação e a diversidade não são livres’, mas que se correspondem através das diferenças sociais. Conforme Mollica e Braga (2003), suas áreas de interesse são, fundamentalmente: contato entre línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança, que constituem temas de investigação na área.

Vale ressaltar, também, que para a Sociolinguística o emprego de ‘variantes não é aleatório’, mas influenciado por fatores sociais (externos à língua) ou estruturais (internos à língua), que podem exercer pressão sobre os usos linguísticos (LABOV, 2008[1972]).

Calvet aborda que um dos principais interesses da Sociolinguística é o ‘desempenho social’:

De fato, ela pode desenvolver dois tipos de consequência sobre os comportamentos linguísticos: uns se referem ao modo como os falantes encaram sua própria fala, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros. Em um caso, se valorizará sua prática linguística ou se tentará, ao invés, modificá-la a um modelo prestigioso; no outro, as pessoas serão julgadas segundo seu modo de falar. (CALVET, 2002, p. 69).

As ‘variantes linguísticas’, por sua vez, são “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’” (TARALLO, 2007, p. 8). Além disso, as variedades linguísticas são influenciadas por ‘fatores internos à língua (estruturais) e fatores externos à língua’, como: a origem geográfica, “idade, sexo, nível socioeconômico e

formação escolar [...] a posição do falante no mercado de trabalho e sua interação com a mídia (televisão, imprensa, etc.)” (MOLLICA; BRAGA, 2003, p. 16).

O Preconceito Linguístico

O preconceito é uma postura discriminatória que ocorre diante de pessoas, na qual o indivíduo exclui o outro de grupos sociais, devido a crenças e comportamentos; o ser humano muitas vezes avalia o outro por impressões precipitadas, hábitos e costumes de uma determinada região (local em que vive) e pelo poder econômico que o indivíduo possui. Vale ressaltar que o preconceito pode ser construído sobre o que nem foi pensado, mas apenas assimilado culturalmente ou plasmado em irracionalidades, emoções e sentimentos (LEITE, 2008).

A estigmatização é um julgamento extremamente negativo lançado pelos grupos sociais dominantes sobre grupos subalternos e oprimidos e, por extensão, sobre tudo o que caracteriza seu modo de ser, sua cultura e, obviamente, sua língua (BAGNO, 2003). É um pré-julgamento, ou seja, uma visão antecipada da fala de alguém, dependendo muito da(s) variedade(s) utilizada(s) por esse falante, como também ‘de onde vem este falante’. O preconceito pode ser perceptível geralmente em expressões como: *“você não sabe falar direito; como é burro; fala tudo “errado”,* assim como por meio de sátiras e escárnios, mas também pode apenas ser imaginado.

Segundo Leite (2008, p. 24), “é um *não-gostar*, um achar-feio ou achar-errado um *uso* (ou uma língua), sem a discussão do contrário, daquilo que poderia configurar o que viesse a ser o bonito ou correto”. De acordo com Orlandi (2009, p. 223), realiza-se “individualmente ou por pequenos grupos, ou raças, mas é de natureza sócio-histórica, sendo regido pelo econômico”, ou seja, é da natureza do ser humano julgar o outro.

Há também o preconceito linguístico “positivo”, que, de acordo com Bagno (2014), ocorre quando um falante considera a variedade utilizada pelo outro como “correta”, “bonita”, “elegante”. Esse preconceito “positivo”, conforme Leite (2008), não é percebido pela sociedade (ou pelo menos não provoca reações). O que incomoda é o preconceito negativo acompanhado de reação discriminatória.

O preconceito linguístico está impregnado na sociedade, o qual muitas vezes não é apenas linguístico, mas também social, ou seja, os falantes são avaliados conforme a região e a classe social em que se encontram, dessa forma, ‘o problema não está *naquilo* que se fala, mas em *quem* fala o *quê*’. Bagno assevera, assim, que o preconceito linguístico

[...] não existe. O que existe, de fato, é um profundo e entranhado preconceito social. Se discriminar alguém por ser negro, índio, pobre, nordestino, mulher, deficiente físico, homossexual etc. já começa a ser considerado “publicamente inaceitável” (o que não significa que essas discriminações tenham deixado de existir) e “politicamente incorreto” (lembrando que o discurso do “politicamente correto” é uma hipocrisia), fazer essa mesma discriminação com base no modo de

falar da pessoa é algo que passa muita “naturalidade”, e a acusação de “falar tudo errado”, “atropelar a gramática” ou “não saber português” pode ser proferida por gente de todos os espectros ideológicos, desde o conservador mais empedernido até o revolucionário mais radical. (BAGNO, 2003, p. 16).

Assim, os falantes são avaliados e avaliam de forma positiva ou negativa, dependendo do local em que estão inseridos nas classes sociais, ou seja, são julgados e julgam conforme os aspectos sociais, econômicos e culturais. As classes sociais e regiões mais desprestigiadas são as que mais sofrem com a estigmatização, se o falante vier, por exemplo, do interior do Nordeste, provavelmente sofrerá uma carga maior de preconceito do que aquele que vier do centro de uma grande cidade, localizada na região Sudeste do país.

O fato de “menosprezar, rebaixar, ridicularizar a língua ou a variedade da língua empregada por um ser humano equivale a menosprezá-lo, rebaixá-lo enquanto ser humano” (BAGNO, 2001, p. 36). De acordo com Gnerre (1991), uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais. Bagno salienta ainda que

“Onde tem variação também tem avaliação”. Quando nós, falantes escolarizados de uma variedade urbana culta, rimos (ou temos pena) de alguém que diz prantá no lugar de plantar, aproveitamos essas diferenças de pronúncia para mostrar que nós não pertencemos àquela classe social, àquela comunidade “atrasada”, que não fazemos parte daquele grupo desprestigiado. (BAGNO, 2006. p. 38).

O preconceito social, contudo, não ocorre somente nos dias atuais, é tão antigo que “já existia, por exemplo, na sociedade romana antiga, onde se falava do *consensus bonorum* identificado com o *consensus eruditorum*: as pessoas cultas, educadas e polidas tinham de ser, por consequência natural, pessoas boas, honestas, idôneas” (BAGNO, 2003, p. 150, grifos do autor).

Assim, a atitude de discriminar alguém por pertencer a alguma classe social desprestigiada é uma ação que vem percorrendo os séculos e envolve questões econômicas, sociais e políticas, participando, desta forma, dos processos de estigmatização que vêm ocorrendo na história. Segundo Bisinoto (2009, p. 45-46), “a discriminação hierarquizada das línguas funda-se num lento e contínuo processo histórico, abarcando de forma absoluta o político e o social”.

A TESSITURA METODOLÓGICA DA PESQUISA

A pesquisa desenvolveu-se de forma mista, com leituras pertinentes ao aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, nas quais priorizamos a noção operatória ‘preconceito linguístico’ e a pesquisa de campo. Buscamos por meio dos construtos teóricos a base necessária para nos alicerçar nos estudos analíticos realizados no

corpus. Os dados de campo foram coletados através de questionários aplicados ao 8º ano do Ensino Fundamental nas duas escolas públicas supracitadas.

Antes da aplicação do questionário nas duas escolas, fizemos uma abordagem, com cada uma das turmas selecionadas, com a intenção de verificarmos se os alunos conheciam a terminologia *preconceito linguístico*, se não, conscientizá-los, para auxiliá-los no momento de responder as perguntas listadas no questionário. Percebemos nesta ocasião que o assunto *preconceito linguístico* era novo para todos os alunos.

Na Escola Jardim Paraíso foram 20 (vinte) alunos entrevistados do 8º ano, sendo 9 (nove) do sexo feminino e 11 (onze) do masculino. A faixa etária era dos 12 (doze) aos 15 (quinze) anos, mas a maioria tinha de 13 (treze) a 14 (quatorze) anos. Desses alunos, 9% são descendentes de africanos, 18% de alemães, 4% de espanhóis, 5% de indígenas, 27% de italianos, 5% de portugueses e 32% não souberam responder.

Na Escola Nossa Senhora da Glória os alunos entrevistados foram no total 23 (vinte e três) do 8º ano, sendo 7 (sete) do sexo feminino e 16 (desesseis) do masculino. A faixa etária era dos 13 (treze) aos 15 (quinze) anos, mas a maioria tinha 13 (treze) anos. Desses alunos, 22% são descendentes de alemães, 4% de indígenas, 9% de italianos, 9% de japoneses e 56% não souberam responder.

A seguir, expomos as perguntas realizadas aos alunos no quadro 1.

1	Qual o seu sexo? FEM () MASC ()
2	Quantos anos você tem? ____ anos
3	Qual o grau de escolaridade de seus pais? Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série () Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série () Ensino Médio () Ensino Superior ()
4	Descendência de: Italianos () Africanos () Japoneses () Alemães () Poloneses () Outros:
5	Você já sofreu algum preconceito devido sua forma de falar? () Sim () Não
6	Por alunos () Pelo professor ()? Outros:
8	Você já recebeu algum conselho de como deve falar para 'falar bem'? () Sim () Não Qual (is):
9	Você ou algum colega já foi excluído de um grupo de amigos por falar 'diferente'? () Sim () Não
12	Você já presenciou alguma atitude de preconceito linguístico em casa, na rua ou em outro lugar? () Sim () Não Qual (is) atitude(s)? Onde? :

13	<p>Você fez algo para combatê-lo?</p> <p>() Sim () Não</p> <p>O quê:</p>
14	<p>O professor costuma corrigir as variedades utilizadas pelos alunos?</p> <p>() Sim () Não</p>

Quadro 01: Questionário aplicado aos alunos das duas escolas.

Estudo analítico dos dados coletados

Ao perguntarmos sobre a idade, sexo, descendência, escolaridade dos pais, buscamos conhecer mais sobre o contexto social do aluno, pois, para a pesquisa sociolinguística, este fator tem grande influência nos resultados. Segundo Labov (2008, p. 140), “[...] estudos mais detalhados do contexto social em que a língua é usada mostram que muitos elementos da estrutura linguística estão envolvidos em variação sistemática que reflete tanto a mudança temporal quanto os processos sociais extralinguísticos”.

Além disso, verificar o nível de escolaridade dos pais dos alunos é importante porque “os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou também têm influência em seu repertório sociolinguístico [...] esses fatores estão intimamente ligados ao *status* socioeconômico, na sociedade brasileira” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 48).

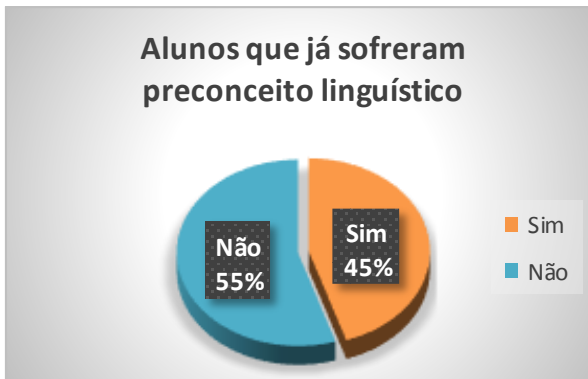
O nível de escolaridade dos pais dos alunos da Escola Jardim Paraíso é: 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental 5%, 5ª a 8ª séries (Ensino Fundamental) 45%, Ensino Médio 15% e Ensino Superior 35%. Já o nível de escolaridade dos pais dos alunos da Escola Nossa Senhora da Glória é: 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental 18%, 5ª a 8ª séries (Ensino Fundamental) 61%, Ensino Médio 17% e Ensino Superior com 4%.

Pode-se notar semelhança entre os graus de escolaridade dos pais nas duas escolas, visto que a maioria dos alunos possui pais com o ensino fundamental (5ª a 8ª séries), com 45% e com 61%. Constata-se, porém, que há mais alunos que possuem pais com o Ensino Superior na escola central (Jardim Paraíso), com 35% *versus* apenas 4% na Escola Nossa Senhora da Glória.

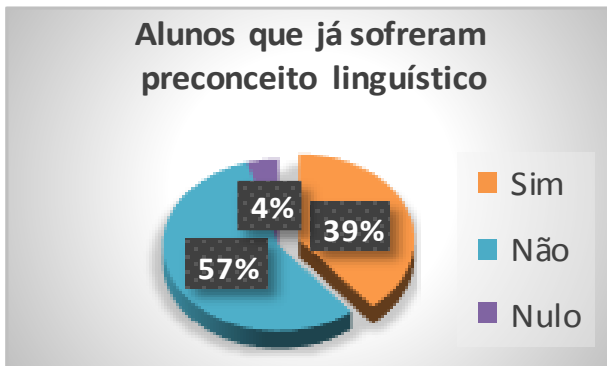
Com relação ao preconceito linguístico, percebeu-se uma quantidade relativamente grande dos alunos da Escola Jardim Paraíso que já sofreram preconceito, dentre os 20 (vinte) entrevistados, 9 (nove) disseram que sim e 11 (onze) que não, mostrando um total de 45% (gráfico 1), sendo que 8 (oito) atitudes ocorreram por outros alunos, 1 (uma) pelo professor e 1 (uma) por algum amigo. Já na Escola Nossa Senhora da Glória, dentre os 23 (vinte e três) alunos entrevistados, 9 (nove) disseram que já sofreram preconceito, 13 (treze) afirmaram que não e 1 (um) não respondeu, mostrando um total de 39% que já sofreram preconceito (gráfico 2), 4 (quatro) foram atribuídos aos alunos, 1 (um) pelo professor, 3 (três) por algum amigo e 1(um) por pessoas conhecidas.

Como se pode ver, os dados se aproximam muito nas duas escolas, demonstrando, assim, que quase metade dos alunos já sofreu alguma forma de discriminação por falar de forma “diferente”, forma esta que não está de acordo com a expectativa do outro.

Pode-se verificar, conforme os resultados, que o preconceito ocorre em maior quantidade entre os próprios alunos, assim como pelo professor, ou seja, dentro da própria escola, sendo esta, paradoxalmente, a principal instituição em que o preconceito deveria ser combatido.



(Gráfico 1: Escola Jardim Paraíso).



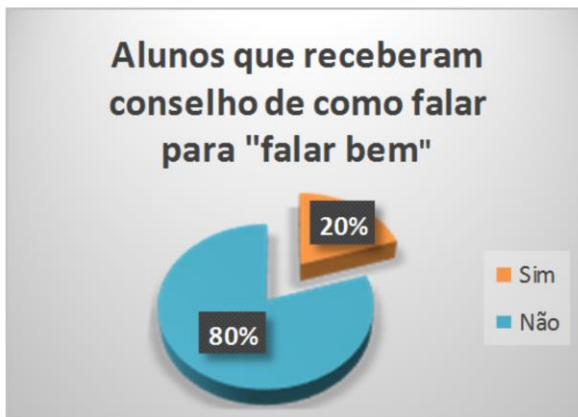
(Gráfico 2: Escola Nossa Sra. da Glória)

Os alunos da Escola Jardim Paraíso que já receberam algum conselho sobre a sua forma de falar, para “falar bem”, foram 4 (quatro) dentre os 20 (vinte) entrevistados, um total de 20% (gráfico 3). Na Escola Nossa Senhora da Glória percebeu-se grande semelhança entre os dados, dos 23 (vinte e três) alunos entrevistados, 5 (cinco) já receberam esse tipo de sugestão, 22% (gráfico 4), dentre esses um aluno justificou que só seria possível conseguir “falar bem” *lendo livros*. Este aluno tem consciência de que só

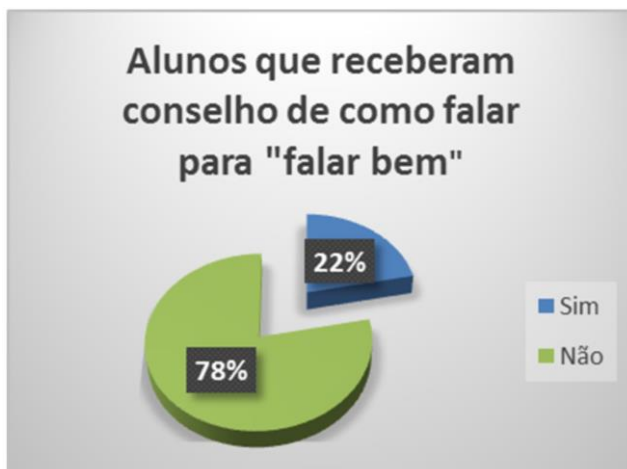
obterá uma “boa fala e escrita” se ler muito, pois saber gramática não é suficiente para falar e escrever ‘bem’. De acordo com Bagno, para se aprender a usar a língua:

[...] não adianta entupir a cabeça das pessoas com regras, exceções, nomenclaturas e definições. Não é assim que alguém vai aprender a ler e escrever. Isso não é “ensinar português”, é simplesmente decorar a gramática normativa, e há muito tempo os linguistas e educadores vêm demonstrando a inutilidade dessa prática secular. Só se aprende a ler e escrever, por mais incrível que pareça, lendo e escrevendo. A ideia de que a boa leitura e a boa produção de textos dependem do conhecimento pormenorizado da gramática normativa é uma falácia que precisa ser combatida. (BAGNO, 2003, p. 188).

Os alunos de fato só aprenderão a falar e a escrever “corretamente”, sem provocar “dores nos ouvidos”, como a maioria das pessoas pensa e reproduz, praticando, ou seja, “errando” e “acertando”, sem nenhum constrangimento que prejudique o seu cognitivo. De acordo com Possenti (1996, p. 48), “no processo de aquisição fora da escola existe correção. Mas não existe reprovação, humilhação, castigo, exercícios de fixação e de recuperação etc. [...] Como aprendemos a falar? Falando e ouvindo”.



(Gráfico 3: Escola Iardim)



(Gráfico 4: Escola Nossa Senhora da Glória).

Observou-se uma pequena quantidade de alunos da Escola Jardim Paraíso que já foram excluídos de algum grupo por falarem de forma “diferente”, dos 20 (vinte) alunos, 4 (quatro) afirmaram que sim, sendo 20%, e 16 (dezesesseis) que não, apresentando um total de 80% (gráfico 5). Alguns alunos justificaram com as falas utilizadas pelas pessoas preconceituosas no momento dessa exclusão: *Você nem sabe falar direito e diz que sabe falar e, também, Você não sabe falar direito, bixo burro*¹.

O fato de “tratar esses usos inadequados como marcas de incompetência ou “burrice” produz como único resultado a resistência do aluno, que tenderá a achar-se “fraco” ou sem “capacidade” para aprender português, assumindo como real o papel que lhe é atribuído por preconceito” (POSSENTI, 1996, p. 87). Assim, o aluno acreditará que é incapaz para saber e aprender português, podendo bloquear-se para novas situações de aprendizagem.

As duas respostas apresentadas anteriormente, como dissemos, são exemplos preconceituosos, pois o fato de criticar alguém por sua forma de falar e crer que esse indivíduo não “sabe falar direito”, ou seja, “fala tudo errado”, só vem a aumentar ainda mais a exclusão social, a baixa autoestima e criar empecilhos para aprender a língua portuguesa. É, ainda, possível apreender nos discursos dos locutores que disseminam o preconceito, a crença de que existe a possibilidade de “consertar” a fala do outro, como se fosse possível utilizar “ferramentas” para tal ação, da mesma forma que um mecânico conserta um veículo danificado.

Não há nada mais errado do que pensar que aqueles de quem se diz que falam errado falam *tudo* errado. Nós já sabemos que a ideia segundo a qual se fala errado (quando não se fala como gostaríamos

¹ As respostas dos alunos foram reproduzidas na íntegra, conforme responderam ao questionário.

que se falasse) é uma ideia cientificamente problemática, para dizer no mínimo. Já vimos o quanto de preconceito há embutido nela. (POSSENTI, 1996, p. 42).

Já os alunos da Escola Nossa Senhora da Glória, com relação à mesma pergunta sobre a exclusão de algum grupo, todos afirmaram, unanimemente, que não, sendo um total de 100% (gráfico 6). Alguns alunos, mesmo negando a atitude de exclusão, justificaram ações sofridas com atitudes de preconceito linguístico, como: a) *eu falava várias coisas erradas, aí eu comecei a falar assim mais ajeitado*, neste discurso nota-se que há um preconceito negativo contra si próprio, motivado, provavelmente, por ações preconceituosas, que influenciaram sua forma de pensar, levando-o a buscar “melhorar” sua fala; b) *vai aprender a fala, pra fala comigo. E entre outras coisas*, neste fragmento podemos perceber uma exclusão do indivíduo, ou seja, se este indivíduo não “aprender a falar”, não poderá falar mais com o outro; e c) *vai aprender a fala direito*, nesta fala há uma discriminação por parte do outro, que o ‘nega enquanto ser humano’.

“A questão do outro, do diferente parece ser o grande problema do ser humano” (BAGNO, 2006, p. 67), pois o ser humano julga o outro apenas por ser “diferente”, este “diferente” causa um estranhamento no outro, isso é bem perceptível em nossa sociedade, visto que a crença sociocultural é todos sermos iguais, não podemos ser, agir e pensar de forma diferente, há uma busca pela homogeneização, assim também sendo na língua.

Nesse contexto, a compreensão que se depreende é que “[...] estes comentários linguísticos, entre tantos outros do mesmo gênero, tão frequentemente ditos e repetidos, manifestam um modelo de língua, de educação e de sociedade que se sustenta numa visão autoritária e discriminatória da existência e reproduzem o preconceito” (BRITTO, 2002, p. 153).



(Gráfico 5: Escola Jardim)



(Gráfico 6: Escola Nossa Senhora da Glória).

Os alunos da Escola Jardim Paraíso que já presenciaram alguma atitude de preconceito linguístico foram 6 (seis), sendo 30%, 13 (treze) responderam que não, com um total de 65 % e 1 (um) não respondeu, constituindo apenas 5%. Dessas atitudes, algumas ocorreram na escola e outras na rua. Um aluno descreveu a atitude que presenciou, a qual apresenta, como podemos ver a seguir, um forte preconceito: *Xingando a pessoa de burro por causa que não sabe falar a mesma língua que ela entre amigos*, nesta atitude o preconceito na fala do discriminador ocorre porque, supostamente, o indivíduo não sabe utilizar a mesma variedade do grupo, e acaba ligando esta falta de adequação da 'linguagem correta', naquele contexto, como uma falta de inteligência do indivíduo discriminado. Contudo, como sabemos, é inadmissível confundir capacidade ou dificuldade de adaptar-se a uma determinada variedade com a incompetência para raciocinar. Conforme Possenti:

[...] qualquer avaliação da inteligência do aluno com base na desvalorização do seu dialeto (isto é, medida apenas pelo domínio da norma-padrão e/ou da escrita padrão) é cientificamente falha. A consequência a tirar é que os alunos que falam dialetos desvalorizados são tão capazes quanto os que falam dialetos valorizados, embora as instituições não pensem assim. (POSSENTI, 1996, p. 32).

Já entre os alunos da Escola Nossa Senhora da Glória, dos 23 (vinte e três) alunos, 14 (quatorze) responderam que não, totalizando 61% e 9 (nove) afirmaram que sim, constituindo 39%, sendo que 1 (uma) atitude ocorreu na escola, 2 (duas) na rua, 2 (duas) em casa, 1 (uma) na casa de um amigo e 1 (uma) no treino.



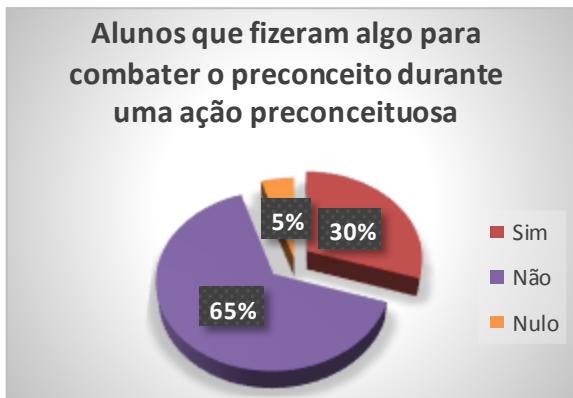
(Gráfico 7: Escola Jardim Paraíso)



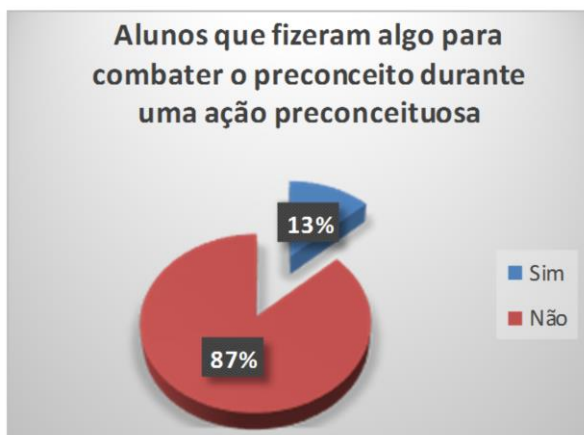
(Gráfico 8: Escola Nossa Senhora da Glória)

Alguns alunos da Escola Jardim Paraíso relataram que fizeram algo para combater o preconceito no momento da ação, como: falei para parar de ser tão certinho e deixar a pessoa falar do jeito dela; com os erros eles vão aprender; e deixa ele em paz, ele vai aprender ainda. Entende-se que estes alunos que buscaram fazer alguma coisa mostram-se não preconceituosos, pois defenderam o outro, o “diferente”. Dos 20 (vinte) alunos, 6 (seis) fizeram algo para amenizar o preconceito, mostrando um total de 30%, por outro lado, 65% não fizeram e nada disseram e 5% não se pronunciaram (gráfico 9).

Já os alunos da Escola Nossa Senhora da Glória, dos 23 (vinte e três), 3 (três) afirmaram que fizeram algo para combater o preconceito, dois destes indagaram expressões como: falei que cada um tem seu jeito; só falei para ele o certo e o errado; mostrando um total de 13% que tomaram uma atitude contra 87% que ficaram sem reação (ou sem participação na ação). Observou-se, assim, que poucos alunos se posicionaram, mas os que apresentaram posicionamento defenderam o indivíduo que estava sendo constrangido e buscaram explicar como deveria ser a fala a partir da variedade prestigiada e tida como a “certa”.



(Gráfico 9: Escola Jardim Paraíso)



(Gráfico 10: Escola Nossa Senhora da Glória)

Apreendeu-se dos resultados apresentados pelos alunos, também, que a maioria dos professores da Escola Jardim Paraíso costuma corrigir as variedades utilizadas pelo alunado, visto que 16 (dezesesseis) alunos desta escola disseram que sim, revelando-se um total de 80% (gráfico 11).

Cabe salientar que compreendemos a importância da correção por parte dos professores, para que o aluno saiba da necessidade de conhecer a variedade prestigiada para utilizá-la quando for necessário em determinada situação. Apenas enfatizamos aqui o cuidado que deve ser tomado no momento da correção feita por estes educadores, cuidado este para que o aluno não seja constrangido, ridicularizado e deixe de se interessar, participar, e gostar da aula. Nesse sentido, Bortoni-Ricardo assevera que:

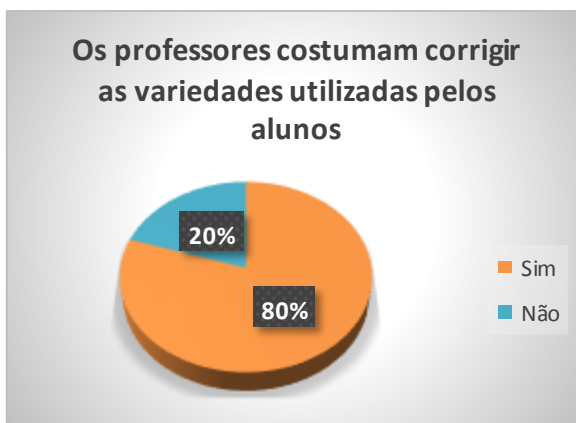
Às vezes, será preferível adiar uma intervenção para que uma ideia não se fragmente, ou um raciocínio não se interrompa. Mais

importante ainda é observar o devido respeito às características culturais e psicológicas do aluno. A escolher entre a não intervenção sistemática e a intervenção desrespeitosa, ficamos, é claro, com a primeira alternativa. (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 42).

Conforme os dados, os professores da Escola Nossa Senhora da Glória também costumam corrigir as variedades dos alunos, pois 16 (dezesesseis) dos alunos entrevistados afirmaram que sim, 2 (dois) disseram que não e 5 (cinco) não responderam, num total de 69% (gráfico 12).

Reiteramos, uma vez mais, que a “correção” das variedades é importante para que os alunos consigam ter “as mesmas armas para lutar” com quem utiliza a variedade prestigiada, mas sem ‘menosprezar, ridicularizar’ a variedade utilizada pelo aluno. Segundo Bagno:

[...] cabe à escola ensinar as formas linguísticas padronizadas, normatizadas, isso não deve ser visto nem como a tarefa *única* do ensino, nem como instrumento para *adequação* ou *incorporação* do indivíduo oriundo de classes sociais desprestigiadas ao tipo de sociedade *excludente que é a nossa* [...] *é necessário empreender um ensino crítico da norma-padrão, escancarar sua origem “elitista e coercitiva”, e mostrar que a necessidade de dominá-la se prende à necessidade de que os alunos oriundos das camadas sociais desfavorecidas (ou seja, a imensa maioria da população brasileira) possam dispor dos mesmos instrumentos de luta dos alunos provindos das camadas privilegiadas.* (BAGNO, 2003, p. 186-187, grifos do autor).



(Gráfico 11: Escola Jardim Paraíso)



(Gráfico 12: Escola Nossa Senhora da Glória)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante ao estudo realizado, pode-se verificar, inicialmente, que uma porcentagem relativamente grande de alunos desconhece sua descendência, sendo que 32% (Escola Jardim Paraíso) e 56% (Escola Nossa Senhora da Glória) não souberam responder a esta questão. Constatou-se, também, que os pais dos alunos da escola central possuem um nível mais elevado de escolaridade, mas que este aspecto, por sua vez, não influencia na atenuação do preconceito linguístico, já que os dados quantitativos a respeito do preconceito se aproximaram muito nas duas escolas.

Assim, neste estudo comparativo, observou-se que o preconceito existe nos dois contextos, com 45% (Escola Jardim Paraíso) e 32% (Escola Nossa Senhora da Glória), com um total de 9 (nove) alunos em cada escola que afirmaram já ter sofrido preconceito linguístico, portanto, tanto a escola central quanto a escola periférica apresentam-se como espaços disseminadores de preconceito. Podemos atestar, então, que este pode ocorrer tanto em ambientes valorizados socialmente quanto em desprestigiados.

Ressalvamos que a maioria dos alunos não apresenta reações frente a atitudes preconceituosas, sendo que somente 6 (seis) alunos da escola central e 3 (três) da escola próxima à zona rural apresentaram algum posicionamento para combater o preconceito no momento de sua atuação. No entanto, é importante salientar que nem todos os alunos sabiam que se tratava de preconceito a ação vista ou que estavam praticando este ato, pois o preconceito linguístico é, muitas vezes, velado.

Em vista disso, é possível, também por esta razão, que nenhum aluno da Escola Nossa Senhora da Glória tenha percebido atitudes excludentes de grupos por falar de uma forma diferente, contudo, na Escola Jardim Paraíso 4 (quatro) alunos afirmaram já terem sofrido atitudes de exclusão.

O preconceito nada mais é do que anti-humano, pois prioriza o deboche, o riso e, geralmente, leva à exclusão. Os indivíduos preconceituosos produzem um julgamento baseando-se apenas em fatores sociais, como se fosse possível a classe social de alguém determinar seu comportamento, sua forma de pensar, sua forma de agir perante todas as situações. Os preconceitos, segundo Bagno (2007, p. 75), “impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo”.

Bagno ainda ressalta que, quando produzimos uma atitude de preconceito linguístico

Queremos deixar bem clara a distância *social, econômica e cultural* que existe entre nós e aquele falante de não padrão. E é daí que nasce o preconceito linguístico [...] todo tipo de preconceito nasce disso. Basta um pequeno detalhe para tentar justificar a discriminação [...] Afinal, o que é que diferencia uma pessoa negra de uma pessoa branca, por exemplo? A cor da pele, e nada mais. (BAGNO, 2006, p. 38, grifos do autor).

Imbuindo-se da pesquisa realizada, percebemos que o preconceito linguístico está entrelaçado com o âmbito escolar, visto que, a maioria das ocorrências listadas pelos alunos sucede por outros alunos, ou seja, na própria escola. Neste mesmo viés, verificamos que não é o lugar em que o indivíduo vive que vai determinar o “sofrer ou não sofrer” o preconceito linguístico, mas sim a “forma” como o falante se pronuncia, para quem se dirige e onde (em que posição social) se encontra na sociedade.

As ações preconceituosas, no entanto, são ocasionadas por possuímos em nossa sociedade certos padrões que determinam o que é “certo” e que, quando são infringidos, acarretam em perseguições e punições, principalmente pelos gramáticos ou puristas da língua.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Dramática da Língua Portuguesa**: tradição gramatical, mídia & exclusão social. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. **A Língua de Eulália**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. Uma Reflexão Sobre Atitudes Linguísticas. In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Campinas: Capes- Procad- Universidade Estadual de Campinas; Editora RG, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula**. 1. ed. 7ª reimpressão. São Paulo: Parábola Editorial, 2014 (Linguagem 4).

BRITTO, Luiz Percival Leme. Língua e ideologia. In. BAGNO, Marcos. **Linguística da Norma**. Edições Loyola, São Paulo, 2002. p. 135-154.

CALVET, Jean Louis. **Sociolinguística**. São Paulo: Parábola, 2002.

FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (orgs.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

GNERRE, Maurízzio. **Linguagem, escrita e poder**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A língua brasileira e outras histórias: discurso sobre a língua e ensino no Brasil**. Campinas, SP: Editora RG, 2009.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

SOBRE OS AUTORES

Andressa Batista Farias possui graduação em Licenciatura Plena em Letras - Português/Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2015) e é mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop - MT. Foi bolsista de Iniciação Científica do Projeto *Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso* (DIVALIMT) com dois subprojetos distintos: *Linguagem e variação em diferentes estratos sociais* (2014/2015) e *Mídia, humor e preconceito: Programa Humorístico Zorra Total como alimentador de preconceitos* (2015), ambos coordenados pela Profa. Dra. Neusa Inês Philippsen. Endereço eletrônico: andressafariasabf@gmail.com

Antônio Tadeu Gomes de Azevedo é graduado em Licenciatura Plena em Letras pela Fundação Alto Uruguai para Pesquisa e Ensino Superior (1986) e possui mestrado em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Atualmente é professor auxiliar da Universidade do Estado de Mato Grosso. É membro do Projeto de Pesquisa *Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso* (DIVALIMT). Endereço eletrônico: antoniotadeu2013@gmail.com

Daniella Correa Alvarenga possui graduação em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Atuou como bolsista de Iniciação à Docência (PIBID) no subprojeto Interdisciplinar (Letras e Pedagogia) *Formação para a diversidade: Educação Linguística, Educação para a Diversidade Cultural e Educação Ambiental nas Licenciaturas* (Letras e Pedagogia), no contexto da Amazônia mato-grossense e entorno do Parque do Xingu; e atuou como bolsista de Iniciação Científica (PROBIC), com o subprojeto de pesquisa: *O papel do ensino superior indígena e sua relação com a manutenção da língua materna e cultura dos povos indígenas em Mato Grosso*, vinculado ao Projeto de Pesquisa *Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso* (DIVALIMT) (2014/2016), orientado pela Profa. Dra. Neusa Inês Philippsen; atuou como professora voluntária no ensino de literaturas africanas de língua portuguesa no Projeto *Novos Talentos* (CAPES-UNEMAT) Educação Científica, Agroecológica e Cultural do Campo, na Escola Estadual Florestan Fernandes, no município de Cláudia - MT (2014-2015), coordenado pelo Prof. Dr. Denizalde Jesiel Rodrigues Pereira. Endereço eletrônico: danielasnp@hotmail.com.br

Fernando Hélio Tavares de Barros é graduado em Letras Port./Inglês pela UNEMAT (Sinop - MT, Brasil), mestre em Letras pela UFRGS (Porto Alegre - RS, Brasil) e doutorando em Filologia Romana pela Uni-Kiel (Kiel, Alemanha). É membro do projeto *Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso* (DIVALIMT). Endereço eletrônico: fercho.che@gmail.com

Grasiela Veloso dos Santos Heidmann é graduada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2009) e tem especialização em Língua Portuguesa e Literatura pela mesma Universidade (2011). cursou mestrado na Universidade Federal de Mato Grosso (2014), em Estudos de Linguagem, linha de pesquisa História e Descrição do Português Brasileiro. Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL/UFMT). Atua no ensino de Língua Portuguesa e Linguística. É membra do Projeto de Pesquisa *Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso* (DIVALIMT). Endereço eletrônico: grasinhavs@hotmail.com

Jéssica Martins Maraccini possui graduação em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Atuou como bolsista de Iniciação Científica (PROBIC), com o subprojeto de pesquisa *O talian, no norte mato-grossense: os processos de transmissão e manutenção linguísticas da comunidade ítalo-gaúcha-norte-mato-grossense*, vinculado ao Projeto de Pesquisa *Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso* (DIVALIMT) (2014), orientado pela Profa. Dra. Neusa Inês Philippsen. Endereço eletrônico: jm.maraccini@bol.com.br

José Leonildo Lima possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Imaculada Conceição" FIC de Santa Maria - RS (1988). Concluiu o mestrado em Linguística pela UNICAMP - Campinas - SP em 2000 e doutorado em Linguística em 2007, também pela UNICAMP. É professor Assistente da Universidade do Estado de Mato Grosso. Atualmente ministra as disciplinas de Produção de Textos, Morfologia e Sociolinguística. Outras disciplinas com as quais tem experiência na graduação são Latim e Sintaxe. Atualmente coordena o projeto de pesquisa denominado *Atlas Linguístico do Estado de Mato Grosso - ALiMAT*. É membro dos projetos *A variação na concordância de gênero nas comunidades mato-grossenses* e *Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso* (DIVALIMT). Coordena o projeto *Para a História do Português em Mato Grosso* (PHPB-MT). Endereço eletrônico: joselima56@hotmail.com

Josilene Pereira dos Santos possui graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2015) e é mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLEtras) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop - MT. Participa do Projeto *Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso* (DIVALIMT). Endereço eletrônico: josilenesnp12@gmail.com

Juliana Freitag Schweikart possui graduação em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT (1999), especialização em Inglês Instrumental pela UFMT (2003), mestrado em Linguística Aplicada pela UNISINOS (2009) e doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UNESP/IBILCE (2016). É professora titular da Universidade Estadual de Mato Grosso. Atua também como coordenadora do Subprojeto

Letras-Língua Inglesa/Sinop no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Endereço eletrônico: jufreitag@hotmail.com

Lucas Löff Machado é graduado e mestre em Letras Alemão/Port. pela UFRGS (Porto Alegre - RS, Brasil). É pesquisador convidado do projeto *Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso* (DIVALIMT). Endereço eletrônico: lucas_loff@hotmail.com

Neusa Inês Philippsen possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, graduação em Pedagogia Habilitação Orientação Educacional pelo Centro Técnico Educacional Superior do Oeste Paranaense, especialização em Língua Portuguesa - Teoria e Prática pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Mato Grosso e doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso. É vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras - Curso de Mestrado - Câmpus de Sinop e professora dos programas de pós-graduação stricto sensu do Mestrado Acadêmico em Letras (PPGLEtras) e do PROFLETRAS, na UNEMAT/Sinop; coordenadora do projeto *Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso* (DIVALIMT) e membro dos grupos de pesquisa Alma Linguae: Variação e Contatos de Línguas Minoritárias e GEPLIA (Grupo de Estudos e pesquisas em Linguística Aplicada), cadastrados no CNPQ; integrante da comissão editorial, responsável pelos Estudos Linguísticos, da Revista Norte@mentos da UNEMAT/Sinop, e membro do Conselho Editorial desta Revista, da Revista Acta Semiótica et Lingvistica e da Revista Eventos Pedagógicos. Endereço eletrônico: neusa@unemat-net.br

Olandina Della Justina possui Licenciatura Plena em Letras pela Fundação Faculdade Municipal de Educação Ciências e Letras de Paranavaí, especialização em Língua Inglesa pela PUC/MG, mestrado em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso e doutorado em Estudos Linguísticos pela UNESP/IBILCE de São José do Rio Preto. Atualmente é professora titular da Universidade do Estado de Mato Grosso, na área de língua inglesa e de linguística aplicada. É Coordenadora de Área do PIBID/UNEMAT, Subprojeto de Língua Inglesa e faz parte do Conselho Consultivo da Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de Mato Grosso (APLIEMT). Endereço eletrônico: olandina2008@hotmail.com

Terezinha Della Justina possui graduação em Letras pela Fundação Faculdade Municipal de Ciências e Letras de Paranavaí (1985), especialização em Língua Portuguesa pela UNEMAT, Cáceres (1998) e mestrado em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (2011). Atualmente é professora assistente da Universidade do Estado de Mato Grosso. É membra do Projeto de Pesquisa *Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso* (DIVALIMT). Endereço eletrônico: terezinhadj22@yahoo.com.br

Valéria Faria Cardoso possui licenciatura plena e mestrado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1995/2001) e doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2008). Atualmente, inicia pesquisa sobre a gramática da língua terena junto a UEMS/pós-doutorado. É professora do Ensino Superior da Universidade do Estado de Mato Grosso. Coordenou Projetos de Pesquisa na área de Linguística de Contato, são eles: *Contato de Línguas: o português e o guarani no Centro-Oeste brasileiro* (Unemat/CNPq) e *Contato de línguas: o repertório bilíngue fronteiriço do Centro-Oeste brasileiro* (Unemat/FAPEMAT). Endereço eletrônico: valeriefariac@gmail.com